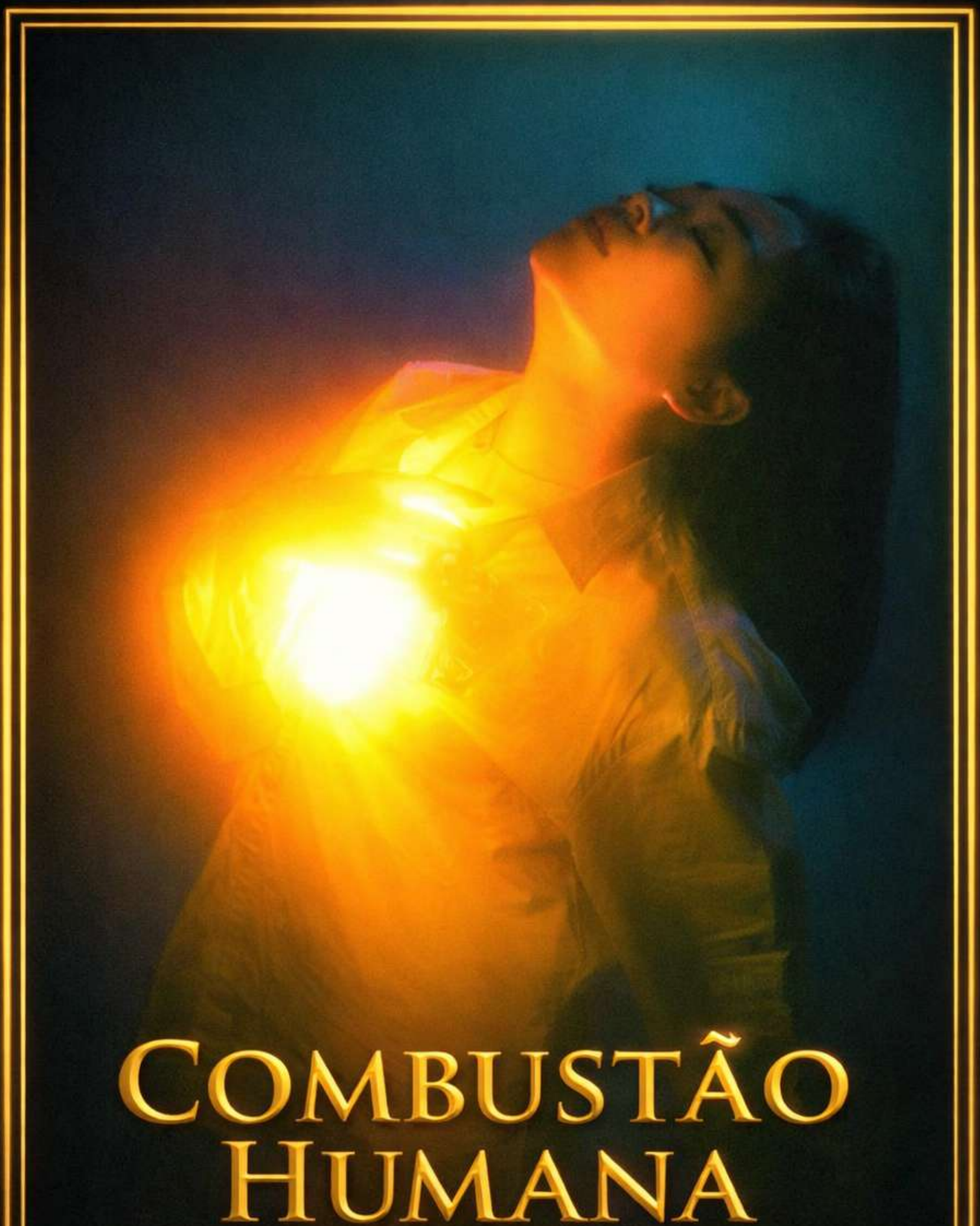

Combustão Humana Espontânea

Jenny Randles e Peter Hough
Tradução: Amadeu Antônio

COMBUSTÃO HUMANA ESPONTÂNEA

JENNY RANDLES E PETER HOUGH 1992

Índice

- Lista de Ilustrações
- Prólogo
- Introdução
- **PARTE UM: A Evidência**
  - Uma História de Incineração
  - Os Incêndios em Sowerby Bridge
  - Trocas Acesas
  - OM DYE[^1]
  - A Verdade Sobre Mary Reeser
  - A História de um Bombeiro
  - Uma Discussão Abrasadora
  - Uma Morte Bastante Incomum
  - A Investigação de um Bombeiro
  - Quem Incendiou Roberta Rabbit?
  - Os Sobreviventes
- **PARTE DOIS: As Teorias**
  - Reações Químicas
  - Uma Sugestão Chocante
  - Raios em Céu Aberto
  - Bolas de Fogo
  - Que a Força esteja Contigo?
  - O Fogo de Kundalini
- **CONCLUSÕES**
  - Padrões de Fogo

Prólogo

Maeve foi o mais silenciosa possível ao preparar o café e ao dispor duas canecas — bater com a louça era uma forma demasiado óbvia de

expressar ressentimento — e, enquanto a água vinha a ferver, manteve-se à janela e respirou fundo, forçando-se a relaxar. As notícias do Doutor Pitman sobre os exames de raio-X do seu pai tinham sido inesperadamente boas, sugerindo que as suas dores abdominais não resultavam de nada mais do que uma vaga cólica. A medicação dele iria certamente vencer o problema num dia ou dois, e então ela seria capaz de voltar ao seu trabalho e retomar uma vida normal.

Ao esperar que o café terminasse de destilar, deu por si consciente de um cheiro docemente pesado a queimado que flutuava para a cozinha. Presumiu que o seu pai estivesse, como ocasionalmente acontecia, a experimentar uma nova e exótica marca de tabaco. Serviu o café, colocou as duas canecas numa bandeja e carregou-a em direção à sala da frente. O odor adocicado tornou-se avassalador à medida que avançava pelo corredor e agora conseguia realmente ver uma névoa azul-clara no ar — um primeiro indício de que algo fora do comum poderia estar a acontecer.

— Pai? — Maeve abriu a porta da sala de estar e arfou de choque ao ver que esta estava cheia de fumo azul. Deixando cair a bandeja, correu para dentro da sala, esperando plenamente ver uma poltrona a arder. Tinha ouvido falar da rapidez com que alguns móveis modernos podiam arder e também sabia quão vital era retirar as pessoas dos fumos sem demora.

Não havia sinal de incêndio, nem conseguia ver o seu pai em lado nenhum.

Era difícil distinguir o que quer que fosse através das bafejadas do curioso fumo azul-claro, mas pareceu a Maeve que havia uma área enegrecida no soalho, perto do aparelho de televisão. Dirigiu-se para lá, quase a sufocar com o fedor nauseabundo e doce no ar, e as suas mãos voaram nervosamente para a boca ao ver que o que tinha tomado por uma mancha preta era, na verdade, um grande buraco queimado que atravessava por completo o vinil e as tábuas subjacentes. Várias vigas do chão estavam expostas, com as suas superfícies superiores carbonizadas em curvaturas, mas — estranhamente — não havia nenhuma chama ativa. Na cavidade do chão, apoiado pelo teto da lavandaria[^2] abaixo, estava um monte de cinza cinzenta e fina.

— Pai? — Maeve olhou em redor incerta, temerosamente, e a sua voz era mal audível. — Pai, o que estiveste a...?

Nesse instante, o seu pé de chinelo tocou num objeto ligeiramente maleável no chão. Olhou para baixo — ainda uma inocente, com limiares de terror ainda por cruzar — e, quando viu o que ali jazia, começou a gritar.

O objeto, facilmente reconhecível pelo seu anel de sinete, era a mão esquerda do seu pai.

Introdução

Quando decidimos pesquisar um livro sobre o controverso tema da combustão humana espontânea, nenhum de nós percebeu os problemas extraordinários em que nos estávamos a meter. Como investigadores de ocorrências inexplicáveis, vínhamos a ser intrigados pela possibilidade de CHE[3] há já vários anos. Quando uma rapariga adolescente irrompeu tragicamente em chamas diante dos seus amigos horrorizados em 1985, algumas fontes de comunicação social apelidaram-na rapidamente de «combustão humana espontânea». Isto deu-nos a oportunidade de fazer alguma pesquisa em primeira mão e de colocar questões que não tinham sido colocadas antes.

Uma rapariga de 17 anos a quem chamaremos apenas Jacqueline tinha participado num exame de culinária, mas tinha esperado por vários minutos junto à porta da sala de aula antes de sair. Cerca de três minutos mais tarde, nas escadas entre os pisos, as suas costas irromperam em chamas. Morreu quinze dias depois no hospital. No inquérito, o químico do Ministério do Interior[4] pensou que ela devia ter estado encostada a um fogão aceso que teria iniciado a combustão lenta da sua jaleca de cozinha, para mais tarde irromper em chamas devido às correntes de ar no corredor. No entanto, nem uma única testemunha viu a combustão lenta, ou cheirou alguma coisa. Não houve nada até ao momento em que a tragédia ocorreu.

Sob contra-interrogatório, a sua teoria provou não passar de especulativa. Na verdade, sentimos que toda a investigação oficial deixou muito a desejar. Um relatório conjunto do corpo de bombeiros e do Instituto Shirley, que chocava com as conclusões do Ministério do Interior, sem endossar a CHE, foi recusado como prova no inquérito.

Os resultados da nossa investigação não foram publicados durante algum tempo, por consideração pela família da adolescente. Recusámo-nos a participar num circo mediático que brincava com as vidas de pessoas reais. Contudo, eventualmente não tivemos outra escolha senão relatar o que tínhamos descoberto.

O resultado foi um artigo muito citado na revista *Fortean Times* e um capítulo no nosso livro, *Death by Supernatural Causes?*.[5] O livro foi o culminar da nossa pesquisa sobre várias mortes e ferimentos misteriosos atribuídos a uma variedade de fenómenos paranormais, dos quais apenas uma secção se referia à CHE. No entanto, a ideia incrível de que as pessoas estavam realmente, de forma bastante literal, a entrar em combustão sem razão aparente era tão mistificante e pouco explorada que clamava por um estudo mais profundo.

De facto, um olhar tão detalhado sobre o fenómeno da CHE era algo de que tínhamos precisado gravemente enquanto lutávamos para desvendar o mistério da morte da jovem de 17 anos. Não conseguimos encontrar nenhum, por isso, no fim, fomos impelidos a escrevê-lo nós mesmos.

Embora as circunstâncias tenham ditado que não pudéssemos começar o trabalho a sério no projeto senão dois anos e meio mais tarde, começámos a arranhar a superfície quase imediatamente. Ficámos estupefactos ao descobrir que, à parte do livro algo polémico de Michael Harrison, *Fire From Heaven*, publicado pela primeira vez em 1976, não havia outros livros dedicados inteiramente ao assunto. Deparámo-nos com uma quantidade de livros gerais sobre o paranormal que apresentavam um capítulo sobre a CHE, e lemos muitos artigos de jornais e revistas, mas tudo o que estes faziam era reciclar a mesma dúzia de casos, a maioria dos quais tinha já muitos anos. Faziam isto vezes sem conta, sem qualquer perspetiva ou discernimento novos. Era óbvio que íamos ter de trabalhar no duro e escavar fundo.

Ao escrever *Spontaneous Human Combustion*, decidimos adotar a posição de objetividade que nos esforçámos por alcançar nas nossas obras anteriores. Percebemos que o assunto nada ganharia com um livro sensacionalista ou banalizado, inclinado para a posição do «crente». Tampouco beneficiaria da posição igualmente míope do «cético» ou do seu primo ainda mais curto de vistas, o «desmistificador». Decidimos reunir os factos — e, se estes fossem considerados insuficientes, dizê-lo. Misturados

com isto estariam os resultados das nossas próprias investigações sobre vários casos, e entrevistas com as pessoas que contam: testemunhas, oficiais de bombeiros, especialistas em cremação, agentes da polícia, biólogos, cientistas forenses e físicos. Queríamos não deixar nenhuma pedra por virar na nossa busca por respostas, desde aqueles que diziam que o fenómeno podia ser inteiramente explicado em termos mundanos, até à física de partículas e à experiência Kundalini associada ao ioga.

Para encorajar todas estas pessoas a virem a público, enviámos cartas para várias revistas especializadas solicitando informação e opinião informada sobre o assunto. Foram publicadas em revistas populares e periódicos científicos, obtendo material de casos e comentários profissionais de muitos países, incluindo a Grã-Bretanha, a América e a Austrália. Íamos descobrir que existia uma verdadeira onda de fundo de informação e opinião a subsistir em pequenos núcleos, mas pouca dela estava reunida de alguma forma coesa.

Tínhamos o nosso livro! Na verdade, isto parece a receita dos Monty Python para tarte de rato: arranje um rato e coloque-o numa tarte. Claro que o que estava pela frente eram meses de árduo esforço, viajando para entrevistar pessoas em locais tão distantes como a Austrália, cartas e telefonemas intermináveis, semanas gastas a seguir becos sem saída, dias de provocar enxaquecas debruçados sobre registos em microfilme, lutando contra medos inesperados e secretismo, organizando o material e, finalmente, escrevendo tudo...

Compor um livro que lida com mortes bizarras é como andar na corda bamba. Há aqui um mistério científico genuíno que merece uma discussão minuciosa, mas, sendo a natureza humana o que é, há um certo grau de entretenimento associado a uma exploração do «desconhecido». Nós compreendemos isto, mas acreditamos que o fator entretenimento está associado ao mistério e não à morte em si. Percebemos que, nalguns dos casos recentes descritos, os familiares não vão querer os detalhes estranhos do falecimento do seu ente querido remexidos para consumo público.

Não sabemos o que fazer quanto a isso, mas é um problema que levámos totalmente em consideração e não simplesmente ignorámos. O que fizemos foi adotar pseudónimos para as vítimas cujas identidades não tenham sido previamente tornadas públicas, e também nalguns outros casos onde sentimos que receberam uma exposição mínima. Marcámos estes com

um asterisco, assim *; embora tenhamos os nomes verdadeiros em arquivo. Também tentámos tranquilizar alguns familiares quanto aos nossos propósitos sinceros. Se, ao expor os factos de como alguém encontrou a sua morte, isso puder ajudar a forjar uma melhor compreensão para o futuro, então não só se justifica fazê-lo, como pode até dar algum significado a essa morte.

Para este fim, falámos brevemente com a mãe de Jacqueline. Ela estava resignada com a especulação sobre a morte da filha, mas pensava que havia uma explicação racional normal.

— Foi um acidente bizarro — disse ela, tristemente. — O facto de a Jacqueline ter acabado de sair de uma aula de culinária era uma coincidência a mais.

Queríamos ilustrar de uma forma dramática os componentes clássicos da alegada combustão humana espontânea, para demonstrar vividamente ao leitor casual a extensão do mistério. Contudo, percebemos que seria de mau gosto dramatizar um caso real. O que fizemos então, com a amável permissão do autor e do seu editor, foi reproduzir parte do prólogo do excelente romance de Bob Shaw, *Fire Pattern*. Este encontrar-se-á na frente deste livro.

Resta pouco mais a dizer, exceto continue a ler, pese todos os factos (ou, poderá concluir, a falta de factos), escute as testemunhas especialistas, avalie as várias teorias e, depois, tome a sua própria decisão sobre esta questão ardente...

PARTE UM

A Evidência

1 Uma História de Incineração

O fenómeno percetível da combustão humana espontânea não é um mistério moderno. Os relatos estendem-se para trás por muitos séculos, pelo que é seguro assumir que incinerações inexplicáveis sempre ocorreram. Não é o propósito deste capítulo listar todos os casos conhecidos. A repetição poderia tornar-se tediosa e, além disso, certos casos serão usados mais tarde para ilustrar pontos relevantes. No entanto, é necessário relatar uma amostra histórica do fenómeno para dar ao leitor

uma ideia justa da sua amplitude, e do seu efeito na literatura e na sociedade em geral.

Há incidentes registados que recuam até 1613 e poderiam bem ser encontrados em moldes ainda anteriores se estudos sistemáticos fossem conduzidos, mas o primeiro caso relatado em profundidade ocorreu na Itália. Nas *Philosophical Transactions*, 1745, aparece um artigo intitulado: «Um Extrato, pelo Sr. Paul Rolli, F.R.S.[6], de um Tratado Italiano, escrito pelo Rev. Joseph Bianchini, um Cónego na Cidade de Verona; sobre a Morte da Condessa Cornelia Zangari e Bandi, de Cesena».

Relata como a Condessa Cornelia Bandi parecia gozar de boa saúde normal até à hora do jantar na noite da sua morte. Na refeição sentiu-se «baça e pesada» e recolheu imediatamente a seguir. Uma vez na cama, conversou com a sua criada por três horas ou mais, acabando por adormecer, fechando a criada a porta do quarto atrás de si.

Na manhã seguinte, quando a condessa de 62 anos não se levantou à sua hora habitual, a criada entrou no quarto de dormir e chamou pelo seu nome. Não recebendo resposta, e temendo que uma doença ou um acidente tivessem afetado a sua senhora, a criada abriu uma janela e observou o seguinte:

À distância de quatro pés da cama havia um monte de cinzas, duas pernas intactas, do pé ao joelho, com as suas meias calçadas: entre elas estava a cabeça da senhora; cujos miolos, metade da parte de trás do crânio e todo o queixo estavam reduzidos a cinzas; entre as quais se encontraram três dedos enegrecidos. Tudo o resto eram cinzas, as quais tinham esta qualidade peculiar, que deixavam na mão, quando recolhidas, uma humidade gordurosa e fétida.

A atmosfera no quarto também se observou atravancada com fuligem que nela flutuava: uma pequena lâmpada de óleo no chão estava coberta de cinzas, mas sem óleo nela. Duas velas em castiçais sobre a mesa erguiam-se verticais; o pavio de algodão restava em ambas, mas o sebo tinha desaparecido e sumido. Algo de humidade estava em redor dos pés dos castiçais.

A cama não sofreu nenhum dano; os cobertores e lençóis estavam apenas levantados de um lado, como quando uma pessoa se ergue dela, ou entra; todo o mobiliário, bem como a cama, estava coberto com fuligem

húmida e de cor de cinza, que tinha penetrado na cómoda, chegando a sujar as roupas brancas; mais ainda, a fuligem tinha também ido para uma cozinha vizinha, e pendia nas paredes, móveis e utensílios da mesma. Da despensa, um pedaço de pão coberto com aquela fuligem, e de um preto acastanhado, foi dado a vários cães, que recusaram comê-lo. No quarto acima percebeu-se que a parte inferior das janelas gotejava um líquido gorduroso, repugnante e amarelado; e por ali perto cheirava a um fedor, sem se saber de quê, e via-se a fuligem voar em redor.

Foi notável que o chão do quarto estava tão densamente untado com uma humidade viscosa que não podia ser retirada; e o mau cheiro espalhou-se mais e mais pelas outras divisões.

O caso foi também atestado por um tal Scipio Maffei, «um erudito contemporâneo de Bianchini». Este caso, mais do que a maioria, assemelha-se a muitos dos casos posteriores onde a incineração teve lugar no interior de edifícios. De particular nota é um fogo que tem a capacidade de destruir um ser humano, e no entanto deixa materiais combustíveis próximos relativamente intocados. Este último componente também tem sido notado em locais com mais correntes de ar e, na verdade, também — mas com menos frequência — ao ar livre.

Um Dr. Booth relatou o seguinte incidente no *British Medical Journal* de 1888:

Na manhã de domingo, 19 de fevereiro, fui mandado chamar para examinar os restos mortais de um homem, de 65 anos, um pensionista de hábitos notoriamente intemperantes. Encontrei os restos carbonizados do homem reclinados contra a parede de pedra do palheiro. Os principais efeitos da combustão limitavam-se ao cadáver, e apenas um pequeno pedaço do soalho adjacente e a estrutura de madeira imediatamente acima da cabeça do homem tinham sofrido. O corpo era quase uma brasa, contudo retinha de tal modo a forma do rosto e da figura que aqueles que o tinham conhecido em vida puderam facilmente reconhecê-lo.

Notas

[1]: OM DYE: Mantido no original por tratar-se, no contexto histórico da CHE, do nome próprio ou abreviação associada a um caso específico (frequentemente associado a O. M. Dye ou variantes).

[2]: utilities room: Traduzido habitualmente como lavandaria, divisão de lavagem ou área de serviço onde se concentram os eletrodomésticos e instalações técnicas da casa.

[3]: CHE: Sigla para Combustão Humana Espontânea, correspondente ao acrónimo original SHC (Spontaneous Human Combustion).

[4]: Home Office: Ministério do Interior do Reino Unido, responsável pela administração da justiça, polícia e peritagens oficiais do Estado.

[5]: Death by Supernatural Causes?: Mantido o título original da obra dos autores (Morte por Causas Sobrenaturais?), publicada anteriormente.

[6]: F.R.S.: Sigla para Fellow of the Royal Society (Membro da Sociedade Real), prestigiada instituição científica do Reino Unido.

Ambas as mãos e o pé direito tinham sido consumidos pelo fogo, e tinham caído através do chão para a estrebaria abaixo, por entre as cinzas; e as extremidades carbonizadas e calcinadas do rádio e do cúbito [7] direitos, do úmero esquerdo, e da tíbia e do perónio[^8] direitos estavam expostas à vista. O cabelo e o couro cabeludo tinham sido queimados da testa, expondo o crânio nu e calcinado. Os tecidos do rosto estavam representados por uma brasa gordurosa, que retinha o molde das feições, e o bigode incinerado

ainda dava a habitual expressão militar ao velho soldado. Os tecidos moles estavam quase inteiramente consumidos.

Aquando do meu regresso de outro trabalho, mais tarde, descobri que a totalidade tinha sido removida. Os carregadores disseram-me que o corpo inteiro se tinha desmoronado quando tentaram movê-lo *em masse*. Pela confortável atitude recumbente do corpo, era evidente que não tinha havido luta de morte e que, estupefacto com o uísque por dentro e o fumo por fora, o homem tinha expirado sem sofrimento, com o corpo a arder calmamente o tempo todo.

Aparentemente, o feno altamente inflamável, tanto solto como em fardos, nem sequer ficou chamuscado.

Como ilustrativo de um caso ao ar livre de incineração suspeita, eis um relato pelo Dr. B. H. Hartwell, de Ayer, Massachusetts, originalmente publicado no *Boston Medical and Surgical Journal*.

A 12 de maio de 1890, enquanto fazia uma visita profissional nos arredores da cidade, o Dr. Hartwell foi chamado a um bosque próximo por uma rapariga que afirmava que a sua mãe estava a «arder viva».

Dirigindo-se apressadamente para o local indicado, foi encontrado um corpo humano em pleno estado de conflagração. O corpo estava de bruços; apenas o rosto, os braços, a parte superior do peito e o joelho esquerdo tocavam o chão; o resto do corpo estava elevado e sustentado fora do chão pela rigidez dos músculos dessas partes. Estava a arder no ombro, em ambos os lados do abdómen e em ambas as pernas. As chamas alcançavam de doze a quinze polegadas acima do nível do corpo. A roupa estava quase toda consumida.

À medida que cheguei ao local, os ossos da perna direita partiram-se com um estalido audível, deixando o pé pendurado pelos tendões e músculos de um dos lados, tendo os do outro lado ardido completamente. Enviando o meu condutor em busca de água e assistência, restou-me apenas observar o curioso e abominável espetáculo, até que se encontrou uma forquilha comum de escavar com a qual o fogo foi apagado atirando terra sobre ele; a carne tinha ardido a partir do ombro direito, expondo a articulação, e a partir do abdómen, permitindo que os intestinos ficassem protuberantes, e mais ou menos de ambas as pernas. Os ossos das pernas estavam parcialmente calcinados. A roupa não queimada consistia em partes de um vestido de chita, um colete de algodão, uma saia de lã e uma peça de roupa interior de lã, grossa e vermelha.

O sujeito do acidente era uma mulher de quarenta e nove anos de idade, com cerca de cinco pés e cinco polegadas de altura, e pesando não longe de cento e quarenta libras, de hábitos ativos e temperamento nervoso. Esposa e mãe, era uma pessoa estritamente moderada, habituada ao longo da vida ao trabalho árduo, alguém que, além das suas tarefas domésticas, lavava e limpava para fora, além de fazer uma boa parte do trabalho num grande quintal.

Naquela tarde fatal, ela tinha — como o local mostrava — estado a limpar uma porção de cepos e raízes, e tinha ateado fogo a uma pilha de

raízes, a partir da qual este se comunicara com a sua roupa ou se espalhara pelo bosque e ateara fogo à roupa durante os seus esforços para o travar. O corpo jazia a cerca de duas varas[9] da pilha a arder. Como prova de que a carne ardera por si mesma e nada mais do que a roupa lhe ateara fogo, pode referir-se que o acidente ocorreu após uma chuvada; que o fogo apenas roçou a superfície do solo, não queimando através das folhas; que não havia nada senão folhas carbonizadas sob o corpo; que o seu chapéu de palha, que jazia a vários pés de distância, estava simplesmente chamuscado; que o cabo de madeira da pá estava apenas enegrecido.

O caso acima é interessante sob vários aspetos. É o primeiro caso registado em que um corpo humano foi encontrado a arder (isto é, a sustentar a combustão) pelo médico assistente. Difere de quase todos os casos registados, pelo facto de ter ocorrido numa pessoa em metade da vida, não muito gorda e não viciada no uso do álcool. É interessante num sentido médico-legal. Prova que, sob certas condições — condições que existem no próprio corpo —, o corpo humano arderá. Temos provas abundantes nos muitos casos registados de chamada combustão espontânea (setenta e três estão cronificados na literatura médica) de que o corpo foi mais ou menos completamente destruído pelo fogo sob circunstâncias que mostram que este sustentará a combustão, e que isto deu origem à crença na origem espontânea do fogo.

O Dr. Hartwell faz algumas observações interessantes para o final do seu artigo, particularmente os seus reparos concernentes ao álcool. Como veremos, essa substância era central para uma explicação vitoriana para a inexplicável combustão humana.

Note-se também que, embora uma fonte de ignição estivesse por perto, as chamas pareciam ter «roçado» uma área de folhas húmidas, e outros materiais combustíveis — um chapéu de palha e uma pá — mal foram tocados. Recentemente, especialistas em incêndios formularam uma explicação de como isto pode acontecer no interior de edifícios, mas a teoria deles não se poderia aplicar possivelmente nestes casos.

Uma típica conflagração supostamente centrada no álcool é o clássico caso de Grace Pett. O que é interessante ao relatar a história aqui é a informação adicional que veio à superfície há escassos anos através das diligentes pesquisas de Peter Christie. Parece que havia certos aspetos do

caso que os relatores subsequentes optaram por suprimir! A história, como comummente contada, é esta:

Grace Pett era a esposa fumadora de cachimbo de um pescador de Ipswich, que encontrou a sua morte na noite de 9 de abril de 1744, com sessenta anos de idade. Uma idiossincrasia da senhora era descer as escadas durante a noite e sentar-se junto ao lume a fumar o seu cachimbo. Naquela noite específica, a sua filha, que dormia na mesma cama com ela, não a percebeu levantar-se e não se apercebeu de que ela se tinha ido embora até à manhã seguinte.

Depois de se vestir, a filha desceu as escadas e encontrou os restos mortais da mãe na cozinha.

A mulher estava estendida sobre o seu lado direito, com a cabeça mais próxima da grelha da lareira, o corpo estendido ao longo do lar, as pernas mais além sobre o soalho de madeira. Aparentemente, os restos tinham a aparência de um tronco de madeira, cozido em vez de devastado pela chama, e ainda incandescente. O tronco estava incinerado, assemelhando-se a um monte de brasas cobertas de cinza branca, e a cabeça e os membros estavam também queimados.

Não havia fogo na grelha da lareira, e uma vela, ali perto, tinha-se consumido inteiramente no seu castiçal. Embora a gordura do corpo tivesse penetrado de tal modo no lar que «não podia ser esfregada para fora», o chão não estava sequer descolorado. Perto do corpo consumido estavam algumas roupas de crianças e um biombo de papel. Estes não tinham sofrido qualquer dano.

É interessante, considerando que a inalação de fumo é a principal causa de morte em incêndios, que a filha não se tivesse apercebido de uma conflagração até ter realmente a visão da sua mãe. Há indicações também de que havia outras pessoas alojadas na casa naquela noite, nenhuma das quais se tinha apercebido de um incêndio.

O corpo ainda se estava a incinerar. Quando a filha atirou água sobre os restos mortais, um odor fétido encheu o ar, o qual quase a sufocou a ela e a vários vizinhos que, a esta altura, tinham chegado para assistir a rapariga. Mais uma vez, em relatos posteriores, muito se fez em torno do «facto» de que a Sra. Pett tinha consumido «uma grande quantidade de

licor espirituoso» naquela noite para celebrar o regresso de uma outra filha vinda de Gibraltar.

Peter Christie, lendo um relato do caso no livro de Michael Harrison, *Fire From Heaven*, pensou em rastejar a sua fonte. Uma das fontes de Harrison eram as *Letters on Natural Magic* de Sir David Brewster, endereçadas a Sir Walter Scott, datadas de 1832. Peter, possuindo um exemplar da quinta edição de 1842 deste livro, descobriu que os detalhes concordavam com os relatos contemporâneos do sucedido. No entanto, estava determinado a rastejar para trás tanto quanto pudesse e descobrir onde Brewster tinha encontrado o relato, para começar.

Num ramo do Arquivo de Registos de Suffolk, ele procurou em exemplares antigos do *Ipswich Journal* para a data relevante e encontrou o seguinte item: «Na manhã de terça-feira (10 de abril), uma Mulher na Paróquia de S. Clemente foi encontrada morta queimada na sua própria Casa. Este infeliz Caso foi acompanhado de várias circunstâncias extraordinárias, mas elas são tão variadamente relatadas que não podemos de momento dar aos nossos Leitores nenhum Relato particular delas.»

Estranhamente, Peter Christie não conseguiu encontrar nenhuma história de seguimento nas edições subsequentes do jornal. Ele verificou, contudo, os registos paroquiais e descobriu que a família Pett estava rotulada como «Pobre». Depois, através de um livro de história local do século dezanove, soube de uma publicação de curta duração chamada *Ipswich Magazine*. Esta continha duas referências ao caso. A primeira delas era uma carta ao editor por um tal «J. S.», com comentários adicionais por alguém que assinava como «B». Após dar a história como relatada por Brewster, J. S. continuava então com uma narrativa em tudo igual de estranha.

De acordo com J. S., Grace Pett tinha a reputação de ser uma bruxa, «entre alguns dos seus vizinhos ignorantes». Um agricultor local chamado Garnham estava convencido de que algumas das suas ovelhas, que tinham adoecido, estavam enfeitiçadas. Foi aconselhado por um «mago branco» chamado Sr. Winter a queimar uma delas, presumivelmente para quebrar o feitiço. O agricultor pensou que toda a ideia era um disparate, mas a sua esposa decidiu tentar a experiência.

A Sra. Garnham fez com que um dos seus empregados trouxesse uma ovelha doente para as traseiras da casa. Ali, as suas quatro pernas foram atadas e ela foi deitada no lar. Ainda viva, foi ateada em fogo. J. S. relata então como as ligaduras que prendiam as pernas da pobre besta arderam nas chamas, momento em que o animal tentou escapar, mas foi forçado com uma forquilha na sua ilharga a permanecer no fogo até à morte.

De acordo com estes relatos, a ovelha foi queimada na mesma noite em que a Sra. Pett, alegadamente responsável pela sua doença, encontrou a sua morte ardente.

Comentadores subsequentes ignoraram este aspeto do caso, sem dúvida na crença de que a combustão espontânea já era suficiente para engolir de uma só vez, sem adicionar bruxaria e magia simpática! Mas irá isto detrair do aspeto de CHE do caso, ou simplesmente adiciona ao seu desconcerto? Disparate supersticioso, ou demonstra, como alguns acreditam, um componente sobrenatural nos fogos espontâneos?

No seu tempo, a dimensão da bruxaria estava bem estabelecida. Peter conseguiu adquirir um livro publicado por volta de 1875, intitulado *Grace Pett. A tale of witchcraft*, por Elizabeth Cotton. A narrativa incluía uma série de versos que relatavam a história do princípio ao fim. De acordo com estes, após Grace Pett morrer «no solo Não Chamuscado», a doença que afligia as ovelhas de Garnham cessou abruptamente.

Peter Christie escavou mais fundo e descobriu mais cartas, publicadas ainda mais cedo. Um dos escritores das cartas, um Sr. Gibbons, tinha realmente entrevistado a filha de Grace Pett e duas outras pessoas que tinham estado na casa na altura do incidente, uma das quais foi nomeada como «Boyden». Peter ficou satisfeito ao receber uma cópia, da Sociedade Real da Grã-Bretanha, de uma carta de um Sr. R. Love — aparentemente a documentação mais antiga sobre o caso, datada de 28 de junho de 1744. Os detalhes desta carta são dados nas já mencionadas *Philosophical Transactions* que tivemos a boa fortuna de rastejar até encontrar.

O Sr. Love assistiu ao inquérito e soube que as mulheres recolheram por volta das 22 horas e o corpo foi encontrado às 6 horas. A carta afirmava que não havia fogo na grelha da lareira e, ao contrário de alguns relatos subsequentes, a Sra. Pett «não estava sob o efeito do álcool nem era viciada em beber Gin». Confirmava que as extremidades e partes da cabeça não

estavam queimadas, nem o chão de madeira estava sequer chamuscado. Os ossos estavam calcinados tão completamente que os restos foram facilmente recolhidos com uma pá para dentro de um caixão.

Apesar de todas estas anomalias, o júri proferiu um veredicto de morte acidental.

Um estudo de documentos dos séculos dezoito e dezanove ilustra que mortes e ferimentos raros por fogos anormais eram tão prevalecentes na altura como são agora. O fenómeno atraiu também a séria atenção de indivíduos nas ciências médicas. Não acreditando no sobrenatural, procuravam uma explicação lógica e olhavam para um denominador comum.

O denominador comum parecia ser a bebida.

Esta era uma explicação que era aceitável na época. A era vitoriana foi uma época em que a bebida era considerada um mal em muitos lares cristãos e o movimento de temperança estava a crescer em força. A representação de vítimas de queimaduras como sofrendo uma retribuição divina por causa do seu consumo em excesso era uma arma poderosa quando estabelecida dentro de uma sociedade embebida em rumores. O aviso para os bêbedos era claro. Podia-se pagar com a vida!

Foi logo «demonstrado» que todas as vítimas de incineração misteriosa eram «bêbedas», incluindo aquelas que o não eram! Grace Pett é um bom exemplo de uma vítima relatada no inquérito como não sendo viciada em álcool, e que não estava a beber na noite da sua morte, mas de quem na lenda posterior se dizia convenientemente ter consumido «uma grande quantidade de licor espirituoso».

A maioria das pessoas bebe uma bebida ocasionalmente. Um de nós (não estamos a dizer qual) fermenta grandes quantidades de vinho e cerveja para o consumo de familiares e amigos. Ele (o ou ela), ao irromper espontaneamente em chamas, seria um alvo primordial para as teorias relacionadas com o álcool dos especialistas médicos do século dezanove!

Numa referência não datada, na edição 184 do periódico vitoriano *Notes and Queries*, aparece uma tabela de dezanove casos compilada por um Dr. Lindsley a partir do, é-nos dito, *Dictionnaire de Médecine*. Eles variam de 1692 a 1829. Sob o cabeçalho «Hábito de Vida», é afirmado

variadamente sobre las vítimas do fogo: «abuso de espíritos por três anos»... «entregava-se a frequentes fomentações de espíritos canforados»... «tomava um pinto[^10] de rum diariamente»... «habitualmente bêbeda»... «ela bebia brandy como a sua única bebida»... «um bêbedo»... «bebeu brandy apenas durante muitos anos»... «abuso de vinho e Água de Colónia»...

O raciocínio era que o álcool, sendo altamente inflamável, podia através do longo abuso ser absorvido através do corpo até às camadas externas da pele, tornando uma pessoa altamente combustível. Um roçar acidental com a chama de uma vela, ou uma brasa quente a saltar de um fogo contactando com o corpo, era tudo o que se necessitava para transformar uma pessoa num inferno em chamas. O que era considerado incombustível por causa do seu conteúdo de sessenta por cento de água era tornado combustível pela sua retenção de combustível alcoólico.

Os cientistas tinham de aceitar que as pessoas estavam a ser misteriosamente queimadas — a evidência era clara, e no entanto tinham de encontrar uma explicação lógica. Estas incinerações, que frequentemente deixavam as redondezas intocadas, eram contrárias ao que era normalmente requerido para incinerar um corpo.

O *The Mirror of Literature, Art and Amusement* apontou em 1838 que os romanos eram bem praticados em reduzir os mortos a cinzas, assim como o são os hindus modernos. De facto, tanto combustível era requerido que a cremação era um assunto demasiado dispendioso para os pobres nos tempos romanos. O que era — o que é — requerido são cerca de «duas cargas de carroça», de acordo com «o mais eminente jurista médico britânico», o Dr. Christison, citado no artigo. Duas cargas de carroça de gravetos e várias horas foram requeridas para levar a cabo a combustão total do último homem na Europa a ser queimado na fogueira.

No artigo, o autor fez a seguinte observação em torno das dificuldades de incinerar um corpo numa casa média — uma dificuldade que os céticos contemporâneos afirmam não existir.

O assassino da Sra. King ocupou vários dias a queimar o corpo, numa grelha de quarto comum; e embora o assassino, Cook, há cinco ou seis anos, se tenha visto livre de uma grande parte do corpo da sua vítima em dois dias, cortando-o em pequenos pedaços antes de o colocar no fogo,

muito parece ter sido enterrado, sem ter estado no fogo de todo. De facto, os ossos não podem ser calcinados sem o calor de uma fornalha.

Encarados com estas dificuldades, será surpreendente que quando os homens da medicina procuravam fazer sentido do fenómeno, embora estivessem relutantes em abraçar o conceito «sobrenatural» da CHE, fossem forçados a olhar para um conceito mais brando, mas igualmente revolucionário?

O que era discutido entre os homens da medicina era a «combustão preternatural» — uma condição hiporizada onde o corpo humano pode atingir uma condição invulgar de alta combustibilidade e pode arder se sujeito a uma fonte de calor externa. O consumo de vastas quantidades de álcool parecia para muitos fornecer a resposta para esta propensão para a combustão.

Notas

[7]: rádio e cúbito: Ossos do antebraço. Na nomenclatura anatómica moderna em Portugal, o termo «cúbito» é também correntemente designado por ulna, mantendo-se a tradução clássica pela correspondência direta com o texto original (radius and ulna).

[8]: tíbia e perónio: Ossos da perna. À semelhança da nota anterior, o termo «perónio» é também conhecido na designação anatómica internacional como fíbula, correspondendo a tibia and fibula.

[9]: varas: Tradução de rods, uma unidade de comprimento tradicional anglo-saxónica equivalente a 5,5 jardas ou aproximadamente 5,03 metros.

[10]: pinto: Tradução do termo pint (pinta), unidade de volume que no sistema imperial britânico equivale a aproximadamente 0,57 litros.

A principal diferença entre a CHE e a CP [11] é que a primeira tem origem dentro do corpo e não requer nenhuma fonte independente de ignição. O supramencionado Dr. Christison olhava para a combustão preternatural «como um facto bem verificado», mas estava menos seguro

quanto à CHE porque, «genericamente falando, algum corpo inflamado (tal como uma vela ou um cachimbo) foi descoberto perto dos restos de um corpo». Este ponto de vista era também partilhado pelo escritor americano Dr. Beck, «cuja obra sobre Medicina Legal» [disse o Dr. Christison] «é ainda o manual a que mais se recorre, inclusive por estudantes ingleses».

Em 1806, foi produzido em Paris um panfleto por Pierre Lair, intitulado *Ensayo sobre a Combustão de Humanos; produtos do Abuso de Licores Espirituosos*. Por essa mesma altura, um Dr. Swediour anunciou que os casos de combustão espontânea não eram tão raros como se tinha pensado anteriormente. Disse que, durante as suas viagens, «as pessoas experienciam os efeitos desta combustão». Recomendava-se que o beber abundante de leite preveniria a combustão!

As vítimas não tinham de ser bêbedas para que o álcool fosse culpado pelas suas mortes macabras. Quando se descobriu que a Condessa Bandi de Cesena tinha o hábito de massajar no seu corpo os espíritos de vinho canforados, isso foi o suficiente. Mas estaria correto? Será que o álcool de um bebedor habitual tornava essa pessoa mais combustível do que o seu vizinho abstémio? Nem todos os homens da medicina no século dezanove pensavam assim.

O Barão J. von Liebig, famoso por isolar o titânio, descobrir o cloral e pelo seu trabalho com extratos de carne, fez uma análise de cinquenta casos registados de combustão preternatural em 1851. Concluiu que a carne que foi saturada em álcool, como no caso de preparações anatómicas, não é combustível. Quando ignitada, o álcool meramente arde, mal chamuscando a carne. Os cadáveres de «bêbedos», apontou ele, nunca foram encontrados como sendo combustíveis, então por que haveriam os vivos de o ser? Testes adicionais, que incluíram a injeção de álcool nos corpos de ratos ao longo de um período de tempo, deitando-lhes depois fogo, mostraram que o álcool não podia ser retido no tecido do corpo, tornando-o altamente combustível.

Contudo, o debate relacionado com o álcool/CHE assentava perfeitamente nos argumentos dos evangelistas fundamentalistas[12]. Esta era uma época em que o alcoolismo era endémico, pelo que, apesar das evidências, os moralistas cristãos continuaram a professar que o demónio do álcool era, literalmente, um bilhete de ida para os fogos do inferno.

Mas foi a elevada visibilidade dada ao fenómeno pelos romancistas que atraiu a atenção do público, especialmente a que lhe foi concedida por Charles Dickens. No entanto, o relato literário mais antigo foi dado num romance intitulado *Wieland*, pelo romancista gótico americano Charles Brockden Brown, publicado em 1796. Um pietista alemão, o «Wieland» do título, está a praticar os seus ritos religiosos numa cabana que serve como sua capela, quando o fogo ataca. Embora o homem seja encontrado parcialmente incinerado, fiel ao padrão, la capela está ilesa. É razoável assumir que Brown baseou a sua ficção no caso da vida real de Don Gio Maria Bertholi, um padre italiano que, tal como Wieland, sobreviveu por vários dias. O incidente foi relatado por um Dr. Battaglia, o cirurgião que assistiu o homem ferido, num periódico datado de outubro de 1776.

O padre estava hospedado em casa do seu cunhado e foi acompanhado até ao seu quarto, onde solicitou o uso de um lenço para ser colocado entre o seu ombro e a camisa. Os padres devotos usavam camisas feitas de crina de cavalo como penitência, e o lenço seria usado para aliviar o desconforto durante as devoções.

Poucos minutos após ter sido deixado sozinho, os gritos de agonia do padre puderam ser ouvidos por toda a casa. Os outros ocupantes entraram no quarto e encontraram Bertholi prostrado, rodeado por uma chama leve que recuou à medida que entraram e, finalmente, desapareceu. Foi na manhã seguinte que o Dr. Battaglia examinou o paciente.

Descobriu que a pele do braço direito estava quase inteiramente desprendida e pendurada do osso, e, dos ombros às coxas, a pele igualmente ferida. A mão direita era a parte mais gravemente queimada e, ali, a putrefação já tinha começado.

O infeliz homem queixava-se de uma sede ardente e convulsionava horrivelmente. Isto era acompanhado por febre e delírio, as suas excreções continham «matéria pútrida e biliosa», e ele estava exausto de vomitar continuamente.

Bertholi tinha dito ao médico que tudo o que se lembrava era de um golpe como de um cacete na sua mão direita, depois uma chama fulgurante que se fixou na sua camisa, reduzindo-a imediatamente a cinzas, enquanto deixava os punhos intocados. As suas calças e o lenço que tinha pedido emprestado minutos antes estavam também intocados e, embora o seu

cabelo não estivesse sequer chamuscado, o seu barrete estava totalmente consumido.

Apesar de não ter havido fogo na grelha da lareira do quarto, tinha havido uma lâmpada, a qual, foi afirmado, estivera cheia de óleo. Agora estava vazia e o pavio queimado até ao nada.

O paciente morreu quatro dias mais tarde num estado de inconsciência. O Dr. Battaglia não conseguiu encontrar explicação nem para os ferimentos nem para o rápido declínio do padre. Mesmo antes de ele morrer, o cheiro a carne podre tinha-se tornado insuportável. O Dr. Battaglia afirmou ter visto vermes a rastejar do corpo ainda vivo, e unhas a cair dos dedos. Ao todo, um relato muito mais horroroso do que a ficção.

O Capitão Frederick Marryat, mais conhecido pelo seu romance clássico da Guerra Civil, *Children of the New Forest*, usou a CHE para despachar uma das suas personagens noutro livro chamado *Jacob Faithful*, publicado em 1834. Na cena, Jacob entra na cabina de uma barcaça à procura da sua mãe:

A lâmpada fixada contra a mampara de popa, com um vidro à frente, estava ainda acesa, e eu podia ver claramente cada canto da cabina. Nada estava a arder — nem mesmo as cortinas da cama da minha mãe pareciam estar chamuscadas... parecia haver uma massa negra no meio da cama. Coloquei a minha mão temerosamente sobre ela — era uma espécie de brasa untuosa e alcatroada. Gritei de horror... cambaleei para fora da cabina e caí no convés num estado que tocava a loucura... Ela pereceu daquilo que se chama combustão espontânea, e da inflamação dos gases gerados a partir dos espíritos absorvidos pelo organismo.

Houve vários outros escritores bem conhecidos que usaram a combustão humana espontânea de uma forma factual para provocar o fim de uma personagem de ficção. Muitos deles usaram o artifício para ilustrar a justa recompensa pelo beber em excesso. Nikolai Gogol, em 1842, escreveu *Almas Mortas*, no qual um ferreiro se incendeia «por dentro» através do «demasiado beber». No seu romance de 1849, *Redburn*, Herman Melville descreve como um «fogo esverdeado, como uma língua bifurcada» saía de entre os lábios de um marinheiro bêbedo enquanto o consumia.

Mas o autor Thomas de Quincey usou a CHE para alertar contra um outro mal social que crescia na altura, o mal do consumo de ópio. O fenómeno foi também usado por Mark Twain e por Émile Zola no seu clássico de 1893, *Le Docteur Pascal*. Mas o livro que realmente trouxe a CHE e as suas conotações alcoólicas à atenção do público vitoriano foi *Bleak House* de Charles Dickens.

Dickens escolheu infligir o fenómeno no perverso e bêbedo Krook, descoberto por duas personagens, o Sr. Guppy e Tony Weevle. Neste ponto, eles estão encostados ao parapeito da janela do quarto de Krook.

— O que em nome do Diabo — [diz ele] — é isto! Olha para os meus dedos!

Um líquido espesso e amarelo suja-os, o qual é ofensivo ao toque e à vista, e mais ofensivo ao olfato. Um óleo estagnado, nauseabundo, com uma qualquer repulsa natural que os faz a ambos estremecer... Quando ele traz a vela, aqui, do canto do parapeito da janela, esta escorre lentamente e rasteja pelos tijolos abaixo; aqui, repousa numa pequena poça espessa e nauseabunda.

Agora vão em busca de Krook, e Tony Weevle é o primeiro a olhar para o seu quarto.

— Não consegui fazer-me ouvir por ele, e abri suavemente la porta e olhei para dentro. E o cheiro a queimado está lá — e a fuligem está lá, e o óleo está lá — e ele não está lá! — Tony termina isto com um gemido.

O Sr. Guppy e Tony Weevle entram juntos no quarto, confrontados pelo gato de Krook.

O gato... mantém-se a ganir — não para eles; para algo no chão, diante do lume. Há muito pouco fogo restante na grelha da lareira, mas há um vapor latente e sufocante no quarto, e um revestimento escuro e gorduroso nas paredes e no teto. Num encosto de cadeira, pendem o barrete de pelo e o casaco do velho... Avançaram lentamente, olhando para todas estas coisas. O gato permanece onde o encontraram, ainda a ganir para o algo no chão, diante do lume e entre as duas cadeiras. O que é?

Ergue a luz. Aqui está uma pequena mancha queimada no soalho; aqui está a mecha de um pequeno maço de papel queimado... e aqui está — será a brasa de um pequeno tronco de madeira carbonizado e partido salpicado

de cinzas brancas, ou será carvão? Ó Horror, ele está aqui! e isto de que fugimos... derrubando-nos uns aos outros em direção à rua, é tudo o que o representa.

Esta cena, aqui abreviada, iria causar um debate público entre Dickens e um Sr. Lewes. Lewes, um cético assumido do fenómeno, pensava que era errado da parte de Dickens tratar a combustão humana espontânea como um artifício factual no seu livro.

Dickens deu-se ao trabalho de apontar que tinha estudado trinta casos de CHE em preparação para a cena. Mais do que isso, como foi demonstrado aqui, Dickens usou a CHE numa época de grande debate público e médico sobre o assunto, com homens médicos e não médicos a alinharem-se de ambos os lados da barricada.

O tema da combustão espontânea e preternatural em seres humanos foi um tópico vivo para debate nos séculos dezoito e dezanove. Muitas das explicações para o alegado fenómeno que estão em discussão hoje em dia tiveram a sua génese nestes tempos. Gases intestinais, álcool e a nova moda da eletricidade eram todos pensados como causas prováveis, a par, escusado será dizer, de uma corrente de opinião que afirmava que o fenómeno não existia, para começar, mas podia ser explicado em termos racionais. De todos estes, apenas a questão do álcool, em termos de aumentar a combustibilidade, se provou ser um disparate científico.

Mesmo assim, a ideia sobrevive hoje. Alguns céticos veem uma ligação entre o abuso do álcool e a incineração, mas de uma forma muito diferente daquela que alguma vez foi pretendida pelos moralistas vitorianos. Argumentam que uma pessoa intoxicada está mais vulnerável a tropeçar ou a estar em menos do que na posse total das suas faculdades. Como resultado, podem bem estar propensas a acidentes com o fogo.

Isso é tudo muito bem, mas alguns casos, descobrimos nós, parecem desafiar qualquer tipo de explicação racional.

2

Os Incêndios em Sowerby Bridge

Aqueles que procuram uma resposta paranormal ou sobrenatural para a combustão humana espontânea poderiam fazer pior do que examinar a história seguinte. Remonta à viragem do século, e os factos são tão notáveis

que, se não os tivéssemos consubstanciado nós mesmos, teríamos suspeitado de ser uma daquelas histórias exageradas contadas a um amigo de um amigo.

Foi um parente afastado do falecido que nos alertou para o caso. Um artigo tinha aparecido no *Halifax Evening Courier* de sábado, 13 de abril de 1985. Quando o Sr. Hellowell leu a peça, ficou duplamente maravilhado. A história era suficientemente surpreendente, mas ainda mais quando se apercebeu de que as duas jovens vítimas eram suas parentes. Interrogou um membro idoso da família que confessou que sabia tudo sobre os trágicos incidentes. Aparentemente, tinha sido um segredo bem guardado durante os noventa e dois anos desde a sua ocorrência.

Apesar de a história aparecer no jornal, não foi acolhida por mais ninguém, pelo que a apresentamos aqui pela primeira vez. Contactámos o editor, Edward Riley, que confirmou que tinha escrito o artigo. Era baseado em relatos originais do *Courier* publicados em 1899, baseando-se nas provas apresentadas no inquérito.

A Sra. Sara Ann Kirby, o Sr. John Henry Kirby e as suas filhas, Alice Ann Kirby, de cinco anos de idade, e Amy Kirby, de quatro anos, viviam em Sowerby Bridge, atualmente em West Yorkshire. A família residia em Hargreaves Terrace, em London Road, até os pais se desentenderem e separarem. Quando isto aconteceu, embora as duas meninas estivessem ainda oficialmente registadas na morada da mãe, Alice Kirby foi viver com o pai e a avó no n.º 45 de Wakefield Road.

Wakefield Road e London Road correm paralelas uma à outra, exatamente a uma milha de distância em lados opostos do Vale do Calder. As estradas estão ligadas por Fall Lane, que cruza um canal e o Rio Calder.

Na quinta-feira, 5 de janeiro de 1899, a Sra. Sara Kirby foi para o exterior de Hargreaves Terrace para ir buscar um pouco de água ao poço, a vinte jardas de distância. Eram 11 horas. Como estava a chover torrencialmente, a tarefa não demorou mais de dois minutos. Ao reentrar na casa, ouviu gritos e encontrou Amy em chamas. A Sra. Kirby disse no inquérito: «Se ela tivesse tido óleo de parafina atirado sobre si, não teria ardido mais depressa.»

Uma outra testemunha afirmou que chamas de uma jarda de altura saíam da cabeça da criança. Foi declarado que Amy tinha medo do fogo.

De facto, não havia evidência de fósforos ou de papel carbonizado. Depois de tudo terminado, a Sra. Kirby, em grande aflição, desceu por Fall Lane para comunicar a tragédia ao seu marido. Mas a aflição foi agravada quando, a meio caminho do vale, foi intercetada por um mensageiro da sua sogra.

O mensageiro trazia notícias terríveis. A outra filha de Sara, Alice, tinha sido descoberta em chamas. O par ficou reduzido a lágrimas histéricas à medida que cada uma relatava uma história idêntica.

A avó Susan Kirby tinha deixado a jovem Alice na cama enquanto visitava um vizinho. Quando regressou, encontrou a criança «envolta em chamas e quase morta queimada». Não havia fósforos gastos ou papel queimado, e o fogo na grelha da lareira não tinha sido mexido. A hora era exatamente 11 horas.

Ambas as meninas foram levadas na mesma ambulância puxada a cavalos para a Enfermaria Real de Halifax. Alice morreu às 15 horas daquele dia, e Amy a escassos momentos da meia-noite. Noutra daquelas estranhas «coincidências» relacionadas com nomes, aparentemente endémicas em assuntos de CHE, o médico que assistiu ambas chamava-se Dr. Wellburn[^13]. Verá que tais sincronicidades de nomes parecem fazer parte do alegado fenómeno.

Estranhamente, considerando o clima da época, a combustão humana espontânea nunca foi mencionada no inquérito. Apesar da falta de provas, o médico legista concluiu que ambas as mortes foram um acidente, e o júri concordou. Mas um jurado admitiu: «Não temos provas para mostrar como o fogo ocorreu em qualquer dos casos.»

O médico legista referiu-se às circunstâncias como «estranhas» e «notáveis» por as crianças terem sido queimadas à mesma hora, e no entanto, estava preparado para as descartar como apenas mais uma «chocante coincidência».

Há muito que não sabemos sobre este caso. Não houve referência, por exemplo, a qualquer dano por fogo no mobiliário. Alguns argumentarão que, se a competência da moderna ciência forense estivesse disponível, uma explicação racional para os fogos poderia ter surgido. Mas, em toda a justiça, quais são as probabilidades de duas irmãs, que viviam separadas mas distanciadas por apenas uma milha através de um vale e cujas casas

estavam à vista uma da outra, pegarem fogo exatamente à mesma hora e com a mesma falta de provas de uma causa racional?

É um caso triste e angustiante, não minorado pelo nosso interesse académico. A mãe das meninas carregou a tragédia consigo por cinquenta anos, morrendo em 1949, com setenta e sete anos de idade.

Notas

[11]: CP: Sigla para Combustão Preternatural, correspondente ao acrónimo original PC (Preternatural Combustion).

[12]: Bible-bashing evangelists: Expressão idiomática que designa pregadores ou evangelistas de cariz dogmático que utilizam a Bíblia de forma agressiva ou literalista nas suas argumentações morais. Traduzido textualmente conforme o tom do original.

[13]: Dr Wellburn: O trocadilho implícito no nome do médico prende-se com a junção das palavras inglesas well (bem) e burn (arder/queimar), detalhe que os autores consideram uma sincronicidade nominal típica nos registos de CHE.

3

Trocas Acesas

CASAL EM BEIJOS IRROMPE EM CHAMAS... PREGADOR EXPLODE EM CHAMAS NO PÚLPITO... DEMÓNIOS REDUZIRAM O MEU MARIDO A UMA BRASA... GORDUCHA PROVOCADA EXPLODE EM CHAMAS... HOMEM A COMER PIRIPIRI IRROMPE EM CHAMAS E MORRE...

Acredite ou não, estas são parangonas reais de jornais com que nos deparámos na nossa pesquisa. Elas representam a imagem pública da CHE — o que parecem ser histórias exageradas contadas em títulos ainda mais exagerados, frequentemente apresentando ilustrações macabras. Sugerem que a CHE é um assunto que se encontra apenas na imprensa sensacionalista e ao qual nunca é dada uma consideração séria pelas fontes de comunicação social mais respeitáveis.

Não estamos a sugerir que estes relatos específicos não tenham substância de verdade. Nós verificámos alguns dos muitos exemplos nos nossos arquivos e, habitualmente (mas nem sempre), batemos contra uma parede de tijolos nas nossas investigações. No entanto, estávamos simplesmente menos inclinados a tratar apresentações sensacionalistas com um respeito incondicional e preferimos focar-nos em casos que perseguimos pessoalmente, ou que nos tinham sido oferecidos por fontes *bona fide*, tais como oficiais de bombeiros.

Contudo, é importante tornar claro que a verdade ou a falácia da combustão humana espontânea é independente de como alguns jornais escolhem relatá-la. Títulos gritantes e imagens gráficas podem fazer dinheiro e tantalizar aqueles que parecem ter uma fascinação mórbida por um fenómeno tão pavoroso, mas, no geral, o que se destaca é a incredibilidade destes acontecimentos. São enigmas a precisar de soluções e são mais bem servidos por uma reflexão sóbria e por um tratamento responsável. Afinal de contas, estamos a lidar com casos onde, muito frequentemente, seres humanos perderam as suas vidas de uma forma terrível. Frequentemente há familiares vivos cujo luto e sofrimento precisam de ser lembrados. Mesmo quando alguém sobrevive a um incidente de CHE, as cicatrizes físicas e emocionais podem permanecer por um período muito longo.

Como é evidente, estabelecer a verdade sobre a CHE só pode ocorrer se as questões forem discutida de forma aberta e racional. Tem de haver um equilíbrio, por um lado, entre o cuidado e a preocupação por aqueles que são as vítimas e a responsabilidade que temos, por outro, de tentar compreender o que está a acontecer. Esta é uma razão pela qual frequentemente usamos pseudónimos ou não usamos nome nenhum ao detalhar os incidentes.

Dito tudo isto, achamos difícil compreender as ações de algumas fontes de comunicação social quando lidam com a CHE. Por exemplo, um jornal americano falou de um caso apenas seis semanas após a morte de uma estudante e muito antes do inquérito. Relataram a especulação sobre a CHE como um facto e, pondo de parte outros assuntos menores, tais como errar o seu nome e dizer que ela vivia na cidade de Cheshire, chegou a insistir falsamente que ela era uma escolar.

Mas o mais angustiante de tudo foi a reconstituição de um artista. Tão pouco tempo após a sua morte, apresenta uma imagem berrante de uma jovem rapariga, aparentemente de pé ao ar livre, vestindo o uniforme escolar e rodeada por chamas enquanto duas outras escolares fitam a cena imóveis. Isto não só deturpa os factos em quase todos os aspetos como, mesmo que fosse exato, a moralidade de infligir tal imagem a amigos e familiares enquanto a morte da rapariga estava ainda dolorosamente fresca nas suas mentes deve, em nossa opinião, ser aberta a uma grande dose de dúvida.

Um caso que vale a pena discutir ilustra alguns dos problemas que têm de ser confrontados à luz destes reparos.

A 21 de julho de 1988, o jornal do nordeste de Inglaterra, o *Hartlepool Mail*, realizou uma história de primeira página intitulada «Mulher no mistério do fogaréu». Contava como a polícia em Durham estava enigmada com um caso onde uma senhora idosa tinha sido gravemente queimada num fogo misterioso. O relato alegava que a polícia «não tinha descartado a possibilidade» de que este incidente tivesse sido causado por CHE.

Graças ao jornalista de Cleveland, Paul Screeton, estabelecemos os factos básicos como sendo estes. Às 10h30 da manhã de 20 de julho de 1988, os vizinhos viram uma mulher de 71 anos e o seu marido em apuros no seu quintal em Wheatley Hill, uma cidade a leste da cidade de Durham. Os serviços de emergência foram imediatamente alertados. Parece que a roupa da mulher estava em fogo e o seu marido estava freneticamente a debelar as chamas. Embora estas tenham sido eventualmente apagadas, ele queimou as suas mãos no processo.

O homem teve alta para casa após algumas horas de tratamento hospitalar, mas a sua esposa ficou gravemente queimada no rosto, cabeça, peito e costas, e permaneceu no hospital por algumas semanas. As suas extremidades aparentemente não foram afetadas pelas chamas e não havia nenhuma fonte óbvia para o fogaréu misterioso em si. Dizia-se que tanto os bombeiros como a polícia estavam enigmados quanto a como este tinha começado.

Relatos subsequentes da imprensa até duas semanas mais tarde indicavam que os ferimentos da mulher «ainda manietavam a polícia», mas

que a causa de CHE mencionada em todas as histórias anteriores era agora «não considerada provável». A mulher tinha falado brevemente com a polícia e o seu marido tinha-os ajudado, permitindo que as averiguações descartassem completamente «quaisquer circunstâncias suspeitas». Um oficial da Investigação Criminal[^14] comentou que mantinham uma mente aberta, mas que isto não incluía «manter a possibilidade de combustão espontânea em primeiro plano...». Não obstante, continuavam enigmados quanto ao que tinha espoletado o fogo.

Como não resultou nenhuma morte e as circunstâncias suspeitas foram descartadas, o seguimento policial foi inevitavelmente limitado e o assunto parece ter derivado para uma não-conclusão. Nós abordámos a polícia de Durham, mas eles estiveram aparentemente indispostos a oferecer-nos qualquer ajuda no assunto.

Além disso, o casal que esteve envolvido não respondeu aos nossos pedidos para uma entrevista, embora tenhamos sido prevenidos pelo jornal de que era provável que assim fosse. Eles tinham recusado repetidamente falar com a imprensa na altura. A sua privacidade deve ser respeitada, razão pela qual não os identificamos pelo nome aqui.

Por que razão reagiram então estas duas pessoas idosas com tanta antipatia? Parece que ficaram muito perturbadas com a forma como este incidente foi ligado à CHE desde o primeiríssimo momento do caso.

De facto, no dia seguinte ao *Hartlepool Mail* ter avançado com a história pela primeira vez, deram-lhe seguimento com um artigo de fundo de página inteira sobre os mistérios da CHE. Era uma peça razoavelmente bem construída que não saltava para conclusões. Referia-se ao caso de Wheatley Hill como tendo «escutado todo o tipo de especulação sobre um fenómeno muito bizarro» (*sic*) antes de oferecer algumas histórias de casos de tempos antigos e uma breve discussão de um incidente mais recente. O artigo também apresentava um relato de que os céticos americanos Nickell e Fischer (*sic*) tinham proposto o «efeito pavio»[15] como uma causa para o fenómeno.

Também relatava sobre o grupo de desmistificação americano, CSICOP — o Comité para a Investigação Científica de Alegações do Paranormal —, que ainda em 1987 alegava uma ligação entre a CHE e a embriaguez. Como vimos, este é um argumento muito antigo, amplamente

desacreditado. Também apresentava uma entrevista com um físico médico de Newcastle, John Haggith. Haggith tinha argumentado que a CHE estava no mesmo campeonato, cientificamente falando, que a levitação e não conseguia pensar em nenhuma razão física para que ocorresse. No entanto, acreditava que as soluções eram para ser encontradas em áreas mais mundanas — tais como fósforos nos bolsos de uma vítima a incendiarem-se acidentalmente, ou eletricidade estática a acumular-se na roupa. Como equilíbrio, reparos mais positivos sobre o assunto foram oferecidos por um oficial de bombeiros local, que parecia pensar que isso podia por vezes ocorrer.

Quando nos alertou pela primeira vez para o caso de Wheatley Hill em 1988, Paul Screeton, que trabalha para o jornal em questão, apontou-nos que, tanto quanto sabia, nenhuma fonte oficial tinha realmente mencionado a CHE. Esta figurou na notícia simplesmente porque um jornalista tinha «gostado da ideia».

Ao compilar este livro, pedimos a Paul Screeton mais informações e ele ficou bastante contente em permitir-nos citar as suas opiniões. Sentia que o caso «foi empolado fora de todas as proporções» via «envolvimento de investigadores». As histórias resultantes tinham feito com que a família ficasse perturbada e levaram-na a recusar cooperar mais. Consequentemente, todo o episódio esfumou-se e o público nunca chegou a saber o que realmente aconteceu — se é que isso poderia alguma vez ter sido estabelecido sob tais circunstâncias.

Como Screeton disse: «Pessoalmente, acho que foi apenas algum erro de jardinagem — mas quem sabe? Não acho que a CHE estivesse envolvida, mas, por outro lado, é tantalizante especular.»

Não sugerimos que alguém se tenha comportado mal aqui. Mas o incidente demonstra bem quão difícil pode ser falar sobre e investigar fogos misteriosos quando a possibilidade de CHE espreita. As reações das vítimas, das suas famílias, da imprensa, da polícia, dos bombeiros, dos médicos — de facto, de muitos grupos dentro da sociedade — têm todas um papel na moldagem da opinião pública sobre o que teve lugar. Um ato de malabarismo muito difícil é requerido para equilibrar todas estas coisas ao decidir se a CHE desempenhou um papel em qualquer caso particular.

Este incidente pode sugerir que é melhor ser cauteloso até que outras opções falhem completamente. Trazer a CHE para a equação tão rapidamente pode ter um efeito negativo em vez de positivo, embora o jornalista em causa possa bem argumentar que, se uma exploração minuciosa do assunto era para ser empreendida, alguém tinha de mencionar a CHE logo à partida. A maioria dos oficiais provavelmente nunca o faria ou pode nem sequer estar ciente de que tal fenómeno possa existir fora dos tabloides de supermercado e das mitologias sobrenaturais.

O oficial de bombeiros que o *Hartlepool Mail* mencionou brevemente acabou por ser William Cooney, OBE[^16]. Em 1991, ele era o comandante de bombeiros do condado para a totalidade de Cleveland. Solicitámos uma entrevista e ele foi suficientemente amável para nos conceder uma. Os seus pontos de vista sobre alguns dos dilemas discutidos acima foram sentidos como sendo de grande valor.

De facto, Cooney tinha apresentado uma comunicação em maio de 1986 num seminário de oficiais de bombeiros sobre a questão da combustão espontânea. O seminário estava realmente a investigar como os produtos químicos em armazenamento a granel podem gerar calor e provocar um fogo espontâneo, mas na sua comunicação o oficial do condado adicionou uma secção sobre a CHE. Argumentou que, nos poucos casos que não podiam ser racionalmente explicados, a CHE parecia começar dentro do corpo e compreendia alguma fonte de ignição de gases inflamáveis que eram gerados internamente.

Cooney era refrescantemente pragmático sobre quais os casos que deveriam ser denominados CHE e quais não deveriam. Achava difícil considerar tanto o caso de Jacqueline como o de Jack Angel como exemplos, porque nenhum se ajustava ao estereótipo que ele acreditava exemplificar o fenómeno. (Jack Angel será discutido em grande detalhe num capítulo posterior.)

O fogo começa a partir de dentro do corpo, mas as extremidades são o que sobrevive. Não acredito que se possa sofrer de CHE se a mão, por exemplo, for a fonte primária. Pelo menos é isto que as evidências parecem sugerir. Tome-se a analogia de uma fogueira. Se acendermos uma destas, então os pedaços de madeira nas extremidades são o que fica — não os pedaços no meio. Estes são consumidos. O fogo na CHE começa sempre

pelo meio. Esta é uma das indicações que se procuraria numa situação de morte por fogo para sugerir a possibilidade de CHE.

Os corpos humanos podem ser consumidos por um fogo. Os ossos podem transformar-se em cinza em certas situações de fogo.

Muitos bombeiros e especialistas em cremação têm discordado da afirmação acima.

Em experiências onde gordura envolta em pano foi ateada em fogo para demonstrar que o corpo humano poderia arder como uma vela, uma fonte externa de calor foi aplicada para os pôr a funcionar. Eles não se ignizam subitamente por si mesmos, pois não? É isso que torna os relatos de CHE tão notáveis, porque, aparentemente, a ignição é «espontânea»!

Muitos casos de alegada CHE envolvem alguém encontrado junto a uma lareira. Estes não são CHE real porque aqui tem-se uma fonte de ignição. Se uma pessoa idosa entra em contacto com um fogo, as janelas e as portas estão fechadas e acabamos com uma situação de incêndio, então isso não é CHE. Nos exemplos reais de combustão espontânea, a única fonte de calor possível é a de dentro. Temos de ser muito cuidadosos sobre como distinguimos o que é e o que não é combustão humana espontânea. Se houver uma fonte externa de calor disponível, então, a meu ver, não deveria ser denominada CHE.

Como consequência de tudo isto, William Cooney pensa que há relativamente poucos candidatos para CHE a cada ano.

Sugiro que é uma percentagem muito, muito pequena de casos. A maior parte dos corpos de bombeiros apenas aceita uma situação como uma morte por fogo — não um fogo gerado a partir de dentro do corpo humano. Podem olhar para ela e concluir que a sua causa é «desconhecida». No entanto, mesmo que a causa tenha sido CHE, por vezes isto pode ter criado um fogo secundário que destruiu as evidências. Pelo que nunca seria fácil deduzir qualquer caso como CHE. De facto, não acredito que qualquer relatório oficial para os bombeiros pudesse alguma vez concluir esta explicação para um incidente devido a estes problemas.

Lidamos com dezenas de mortes por fogo por ano em todo o Reino Unido. O oficial de bombeiros médio entra e encontra um corpo ou os restos de um corpo e lida com isso. As probabilidades são elevadas de que

o próprio fogo tenha destruído as evidências do que quer que tenha causado a conflagração. Teria realmente de se procurar com muito afinco por sinais de possível CHE e não posso instruir os meus oficiais a gastarem tempo a fazer isto. Eles não podem passar o seu tempo a joeirar os escombros à procura de partes do corpo humano que possam ter sobrevivido.

Outro fator é o medo do desconhecido. Isto afeta muitas pessoas. Mas estou preparado para vir a público e dizer que há algo a acontecer. Temos de investigar esta situação.

O oficial do condado tem trinta anos de experiência em seu crédito e sente que há uma pista para o fenómeno nos relatos de chamas azuis por vezes vistas nos incidentes:

A chama azulada sugere que o corpo eclodiu. A quantidade de gases produzidos dentro do corpo humano é potencialmente explosiva. Com efeito, somos uma grande gota de hidrocarbonetos — um caldeirão de substâncias perigosas. Talvez em algumas circunstâncias possamos simplesmente «estoirar».

William Cooney estava ciente das dificuldades respeitantes à discussão pública da CHE. Acredita que apenas ao pensar racionalmente sobre o problema e não saltando para conclusões poderemos alcançar uma apreciação do que poderia estar a acontecer.

Olhe, eu sou um simples oficial de bombeiros. Tudo o que posso dizer a tais pessoas é que me provem que há evidências para qualquer explicação particular para esta coisa. Mas o que me irrita é que os especialistas e professores dizem que a CHE simplesmente não é verdade. Muito bem, mas como oficial de bombeiros tenho de recolher os pedaços. Portanto, se não é verdade e não acontece, precisamos de nos sentar e de destrinçar o que exatamente ocorre. Porque, no fim do dia, os meus oficiais de bombeiros dizem que a CHE acontece e isso é o que conta, não é?

4 Q.E.D.

A 22 de abril de 1989, o programa de ciência da BBC1, *Q.E.D.*, virou a sua atenção para o tema da CHE. Intitulado *A Case Of Spontaneous Human Combustion?* [Um Caso de Combustão Humana Espontânea?], os realizadores do programa procuraram demonstrar que o fenómeno não existia, no sentido em que não apresentava nada de novo para a ciência.

Fomos abordados alguns meses previamente por investigadores da BBC interessados em solicitar material da nossa parte para inclusão no programa. Tinham lido um livro nosso, *Death By Supernatural Causes?*, que incluía uma secção sobre o assunto. Isto tinha-os intrigado. O título do nosso capítulo, *A Case Of Spontaneous Human Confusion* [Um Caso de Confusão Humana Espontânea], tem alguma semelhança com aquele adotado pelo programa *Q.E.D.*, então na fase de planeamento. Nessa altura, tínhamos começado a coligir material para o presente livro e, por várias razões, não ficámos satisfeitos em participar e recusámos contribuir para o projeto.

Aparentemente, tínhamos melindrado alguém na equipa de produção com esta decisão, a qual tínhamos tentado explicar de forma cuidadosa e justa. Quando um de nós mais tarde combinou com a *Radio Times* escrever um artigo de fundo para entroncar com o programa, a oferta foi misteriosamente revogada. Foi-nos dito que alguém da série tinha aconselhado a *Radio Times* contra a inclusão do nosso trabalho e eles sentiram que tinham de concordar, já que a revista dependia da cooperação do *Q.E.D.*.

Teresa Hunt, a produtora do programa, foi mais tarde incumbida de escrever um livro sobre a CHE, mas os seus editores disseram-nos que abandonaram o projeto quando ela foi «incapaz de completar o manuscrit».

Ironicamente, tal como o caso que tinha iniciado toda esta coisa para nós, um dos incidentes usados no documentário também apresentava um suspeito fogão a gás.

O Detetive-Sargento Nigel Cruttenden, da polícia de Kent, descreveu como tinha sido chamado a uma padaria no centro da cidade de Folkestone para investigar a morte de um homem encontrado na cozinha. O cadáver estava muito gravemente incinerado.

O aspeto notável era que ele estava tão gravemente queimado, mas o resto da cozinha estava mal tocado pelo fogo. Por exemplo, havia uma apanhadeira e uma escova feitas de politeno a escassas polegadas de distância do corpo, e havia um pequeno respiradouro feito de plástico que tinha uma pequena quantidade de chamuscado. O teto, feito de placas de poliestireno — estas não foram tocadas de todo!

O primeiro pensamento de Nigel Cruttenden foi que a vítima tinha sido assassinada, depois movida e queimada noutro local. Mas não havia evidências de homicídio. O suicídio foi considerado a seguir, mas não havia gasolina ou fósforos na cozinha. Isto parece um mistério genuíno, mas o detetive e os seus colegas tentaram racionalizá-lo e surgiram com uma explicação.

Notas

[14]: CID: Sigla para Criminal Investigation Department (Departamento de Investigação Criminal) no sistema policial britânico.

[15]: candle effect / wick effect: Os termos «efeito vela» ou «efeito pavio» designam a teoria científica explicativa segundo a qual a gordura humana derretida atua como combustível e as roupas como o pavio de uma vela, sustentando uma combustão lenta e destrutiva. Nickell e Fischer surgem grafados no original com ligeira variante gráfica face a Nickell e Fisher.

[16]: OBE: Sigla para Officer of the Most Excellent Order of the British Empire (Oficial da Excelentíssima Ordem do Império Britânico), uma honraria oficial atribuída pela Coroa britânica.

«Tendo descartado homicídio, suicídio e CHE, a única coisa restante para a morte de Barry Soudain era que ele tivesse sofrido um ataque cardíaco, se tivesse incendiado no fogão a gás aceso, caído no chão e depois ardido como uma vela de cima para baixo.»

Isto serve perfeitamente como uma suposição, uma explicação possível para o fogo, embora não possa ser provado. Uma série de questões salta à mente. Aparentemente, a CHE foi descartada, mas como é que o detetive decidiu o que era a CHE e como é que, então, a descartou? Teria a vítima um historial de queixas cardíacas? É claro que há sempre uma primeira vez, mas se o homem fosse conhecido por ter um coração com mau funcionamento, isso fortaleceria o argumento do D.S.[17] Cruttenden. Em terceiro lugar, estaria o fogão realmente ligado quando os restos mortais foram descobertos?

Escrevemos ao D.S. Cruttenden em busca de respostas para estas questões, mas não recebemos resposta. No entanto, recebemos informações

do médico legista encarregue do inquérito, o Sr. Brian Smith. Aparentemente, Barry Soudain, de 44 anos de idade, vivia sozinho num apartamento por cima da padaria de Folkestone e estava empregado como limpador geral e homem dos sete instrumentos.

Apesar das conclusões do D.S. Cruttenden vocalizadas no *Q.E.D.*, o veredicto no inquérito foi uma questão bastante diferente. A causa médica da morte foi indeterminável devido à destruição do corpo, e foi proferido um veredicto aberto[18]. No que dizia respeito a um ataque cardíaco fatal, não se conhecia que a vítima sofresse de doença cardíaca. Esse órgão e outros foram destruídos no incêndio. Além disso, foram apresentadas provas no inquérito de «inalação de produtos de combustão» nos pulmões da vítima. Pelo menos durante algum tempo, o Sr. Soudain esteve ainda vivo e a respirar enquanto o seu corpo se incinerava.

Ele pode não ter sofrido um ataque cardíaco fatal, mas Barry Soudain tinha sido, e provavelmente ainda era na altura, um alcoólico. O seu nível de álcool no sangue era de 268 mg em 100 mg de sangue. Em suma, o Sr. Soudain deveria estar num estado de embriaguez avançado na altura da morte, embora a condição de embriaguez dependa frequentemente do uso regular ou irregular de álcool por parte de um indivíduo. Os alcoólicos tornam-se insensibilizados aos efeitos sensoriais reais da bebida.

Houve especulação de que o incidente ocorrera até quinze horas antes, já que o falecido fora visto vivo pela última vez às 19h30 da noite anterior. Certamente ele não parecia bêbedo nessa altura, de acordo com o Sr. e a Sra. Gower, proprietários das instalações. Cruzaram-se com ele na vizinha Sidney Street e tiveram uma curta conversa. O casal viu o seu inquilino pela última vez a dirigir-se para o seu apartamento. Foi o Sr. Gower que, usando uma chave para entrar nas instalações às 10h30 da manhã seguinte, descobriu os restos carbonizados.

Como veremos, para se ajustar à teoria perfilhada no programa para explicar a CHE, era necessário colocar o incidente o mais longe possível no tempo em relação à descoberta dos restos mortais. Mas o que não foi dito aos telespetadores, e que nós descobrimos desde então, foi que, quando o Sr. Gower recuperou do choque inicial de entrar na cozinha, se apercebeu de que havia uma chaleira colocada a meio sobre um bico de gás a arder. Este bico não foi desligado senão quando a polícia chegou. A chaleira estava ainda meio cheia de água a ferver nessa altura.

Teria Soudain enchido a chaleira e depois, quando esta ferveu, a levantou até meio do bico, mantendo o contacto com a chama para a conservar a ferver? Teria sido nesse ponto que pegou fogo, ou será o bico de gás aceso uma pista falsa? Se o bico foi a fonte de ignição, isto continua a não explicar uma série de coisas, não sendo a menor delas como o corpo foi tão minuciosamente destruído. Mais importante ainda, quanto tempo teria demorado uma chaleira apenas meio cheia de água a evaporar-se por completo? Certamente não quinze horas, nem nada que se pareça. Seguramente o incidente deve ter ocorrido nessa manhã, talvez apenas uma hora antes da descoberta — um fator muito importante, como veremos em breve.

O médico legista não pensava que houvesse uma explicação fácil. «Tenho uma mente aberta sobre a possibilidade de combustão humana espontânea», disse-nos ele. «Como é que Barry Soudain morreu exatamente?»

Também falámos com o funcionário do médico legista, o P.C.[19] Coombs, que adicionou os seus comentários. «No fim do dia, havia muitas perguntas que simplesmente não podiam ser respondidas.»

Pode-se encontrar uma explicação «racional» para tudo se nos esforçarmos o suficiente, mas irá isto necessariamente equivaler à verdade?

O programa em si apresentou alguma matéria para reflexão, mas foi fustigado por uma aparente necessidade de demolir o mistério inteiro numa única teoria omnipresente. O tom algo superior da narrativa, lido por uma atriz, apenas serviu para convencer os telespetadores conhecedores de que muito do programa era um branqueamento. Mesmo assim, *A Case Of Spontaneous Human Combustion?* foi uma rara contribuição para a controvérsia da CHE, e vale a pena estudá-lo em detalhe.

Começou — e terminou — com o caso de Alfred Ashton, um cavalheiro idoso que vivia sozinho numa casa em banda em Southampton. Aparentemente, um vizinho visitou-o às 18 horas da tarde de 8 de janeiro de 1988 para fazer uma chávena de chá. Por volta das 22 horas, os vizinhos cheiraram a queimado. Algures nesse intervalo, o Sr. Ashton ficou incinerado. Na sua declaração de abertura, Roger Penney, oficial de bombeiros investigador do Corpo de Bombeiros de Hampshire, teve isto a

dizer: «Tenho ido a muitos fogos fatídicos ao longo dos anos, mas nunca vi nada como isto. A única forma de o explicar é considerar a CHE.»

O inquérito concluiu que o meio da morte do Sr. Ashton foi de «causa desconhecida», e chegou-se a um veredicto aberto. Eis o relato gráfico do oficial de bombeiros sobre a descoberta, desde então repetido a nós pessoalmente.

A primeira coisa de que me apercebi foi do extremo calor e do fumo no quarto. Ao dar um passo para dentro do quarto notei que o chão estava muito escorregadio. Ao olhar em redor, notei que as janelas estavam enegrecidas pelo fumo, mas não estavam partidas. À medida que o fumo começou a clarear, percebi que havia um buraco no chão, e atravessado no buraco estava um corpo. O que achei surpreendente sobre este fogo foi a completa devastação do corpo. Não restava virtualmente nada.

Ao lado do buraco estava um aquecedor elétrico, embora Penney tenha afirmado que «não estava ligado na altura». Do outro lado, perto do corpo, estava um anoraque pendurado nas costas de uma cadeira, mostrando apenas um pequeno dano pelo calor na parte inferior. Numa cadeira ao lado dessa estava uma pilha de jornais que, embora acastanhados pelo fumo, não estavam danificados pelo fogo. A caixa de plástico de um aparelho de televisão sobre uma bancada estava completamente derretida. «Olhando para o corpo novamente, notei que as calças, os sapatos e as meias não estavam danificados de todo. O ponto de corte onde o corpo tinha estado em combustão lenta era um corte limpo.»

De facto, tudo o que restava de Alfred Ashton eram as suas pernas e os seus pés. Tudo o resto estava completamente incinerado.

O programa cortou então para o antigo oficial de inspeção do local do crime da Investigação Criminal de Gwent, John Heymer, que relembrou os seus sentimentos ao ser confrontado por uma morte por fogo semelhante numa casa em Blackwood, Ebbw Vale. Discutiremos este caso na íntegra num capítulo posterior. «Nunca tinha experienciado a CHE até entrar naquele quarto. Toda a gente; Agentes da Polícia, Superintendentes, de pé em redor, estavam absolutamente estupefactos. Sabiam que aquilo que estavam a ver era impossível.» Heymer disse que foi como dar um passo para dentro de um outro mundo.

Depois de ter introduzido vários exemplos, o *Q.E.D.* dedicou-se então a demonstrar que a combustão humana espontânea não existia, e que «mesmo nos casos mais bizarros não há necessidade de recorrer ao sobrenatural. A ciência pode fornecer uma explicação perfeitamente racional para todas estas mortes».

David Halliday, um especialista em ciência forense para a Força Policial Metropolitana, afirmou que, em cada caso deste tipo que tinha examinado, havia sempre uma boa fonte de ignição por perto. Após examinar fotografias dos casos de Southampton e de Folkestone, apontou o aquecedor elétrico e o fogão a gás como fontes de ignição. Nós já discutimos as dificuldades com o fogão, e uma dificuldade semelhante surge com o aquecedor elétrico.

O oficial de bombeiros Roger Penney afirmou claramente que, à chegada, encontrou o aquecedor desligado. No início do programa, os telespetadores ouviram o Sr. Penney favorecer a CHE como uma explicação para a morte. No entanto, no final, Penney pareceu contradizer-se. «Tudo o que podíamos assumir é que o cavalheiro caiu sobre o aquecedor, ou perto do aquecedor, e gradualmente o calor irradiado ignitou o corpo e ardeu lentamente em combustão lenta, queimando através do chão e, na verdade, do cabo.»

Para clarificar estes pontos, decidimos contactar o Sr. Penney, mas descobrimos que se tinha reformado. Inicialmente fomos encaminhados para um Sr. Frank Bowen. Frank é agora um oficial divisional na área ocupando-se das Relações com a Imprensa e Públicas, mas na altura da descoberta dos restos mortais de Alfred Ashton, era um Oficial Especialista de Investigação de Incêndios do Corpo de Bombeiros, e tinha falado com Roger Penney sobre o caso. «Quando deparámos pela primeira vez com a cena, essa foi a nossa reação. Não parecia haver uma explicação racional, pelo que pensámos que devia ser CHE. No entanto, quando investigámos mais, decidimos que havia uma explicação racional para la morte do Sr. Ashton.»

De acordo com Frank Bowen, o aquecedor elétrico não tinha um interruptor no próprio aparelho, pelo que estava desligado no sentido em que a energia para ele tinha sido interrompida pelo corpo a arder. Tinha sido o cabo de alimentação vindo da tomada, que passava por baixo das tábuas do soalho, que fora carbonizado, e não o cabo que ia do aquecedor

para a tomada. Teria a vítima caído contra o dispositivo? «Havia restos insuficientes para provar conclusivamente o que exatamente tinha acontecido, mas soubemos que o Sr. Ashton tinha um historial médico de ataques de desmaio.»

Mais do que isso, Alfred Ashton era um bebedor regular que ia ao pub local e tomava bebidas antes de dormir em casa.

Apesar da certeza de Frank Bowen, o médico legista no inquérito considerou que uma explicação racional falhava, e decretou um veredicto aberto em vez de infortúnio. Por que razão foi isto? «É melhor perguntar ao médico legista», foi a resposta do Sr. Bowen.

Presumimos que o «nós» referido por Frank Bowen significava o Corpo de Bombeiros de Hampshire, e não ele próprio e Roger Penney. Nós falámos desde então com o Sr. Penney e, de acordo com ele, Frank Bowen não teve nada a ver diretamente com a investigação da morte de Alfred Ashton. Roger clarificou o seu comentário feito no programa respeitante ao aquecedor estar desligado, e adicionou uma nova reviravolta.

Frank Bowen tem razão; não havia interruptor no aquecedor elétrico, mas havia um interruptor na tomada de parede. Quando o examinei no dia seguinte, estava na posição «desligado». Ora, alguém envolvido na investigação poderia ter feito isso, é difícil de dizer, eu não me lembrei de olhar quando deparámos pela primeira vez com os restos mortais.

Frank reconhece que a posição desse interruptor na altura do incidente é de suma importância, mas adicionou: «Não fiquei satisfeito. Havia tantas coisas estranhas. Se o aquecedor era a fonte de ignição, não consigo compreender por que razão o corpo foi incinerado, e no entanto uma mão que estava mesmo junto a ele sobreviveu intocada.»

Quais eram os pensamentos de Roger Penney sobre o programa *Q.E.D.*? «O *Q.E.D.* foi uma desilusão. Cortaram muita coisa.»

Na maioria das divisões de uma casa moderna existem várias fontes de possível ignição — aquecedores elétricos, a gás e de carvão, aquecedores de parede, fogões, isqueiros, fósforos... Mas será científico assumir que qualquer um destes poderia ter iniciado um incêndio quando não há provas concretas? Será o simples «estar lá» razão suficiente? Em verdade, tal «evidência» é circunstancial, não probatória.

Lendo relatórios de imprensa de mortes misteriosas por fogo, uma das explicações mais comuns é a ignição por cigarro em combustão lenta. Frequentemente chega-se a isto como um último recurso, quando todas as outras possíveis fontes de ignição foram descartadas. Mas, na realidade, quão fácil é para um cigarro iniciar um incêndio? Michael Harrison, no seu polémico livro, *Fire From Heaven*, faz as seguintes observações sobre os seus próprios amigos e familiares.

Um deixou um cigarro queimar o seu caminho através do braço de uma cadeira bem estofada; um caiu profundamente adormecido noutra cadeira bem estofada, com os restos de um cigarro presos à ponta dos seus dedos inertes, onde este se tinha apagado por si mesmo num tapete Axminster novo; dois outros tinham conseguido fazer com que um cigarro aceso queimasse o seu caminho através de uma almofada e algumas polegadas através do cobertor, lençol e colchão; enquanto um quinto, que se tinha deitado para descansar numa cama no seu roupão, deixou o cigarro queimar o seu caminho através do colarinho duplo e grosso do roupão.

À parte de ter amigos muito descuidados, Michael Harrison foca um ponto muito importante. Nenhum destes incidentes resultou num incêndio! Ironicamente, o apoio para isto foi recebido de Philip Jones, especialista forense do Ministério do Interior no inquérito de Jacqueline. Quando questionado pelo médico legista sobre se um cigarro aceso poderia ter feito a jaleca da estudante irromper em chamas, ele respondeu que, ao contrário da crença popular, é muito difícil para um cigarro causar um incêndio.

Após «estabelecer» uma fonte de ignição, o *Q.E.D.* avançou então para expor a sua principal hipótese; a de que os resultados finais do crematório poderiam acontecer por acaso numa casa média. O Dr. Dougal Drysdale, radicado na Universidade de Edimburgo, foi introduzido para ajudar a demonstrar isto. O Det.-Sarg. Cruttenden já tinha teorizado que a vítima tinha «ardido como uma vela de cima para baixo». O Dr. Drysdale produziu um pedaço de gordura animal em forma de salsicha envolto num pedaço de pano que foi aceso numa das extremidades. No programa, e mais tarde numa entrevista connosco, explicou a teoria.

A ideia de que o corpo pode arder como uma vela não é, de todo, assim tão descabida. De certa forma, um corpo é como uma vela — ao contrário. Numa vela, o pavio está no interior, e a gordura no exterior. À medida que o pavio arde, a vela torna-se fundida e o líquido é puxado para

o pavio e arde. Num corpo, que consiste numa grande quantidade de gordura, a gordura derrete e é puxada para a roupa, que atua como um pavio, e depois continua a arder.

De facto, a salsicha do Dr. Drysdale fez exatamente isso. Mas e quanto aos ossos? Na maioria dos casos de CHE, até os ossos são reduzidos a cinzas. A experiência do efeito pavio já tinha sido demonstrada na televisão num artigo sobre a CHE no *Newsnight*, BBC2, em janeiro de 1986. Nessa altura, tinha sido levada a cabo pelo Professor Gee, Professor Emérito de Medicina Forense na Universidade de Leeds. Os ossos também não foram incluídos nessa altura, embora o professor tenha assegurado indulgentemente ao entrevistador que, se os tivesse havido, tinha a certeza de que se teriam reduzido a cinzas — uma alegação que ninguém foi capaz de demonstrar. O Professor Gee reformou-se desde então devido a problemas de saúde, pelo que foi incapaz de ajudar nas nossas averiguações.

O que tinha o Dr. Drysdale para nos dizer?

Num crematório necessita-se de temperaturas elevadas — em redor de 1300 °C, ou até mais altas — para reduzir o corpo a cinzas num período de tempo relativamente curto. Mas é um equívoco pensar que necessita dessas temperaturas dentro de uma sala de estar para reduzir um corpo desta maneira. Pode produzir temperaturas locais elevadas por meio do efeito pavio e de uma combinação de combustão lenta e chamas para reduzir até os ossos a cinzas. A temperaturas relativamente baixas de 500 °C — e se for dado tempo suficiente — o osso transformar-se-á em algo que se aproxima de um pó em composição.

Para demonstrar isto, o Dr. Drysdale introduziu os telespetadores a um «forno de mufla» — um forno controlado por computador com cerca do tamanho de um micro-ondas doméstico. Ele pretendia colocar um osso de animal num tabuleiro dentro do forno durante seis horas a 500 °C. A câmara cortou então para o final do processo, e ouvimos o Dr. Drysdale afirmar que tinham decorrido agora oito horas, e que iria agora remover o osso que alegara anteriormente que seria reduzido a «algo que se aproxima de pó».

O tabuleiro foi removido e continha ainda um osso reconhecível. Apenas quando o cientista lascou para ele com um instrumento afiado é

que este começou a partir-se. O Dr. Drysdale especulou que, se o osso tivesse sido deixado no forno durante doze horas, ter-se-ia definitivamente reduzido a pó...

Notas

[17]: D.S.: Sigla para Detective Sergeant (Detetive-Sargento), patente da polícia de investigação britânica.

[18]: open verdict: Veredicto aberto. Decisão formal de um júri ou tribunal de instrução criminal/médico-legal britânico quando a causa ou circunstâncias da morte não podem ser claramente estabelecidas, deixando o caso juridicamente sem conclusão definitiva.

[19]: P.C.: Sigla para Police Constable (Agente de Polícia), a patente base nas forças policiais do Reino Unido.

Rastreámos as pessoas envolvidas nestas entrevistas. Quando falámos com John Heymer, ele foi muito mordaz em relação ao programa de televisão.

O *Q.E.D.* foi uma farsa! Eles vieram ter comigo e eu não queria fazer o programa, mas asseguraram-me de que estavam a fazer um documentário sério. Por isso, dei-lhes acesso a todos os meus registos, detalhes completos de vários casos. Também lhes dei uma entrevista filmada que durou mais de meia hora. Quando o programa foi para o ar, tinham mudado completamente a sua abordagem e pareciam estar a fazer tudo para refutar o fenómeno. Fiquei muito irritado. Na verdade, tentei telefonar para a produtora, mas disseram-me que estava de férias no estrangeiro. Na minha opinião, o programa não representou o que este fenómeno verdadeiramente é.

Heymer foi igualmente crítico em relação às experiências usadas no filme como prova contra a CHE. Sobre a experiência de Drysdale com gordura animal envolta em pano, fez uma afirmação notável. Alegou que Drysdale lhe tinha dito mais tarde que os realizadores do filme lhe tinham trazido um pedaço de «gordura que cheirava que se fartava»[20]. O cientista não conseguiu fazer com que aquilo ardesse, por isso, a meio da filmagem, trocou-o por um que ardesse.

Abordámos Dougal Drysdale, que está radicado na Unidade de Engenharia de Segurança contra Incêndios de Edimburgo. Surpreendentemente, ele também não foi excessivamente generoso nos seus elogios a *A Case of Spontaneous Human Combustion?* «Envolvi-me contra o meu melhor juízo», comentou. «Fui abordado porque tinha tido uma ou duas discussões acesas na imprensa com pessoas desinformadas.»

Acreditava ele que as suas experiências tinham refutado a CHE, como o programa *Q.E.D.* insinuava?

Não tenho dados experimentais para provar que possa ou não acontecer. Há argumentos científicos esmagadores contra isso, e não há nenhum mecanismo pelo qual possa ocorrer. Pessoalmente, acredito que o «efeito pavio» pode explicar a destruição total do corpo. A ignição não é espontânea, mas sim externa.

Não obstante, o Dr. Drysdale confirmou que, embora a teoria tenha sido testada em laboratório, «ninguém foi capaz de converter os ossos em cinzas sob estas condições».

Não argumentava isto fortemente contra a teoria do pavio como uma explicação para a CHE? A redução de ossos a cinzas é talvez o fator mais difícil de explicar. O Dr. Drysdale considerou o contrário. «Penso que esta falha em reduzir o osso a cinzas se deve simplesmente ao facto de ninguém ter tentado seriamente reproduzir o efeito. Exigiria um esforço de investigação significativo — e há coisas mais importantes com que nos preocuparmos!»

O Dr. Drysdale teve a amabilidade de sugerir que um livro como este era necessário. Também nos orientou para uma carta que tinha publicado na revista interna *Fire*, datada de 14 de março de 1986. Coescrita com A. N. Beard, também da Unidade de Engenharia de Segurança contra Incêndios, eles abordaram a essência da CHE, no que é uma peça muito percetiva e bem argumentada.

Efetivamente, sugerem que há um processo de três fases pelo qual se deve passar: estabelecer que a CHE existe, depois que é «natural» ou «preternatural» e, finalmente, como poderia ser explicada em termos da visão do mundo científica de hoje.

Demonstraram que, por vezes, os casos de incêndio podem ser intrigantes sem serem CHE. É citado um exemplo dos seus próprios arquivos de um homem que acendeu um cigarro ao sair do seu local de trabalho e ficou envolto em chamas. Só após uma investigação se descobriu que o homem normalmente limpava a sua roupa com uma mangueira de uma linha de ar comprimido antes de partir para casa. Nesta ocasião, por um erro trágico, tinha utilizado uma linha de oxigénio adjacente. As suas roupas estavam cheias de moléculas de oxigénio quando acendeu o cigarro, e estas foram ignitadas, transformando-o num inferno.

Como os autores sustentam retamente: «Dizer que um fenómeno não está explicado não é dizer que é inexplicável». Sentem que, mesmo que a CHE seja estabelecida, «pareceria não haver uma boa razão para assumir que não poderia ser explicada com base na teoria existente». Mas concluem: «A possibilidade da existência de CHE não deve ser descartada de caras, mas precisa-se de saber muito mais sobre as propriedades de combustão do corpo humano em diferentes condições».

Mas terá o Dr. Drysdale trocado a salsicha durante a experiência do *Q.E.D.*, conforme foi relatado? Colocámos as alegações de John Heymer diretamente a ele, e ele respondeu de boa vontade. «A BBC forneceu um pedaço de carne que não era muito bom. Cheirava mal! Levei a cabo a experiência muitas vezes no meu laboratório e nunca tive qualquer problema em fazê-la funcionar. Mas revelou-se muito difícil com a amostra que trouxeram.»

Mas foi o pedaço substituído a meio da experiência?

Quer dizer se a experiência foi adulterada? Não — na verdade não. Tive de mudar para um pedaço de carne diferente para fazer o efeito pavio funcionar, mas era do mesmo lote que a BBC forneceu. Eles cortaram alguns minutos enquanto estávamos a tentar pôr a coisa a funcionar. Demorou muito tempo neste caso. Pode muito bem demorar muito tempo em tais testes, mas no fim acaba por funcionar. Claro que depende da quantidade de gordura na amostra. O tipo de pano utilizado também parece ser importante. Alguns tipos são melhores do que outros.

Pensava ele que isto significava que as pessoas corpulentas seriam vítimas mais prováveis do efeito pavio?

Essa é a implicação — sim. E muitas são. Mas nem todas as vítimas são gordas. Há casos em que as vítimas são magras.

Roger Penney também tinha algumas reflexões sobre a experiência da gordura animal.

Sempre que este efeito é demonstrado, a combustão lenta tende a diminuir gradualmente, no sentido em que a gordura pode parar de arder, mas o material em que está envolta continua por mais um pouco. No caso de Alfred Ashton, a combustão tinha parado subitamente. Não houve diminuição gradual; as calças, a carne e o osso tinham parado de arder no mesmo momento. Estes foram cortes limpos.

O *Q.E.D.* abordou outro problema ilustrado pelas três mortes que estavam a examinar. Se o corpo foi reduzido a cinzas, como era que o mobiliário e outros itens no quarto estavam em grande parte intocados pelo fogo? Viraram-se para Stan Ames, Chefe da Secção de Reação ao Fogo, da Estação de Investigação de Incêndios em Borehamwood, Hertfordshire.

Explicou que o fogo não era um processo aleatório, mas incluía uma série de fases bem estabelecidas, cada uma envolvendo processos físicos e químicos bem conhecidos. Num fogo ao ar livre, continuou, o crescimento do incêndio dá-se por contacto da chama. O primeiro item é ignitado e as chamas ignizam o item seguinte e assim por diante. Mas para fogos no interior de um edifício, o processo é diferente.

O calor e o fumo do primeiro item sobem para a parte superior do quarto e formam uma camada por baixo do teto. À medida que essa camada engrossa, torna-se mais quente e mais profunda, até descer, tocando noutros itens no quarto, tais como um aparelho de televisão. O nível de oxigénio irá baixar. Quando atinge os 16%, suprime a combustão e torna-se um fogo em combustão lenta.

A teoria de Ames era que, a 16%, o corpo já a arder continuaria em combustão lenta, mas que outros itens combustíveis nos quartos não se acenderiam agora devido a oxigénio insuficiente. No entanto, o calor gerado pelo corpo em combustão lenta faria com que coisas como a caixa de plástico de um aparelho de televisão, ou uma apanhadeira e uma escova de politeno, derretessem. Desta forma, um corpo arderia até às cinzas sem destruir o edifício e o seu conteúdo.

Isto incluía, presumimos nós, o anoraque encontrado pendurado nas costas de uma cadeira, a apenas polegadas de distância dos restos mortais de Alfred Ashton.

Para testar esta hipótese, uma cadeira, a substituir um corpo, foi colocada dentro de uma câmara selada e ateada em fogo, sendo depois deixada por seis horas. O processo foi filmado para o *Q.E.D.*. Enquanto isto acontecia, a voz solene do narrador informava-nos confiantemente: «A característica mais importante desta experiência foi demonstrar que o processo de combustão lenta se podia sustentar o tempo suficiente para reduzir um corpo a cinzas — ou neste caso uma poltrona às suas molas.»

Mais uma vez, o que foi prometido não se materializou. O assento e as costas da cadeira, embora muito queimados, estavam ainda notavelmente intactos. Certamente, não foi reduzida «às suas molas». Pior ainda, de acordo com o que Heymer e Penney nos disseram, houve muitas falsas partidas, pois demorou a manhã inteira para fazer a cadeira acender.

Questionamos a validade científica de uma experiência que substitui um objeto composto por material altamente inflamável por tecido orgânico que consiste em pelo menos 60% de água. Falámos com Stan Ames e fizemos-lhe várias perguntas. Por exemplo, queríamos saber quanto tempo o número mágico de 16% seria mantido antes de o conteúdo de oxigénio descer ainda mais, e se menos oxigénio significaria que nem mesmo a combustão lenta poderia ser sustentada?

Também perguntámos se a experiência tinha sido realizada utilizando uma carcaça de animal, adequadamente envolta num lençol, o que sentimos que testaria cientificamente a teoria da combustão lenta e o efeito pavio.

Os comentários fornecidos para o programa *Q.E.D.* não foram baseados em investigação específica sobre este fenómeno [CHE], foram fornecidos a partir de uma compreensão geral da ciência do fogo. A questão respeitante à escala de tempo do comportamento da combustão lenta é difícil de responder. Cada quarto teria a sua própria taxa de fuga de ar e isto tenderia a controlar o nível de oxigénio num fogo em combustão lenta. A nossa experiência mostrou que a combustão lenta profunda pode ter lugar e isto é uma indicação de que níveis elevados de oxigénio não são essenciais para a reação.

No entanto, não tenho conhecimento de nenhum trabalho onde a concentração mínima de oxigénio para a combustão lenta tenha sido estabelecida. Nem estou ciente de qualquer trabalho realizado em tecido animal em combustão lenta que não seja o feito pelo Dr. Drysdale em Edimburgo para o programa *Q.E.D.*. Estive envolvido na queima de um porco para a Polícia Metropolitana há muitos anos e, utilizando uma grelha de lareira cheia de combustível sem fumo, fomos capazes de reduzir o porco a cinzas (com exceção dos dentes, intestinos e o seu conteúdo) em treze horas.

O livro de Tom Tullett sobre as investigações forenses de homicídios do Professor J. M. Cameron, *Clues To Murder*, tem um capítulo intitulado «The Teddy Bear Murders» [Os Homicídios do Urso de Peluche]. Este detalha como, na década de 1970, dois homens se desfizeram dos corpos de cinco vítimas de homicídio, incluindo um rapaz de 10 anos, através da queima.

Originalmente detidos por assalto à mão armada, emergiu que John Childs e Henry Mackenny cortavam as suas vítimas no apartamento de Childs e queimavam os pedaços numa grelha de lareira com dezoito polegadas de largura na sala de estar. O Professor Cameron visitou o apartamento onde era necessário provar que um corpo podia ser eliminado desta forma.

Uma experiência foi realizada ali em segredo. O chão foi coberto com politeno e um porco morto, pesando onze pedras[^21], foi cortado em pedaços semelhantes a troncos por um patologista. Durante treze horas, os pedaços foram alimentados no fogo, ao fim das quais, de acordo com Tullett: «o porco foi totalmente destruído e ali ficou apenas um monte de cinzas».

Teriam os ossos sido destruídos também? Os assassinos não o conseguiram fazer com as suas vítimas humanas. Após vários dias de queima, permaneciam ainda ossos carbonizados que tiveram de ser martelados até ao pó. O Sr. Ames disse-nos que, no caso do porco, foram capazes de reduzir até os seus ossos a cinzas. Perguntámos-lhe se isto se poderia dever à maior proporção de gordura em relação à estrutura óssea no porco? Não pôde responder a essa pergunta, mas forneceu outras razões.

Deve compreender que a nossa experiência foi realizada sob condições científicas, controladas. Ao utilizar combustível sem fumo, estávamos a utilizar calor irradiado intenso que monitorizei cuidadosamente utilizando um sensor térmico. Era o tipo de temperatura que um ferreiro usaria para aquecer o metal até a uma condição de deformação — calor vermelho-cereja a branco. Também controlei quando, e em que quantidade, a carne devia ser colocada no fogo. Por volta do meio do processo, demasiado tecido foi adicionado e isso reduziu a ventilação. Colocámos uma tábua sobre a abertura para criar uma corrente de ar.

Finalmente, o *Q.E.D.* tentou convencer os telespetadores de que tinham resolvido o mistério: «Portanto, mesmo nos mais bizarros destes casos, não há necessidade de recorrer ao sobrenatural. A ciência pode fornecer uma explicação perfeitamente racional para todas estas mortes».

But Stan Ames não estava tão seguro. «Devo admitir que não tenho uma imagem clara na minha mente de como um corpo pode ser incinerado através de combustão lenta. Os meus comentários no programa foram direcionados para um caso particular. Não creio que nenhum de nós esperasse que o *Q.E.D.* terminasse com uma nota inteiramente conclusiva.»

De facto, parece ter havido uma grande quantidade de problemas com *A Case Of Spontaneous Human Combustion?* Muitos mais emergiram durante as nossas próprias pesquisas. Para a nossa avaliação do fenómeno, decidimos fazer algo que o *Q.E.D.* poderia ter feito, mas optou por não fazer. Apresentámos as explicações deles a especialistas em cremação.

A Sra. Valerie Bennett é uma funcionária da administração local e superintendente qualificada do Crematório de Overdale em Bolton, Lancashire. É responsável pela cremação e pelo sepultamento numa área que se estende para o norte até Preston. A Sra. Bennett superintende quatro mil cremações anualmente.

Admitiu desde o início que sabia muito pouco sobre a combustão humana espontânea. Mas ela e o seu marido — um embalsamador há vinte e seis anos —, além de outros especialistas, tinham visto o programa. Neste ponto, também lhes foram mostradas algumas fotografias de vítimas de CHE. Ficaram chocados com as imagens. Não emocionalmente, mas profissionalmente.

Não podiam acreditar na destruição total dos corpos, na falta de restos sequer esqueléticos. A Sra. Bennett abanou a cabeça enquanto manuseava as fotografias. «Estamos a cremar corpos entre temperaturas de 600–950 °C durante, em média, 121 horas[22], e ossos, não cinzas, permanecem sempre.»

Mas e se o processo de cremação fosse continuado por várias horas, perguntámos nós, reduziria isso os ossos a pó? «Tudo o que isso faz é queimar mais os ossos e torná-los pretos. Continuaria a acabar com ossos — não com pó. Os ossos maiores são ainda reconhecíveis, tais como a bacia e os ossos das coxas.»

Fomos escoltados até à parte de trás do crematório pela Sra. Bennett e pelo seu operador de cremação sénior há onze anos, Peter Thornley, para ver em primeira mão o que ela tinha descrito em palavras. Os fornos alimentados a gás são também denominados «cremadores». Há cinco deles em Overdale a funcionar a tempo inteiro. O Peter levou-nos até um dos cremadores que estava no final do seu ciclo. Desligou o gás e abriu a porta da escotilha.

As paredes brilhavam ao rubro e havia um odor a algo bafiento. Mas vimos exatamente o que tinha sido descrito. O cadáver tinha sido submetido a um calor terrível a mais de 600 °C durante 121 horas. Era uma energia que tinha vaporizado um caixão de madeira inteiro, pele, músculos, tendões e órgãos internos — e no entanto — o que restava, o que não podia ser destruído pelo inferno, era um esqueleto reconhecível... «O que o calor faz, sim, é tornar os ossos quebradiços», explicou Peter. «Uma vez arrefecidos, os ossos são retirados com um ancinho do cremador, e esta ação parte a maior parte deles em pedaços mais pequenos.»

O Peter mostrou-nos um tabuleiro que continha ossos que tinham sido retirados mais cedo com o ancinho de um outro cremador. Tinham, em média, várias polegadas de comprimento. «Mas, como pode ver, aquilo com que ficamos são ossos, não pó ou cinza.»

Há um processo final que reduz os ossos a pó para que possam ser colocados dentro de uma urna e apresentados aos familiares. Os restos são colocados num «cremulador». O Peter levou-nos até à máquina e explicou como funcionava.

Em muitos aspetos, assemelha-se e funciona como uma máquina de secar roupa de alta resistência. Os ossos são colocados dentro de um tambor juntamente com oito pesadas bolas de ferro, cada uma pesando várias libras. Quando a máquina é ligada, o tambor roda e os ossos são triturados até ao pó.

De volta a um ambiente mais confortável, a Sra. Bennett deu voz a todos os nossos pensamentos.

Não consigo ver que um fogo num quarto comum possa alcançar o que nós não conseguimos sob calor intenso e condições controladas. Tivemos casos em que alguém caiu numa lareira e morreu. As suas roupas incendiaram-se, mas ninguém alguma vez ardeu por completo. Fica sempre carne e um esqueleto. Na verdade, as mulheres ardem com mais calor e mais depressa do que os homens, porque, proporcionalmente, as mulheres transportam mais gordura.

Achámos esta última informação particularmente irónica. Se a hipótese do *Q.E.D.* estivesse correta, então deveria haver um número mais elevado de vítimas de CHE do sexo feminino do que do masculino. Em vez disso, as três vítimas citadas no programa eram homens.

O Sr. Bennett adicionou:

Houve um acidente horrível na M6 há alguns anos. Uma família inteira foi incinerada quando a carrinha em que viajavam capotou e o depósito de gasolina se inflamou. A minha empresa foi chamada para recuperar os restos mortais. Eu assisti ao acidente. As infelizes vítimas tinham sido submetidas a um calor e a chamas muito intensos, e no entanto os esqueletos permaneceram intactos e restava uma quantidade considerável de carne, incluindo órgãos internos.

Peter Thornley adicionou: «Mesmo no processo de cremação, o crânio é incrivelmente difícil de destruir, e no entanto em muitos destes incidentes [de CHE], até o crânio desapareceu!»

Houve ainda mais surpresas também. O *Q.E.D.* precisava da privação de oxigénio para explicar os outros itens não queimados no quarto. Foi alegado que o corpo se incineraria lentamente nestas circunstâncias. No entanto, o processo de cremação ocorre em condições exatamente opostas a estas. Durante a cremação, o cremador é continuamente alimentado com

copiosas quantidades de ar fresco sob pressão através do uso de ventiladores. Se isto não fosse feito, qual seria o resultado, perguntámos à Sra. Bennett. «O corpo ficaria mal queimado», respondeu ela. «Simplesmente não consigo ver como um corpo humano poderia gerar calor suficiente para transformar um quarto num cremador!»

Peter adicionou: «Se desligássemos o oxigénio, o corpo simplesmente ficaria preto. Não continuaria a arder.»

Overdale também realiza a cremação de fetos com dezoito a vinte semanas de gestação. A Sra. Enid Giles, Superintendente Adjunta, deu-nos esta notável informação.

Notas

[20]: stunk to high heaven: Expressão idiomática traduzida de forma equivalente por «cheirava que se fartava» ou «cheirava pessimamente mal», mantendo o registo informal da queixa do entrevistado.

[21]: onze pedras: Tradução da unidade de massa tradicional britânica stone (pedras). Uma stone equivale a 14 libras ou aproximadamente 6,35 kg, perfazendo cerca de 70 kg para o animal testado.

[22]: 142 hours / 112 hours: Gráficos tipográficos do original que representam, no contexto habitual de cremação, frações de hora (121 horas, ou seja, 1 hora e 30 minutos). O texto impresso fundiu o número um com a fração de metade, gerando a gralha visual de 142 e 112 no texto original, devidamente interpretada e anotada na tradução.

— Os fetos vão para os cremadores ao fim do dia, quando o gás e o ar são desligados. São deixados durante a noite, período em que o cremador vai arrefecendo gradualmente, embora fosse impossível tocar nos tijolos mesmo no dia seguinte. De manhã, conseguem distinguir-se costelas, crânio e até pernas. Se soprássemos sobre eles, desfaziam-se, mas o ponto é que estão lá — e nem sequer são ossos totalmente formados. As explicações científicas no programa não me convenceram de que os ossos possam desaparecer assim numa sala de estar.

Havia uma falha fatal em *A Case Of Spontaneous Human Combustion?* da qual, infelizmente, a maioria dos telespetadores não teria hipótese de estar consciente. A CHE não ocorre apenas dentro de quartos herméticos, de uma forma que pudesse concebivelmente ajustar-se ao cenário que o *Q.E.D.* minuciosamente endossou. Também acontece em edifícios bem ventilados e já foram até registados casos ao ar livre. Talvez o mais significativo de tudo seja o facto de existirem sobreviventes, pessoas que se incendiaram espontaneamente mas que foram felizmente socorridas antes que as chamas lhes trouxessem a morte. A menos que estas pessoas estejam todas a mentir — sugestão para a qual não vemos qualquer justificação —, algumas delas sabem com certeza que não pegaram fogo através de um cigarro em combustão lenta, nem caíram contra uma lareira aberta.

Deixaremos a última palavra sobre o documentário com o bombeiro Tony McMunn. Tony foi instrumental na elaboração do anterior artigo do *Newsnight* da BBC2 e, subsequentemente, prestou aconselhamento nos bastidores do *Q.E.D.*.

Passei algum tempo com a Teresa Hunt a montar o programa. Ela queria que eu aparecesse nele, mas eu não quis. Nessa altura já tinha tido o suficiente. Analisei o assunto em grande detalhe com ela. Ela estava a montá-lo de forma desconexa. O programa era clínico, mas não era muito interessante. No fim do dia, não resolveram grande coisa.

5

A Verdade Sobre Mary Reeser

De todos os casos que alegam combustão humana espontânea, o mais publicado é o de Mary Reeser. Desde o incidente, em 1951, a história da «mulher cinza» tem aparecido por todo o mundo em centenas de revistas e livros.

Por exemplo, uma brochura publicitária em papel brilhante para a Biblioteca Time-Life de Factos Curiosos e Incomuns foi distribuída a milhões de lares durante o ano de 1991. Por baixo de uma fotografia dos restos mortais da Sra. Reeser encontravam-se palavras que começavam

assim: «Ninguém alguma vez o explicou... nem mesmo os muitos investigadores que testemunharam a cena macabra na manhã seguinte».

Aqui, pela primeira vez, apresentamos uma averiguação sobre a totalidade dos factos do caso, incluindo relatórios de incêndio, análises laboratoriais do FBI e arquivos da polícia de St. Petersburg contendo declarações dos muitos intervenientes envolvidos nesta estranha morte.

Mary Hardy Reeser era uma mulher de hábitos. Vivia num apartamento situado em 1200 Cherry Street, St. Petersburg, Flórida. A senhora de 67 anos acreditava em comer bem e, com cinco pés e sete polegadas, era forte, pesando mais de doze pedras (170 libras)[23].

A sua vida girava em torno do seu filho, o Dr. Richard Reeser. Um dia típico começava antes das 6 horas da manhã, quando ela ouvia rádio e lavava alguma roupa. Entre as 7 e as 8 horas tomava um pequeno-almoço reforçado e esperava até que o seu filho chegasse para o café da manhã, por volta das 10 horas. Mais tarde, ia à cidade tratar das operações bancárias do filho e regressava às 16 horas para descansar antes de jantar na casa do Dr. Reeser. Mary regressava a casa por volta das 20 horas e deitava-se com as luzes apagadas a ouvir rádio até estar pronta para recolher. Frequentemente tomava sedativos antes de ir dormir.

Mas no domingo, 1 de julho, houve uma perturbação na vida ordeira desta viúva de um médico que a haveria de conduzir à morte.

Mary Reeser não era uma mulher feliz. A sua casa ficava originalmente na Pensilvânia, onde era uma das cidadãs mais visíveis na pequena cidade de Columbia. O seu marido era o principal médico da cidade e Mary era uma figura da alta sociedade que gostava de culinária gourmet e de jogar bridge. Acima de tudo, amava o seu único filho: Richard Júnior. Richard seguiu as pisadas do pai, licenciando-se na Faculdade de Medicina de Cornell, e foi destacado para as tropas estacionadas na Flórida durante a Segunda Guerra Mundial. Após a guerra, decidiu estabelecer residência permanente em St. Petersburg, com a sua esposa Ernestine e três filhas.

Em 1947, o pai de Richard morreu e, três anos mais tarde, cinco semanas antes da sua morte, a sua mãe decidiu mudar-se para St. Petersburg para ficar perto do filho. É uma decisão que muitos pais idosos tomam quando se veem sozinhos. Mas Mary não tinha noção, até se ter

mudado, do quanto estava a sacrificar. Quando se apercebeu, era demasiado tarde.

Em Columbia, Mary Reeser tinha uma casa grande cheia de mobiliário antigo. Deixou isto, juntamente com os seus amigos, por um apartamento perto do filho. Como o Dr. Reeser, agora com oitenta e um anos, disse recentemente à repórter Jacquin Sanders:

Ela tinha saudades da sua antiga vida, dos seus amigos, da sua posição na sua terra natal. Detestava os meses quentes aqui e tinha tentado voltar e alugar um apartamento para o verão. Mas tinha havido um pequeno boom comercial em Columbia e os amigos dela não conseguiram encontrar-lhe um apartamento. Por essa razão, ela esteve deprimida nos últimos dias da sua vida.

Nesse último dia quente, a Sra. Reeser foi a casa do filho para jantar e depois ofereceu-se para ficar a tomar conta da criança mais nova enquanto o resto da família ia à praia. Mas Richard e Ernestine tinham reparado no seu estado de espírito deprimido e regressaram após apenas uma hora. Richard encontrou a mãe sentada numa cadeira, a chorar. Apurou-se que a razão para isto dizia respeito a uma amiga de Columbia que deveria ter vindo buscar Mary para a levar de volta lá para procurarem um apartamento. Infelizmente, a amiga tinha partido uma perna e a viagem foi cancelada. Mary pediu ao filho que a levasse a casa, mas Richard decidiu que precisava de tomar um duche primeiro.

Após o duche, descobriu que a mãe tinha começado a caminhar para casa sozinha. Pediu à esposa se podia ir tentar encontrá-la e dar uma boleia à senhora idosa no resto do caminho. Parece que Ernestine Reeser não encontrou a sogra até esta chegar ao apartamento. Por esta altura, seriam cerca das 17 horas. Ernestine ficou por um curto período e depois saiu. Estranhamente, ela diria mais tarde aos agentes da polícia que a interrogaram que não conseguia lançar qualquer luz sobre a razão pela qual a sogra tinha regressado a casa cedo.

A depressão deve ter pesado na mente de Richard Reeser, porque por volta das 20 horas ele apareceu no apartamento com uma das suas filhas. Mary Reeser estava sentada na sua poltrona estofada vestindo uma camisa de noite. Não tinha comido, tinha tomado dois comprimidos de Seconal para dormir e estava a fumar um cigarro. O Dr. Reeser reparou em algo

mais também, algo que pode ter tido uma influência direta na incineração quase total da sua mãe.

Após todo o alvoroço e lágrimas, a velha senhora parecia agora relaxada e contente. Disse-lhe que planeava tomar mais dois comprimidos antes de recolher. Richard Reeser beijou a mãe dando-lhe as boas-noites e afastou-se, para nunca mais a ver.

Mas o Dr. Reeser e a sua filha Nancy podem não ter sido as últimas pessoas a ver a mulher viva. A vizinha e proprietária dos Apartamentos Allamanda, a Sra. Pansy Carpenter, viu a velha senhora ou mesmo antes da chegada do Dr. Reeser, ou logo após a sua partida. Ela também disse que Mary usava uma camisa de noite de rayon, com a adição de chinelos de cetim preto. A Sra. Carpenter disse que a sua inquilina parecia perturbada, mas foi levada a acreditar que isso se devia a uma discussão familiar, embora Mary tivesse admitido que estava um pouco desapontada por não poder fazer a viagem até Columbia.

Depois de falar com ela, a Sra. Carpenter deixou o apartamento e, por volta das 20h50, foi comprar um gelado para a velha senhora a uma farmácia próxima. Mas, ao passar pelo apartamento, notou que as luzes estavam apagadas e o rádio desligado. Presumindo que Mary tinha recolhido, a senhoria decidiu não a incomodar.

Às 5 horas da manhã de segunda-feira, 2 de julho, Pansy Carpenter foi acordada por um estrondo baço, semelhante ao bater de uma porta. Foi lá fora investigar e, não encontrando nada, começou a regressar em direção ao edifício. Ao fazê-lo, a Sra. Carpenter pensou que conseguia cheirar a queimado, semelhante a um motor elétrico em sobreaquecimento, e foi desligar uma bomba de água na garagem. Depois, regressou à sua cama. Uma hora mais tarde levantou-se e recolheu o jornal da manhã. Este tinha sido entregue por volta das 6h30 da manhã, e o distribuidor, Bill Connor, diria à polícia que não cheirou a fumo nem viu nada de suspeito.

Nesta altura, a Sra. Carpenter achou estranho que a Sra. Reeser não estivesse a pé. O habitual programa de rádio não se conseguia ouvir e o cheiro a queimado sentido anteriormente tinha agora desaparecido.

Às 8 horas da manhã chegou um estafeta da Western Union, Richard Bruce, a perguntar pelo apartamento da Sra. Reeser. Pansy Carpenter

recebeu a mensagem e decidiu entregá-la pessoalmente, juntamente com o jornal que já tinha lido. Foi neste ponto que a macabra descoberta foi feita.

Os Apartamentos Allamanda são um bloco de um único piso dividido em quatro habitações. Uma porta de rede permite o acesso a um corredor a partir do qual se acede a dois dos apartamentos, incluindo o da Sra. Reeser. A sua fração consistia em três divisões.

Quando la Sra. Carpenter chegou à porta de rede, encontrou-a destrancada e quente ao toque. Chamou pelo estafeta dos telegramas dizendo que algo estava errado, mas ele continuou a caminhar ao início, pelo que ela gritou para uns pintores que trabalhavam do outro lado da rua que tinha havido uma «explosão». Bruce regressou ao edifício, juntamente com dois trabalhadores. A porta interior do apartamento estava também destrancada e entreaberta. Um dos homens, chamado Clements, olhou para dentro, recuou e aconselhou a Sra. Carpenter a chamar os bombeiros. Ela assim fez e também telefonou ao Dr. Reeser.

Richard Bruce declarou que havia uma quantidade considerável de fumo, mas não muito fogo. Todos os três concordaram que o «calor» não era um «calor intenso». Estas observações receberam uma validação profissional por parte do Subchefe dos Bombeiros Griffith. O fogo que restava — numa viga de madeira do chão por cima de uma divisória — foi facilmente apagado com uma bomba manual. O interior do apartamento estava cheio de fumo, contudo, e o Chefe Griffith abriu as janelas para permitir que este se dissipasse. Não foi senão quando estava a sair do quarto que se apercebeu de que havia uma vítima mortal. Viu um pé a sobressair de umas cinzas.

Muitos dos detalhes acima foram colhidos de um relatório policial especial escrito pelos agentes investigadores Lee e Boyd, do qual conseguimos obter uma cópia. Eis as observações dos agentes (ênfase adicionada).

Ao entrar pela porta de rede para um corredor, faz-se uma curva à esquerda para chegar à porta do apartamento em questão. Esta porta estava parcialmente aberta à nossa chegada e fomos informados pela Sra. Carpenter de que era assim que a porta estava quando ela descobriu o fogo pela primeira vez. O corredor entre o apartamento da Sra. Reeser e o outro apartamento na ala estava bem cheio de fumo a partir de uma distância de

cerca de três pés do chão ao teto. O teto estava pesadamente enfumado e o espelho do interruptor no corredor estava derretido e fora de formato. Isto fica a aproximadamente oito pés da porta do apartamento de Reeser.

Todo o teto do apartamento estava enegrecido pelo fumo. Os cortinados na área de refeições estavam enegrecidos em redor da parte superior, mas não estavam chamuscados. A janela de rede na área de refeições estava obstruída com fuligem. As portas de fole entre a área de refeições e a cozinha estavam também enegrecidas, mas não chamuscadas. Os espelhos dos interruptores de luz no apartamento não apresentavam qualquer dano. As portas de fole da área de estar para o quarto de vestir estavam chamuscadas em redor do topo. O aquecedor na sala de estar parecia em bom estado e estava desligado. A casa de banho estava pesadamente enfumada, embora não houvesse danos nas instalações de iluminação. Duas toucas de banho de plástico penduradas atrás da porta da casa de banho não estavam danificadas. Houve uma forte combustão na divisória entre a área de estar e a cozinha, embora os papéis sobre o termoacumulador de bancada, que estava contra a parede, não estivessem chamuscados.

O equipamento de cozinha, que é todo Frigidaire, consistindo num frigorífico, num fogão de três bicos e num termoacumulador de bancada, está em bom estado e não mostra sinal de curto-circuito elétrico. Nenhum do mobiliário restante nos apartamentos mostra qualquer dano por fogo. Os lençóis de um divã que se encontram feitos não estão chamuscados e mantêm a sua consistência original. Duas velas que estavam sobre [uma mesa] na área de refeições estavam derretidas. Uma cortina de plástico no quarto de vestir não foi de forma alguma danificada pelo fogo.

O mobiliário no apartamento é o seguinte: Dois divãs, dos quais um estava feito. Uma mesa de canto entre as duas camas sobre a qual se encontrava um ventilador, um relógio elétrico que tinha parado às 4h20 da manhã [mas que funcionava normalmente quando ligado a outra tomada] e um rádio de mesa. Uma cadeira de encosto direito, quatro cadeiras de sala de jantar e mesa. Um bufete [mesa] sobre o qual estava um ventilador elétrico e os dois castiçais. Equipamento de cozinha conforme descrito acima. No quarto de vestir estava uma cadeira e uma cómoda. Um espelho sobre a cómoda estava partido.

Não presente na casa, mas que foi relatado como tendo estado presente na altura do incêndio, estava uma poltrona estofada, uma mesa de apoio e um candeeiro. A cadeira foi destruída pelo fogo com exceção das molas. A mesa de apoio foi destruída com exceção de dois pequenos pedaços das pernas. As pernas são as porções inferiores da mesa e estão mal chamuscadas. O candeeiro era de um modelo de pé de madeira que ardeu por completo. O abajur foi destruído, mas a lâmpada ainda acendia e o interruptor de borracha dura não estava danificado.

A investigação que se seguiu mostrou que as autoridades estavam a abordar o caso sob uma perspetiva criminal. Isto explica possivelmente o envolvimento do FBI, que alguns autores consideraram significativo. Este nível de seguimento não é invulgar em casos de CHE onde pareceria que a única forma de um corpo poder ser consumido tão minuciosamente seria através de auxílio externo deliberado. A obliteração de provas através do fogo é frequentemente o método usado por um criminoso — particularmente em casos de homicídio, como já vimos.

A polícia estava interessada em apólices de seguro de vida e nas disposições tomadas no testamento de Mary Reeser. A Sra. Carpenter tinha dito à polícia que, embora a Sra. Reeser tivesse o hábito de deixar a porta do seu apartamento aberta, a porta de rede era sempre mantida trancada. Nesta ocasião, a porta do apartamento estava entreaberta e a porta de rede destrancada. Como não é feita menção a que o outro apartamento estivesse ocupado, fica-se a pensar por que razão a porta de rede não estava segura. Terá sido um simples descuido? Poderia um ladrão oportunista ter entrado no apartamento, morto a Sra. Reeser e depois ateado-lhe fogo? Ou teria a Sra. Reeser destrancado la porta mais tarde nessa noite para deixar entrar alguém que lhe era conhecido?

Se a criminalidade devesse ser um cenário viável, então seriam necessárias evidências de acelerantes de incêndio. Estes teriam de ser usados para assegurar que o corpo arderia, destruindo as evidências de um ferimento por faca ou de um golpe na cabeça. Após a investigação, o FBI relatou: «O exame não mostrou a presença de quaisquer produtos químicos oxidantes, hidrocarbonetos de petróleo ou outros fluidos voláteis, nem quaisquer substâncias químicas usadas para iniciar ou acelerar a combustão.»

Uma substância gordurosa foi encontrada a «saturar» uma secção não queimada do tapete e o chinelo da Sra. Reeser. Esta revelou ser gordura humana. O relatório policial continuava:

A ausência de quaisquer vestígios de fluidos inflamáveis voláteis não exclui a possibilidade de que tais fluidos tenham sido usados na destruição do corpo da falecida. Devido à sua natureza, a gasolina, o éter e fluidos inflamáveis semelhantes são consumidos ordinariamente nas fases iniciais de um incêndio. Onde houve uma combustão quase completa, como neste caso, seria extremamente improvável encontrar tais fluidos, mesmo que tivessem estado presentes no início do incêndio.

Tão incinerada ficou a Sra. Reeser que apenas alguns dentes, um (alegadamente) «crânio encolhido», um fígado carbonizado agarrado a um pedaço da coluna vertebral, um osso grande que parecia ser o osso da bacia e um pé esquerdo num chinelo de cetim preto — completamente intacto desde mesmo acima do tornozelo — restaram. De facto, a identificação do «corpo» pelo Dr. Reeser e pela Sra. Carpenter foi feita pela única parte restante reconhecível de Mary Reeser: o seu pé.

Aqueles confrontados com o poder destrutivo de um fogo que podia destruir um ser vivente composto largamente por água, e no entanto deixar um apartamento contendo substâncias altamente inflamáveis relativamente intocado, ficaram estupefactos. É claro que a Sra. Reeser estava também bem dotada de gordura e, portanto, era uma boa candidata potencial para o efeito pavio. Um relatório laboratorial do FBI sobre o caso, datado de 31 de julho de 1951, dizia isso mesmo, justificando as suas conclusões da seguinte forma: «Uma vez que o corpo começa a arder, há gordura suficiente e outras substâncias inflamáveis para permitir que ocorram graus variáveis de destruição. Por vezes, esta destruição por queima avançará até um grau que resulta na combustão quase completa do corpo.»

O FBI sabia que a «combustão quase completa» era possível por causa de outros casos que tinham nos seus arquivos, «anteriormente tidos» como sendo de «combustão espontânea ou atribuídos a causas preternaturais». O relatório também tinha uma explicação para a falta de incineração do apartamento em geral.

A ausência de qualquer chamuscado ou dano no mobiliário do quarto apenas pode ser explicada pelo facto de o calor libertado pelo corpo a arder

ter uma tendência para subir e formar uma camada de ar quente que nunca entrou em contacto com o mobiliário num nível inferior. Esta situação teria ocorrido particularmente se o fogo tivesse estado em combustão lenta em vez de arder livremente.

Nem todos ficaram convencidos de que a explicação era assim tão simples. O Dr. Wilton Krogman da Universidade da Pensilvânia, antropólogo e especialista nos efeitos do fogo no corpo humano, foi chamado para acrescentar a sua opinião. As opiniões do Dr. Krogman têm sido usadas ao longo das décadas para reforçar o cenário da combustão espontânea ou preternatural.

Krogman citou que temperaturas de quase 3000 °F[^24] seriam necessárias para destruir um corpo tão completamente como o da Sra. Reeser. Ele terá dito, segundo os relatos, sobre o caso Reeser: «Considero-o a coisa mais surpreendente que alguma vez vi. Ao revê-lo, os pelos curtos da parte de trás do meu pescoço eriçam-se com um medo vago. Se eu vivesse na Idade Média, murmuraria algo sobre magia negra.»

Notas d

[23]: doze pedras: Tradução de twelve stone (76,2 kg), correspondendo à conversão exata indicada pelos autores no texto original (170 lb ou aprox. 77 kg).

[24]: 3000 °F: Unidade de temperatura mantida no original (graus Fahrenheit). Equivale a aproximadamente 1648 °C.

Vários escritores interpretaram os comentários do Dr. Krogman como significando que ele era um apoiante da combustão humana espontânea (CHE) como explicação para este caso. Não foi bem assim, segundo o bombeiro sénior Tony McMunn. Tony falou com Krogman durante as suas próprias investigações e soube que o antropólogo não era um apoiante da hipótese. A sua estimativa da temperatura necessária para consumir o corpo da Sra. Reeser também está de certa forma dependente do período de tempo envolvido na incineração. Isto não pode ser conhecido exceto dentro de um intervalo de várias horas e, por isso, a fasquia citada pelo cientista está aberta a alguma disputa.

Além disso, quase nunca é relatado que, de acordo com uma carta na edição de novembro de 1985 da *Fate*, Krogman nunca viu pessoalmente os restos mortais de Mary Reeser. As suas opiniões basearam-se em observações em segunda mão e, presumivelmente, em fotografias, mas as suas averiguações só começaram depois de ela ser enterrada. Esta carta era de dois investigadores independentes e aparentemente excelentes, Joe Nickell, um antigo detetive privado, e John Fischer, um analista num laboratório de análise forense da Florida. Se for verdade, é um ponto que deve moderar os comentários frequentemente citados de Krogman sobre a estranheza do crânio alegadamente encolhido da Sra. Reeser.

Este crânio foi mencionado num artigo publicado no *St. Petersburg Times* em 9 de agosto de 1951. O autor, Jerry Blizen, referiu-se a «um crânio, encolhido até ao tamanho de uma chávena», sem indicar a fonte. Esta alegação infundada foi repetida de forma acrítica por numerosos escritores ao longo das décadas. Uma citação de Krogman foi utilizada na edição de maio de 1964 da revista *True*, onde ele afirma: «Nunca vi um crânio tão encolhido.»

No relatório do laboratório do FBI, datado de 31 de julho, dos catorze espécimes listados para exame, não há qualquer menção a um crânio, quanto mais a um crânio encolhido. Está listado, no entanto, «partículas de ossos encontradas em cinzas».

Nickell e Fischer culpam Krogman. Ele, alegam eles, «apenas se referiu a relatos de notícias em segunda mão e falou de "'um objeto arredondado identificado como a cabeça'"». Eles procuraram o conselho de um antropólogo forense, David Wolf, que teorizou que o crânio da Sra. Reeser provavelmente rebentou com o calor. Ele pensou que o «objeto arredondado» poderia ter sido um nódulo globular que pode resultar da musculatura do pescoço no local onde esta se fixa à base do crânio. Isto parece viável, pois o Dr. Reeser disse-nos que a «calota craniana» foi recuperada das cinzas.

A que horas teria ocorrido a conflagração? O relógio elétrico de cabeceira tinha parado às 04h20. Mas por que razão tinha parado? Terá sido esta a altura em que o incêndio queimou a cablagem elétrica naquela parte do quarto? Teria ele parado de qualquer forma devido a alguma outra avaria não relacionada? Possivelmente não, pois funcionou perfeitamente

depois disso, de acordo com Nickell e Fischer. Mas mesmo isto apresenta um mistério.

Quando a Sra. Carpenter pressentiu o perigo logo após as 05h00, pensou que havia um cheiro semelhante ao de um motor elétrico em sobreaquecimento. Os eletricistas George Lowe e Harry Garnett examinaram o sistema elétrico no apartamento para determinar se uma falha elétrica era a causa do incêndio.

Não havia sinal de sobrecarga de tensão ou de amperagem. Embora os espelhos dos interruptores estivessem derretidos, os interruptores em si não estavam danificados. Havia apenas um fusível queimado, e esse era o do termoacumulador. Isto foi explicado pelo facto de a conduta para o aquecedor passar diretamente sobre a zona queimada na divisória, e conjeturou-se que o calor tinha derretido o isolamento e o cabo tinha feito curto-circuito, fundindo o fusível.

George Lowe especulou que teria sido possível iniciar um incêndio elétrico sem fundir fusíveis, ligando fios eletrificados às molas da cadeira. As molas metálicas aqueceriam à medida que a corrente passasse por elas, formando uma corrente elétrica, como a que se encontra numa chaleira. Esta teoria não foi levada a sério pelos agentes de investigação. Lowe admitiu que isso exigiria alguma experimentação por parte de uma pessoa conhecedora, e que não seria gerado calor suficiente para consumir um ser humano.

Seria isto a vindicação do controverso efeito pavio? O FBI pensou que sim na altura, e o Dr. Richard Reeser também.

Julho de 1991 foi o quadragésimo aniversário da tragédia. Para comemorar o incidente, o *St. Petersburg Times* publicou um artigo aprofundado. Nele, o Dr. Reeser lamentou o facto de nem um único escritor, agente do FBI ou especialista científico, incluindo o Dr. Krogman, alguma vez ter pedido a sua opinião sobre a causa da incineração da sua mãe. Nós queríamos corrigir este erro e convidámos o Dr. Reeser a pronunciar-se. Foi isto o que ele disse.

Os factos eram que a minha mãe era uma mulher com excesso de peso, de um metro e sessenta e cinco, habituada a tomar um sedativo à noite, neste caso, Seconal, e era fumadora de cigarros.

Depois de a visitar por volta das 21h00, ela estava vestida com a sua camisa de noite, sentada numa grande cadeira estofada com duas ventoinhas a soprar (ventoinhas de chão). A sua cama, com os lençóis abertos, estava a cerca de um metro de distância. Ela tinha tomado duas cápsulas de Seconal e estava a fumar.

Na minha opinião (a minha esposa concorda), ela adormeceu nesta cadeira, o cigarro caiu no canto da cadeira e começou a arder sem chama. A corrente de ar criada pelas ventoinhas produziu um fogo constante e devorador, semelhante a uma fornalha, que acabou por consumir tudo. Foram encontradas algumas molas de cadeira, além da calota craniana e do osso do calcanhar da minha mãe. É isso. Foi assim que aconteceu. Claro que foi uma morte invulgar, para dizer o mínimo, e espetacular, com um fim surpreendente.

Este fator relativo às ventoinhas de chão é muito interessante. Só surgiu há alguns anos e não tinha sido discutido anteriormente, tanto quanto sabemos. As ventoinhas são necessárias nos crematórios para fornecer ar sob pressão para ajudar à incineração. Nesta comparação, a cadeira, tal como o caixão, forneceria o combustível adicional necessário para iniciar o processo. A comparação falha no facto de os crematórios serem pequenas câmaras fechadas com uma temperatura e fluxo de ar controlados — e a primeira cremação numa câmara fria requer a ignição de jatos de gás. Um cigarro a arder sem chama pareceria algo inadequado.

Há várias coisas relatadas por uma variedade de escritores ao longo dos anos que são imprecisas ou incertas. Por exemplo, já ouvimos dizer que a Sra. Carpenter foi acordada por um som semelhante ao bater de uma porta, mas é frequentemente relatado que o cheiro a fumo a acordou. Nickell e Fischer afirmam num artigo na *The Fire And Arson Investigator* que as janelas do apartamento de Mary Reeser estiveram abertas toda a noite. No entanto, o Chefe Adjunto dos Bombeiros, Griffith, disse aos agentes da polícia que, quando entrou no apartamento pela primeira vez, abriu janelas para permitir que o fumo se dissipasse. Como poderia Griffith ter aberto janelas que já estavam abertas, ou queria ele dizer que abriu janelas adicionais?

Nickell e Fischer estavam a repetir o que o jornalista Jerry Blizen escreveu no seu artigo publicado no *St. Petersburg Times* de 9 de agosto de 1951. Nele, Blizen afirmava que o estafeta dos telegramas, Richard Bruce,

«não notou qualquer fumo, apesar de as janelas estarem abertas». Onde obteve Blizen esta informação, particularmente dado que grande parte do resto do seu artigo se baseou numa declaração emitida pelo Chefe de Polícia J.R. Reichert, que derivou das mesmas fontes a que tivemos acesso? No entanto, o próprio Reichert, numa carta privada ao Inspetor-Chefe John Kelly do Departamento de Polícia de Filadélfia, escreveu que «o incêndio foi descoberto pela senhoria quando esta observou uma grande quantidade de fumo a sair pelas janelas do apartamento». Aparentemente, não foi assim.

No folheto da *Time-Life* de 1991, é categoricamente afirmado que, na noite em questão, «não houve trovada». Isto destinava-se a desacreditar uma pista que a polícia obteve a partir de um postal anónimo e mal escrito (endereçado ao «Xefe dos Detetives» — *sic*). Este afirmava simplesmente sobre o falecimento da Sra. Reeser que «Uma bola de fogo entrou pela janela e atingiu-a. Eu vi acontecer». Michael Harrison, no seu livro *Fire From Heaven*, afirma que havia trovada no céu nessa noite. As trovoadas são, de facto, um fenómeno muito comum ao fim da tarde em dias quentes de verão nesta parte da Florida. Mais de um em cada três desses dias desenvolve-as ao final da tarde.

Existe uma razão bastante óbvia e provável para a alegação aparentemente imprecisa da *Time-Life* de que não houve trovada na noite em que a Sra. Reeser morreu. Esta razão é que eles dão a data da tragédia como sendo vinte e quatro horas mais cedo do que realmente foi! A afirmação do seu folheto «na noite de 30 de junho/1 de julho não houve trovada...» pode muito bem ser verdadeira, mas dificilmente é relevante para o caso e é bastante enganadora.

A Sra. Reeser não gostava dos verões quentes da Florida. O calor intenso era agravado para ela pelo facto de ter excesso de peso. Além das ventoinhas de chão, havia outras ventoinhas no apartamento. Faria sentido que ela deixasse algumas janelas abertas para ventilação, exceto pelo facto de estar no rés do chão, e estas poderiam constituir um risco de segurança. Teria sido por isso que a porta do apartamento estava aberta? Pensava ela que a porta de rede estava trancada?

Ironicamente, se as janelas estivessem abertas, como Nickell e Fischer acreditam, isso desacreditaria a teoria de Stan Ames sobre a ausência de danos causados pelo fogo nos arredores em outros incidentes de

incineração humana. Como já vimos, a hipótese de Ames necessita de uma sala selada para funcionar. No entanto, Nickell e Fischer supõem que o piso de betão do apartamento foi instrumental para conter o fogo.

Havia outro item em falta no apartamento, além da poltrona, da camisa de noite e da maior parte da própria Sra. Reeser. Trata-se de um roupão ou bata de casa de seda artificial preta. Em artigos publicados na *The Fire And Arson Investigator*, junho de 1984, e na *The Skeptical Inquirer*, verão de 1987, Nickell e Fischer afirmam que la Sra. Reeser estava a usar o seu roupão quando se incinerou. Este «facto» foi repetido por escritores anteriores e parece resultar — novamente — do artigo de Blizen. De acordo com os testemunhos do Dr. Reeser e de Pansy Carpenter — as duas últimas pessoas a vê-la viva —, a Sra. Reeser usava apenas a sua camisa de noite.

Isto parece fazer sentido. Uma mulher a sofrer com o calor a ponto de ter ventoinhas de chão a funcionar para a arrefecer, dificilmente aumentaria o desconforto usando um roupão. O que aconteceu à peça de vestuário? Talvez tenha sido usada pela Sra. Reeser, afinal, mas não na altura em que as testemunhas a viram, a altura em que foi especulado pela maioria dos teóricos céticos que ela adormeceu e deixou cair o seu cigarro aceso na cadeira.

Isto é crucial, porque a teoria do pavio só é sustentável se forem concedidas horas de tempo para o corpo arder sem chama.

O relatório especial de polícia de Lee e Boyd refere-se a «dois divãs, dos quais um estava preparado como cama». Um «divã» é o que na Grã-Bretanha chamaríamos de um «sofá-cama». Parece que, no apartamento da Sra. Reeser, um era utilizado como sofá e o outro era utilizado permanentemente como cama. Os dois pintores, nas suas declarações à polícia, fizeram uma observação muito importante. Clements, que não entrou no apartamento, mas olhou através da porta aberta, disse que a cama tinha a aparência de ter sido dormida. O outro homem, Albert Delnet, a primeira pessoa a explorar o interior do quarto, notou que as roupas da cama estavam abertas, parecendo que alguém tinha dormido ali.

É nossa convicção que Mary Reeser não permaneceu na cadeira e adormeceu. A Sra. Carpenter passou por fora pouco antes das nove. Ela

notou que as luzes e o rádio estavam desligados. Obviamente, isto sugeriu-lhe, como nos sugere a nós, que a Sra. Reeser se tinha ido deitar.

Podemos supor que ela se possa ter levantado a certa altura durante a noite, vestido o seu roupão e depois saído para o corredor, destrancado a porta de rede e permanecido ali um pouco a apanhar ar? Teria ela depois regressado ao apartamento, esquecendo-se de voltar a trancar a porta exterior, e desabado na cadeira onde a conflagração — por que meios fosse — a tinha surpreendido?

Nickell e Fischer afirmam que «tinham decorrido quase doze horas» desde a última vez que a Sra. Reeser foi vista a fumar na sua cadeira até ao momento em que as suas cinzas foram descobertas. Eles citam isto para mostrar que houve tempo para o efeito pavio ocorrer. Mas se aceitarmos que a idosa senhora foi para a cama e se levantou «mais tarde», la teoria do arder sem chama torna-se pura especulação e mais difícil de justificar. A que horas se levantou a Sra. Reeser? Quanto tempo demoraria o efeito de quatro comprimidos para dormir a passar — mais perto das 04h20 — quando o relógio elétrico aparentemente parou de funcionar?

Nos detritos foram descobertos vidro derretido e fragmentos de metal. O relatório do laboratório do FBI afirmava que eram necessárias temperaturas na ordem dos 1000-1100 °F para amolecer o vidro. Esta temperatura corresponde ao calor vermelho vivo. Ter-se-á o resto do quarto — na verdade, o edifício — salvo porque, como Tony McMunn especula, os fenómenos do tipo CHE produzem calor radiante em oposição a chamas diretas? Qualquer coisa que não fossem materiais em contacto direto com o corpo não seria inflamada.

O decorador Albert Delnet pensou que estava a entrar noutro mundo quando entrou no número 1200 da Cherry Street naquela manhã fatídica. Havia muito pouca chama, mas uma quantidade considerável de fumo. Na parte mais quente do incêndio, havia chamas a lamber por entre as molas da cadeira. Tudo o que restava da Sra. Reeser era uma massa vermelha a arder sem chama.

Aqueles que postulam uma explicação paranormal para a combustão humana espontânea notarão o estado deprimido de Mary Reeser imediatamente antes da sua morte. Um certo número de vítimas semelhantes ou se sentiram doentes ou sofreram de depressão mental.

Alguns sugerem que é como se elas, inconscientemente, desejassem arder. Explicaria uma incineração rápida a ausência de qualquer odor a carne humana queimada, um cheiro muito notório em mortes normais por incêndio?

Nickell e Fischer referem-se ao escritor de crime W.S. Allen. Ele escreveu um artigo para a edição de dezembro de 1951 da revista *True Detective*, no qual alega que um «ligeiro cheiro a gordura» estava presente quando se entrou no quarto pela primeira vez. Quase de certeza que se tratava de gordura derretida do corpo da Sra. Reeser. Mas onde obteve Allen a sua informação? Na sua carta ao Inspetor-Chefe John Kelly, o Chefe de Polícia de St. Petersburg, J.R. Reichert, comenta «a ausência de odor a carne humana queimada».

Qualquer que seja a verdade sobre este caso complexo, o veredicto de morte acidental encobriu uma teia de fendas e frestas.

Num outro triste golpe do destino, o telegrama entregue por Richard Bruce naquela manhã continha uma mensagem de amigos que viviam em Columbia. Eles tinham finalmente sido bem-sucedidos em encontrar um apartamento para a viúva do médico.

6

A História de um Bombeiro

Nas nossas tentativas de assegurar as visões daqueles que estão — literalmente — na linha de fogo do debate sobre a CHE, solicitámos muitas opiniões. Frequentemente, os membros do serviço de bombeiros mostravam-se relutantes em comentar. Por vezes, tinham ideias muito definidas, mas estavam receosos de repercussões. Já conhecemos alguns oficiais que estavam preparados para falar abertamente, e aqui

apresentamos uma entrevista com um homem com alguns anos de experiência num cargo relativamente sénior. Ele não só tem um ponto de vista firme sobre a CHE, como também realizou alguma investigação pessoal.

Embora nos tenha sido recomendado pelo oficial de divisão da sua corporação — que relatou que ele é considerado o «nosso especialista no assunto da combustão humana espontânea» —, o homem acabou por insistir em não ser identificado, na verdade, em que nem sequer nomeássemos a localização do seu departamento. Consequentemente, adotámos o pseudónimo de «Terence Williamson» e registamos apenas que ele trabalha para uma corporação de bombeiros algures no norte da Grã-Bretanha. As razões para a sua cautela tornaram-se aparentes durante a nossa discussão. Perguntámos a Terence por que razão estava interessado no assunto.

O que realmente me lançou na pista deste mistério foi um artigo de um oficial de uma corporação escocesa que tentava prever onde tais eventos poderiam acontecer a seguir. Achei isto fascinante e levou-me a uma investigação profunda. Mas, no fim de contas, tudo o que posso dizer é que fiquei com a mente aberta.

Por que razão foi assim — a evidência era contraditória?

Bem, os cientistas citam a chamada teoria da «vela» ou do «pavio»; que a gordura humana irá derreter e arder lentamente. Isto pode acontecer, mas há certas partes do corpo que são muito densas — como a articulação da anca. Durante a cremação, estas permanecem e têm de ser trituradas antes de as cinzas serem apresentadas. No entanto, nos casos de CHE, estas são completamente degradadas a cinzas, enquanto áreas de tecido mais mole podem permanecer. A quantidade de calor necessária para degradar estes ossos seria tão intensa que as áreas circundantes deveriam inflamar-se.

Com que frequência ocorriam casos potenciais de CHE?

A maioria deles nunca chega ao conhecimento do público porque os médicos legistas têm tendência a atribuir todas as mortes misteriosas por incêndio a causas como asfixia, apenas como um meio de conveniência. Antigamente, tinham a opinião de que todas essas vítimas estavam

embebidas em gin e era o álcool que ardia. Obviamente que isso simplesmente não tem peso à luz da evidência científica moderna.

Uma tentativa mais recente de compreender o processo tem sido através da proposta da eletrólise da água dentro do corpo, produzindo gases que se podem inflamar. Da minha experiência, isso também não funciona. Portanto, os legistas estão realmente num apuro.

Eles preferem apresentar qualquer resposta racional que evite a necessidade de especular sobre coisas como a CHE.

Tinha Terence uma visão pessoal do que poderia estar a acontecer em casos de possível ou alegada CHE?

Há alguns anos, os australianos tentaram desenvolver um forno que queimasse carvão de muito baixa qualidade extraído de minas a céu aberto. Uma empresa alemã chegou a produzir desenhos num esforço para o projetar. O conceito tinha tido origem na Segunda Guerra Mundial como parte da «solução final» dos nazis. Eles tinham, na altura, necessidade de destruir corpos o mais completamente possível e queriam utilizar a energia gerada para produzir eletricidade. Uma quantidade enorme de pensamento e esforço foi investida nesta investigação e no desenvolvimento australiano da mesma, mas provou ser muito, mas mesmo muito difícil destruir totalmente um corpo humano.

Produzir algo que possa tanto atingir como depois manter tais temperaturas é ainda mais difícil de conseguir, pois estas são extremamente elevadas. No entanto, em casos de CHE, parece haver sempre extremidades do corpo que sobram. Porquê? Penso que, por mais que se tente explicar tudo isto, os problemas continuam a existir se formos honestos.

Sendo assim, por que razão havia tanta antipatia em relação ao tema dentro do serviço de bombeiros?

A maioria das pessoas no serviço tende a pensar que a CHE é um bocado uma piada. Não sabem realmente muito sobre o assunto. Certamente não é muito investigada dentro da corporação. Descobri isso muito cedo. Quando dou palestras sobre o tema — como tenho feito de tempos a tempos —, vejo as sementes da dúvida nos olhos das pessoas. Os oficiais dizem-me que até àquele momento nunca tinham levado o assunto a sério. Agora ficam num dilema, sem saber se poderá realmente haver algo

a acontecer. Assim que veem os factos e ouvem a evidência apresentada de forma imparcial, isso pode mudar a mente de muita gente. Demasiado frequentemente, quando os meios de comunicação social falam sobre isso, fazem-no em termos sobrenaturais — o que é desmobilizador para pessoas de mentalidade séria. Ou então são ultracríticos e pecam por excesso de cautela no seu preconceito. Penso que a apresentação da BBC TV [Q.E.D.] sobre o tema fez isso. Foi boa até onde foi, mas foi um pouco unilateral. Precisamos de avaliações mais objetivas que mostrem o lado positivo e o lado negativo da questão.

O mesmo problema é enfrentado pelos departamentos dos médicos legistas?

Basicamente, penso que a maioria dos legistas gosta de rotular tudo. Gostam de encaixar os casos em caixas quadradas. É o trabalho deles até certo ponto, suponho, mas parecem precisar de apresentar uma explicação que se ajuste perfeitamente. Não querem pontas soltas. Por isso, quando se deparam com uma situação como a que frequentemente se encontra com a CHE, é um verdadeiro dilema — eles simplesmente não conseguem lidar com isso. Calculo que, quando se precisa de uma resposta e não há nenhuma resposta que sirva, tem de se lhe chamar outra coisa. Se se rotular com algo compreensível — em vez de CHE —, então o problema desaparece. Dito isto, quero deixar claro que, na minha opinião, muitas vezes isto é justificado.

A maioria dos casos onde a CHE é sugerida não são nada disso. Esses são realmente mundanos. Por exemplo, situações em que alguém esteve a fumar na cama ou o cobertor elétrico estava avariado — ou então alguém teve um ataque cardíaco e caiu desamparado na lareira. Há muito frequentemente evidência que aponta para algo deste género e, como nenhum de nós gosta de pontas soltas quando está envolvida uma morte, todos nós tentamos, e com toda a razão, amarrá-las e, a maior parte das vezes, isso é perfeitamente justificável.

Perguntámos se ele próprio já tinha enfrentado um caso desses no seu trabalho e se conseguiria estimar quão comuns pensava que os incidentes de possível CHE poderiam ser? «Ninguém sabe quão comuns são porque os casos que podem ser possibilidades são sempre arquivados como outra coisa qualquer. A única maneira de se descobrir seria ir analisar os FDR 1 no Home Office. Mas duvido que vos seja permitido.»

«FDR 1» são relatórios de mortes fatais. Todos esses incidentes decorrentes de incêndios estão registados.

Pessoalmente, nunca me deparei com um caso inequívoco na minha área. Estimaria que possa haver apenas um ou dois por ano por região, possivelmente até uma centena para o país. Mas isso é provavelmente pouco mais do que um palpite. Ninguém sabe a verdade porque está tudo a ser obscurecido e ninguém com acesso à evidência está realmente a investigar o assunto. Aqueles que estão a investigar o assunto não conseguem obter acesso à evidência.

Não me atrevo sequer a deixar-vos dar o meu nome ou a minha corporação. Se falarmos de tais assuntos em alguns locais, isso pode ser prejudicial para a carreira. Lembro-me de uma vez ter tido um caso onde houve um incêndio numa cozinha. Parecia ter começado numa gaveta de maquilhagem, mas não havia causa aparente. Não estavam presentes materiais inflamáveis. Foi estranho. Sugeri que talvez aquilo fosse um exemplo de combustão espontânea e o ADA encarregue da área pôs-me firmemente no meu lugar — "Não vai colocar isso num relatório de um dos meus casos!"

Terence Williamson também expressou uma opinião sobre a falta de combustões animais e apontou um problema a este respeito.

Se um gato se desmanchar em chamas enquanto estamos sentados ao lado dele, à frente da televisão, então é claro que saberíamos. No entanto, se acontecesse quando nenhum ser humano estivesse por perto, o que seria então? Os animais tendem a desaparecer. Portanto, tornar-se-á algum deles vítima de CHE? Também nos surgem casos de tempos a tempos em que animais foram queimados. Os agricultores alegam que foram atingidos por um raio — o que em muitos casos é provavelmente verdade.

No entanto, eles não têm de mostrar os restos mortais e não se tem de realizar uma autópsia a uma ovelha ou a uma vaca. Consegue imaginar o que as companhias de seguros diriam se o agricultor sugerisse a CHE como causa de morte? Não — compreensivelmente, os agricultores precisam da compensação do seguro, por isso a morte será provavelmente sempre atribuída a uma queda de raio. É a forma mais fácil.

Em conclusão, pedimos a Williamson para resumir como via a sua posição enquanto oficial de bombeiros experiente que está familiarizado com a evidência a favor e contra a CHE.

Gostaria de ser capaz de vos dizer com toda a honestidade que sim — a CHE existe definitivamente, porque eu já a vi. Que a minha corporação tem registos de tais eventos. Mas isso seria mentira.

Poderia muito bem ter acontecido. Na verdade, suspeito que provavelmente aconteceu. Mas, se assim for, o mais certo é que nem vocês nem eu estaríamos a par dos factos. Vocês, porque não têm "necessidade de saber", e eu porque não estive por acaso presente no incidente. Claro que, muito provavelmente, teria sido atribuído a outra causa qualquer e poucos de nós ficaríamos posteriormente mais esclarecidos.

Portanto, a meu ver, eu argumentaria que é impossível dizer que não acontece. Na verdade, poderia ir ao ponto de dizer que é perigoso presumir isso. Demasiadas pessoas parecem felizes em fechar os olhos à possibilidade. No entanto, necessita obviamente de uma investigação mais objetiva. Francamente, quer seja provado ou refutado, é tudo o mesmo e tudo para o bem. Nós devíamos realmente tentar estabelecer qual é a avaliação correta os factos.

No entanto, se me pressionarem [pressionámos], então teria de dizer que estou pessoalmente convencido de que algo está a acontecer para o qual não temos atualmente qualquer compreensão. Tendemos a pensar que sabemos tanto sobre o mundo, mas estamos apenas a arranhar a superfície. Quando pensamos em como algumas erupções solares a milhões de quilómetros de distância podem perturbar completamente todas as nossas comunicações e não podemos fazer nada a respeito, então percebemos que ainda temos muito a aprender.

Suspeito que talvez as micro-ondas tenham algo a ver com a causa da CHE. Mas mantenho a mente aberta. Honestamente, não sei a explicação. Mas sinto que poderá bem estar a acontecer algo que ainda precisa de uma explicação. Na verdade, a minha experiência é que muitos chefes partilham desta opinião, mas a maioria deles não se atreve a dizê-lo em público.

Dos bombeiros que estavam preparados para falar em público, um deles era Jack Stacey. Ele foi o duplo de David Niven no filme de 1944, *The Way Ahead*. Bombeiro a tempo inteiro, agora reformado, Jack

confrontou-se com o bizarro numa madrugada de setembro de 1967. Contou a sua história pela primeira vez no programa *Newsnight* da BBC2, transmitido em janeiro de 1986.

Jack tinha sido chamado para um incêndio numa casa abandonada, mas quando chegou não havia sinais de fogo. Nas escadas do edifício bem ventilado, encontrou o corpo de um vagabundo. Saíam chamas do seu estômago.

«Havia uma fenda com cerca de quatro polegadas de comprimento no abdómen. A chama saía dali com força, como um maçarico. Estava bastante quente, porque estava a carbonizar a madeira por baixo do corpo.»

Foi sugerido a Jack que talvez fosse o álcool que estava a arder. Após investigação, pareceu que o homem tinha entrado à procura de um sítio para dormir. Tinha-se sentado ao fundo das escadas, onde a conflagração tinha começado. Jack não quis especular sobre o que exatamente isto poderia ser.

A causa da morte foi asfixia devido à inalação de fumos de incêndio. Isto significava que a vítima estava viva quando o seu corpo começou a entrar em combustão. A causa real do incêndio foi considerada «desconhecida». Não havia gás no edifício nem eletricidade, e não foram encontrados fósforos, gastos ou por usar.

Apesar disso, Douglas Leitch, Oficial de Divisão Sénior da Corporação de Bombeiros de Strathclyde, pensou que tinha uma explicação.

O Sr. Leitch especulou num artigo publicado na edição de agosto de 1986 da revista *Fire* que, em tais casos, os depósitos gordurosos nas roupas de um vagabundo encorajariam um incêndio acidental a arder. Uma vez aceso o abdómen, este criaria uma ferida em forma de fenda, o que poderia dar a impressão de que as chamas vinham de dentro. No entanto, nenhuma fonte de ignição foi encontrada neste caso. Como ficou provado que a vítima estava viva no início da sua incineração, se foi um acidente, resta saber por que razão ele não apagou a chama?

Jack Stacey foi uma testemunha ocular real do fenómeno e tem a certeza do que viu, conforme disse ao jornalista Steven Bradshaw.

«Não há dúvida absolutamente nenhuma de que o fogo começou dentro daquele corpo. Aquele é o único sítio onde poderia ter começado.»

7

Uma Discussão Acesa

Se havemos de estabelecer se existe uma coisa como a CHE, só será através do estudo cuidadoso de casos contenciosos. Mas, como descobrimos, isso é mais fácil de dizer do que de fazer.

Raramente são apresentados por organismos oficiais como candidatos a um tema tabu como a CHE. Se por acaso o são, os factos tendem a ser sensacionalizados ou a tornar-se trivialidades mediáticas. Outros fatores complicadores de tragédia humana e familiares enlutados podem intervir. A última coisa que desejam é ver a morte dos seus entes queridos transformada num espetáculo secundário sobrenatural. Como resultado, ficamos a tentar juntar histórias de casos muitas vezes a partir de fragmentos e com pouca assistência das autoridades. Eles preferem grandemente que o espetro da CHE seja empurrado o mais para longe possível.

Um caso desconcertante ocorreu em 3 de agosto de 1978 no noroeste de Inglaterra. Aqui estão os factos. Julgue por si mesmo o que aconteceu.

O cenário foi um bloco de apartamentos em Harpurhey, um bairro relativamente pobre do norte de Manchester. Como que para escarnecer da ideia de combustão espontânea e do mito popular de que as vítimas mais velhas são mais frequentemente reclamadas pelas suas garras ferozes, o local chamava-se na verdade Elderburn Drive.

Os vizinhos foram alertados por uma terrível algazarra — gritos que a princípio pareciam crianças a brincar, mas que se transformaram em algo quase sobrenatural. Um homem insistiu que não pareciam humanos. Muitas pessoas correram para fora para ver o que se passava, e pelo menos duas viriam a desejar ter optado por não o fazer.

Victor Cunnington foi um dos primeiros a responder. Descreveu o ruído como «agonizante» e a razão foi rapidamente aparente. Um homem de meia-idade, de origem antilhana, correu para fora de um dos apartamentos para o corredor, transformado numa massa de chamas da

cabeça aos pés. Gritou enquanto fugia e depois desabou no chão. De acordo com uma mulher, o homem em chamas bateu à porta da Sra. Betty Whiteside, diretamente em frente, gritando «Ajude-me! Ajude-me!». Mais tarde, a porta de madeira foi encontrada carbonizada de preto onde as mãos flamejantes do homem tinham batido repetidamente contra ela.

Um grupo de moradores atordoados reagiu rapidamente. Ironicamente, um deles chamava-se Patrick Furey. Furey era um funcionário de enfermagem e sabia como responder. Agarrou rapidamente num tapete e tentou abafar as chamas. Infelizmente, não conseguiu mantê-las sob controlo. Elas não se apagavam. Um homem corajoso rasgou as calças em chamas da vítima, alheio por momentos às queimaduras graves que isso estava a causar nas suas próprias mãos. Eventualmente, alguém teve a presença de espírito de ligar a pedir ajuda; embora o homem em chamas estivesse agora num estado terrível.

Depois, horror sobre horror, a emergir do apartamento, a correr e a gritar, veio outra bola de fogo humana — desta vez uma mulher! Foram feitas tentativas semelhantes para a salvar, mas em poucos minutos tudo tinha terminado. Uma ambulância e a corporação de bombeiros chegaram. Mas aquilo deixou o seu legado nos habitantes locais. Um dos salvadores teve de receber tratamento hospitalar para queimaduras nas mãos. Uma mulher desmaiou e precisou de assistência. Outro homem foi derrubado pelo choque e também teve de dar entrada no hospital para tratamento. Além dos ferimentos, do trauma e do horror, permanecia um verdadeiro quebra-cabeças.

O apartamento em si não foi aparentemente consumido pelo fogo — apenas as duas pessoas. Pedaços de roupa carbonizados salpicavam o corredor entre as habitações do segundo andar — pedaços que obviamente tinham caído à medida que as vítimas corriam para o ar livre, já em chamas. Uma vez extintas as chamas, o serviço de bombeiros teve pouco trabalho a fazer, exceto, claro, tentar perceber o que tinha acontecido.

À medida que os agentes dos bombeiros e da polícia chegavam ao local, estavam confusos. Esperavam ver o interior do apartamento gravemente danificado pelas chamas. Mas não havia dano nenhum. Tanto quanto se pôde apurar, a habitação não tinha sido afetada de forma alguma. O homem e a mulher tinham sido a única fonte do inferno.

Soube-se que o homem — que infelizmente faleceu antes de poder receber assistência médica — era um trabalhador ferroviário de 50 anos chamado Edward Mason. Ele vivia no apartamento há vários anos e era casado, embora a sua esposa tivesse aparentemente regressado a casa, na Jamaica, algum tempo antes.

A mulher — de acordo com os vizinhos — era uma visitante frequente do Sr. Mason. Era um ano mais nova e vinha de um bairro próximo. O seu estado era muito grave, com ferimentos terríveis, mas tinha sobrevivido e foi enviada imediatamente para a unidade de queimados do Hospital de Withington, onde foi colocada na lista de feridos graves em estado crítico.

Entretanto, os investigadores esforçavam-se por resolver o mistério.

Dentro do apartamento não havia nenhuma fonte óbvia de ignição. Foi encontrada uma lata de líquido inflamável, que se dizia ser provavelmente fluido de isqueiro, mas não havia indicação imediata de que tivesse sido utilizada para iniciar a conflagração. Foram encontrados alguns vestígios de sangue na parede. Estes pareciam originar da mulher que, para além das queimaduras, tinha um pequeno ferimento na cabeça. Se este tinha precedido o incêndio ou ocorrido quando ela bateu com a cabeça na parede num pânico cego para escapar do quarto e alcançar ajuda, era impossível dizer. Detetives foram enviados para o hospital de Withington para montar vigília à cabeceira da sua cama, na esperança de que ela pudesse dizer-lhes a causa da tragédia.

As averiguações continuaram entre os vizinhos, e estas depressa revelaram que, durante algum tempo antes dos gritos terríveis, se tinha ouvido o que parecia ser uma discussão. Vozes foram erguidas em fúria, presumindo-se serem as do casal.

A partir de tudo isto, foi possível construir um cenário do que poderia ter acontecido. Poderia o casal ter discutido e, no meio da contenda, regado um ao outro com fluido de isqueiro, pegando depois fogo um ao outro?

Claro que tudo isto era pura especulação. Não havia evidência para apoiar a ideia. A única esperança séria de desvendar a questão residia na mulher, inconsciente numa cama no hospital de Withington. Infelizmente, isto nunca se viria a realizar. No dia seguinte, a mulher sucumbiu aos seus ferimentos e faleceu. Não recuperou a consciência e, por isso, nada disse para explicar o que se tinha passado.

A polícia ficou intrigada e a adivinhar. Sentiam-se razoavelmente seguros, a partir do depoimento dos vizinhos, de que mais ninguém estava envolvido. As suas averiguações também não levaram a qualquer sugestão de uma espécie de pacto horrível de suicídio conjunto. Tudo parecia extremamente misterioso, não resolvido e provavelmente irresolúvel.

Postular a CHE neste caso é, obviamente, uma opção. Pode-se facilmente jogar com os factos e destacar os nomes e coincidências quase zombeteiramente irónicos. Além do local, Elderburn Drive, o nome do enfermeiro, Furey, tem significado. As «Fúrias» são demónios mitológicos que trazem a morte vingadora através do fogo e de outros meios. Na linguagem corrente, a palavra significa «discussão violenta» — uma dupla ironia.

Será razoável especular que a verdadeira causa da tragédia foi a CHE? Na verdade, é uma ideia tão vaga como qualquer explicação para este caso. Deve-se, presumimos nós, perseguir a solução mais racional, mas incidentes como o acima descrito são flagrantemente irracionais. Com os factos à sua disposição, o que decidiria? É a partir de casos como este que o mistério da combustão espontânea se desenvolveu. De facto, em *Fire from Heaven*, Michael Harrison apresenta um caso com semelhanças interessantes.

Este evento teve lugar em 18 de setembro de 1952 perto de Gretna, Louisiana, EUA. A vítima era um homem de 46 anos chamado Glen Denney, proprietário de um negócio de sucesso. Denney estava aparentemente deprimido na altura em que o departamento de bombeiros foi chamado ao seu apartamento por um vizinho desconfiado. Tiveram de arrombar a porta para entrar e encontraram o Sr. Denney no chão, uma massa de chamas.

Estas foram abafadas por um bombeiro de atuação rápida com um cobertor, embora a vítima estivesse além de qualquer salvação. O quarto em si estava praticamente intocado pelas chamas, embora uma poça de sangue tenha sido encontrada no chão de outro cómodo. O bombeiro foi citado como tendo dito que não cheirou nada de estranho ao entrar no edifício, mas especulou que o homem poderia ter sido regado com algum tipo de óleo para arder de forma tão violenta como ardeu.

Foi confirmado que o incêndio tinha começado enquanto o homem ainda estava vivo (o carbono nos seus pulmões e traqueia só poderia ter sido inalado a partir das chamas). Após muito esforço, o médico legista, tipicamente relutante, admitiu numa declaração lacónica a um investigador interessado que, na sua opinião, o Sr. Denney se tinha suicidado. Ele teria supostamente cortado os pulsos, deitado uma lata de querosene sobre o seu corpo e chegado um fósforo.

Poder-se-ia ter pensado que seria mais provável que o homem tivesse vertido o combustível sobre si próprio, deitado fora a lata (visto que esta alegadamente não foi encontrada como prova quando os bombeiros chegaram — de acordo com Harrison) e depois cortado os pulsos. Desfazer-se da prova após se ter cortado teria certamente deixado um rasto de sangue a partir do ferimento. Mas, de qualquer forma, porquê dar-se ao trabalho de se livrar da lata? E por que razão não havia vestígios de querosene derramado?

No final, as circunstâncias desta morte no Louisiana são muito semelhantes às de Harpurhey, vinte e seis anos mais tarde; embora pareça não ter havido qualquer sugestão de que tanto o homem como a mulher em Manchester tivessem qualquer razão para contemplar o suicídio — pelo que as ligações presumivelmente terminam aí.

O ponto que desejamos salientar é que, confrontado com os factos disponíveis no caso do Louisiana, Harrison aparentemente endossou as opiniões do investigador original, Otto Burma, e do investigador paranormal, Vincent Gaddis. Este último publicou o caso na revista *Fate* em 1953. O livro de Harrison afirma categoricamente: «Nenhum querosene queimou o Sr. Denney...» (p. 89). O autor prossegue sugerindo a ideia de que uma tentativa de suicídio criou tensões no «corpo etérico» da vítima, o que teria então desencadeado a CHE como uma espécie de «punição».

Isto pode ser uma especulação válida, mas parece imprudente retirar tantas conclusões de tão pouco. Precisamos de sondar o contexto de casos como estes tão cuidadosamente quanto pudermos, embora isto seja muitas vezes quase impedido pela burocracia. Só desta forma podemos esperar tentar demonstrar a sua falibilidade como prova de algum fenómeno misterioso ou estabelecer uma causa mais mundana.

Os nossos esforços para explorar o caso de Harpurhey levaram-nos inicialmente ao gabinete do médico legista da cidade de Manchester. A suspeita foi imediatamente demonstrada pela pessoa com quem falámos inicialmente. Que «necessidade de saber» tínhamos nós? Esperávamos realmente ver algum dos seus registos sobre este assunto? Não estávamos cientes de que eram confidenciais?

Naturalmente, nós compreendíamos todas essas coisas. Fizemos um pedido simples para saber a data em que o inquérito foi realizado, comentando: «certamente que isto não é um segredo?» Em resposta, disseram-nos friamente: «bem, pode muito bem ser». De qualquer forma, esta não era uma informação de que dispusessem. Só estaria disponível através dos arquivos centrais em Manchester. «No entanto», fomos devidamente informados, «não tenho a certeza de estar autorizado a dar-vos sequer o número de telefone deles. Não estou convencido de que tenham uma "necessidade de saber"».

Numa nação sem leis de liberdade de informação, esta é uma circunstância que enfrentámos com bastante frequência na nossa busca de conhecimento e documentação oficial. Felizmente, a mulher em questão, após a devida consideração, deu-nos o número dos arquivos. A nossa viagem kafkiana pelos corredores escuros da burocracia oficial podia começar de novo.

Depois de falarmos com mais duas pessoas desconfiadas que estavam igualmente pouco convencidas de que deveriam ajudar no nosso pedido, um pouco de persuasão e conversa colocou-nos, pelo menos, em contacto com um funcionário de registos que parecia disposto a ouvir. «Porque é que o gabinete do legista não vos ajudou?», perguntou ele. Explicámos a alegação de que não tinham acesso a registos de um caso com 13 anos, mas que o departamento dele os tinha.

«Oh — pensei que eles tinham o seu próprio sistema de registos e que poderiam facilmente ter fornecido essa informação», refletiu ele. «No entanto, posso procurar isso para si. Vai demorar algumas horas e não poderá ler o processo, naturalmente.» Naturalmente. Explicámos que apreciávamos os seus esforços, mas que ficaríamos gratos por qualquer assistência que pudesse prestar. Especificamente, queríamos a data em que o inquérito foi realizado.

De facto, a ameaça de várias horas de atraso não se concretizou. A chamada de retorno veio no espaço de uma hora, prefaciada com as palavras: «Isto é tudo o que lhe posso dizer». Fomos informados de que o inquérito sobre as duas pessoas que tinham morrido no incêndio no apartamento de Harpurhey foi concluído a 24 de agosto de 1978. Isto é apenas vinte dias após a segunda morte — notavelmente rápido e sugerindo pouca, ou nenhuma, investigação sobre as circunstâncias da tragédia. De qualquer forma, o inquérito chegou a um veredicto em aberto. Foi oficialmente decidido que a causa desta dupla morte por fogo foi — e assim presumivelmente continuará a ser — um mistério completo.

Passámos um dia no local onde o incidente tinha ocorrido. Os ventos gélidos e os céus cinzentos de outubro, cerca de treze anos mais tarde, revelavam uma paisagem incongruente de blocos de torres em decadência, vegetação descontrolada salpicada com os detritos de uma civilização descuidada, e habitações modernas recém-construídas. Vagámos durante algum tempo à procura de Elderburn Drive até que finalmente nos apercebemos de que as nossas capacidades cartográficas não nos enganavam. O monte verde de relva, ervas daninhas e tijolos descartados que se estendia diante de nós era tudo o que restava do malogrado bloco de torres.

Entrámos em conversações com os residentes locais num lar de idosos e depois seguimos para um pub ali perto. Aqui encontrámos várias pessoas que se lembravam do incidente. «Ah, sim — eles atiraram gasolina um ao outro, não foi?», foi uma das histórias que ouvimos. Apesar do interrogatório, tornou-se claro que se tratava de um boato que tinha infestado a zona após os acontecimentos. Ninguém tinha qualquer prova real para apoiar a possibilidade de que tal coisa fosse verdade.

Descobrimos que os blocos de apartamentos brancos — que tinham menos de vinte anos quando a tragédia ocorreu — eram odiados pelos habitantes locais. Tal como acontece com muitos edifícios projetados por planeadores que não tinham de viver neles, pertenciam a uma época em que Manchester construía em altura e enfiava o maior número possível de pessoas no menor espaço possível. Pareceu uma boa ideia na altura, mas os efeitos negativos foram previstos por poucos e esta área era apenas um dos muitos bairros em redor das cidades britânicas que passaram a atrair uma

reputação temível. «Legoland» — era como os residentes de Harpurhey lhe chamavam. A Legoland tinha caído sob as escavadoras em 1989.

Outra tentativa de aprofundar este caso levou-nos a um carrossel de jornais locais da região. Sabíamos que o *Manchester Evening News* tinha noticiado a história na sua primeira página, mas após vinte e quatro horas tinham aparentemente deixado o assunto repousar. Pelo menos, não encontrámos nenhum relato que pudéssemos seguir sobre a autópsia das vítimas, a investigação policial ou o inquérito.

Após muitas chamadas infrutíferas, falámos finalmente com David Edwards no *Middleton and Blackley Guardian*. Ele ficou extremamente intrigado com a nossa história e sentia-se seguro de que teriam algo a oferecer sobre um acontecimento de tamanha importância na sua própria área. Ele verificou os arquivos por nomes e datas, para o incidente, as autópsias, os inquéritos — tudo —, mas não havia absolutamente nada.

Depois de consultar as edições semanais do jornal ao longo de todo o período relevante, depressa se tornou evidente que um caso desta magnitude na sua pequena zona de cobertura, e que, presume-se, dificilmente lhes poderia ter escapado, não tinha provocado uma única menção.

David Edwards estava claramente perplexo. Disse-nos: «Isto é realmente muito estranho. Éramos muito meticulosos na altura. Cobríamos cada pequeno incêndio de fritadeira que ocorria na área, mas não há absolutamente nada sobre isto. Nem sequer chegou a fazer um pequeno parágrafo!»

De tal forma ficou surpreendido que se ofereceu para dedicar algum do seu tempo a contactar o antigo editor, agora reformado, e ver se havia uma razão para o jornal ter optado por deixar a história de fora. Algum tempo depois, voltámos a falar com o jornalista. Ele disse-nos: «O editor foi bastante vago, para ser honesto. Disse que não conseguia lembrar-se de absolutamente nada sobre o assunto. Devo admitir que me deixou realmente fascinado com este caso. Simplesmente não compreendo por que razão nunca o noticiámos».

Nós também não. Finalmente, falámos com o médico legista, que se mostrou bastante recetivo a responder às nossas perguntas. Leonard Gorodkin é o Legista de Sua Majestade para Manchester e presidiu ao caso

de Harpurhey. Aparentemente, o casal estava a ter um caso extraconjugal. Ele não via nenhum mistério. «Tinha sido vertida gasolina, mais sobre o homem do que sobre a mulher, creio eu. Pelo menos ambos tinham material inflamável sobre eles.»

Nesse caso, por que razão foi emitido um veredicto em aberto? «Porque não conseguíamos distinguir se era homicídio ou suicídio.»

Foi o fluido de isqueiro a causa? «Não. Duvido muito que estes ferimentos pudessem ser causados por fluido de isqueiro.»

Se era gasolina, então, ou algum líquido inflamável semelhante, foram encontrados vestígios, nas vítimas ou no apartamento? «Não que tivéssemos conhecimento.»

Como foi então possível concluir que tinha sido utilizada gasolina? «Porque a distribuição das queimaduras era consistente com líquido inflamável vertido da cabeça para baixo.»

Parece haver vários problemas com esta suposição. Quer se trate de suicídio ou de homicídio, a gasolina vertida sobre alguém num apartamento mobilado não pode deixar de causar derrames sobre a carpete, cadeiras, etc. O resultado seria uma conflagração dos ocupantes e do apartamento. Nenhuma coisa dessas ocorreu. E, tal como no caso de Glen Denney, a investigação não conseguiu encontrar um recipiente que tivesse contido a alegada substância.

8

Uma Morte Bastante Invulgar

Na tarde fria de inverno de 6 de janeiro de 1980, uma pequena cidade mineira galesa perto de Ebbw Vale foi atingida pela tragédia associada à CHE. Agentes da polícia experientes, que tinham assistido a muitas mortes violentas, ficaram boquiabertos e em silêncio perante as cenas terríveis que se estendiam diante deles. Investigadores racionais e inteligentes ficaram perplexos — e até assustados — com o resultado final daquilo que um deles comparou ao Inferno de Dante.

Foi a pura inexplicabilidade do que tinha acontecido que perturbou estes homens endurecidos. O que viram não tinha — pelo menos para

alguns — explicação óbvia. No entanto, igualmente óbvio era que se tratava de uma realidade. A prova estava ali mesmo à frente dos seus olhos.

John Heymer, agora reformado após vinte e cinco anos como técnico de cenas de crime na polícia de Gwent, foi chamado à casa porque tinha sido reportado um incêndio inexplicável. Ninguém o preparou para aquilo com que estava prestes a deparar-se. Era uma «morte por fogo bastante invulgar», foi-lhe friamente avisado por um polícia. Palavras que viriam a provar-se um eufemismo dramático.

Ao entrar na casa, situada num bairro social no topo de uma pequena colina, notou primeiro o calor agradável. Não parecia estar a funcionar nenhum aquecimento central, mas o rescaldo do incêndio era ainda tangível no ar. Foi conduzido à sala de estar para ver o «corpo». Mas não havia corpo — apenas uma pilha de pesadelo de cinzas e ossos.

A cinza estava amontoada com uma nitidez obscena ao lado da lareira intacta e espalhada num pequeno espaço no tapete. Os ossos das pernas estavam calcificados. Dois pés humanos jaziam estendidos na extremidade, apontando na direção oposta à da lareira. As bainhas das calças estavam completamente intactas. Havia meias não danificadas nos restos macabros dos pés. Ainda mais longe do fogo, fora do lugar e presumivelmente tendo rebolado para ali, estava um crânio enegrecido sem qualquer vestígio de pele.

O fogo tinha sido espantosamente local. Uma poltrona estava por perto. A vítima tinha aparentemente estado sentada nesta. Embora mostrasse sinais de queimadura onde tinha estado em contacto com o homem, o resto estava intocado. A menos de um metro de distância estava um sofá. Apesar do calor incrível que tinha consumido o corpo da vítima, este estava totalmente intacto. Capas soltas estavam lançadas por cima — altamente inflamáveis em circunstâncias normais, mas estas não estavam sequer chamuscadas. O tapete por baixo dos restos humanos estava queimado, contudo, escassos centímetros além do monte de cinzas, mal estava queimado. Abaixo do tapete, o chão estava coberto de mosaicos de plástico. Mesmo aqueles situados diretamente por baixo dos restos mortais estavam intocados pelo fogo. O aparelho de televisão do outro lado da sala ainda funcionava, não mostrando mais do que algumas deformações nos botões de plástico. Era surpreendente.

No entanto, não havia dúvidas sobre as temperaturas terríveis a que a sala deve ter sido submetida. As paredes eram como uma fornalha que estava a arrefecer, lançando um brilho alaranjado doentio. Fuligem preta e espessa cobria as superfícies da sala. Os abajures de plástico tinham derretido, mas a lâmpada de vidro estava coberta por uma crosta alaranjada de algo pegajoso e indescritível.

A vítima era um viúvo de 73 anos. Utilizaremos o pseudónimo Bert Jones para proteger a sua família de mais sofrimento. Souberam que algo estava errado quando ele não chegou cedo para o almoço de domingo com as suas duas filhas casadas. Os genros deslocaram-se lá para ver o que se passava, não obtiveram resposta da porta da frente e foram forçados a arrombar. Encontraram a sala de estar selada com perfis de vedação contra correntes de ar e cheia de fumo que se ondulava em nuvens à medida que o ar entrava agora em rajadas através da porta aberta. Depois viram a pilha de cinzas e lutaram para assimilar a pura incompreensibilidade do que se deve ter passado.

Uma equipa forense foi chamada à casa numa tentativa de estabelecer o que poderia ter acontecido. John Heymer tinha lido sobre casos de combustão humana espontânea, mas nunca a tinha visto em primeira mão. No entanto, já tinha assistido a incêndios terríveis nos quais as vítimas tinham ficado presas no interior sob temperaturas muito elevadas durante algum tempo. Nenhum tinha terminado destruído da forma como o Sr. Jones tinha sido.

Heymer sentiu-se na obrigação de lançar a ideia de CHE à equipa científica que chegou, mas estes esboçaram sorrisos incrédulos e insistiram que não havia mistério aqui. Este incêndio — como todos os outros casos de suposta CHE — acabaria por ter uma explicação. Eles iriam encontrá-la.

Havia algum tecido fibroso queimado na parte frontal da grelha da lareira, viria a notar mais tarde Heymer num artigo que enviou para publicação na *New Scientist*. A expectativa da equipa de investigação era de que isto se revelasse pele humana e que se ajustasse à teoria que estavam a desenvolver. Esta sugeria que o Sr. Jones tinha caído de cabeça numa lareira acessa, batido com a cabeça na grelha e morrido enquanto ali jazia a arder.

Contudo, havia problemas com esta hipótese. Não havia qualquer indício de que as cinzas dentro da lareira tivessem sido mexidas. Além disso, os danos causados pelo fogo na própria cadeira sugeriam que estes provinham do contacto com o homem a arder, levantando a questão: ter-se-ia ele realmente levantado da lareira em chamas e, incrivelmente, sentado de novo na poltrona para morrer?

A substância alaranjada e pegajosa na lâmpada foi identificada. Tratava-se indubitavelmente de carne humana que tinha sido transformada em vapor pelos níveis extraordinários de calor.

Nos nossos esforços para avaliar este caso, tentámos falar com a esquadra de polícia do condado de Gwent envolvida. O nosso pedido inicial e educado para uma entrevista com um agente que tivesse sido chamado ao local foi recebido com a sugestão de que adotássemos a política padrão aplicada quando os advogados entrevistam agentes da polícia. Parte desta exigência consistia em entregarmos uma quantia moderada de dinheiro à polícia como pagamento. Disseram-nos que esta era a prática normal sempre que os solicitadores entrevistavam porta-vozes da polícia sobre assuntos não criminais.

O nosso orçamento para este livro não nos permitia tal luxo e, por isso, salientámos à esquadra de Gwent que trabalhávamos há muitos anos com forças policiais no Reino Unido investigando objetivamente todo o tipo de fenómenos estranhos, e nunca antes nos tinha sido pedido para pagar por entrevistas. Neste caso, uma breve entrevista com um agente relevante era tudo o que necessitávamos.

Algum tempo depois, a 11 de outubro de 1991, o Sargento Rodway daquela esquadra telefonou a pedir desculpa pelo mal-entendido que tinha começado enquanto ele estava de licença. Aceitou que a sua esquadra pudesse ter sido «um pouco zelosa demais» e que iria agora tentar agendar uma entrevista e abrir uma exceção dadas as circunstâncias. Ficámos-lhe muito gratos por isso e, fiel à sua palavra, a 4 de novembro de 1991 conseguimos entrevistar um dos que estiveram no local, o Agente de Polícia — agora Sargento — Russell. Perguntámos se ele se recordava do caso. «Sim, lembro-me dele vividamente», começou Russell. «É um daqueles incidentes que, quando se chega ao local pela primeira vez, sabe-se que não vai ser tão simples como parece à primeira vista.»

O Sargento Russell confirmou os factos básicos. O Sr. Jones tinha sido visto vivo pela última vez às 06h00 da noite anterior. Os seus restos mortais foram encontrados por familiares às 09h00 e a polícia foi chamada imediatamente.

Fui um dos dois primeiros agentes a chegar ao local. Isso terá sido por volta das 09h30. Fiquei imediatamente impressionado com o que vi. As imagens eram terríveis. Tudo o que posso dizer para o descrever é que o homem morreu como se fosse uma vela. Estava queimado da cabeça para baixo, com apenas a parte inferior das pernas visível. Estavam intactas. O resto dele era cinza. Nunca tinha visto nada assim antes.

O Sargento Russell salientou que John Heymer só chegou algum tempo mais tarde. «O trabalho dele era, na verdade, tirar as fotografias do local.» No entanto, Russell e vários outros — familiares e agentes da polícia — permaneceram ali durante algum tempo, estupefactos.

Estávamos alguns de nós no quarto naquela manhã, a confrontar sugestões. Aquilo em que vocês estão interessados — a combustão espontânea — foi certamente uma das que surgiu. Mas, em abono da verdade, nenhum de nós conseguia compreender o que tinha acontecido. Depois chegou a equipa de polícia científica. Ouviram-nos falar de combustão espontânea e não quiseram saber de nada disso. Disseram-nos que não era possível.

Os agentes forenses encontraram, de facto, alguns pelos na grelha da lareira e, na sua «sabedoria», assumiram que eram humanos. Isto afetou o seu julgamento do caso. No entanto, no final, revelou-se que não eram pelos humanos.

Na verdade, Heymer alega que eram de origem bovina. Perguntámos como o Sargento Russell reagiu às conclusões finais que viriam a ser registadas oficialmente sobre a morte do homem. «Bem, havia outros problemas. Os danos no quarto eram mínimos. Porque é que não ardeu muito mais, dado o calor necessário para destruir o corpo do homem?»

Sugerimos a ideia de que um quarto selado poderia ter sido um fator, tal como discutido no programa *Q.E.D.*, limitando a propagação do fogo. Russell evidentemente já tinha considerado isto.

Francamente, não me pareceu verosímil, porque simplesmente não havia nenhuns danos significativos no quarto quando lá cheguei. Contudo, os meus oficiais superiores ponderaram a prova e descartaram de consideração qualquer outra sugestão. Consideraram que era um caso simples e que qualquer outra possibilidade poderia levantar questões incómodas.

Como ele aceitou, tratava-se de uma situação muito difícil para a polícia. Tinham de ser cuidadosos para não adotar teorias extravagantes ou fenómenos para os quais não existia consenso científico. A preferência pela opção mais fácil foi também motivada pelo desejo de não submeter a família enlutada a mais sofrimento desnecessário. É fácil compreender por que razão a opção da CHE, aqui como tantas vezes no passado, foi rápida e oficialmente desaprovada. Quanto à sua opinião pessoal, o Sargento Russell estava claramente ainda afetado pela memória daquela tragédia de uma manhã de inverno. «Até ao dia da minha morte, ninguém me convencerá de que foi uma morte acidental simples. Havia algo de inexplicável nisso e talvez nunca venhamos a saber o que aconteceu.»

O inquérito seguiu-se apenas um mês mais tarde. O Agente Russell não foi chamado. Um detetive da CID que esteve presente concordou que ficou surpreendido por encontrar tão poucos danos no quarto, dado o estado terrível do corpo. O patologista, Dr. J. Andrews, notou que o Sr. Jones tinha inalado fumos mortais de monóxido de carbono do fogo, além de ter sido consumido pelas chamas. Portanto, como descobrimos com tantas vítimas, o Sr. Jones esteve a respirar depois de ter começado a incinerar-se.

Um vizinho disse no inquérito que tinha visto Albert Jones sentado ao lado do lume na noite anterior. Isto reafirmou a visão oficial sobre o seu falecimento. Tudo somado, levou à conclusão, alcançada pelo legista Coronel Kenneth Treasure, de que o homem tinha provavelmente pegado fogo enquanto estava na sua cadeira e, posteriormente, tinha caído para a frente, batido na grelha da lareira e morrido no chão. Esta parece ser uma solução muito plausível — como, aliás, tantas parecem à primeira vista em tais casos. O veredicto de morte acidental pode muito bem ser verdadeiro e parece justificável dadas as circunstâncias. Mas, claro, permanecem dificuldades persistentes.

Como é que as temperaturas fantásticas necessárias para incinerar o corpo do Sr. Jones se formaram sob as condições encontradas dentro deste

quarto fechado? Por que razão as cinzas na lareira estavam intactas? Significava isto, como o legista deu a entender, que o lume não foi a fonte de ignição? Seria por isso que os danos muito limitados causados pelo fogo no quarto eram mais consistentes com o próprio Sr. Jones ser a fonte do incêndio, fazendo com que apenas os objetos em contacto direto com o seu corpo ardessem?

O investigador paranormal Robert Rickard é editor da revista *Fortean Times*. O seu interesse em casos de CHE levou-o a tentar persuadir o legista Kenneth Treasure a libertar os documentos do inquérito e o relatório da autópsia. Apesar do facto de o caso ser uma questão de registo público e de os jornalistas locais terem tirado notas no inquérito, Rickard veria o acesso aos processos ser-lhe negado. Foi-lhe dito pelo legista: «Lamento não me sentir em condições de lhe facultar a informação que solicita, dado que não parece ser uma "parte interessada" na aceção dos regulamentos apropriados». Como descobrimos, a interpretação destes «regulamentos» fica frequentemente ao critério de cada legista.

John Heymer propôs a sua própria teoria possível que poderia explicar a morte de Bert Jones. Sentia-se seguro de que o calor gerado devia ter vindo de dentro do corpo e relembrou-nos que os seres humanos são compostos por entre 70% e 80% de água. E se esta pudesse decompor-se espontaneamente nos gases que se combinam para formar as moléculas de água; isto é, hidrogénio e oxigénio? O hidrogénio arde extremamente bem — e com uma chama azul. O oxigénio poderia catalisar a reação. A faísca — sugeriu ele — poderia vir de uma acumulação de eletricidade estática dentro do corpo.

Isto é, obviamente, apenas mais uma teoria para tentar justificar um fenómeno cuja própria existência ainda nem sequer está provada. John Heymer reconheceu isso, e a mesma foi recebida pelos leitores da *New Scientist* com alguma cautela.

O Dr. David Halliday, afetado à Unidade de Investigação de Incêndios da Polícia Metropolitana, foi categórico ao afirmar que; «todos os casos investigados por esta unidade foram resolvidos a contento dos tribunais sem recurso à "desculpa" da combustão humana "espontânea"». Indicou ainda que, na sua experiência, pessoas obesas estavam frequentemente envolvidas, fornecendo uma grande quantidade de gordura para arder. Além disso, verificavam-se frequentemente longos atrasos antes de o

incêndio ser descoberto, permitindo muito tempo para que uma consumação quase total ocorresse. Isso pode ter sido verdade neste caso.

Um comentário ainda mais estranho foi oferecido por Sidney Alford, que foi denominado «consultor de engenharia de explosivos» de Wiltshire. Ele sugeriu que o facto de as pessoas idosas serem frequentemente vítimas de CHE poderia prender-se com uma tendência que têm para usar parafina líquida como meio de alívio para a obstipação. Esta é, de facto, uma prática adotada por certas pessoas de uma geração mais velha que nos são conhecidas, mas será realmente assim tão perigosa?

Alford falou de reações que poderiam ocorrer dentro do intestino devido à presença de tais químicos inflamáveis e lançou a ideia de que comer ovos poderia ser outro fator! Estes poderiam gerar gases como o metano, que alimentariam ainda mais a reação. Ele chamou a tal processo o «temido pum fosfínico»! Como prova, foi capaz de citar um caso onde se demonstrou que um corpo apresentava temperaturas dentro do intestino de 43 °C algumas horas após a morte, devido aos processos químicos que ainda ocorriam dentro do estômago.

Finalmente, o Dr. Dougal Drysdale, da Unidade de Engenharia de Segurança da Universidade de Edimburgo, quis deixar claro que a CHE não estava a receber o tipo de estudo sério dentro da ciência que ele considerava que esta exigia. Não ficou convencido com os argumentos de Heymer sobre a eletrólise da água, mas propôs que testes utilizando gordura humana envolta em roupa de modo a agir como um pavio poderiam ser realizados e poderiam responder à questão das temperaturas enormes e muito localizadas aparentes em tais casos. Estes poderiam, sentia ele, deitar por terra «o fantasma da combustão humana espontânea» de uma vez por todas.

Como vimos, o efeito pavio viria a ser demonstrado vários anos mais tarde pelo programa de ciência da BBC *Q.E.D.* Longe de explicar o mistério, apenas levou a mais controvérsia.

Em consequência, o caso do Sr. Jones perto de Ebbw Vale permanece tipicamente frustrante. Algo de terrível ocorreu. Oficialmente existe uma explicação racional, mas alguns (notadamente John Heymer e, aparentemente, o Sargento Russell) não estão convencidos por ela. O que é talvez mais preocupante ainda é que, como em tantos casos onde a CHE

nunca é sequer considerada, deveria ter sido um candidato. Poderá nunca ser provado. Em última análise, poderá provar-se errado. Mas merece uma audição.

Como não seria de estranhar, John Heymer foi outra pessoa a não ser chamada para dar testemunho no inquérito sobre Bert Jones. Falámos com ele em várias ocasiões. Ao início mostrou-se relutante em falar porque estava empenhado na sua própria investigação sobre a CHE, mas assim que tocámos no terreno comum das nossas preocupações mútuas sobre o documentário de televisão da BBC na série *Q.E.D.*, ele abriu-se.

Não sou de aceitar as coisas pelo seu valor aparente, mas pelo menos não tenho uma carreira com que me preocupar. A maioria dos agentes que se envolvem num caso de possível CHE são focados na carreira e não se atrevem a meter-se em algo tão esotérico como isso porque poderia comprometer as suas hipóteses. No entanto, conheço um oficial de bombeiros que foi à televisão uma vez. No ar, ele argumentou que um caso com o qual estava associado provavelmente não era CHE. Desde que o programa foi emitido, ele mudou a sua postura e está agora disposto a pensar na opção. Disse-me que não o podia dizer em público na altura por medo da reação que poderia receber e do que isso lhe faria.

Esta era, em grande medida, a resposta que estávamos a encontrar em quartéis de bombeiros e gabinetes de médicos legistas por todo o país. Não foi surpresa ouvir o mesmo de um antigo perito sénior da polícia também. Mas sentia ele que, em casos como o de Bert Jones, o fenómeno da CHE tinha de ser a resposta?

Não digo que tenha sido CHE propriamente dita. Mas o que digo é que, tendo visto um corpo reduzido a cinzas num tapete com reverso de espuma com mosaicos de plástico que não derretem, e com o tapete queimado apenas na forma do corpo — aliás, quando o tapete é removido nem sequer se conseguiria dizer onde o corpo tinha estado —, então, nessas circunstâncias, tem de haver algo de estranho a acontecer.

Mas por estranho queria ele dizer paranormal?

A suposição parece ser a de que o fogo vem do abdómen da vítima. Falei com um patologista que tinha arquivado um caso como sendo apenas um cigarro deixado cair descuidadamente. Depois, ele disse-me que lidava com cerca de uma dúzia de casos por ano que interpretava de forma

semelhante. Este homem não queria ter nada a ver com a CHE, mas concordou que, numa dúzia de casos por ano, era a zona abdominal da vítima que tinha sido destruída. Em tais casos, o torso arde completamente, deixando as extremidades. Seja lá o que for, isso não é uma situação normal!

John Heymer era, compreensivelmente, cauteloso quanto a discutir os dados com qualquer detalhe. Explicou que tinha demorado anos a acumular informação extensa sobre cinco casos e pretendia escrever relatos completos para a revista *Fortean Times*. Estava preocupado com o número de investigadores paranormais que se tinham agarrado ao fenómeno sem qualquer historial ou experiência e que estavam simplesmente interessados em usá-lo como um veículo para propor as suas próprias teorias exóticas. Sentia que o que era necessário era um debate objetivo dos factos.

Em conclusão, disse-nos:

Não sei o que está a acontecer. Mas sei que em cada caso singular de aparente ou alegada CHE que examinei, o patologista que estudou o corpo julgou que a vítima estava viva quando estava a arder. Isto é muito significativo, pois tende a afastar uma das explicações mais comuns que vemos serem oferecidas. A de que estas vítimas estiveram perto de um fogo, sofreram um ataque cardíaco fatal e depois caíram para a frente para serem consumidas. Os casos que examinei não envolveram pessoas que tivessem sofrido ataques cardíacos e tivessem caído num fogo. Fosse o que fosse, o fogo parece ter vindo de dentro delas próprias. É isso que torna a CHE tão intrigante.

9

A Investigação de um Bombeiro

Tony McMunn é bombeiro no ativo há vinte e três anos. Passou algum tempo como Oficial de Divisão Adjunto, dando palestras a colegas no Fire Service College, em Gloucestershire, sobre Prevenção de Incêndios e, extraoficialmente, sobre combustão humana espontânea. Atualmente, é Oficial de Divisão Sénior para o Serviço de Segurança contra Incêndios baseado na Corporação de Bombeiros de Kent. A inauguração de Tony na

controvérsia da CHE foi um verdadeiro batismo de fogo. Na altura, estava vinculado à Corporação de Bombeiros de Lancashire.

«Por volta das doze e meia do meio-dia, a 4 de março de 1980, recebi uma chamada para ir a um incidente de "pessoa reportada". Isso é jargão da corporação de bombeiros para alguém preso num incêndio habitacional, ou uma fatalidade por incêndio.»

O endereço era uma casa em banda em Chorley, habitada por uma senhora idosa. Quando Tony chegou, esperava ver muito fumo e chamas, mas, estranhamente, não havia sinal do incêndio que tinha vindo ver. Um agente da polícia que se cruzou com ele ali disse: «Tem de ver isto para acreditar!». Tony entrou pela porta da frente e caminhou até uma sala de estar nas traseiras que continha uma cama. O que viu no chão deixou-o horrorizado. Eram os restos mortais da idosa senhora.

A mulher foi encontrada com parte do corpo na lareira e a parte inferior no tapete. Dos joelhos até ao crânio eram apenas restos calcinados — por outras palavras; pura cinza. Dos joelhos até aos pés, as pernas estavam intactas. Não havia danos causados pelo fogo na área circundante, embora houvesse danos provocados pelo fumo desde a parte superior das paredes até ao teto.

A hora aproximada da morte foi deduzida pelo facto de os transeuntes e vizinhos terem notado um grande volume de fumo e faíscas a sair da chaminé aproximadamente às 21h30 da noite anterior. No entanto, passaram quase quinze horas até que um vizinho passasse por lá para ver a pensionista e descobrisse a bizarra tragédia.

Havia um balde no quarto. Presumimos que, enquanto se aliviava, a vítima se tinha desamparado na lareira onde havia um lume de carvão aberto. Quando vi o fenómeno pela primeira vez, fiquei sobressaltado. Nunca tinha visto nada assim antes, nem os homens da ambulância, nem a polícia, embora, como todo o pessoal da corporação de bombeiros, já tivesse assistido a muitas fatalidades envolvendo incêndios. Até os ossos tinham desaparecido, contudo, quando olhamos para objetos próximos, como um banco de pés de nylon escovado e roupas à direita dos restos mortais — estes estavam apenas manchados.

Na altura não fazia a menor ideia do que se tratava. Alguém me mencionou que era "combustão humana espontânea", e eu aceitei

ingenuamente a explicação sem saber exatamente o que a terminologia significava. Foi mais tarde que comecei a perguntar-me o que exatamente o fenómeno poderia ser.

O inquérito realizou-se no Tribunal de Instrução de Chorley. Foi proferido um veredicto de morte acidental quando se determinou que a falecida tinha caído de cabeça no lume de carvão.

Tony aprendeu que o fenómeno estava dividido em duas categorias; combustão espontânea e preternatural. Nesta última, o corpo arde de forma não natural na sua própria substância após ser incendiado por uma fonte de ignição exterior.

Poderia alguém realmente arder desta forma, perguntava-se ele? Teria havido outros casos? Estaria alguém a realizar investigação? Decidiu investigar. O que resultou foram vários anos de investigação intensiva financiada do seu próprio bolso. Tinha-se candidatado a uma bolsa de investigação da The Institution of Fire Engineers em 1986, mas esta foi recusada.

Tony não ficou impressionado com o que encontrou inicialmente.

Peguei nas publicações habituais e percebi rapidamente que estavam todas a copiar umas pelas outras e a regurgitar os mesmos velhos casos repetidamente. Descobri quão ingénuas são algumas pessoas que aceitavam as coisas pelo seu valor aparente sem cavar mais fundo no assunto em questão. Durante a minha investigação também descobri que foram colocados obstáculos no meu caminho — por que razões não sei bem. As pessoas prometiam-me inúmeras fotografias de incidentes a que tinham assistido e documentação valiosa sobre casos, mas raramente materializavam-se. Pouca informação vinha do pessoal da corporação de bombeiros. Posso dizer com segurança que a maioria da minha informação veio de outros organismos profissionais.

A sua posição no Fire Service College deu-lhe acesso à Biblioteca do Museu Britânico. Ali descobriu documentos que se referiam à CHE datados de meados do século dezoito.

Referências históricas foram também descobertas e enviadas a Tony McMunn por Bob Skinner, um investigador de «curiosidades da história natural». Tony escreveu para todas as pessoas concebíveis em quem se

conseguiu lembrar para o ajudar na sua investigação. Como ponto de partida, procurou o significado do próprio termo, «combustão humana espontânea», e descobriu que significava:

«Uma reação biológica ou química que produz o seu próprio calor, resultando em combustão».

Poderia um corpo humano criar uma reação biológica ou química interna que produzisse temperatura suficiente para provocar a combustão? Sendo leigo no que toca ao funcionamento interno do corpo, escrevi à British Medical Association e ao Clinical Research Centre, e fiz a ambos a mesma pergunta: «Serão os nossos órgãos internos capazes de produzir tanto calor que este não se consiga dispersar e, por isso, se possa inflamar através do contacto com gases que se acumulam dentro do corpo?».

Ambas as organizações responderam que não me podiam ajudar, visto que não compreendiam o assunto. Não faziam a menor ideia do que eu estava a falar! Portanto, aqui estava o meu primeiro obstáculo — um assunto documentado há centenas de anos, que as duas principais associações médicas da Grã-Bretanha nem sequer compreendiam.

Durante a sua investigação, Tony passou um dia num crematório e falou com especialistas locais, e visitou Harwell para questionar cientistas sobre partículas nucleares chamadas *neutrinos*[1]. Ele analisou alguns dos casos «clássicos» de combustão humana espontânea (CHE) mais de perto.

«Falei com o Dr. William Krogman sobre o caso Mary Reeser e descobri que ele não apoiava de todo a explicação da CHE! Percebi que não só muitos escritores tinham regurgitado as mesmas histórias, como alguns deles tinham, na verdade, mudado as regras do jogo.»

Mas Tony sabia que estava a lidar com um fenómeno real.

Em mortes normais por incêndio, as chamas «arrancam» as camadas superficiais da pele do corpo, mas não penetram. Por vezes, as chamas «ondulam» sobre o corpo e até a roupa sobrevive. Conseguem ver-se os ossos, distinguir o contorno de um corpo. O que acontece aos corpos num incêndio é que a superfície fica carbonizada, mas as chamas não penetram realmente.

Tony deparou-se com um livrete datado de 1922, chamado *Forensic Medicine and Toxicology*[2]. Como muitas publicações científicas, não

estava preparado para considerar a CHE, mas, percebendo que havia um fenómeno a abordar, discutiu a opção menos esotérica da combustão preternatural. O livrete concluía:

«É evidentemente devido à formação no corpo de alguma substância que é capaz de arder por si mesma quando inflamada, não de forma latente, mas com uma chama luminosa.»

Quanto mais se aprofundava no assunto, mais Tony favorecia a combustão preternatural como a via de investigação mais provável para uma explicação. Durante as suas investigações, ele descobriu um novo caso que apresentamos aqui pela primeira vez.

A Brigada de Bombeiros de Londres atendeu uma chamada de emergência e foram enviados veículos da Estação de Bombeiros de Clapham. Faltavam poucos minutos para as nove da manhã de 22 de fevereiro de 1964. Quem ligou foi um vizinho de Janice Campbell*, de 72 anos. A Sra. Campbell vivia num apartamento no rés do chão. Os bombeiros encontraram os seus restos mortais numa divisão nas traseiras.

A divisão em si media oito pés por seis[3]. Havia danos causados pelo fogo na vizinhança do «corpo», no soalho de madeira, e o teto estava parcialmente desprovido de gesso devido ao calor intenso. Isto é indicativo, disse-nos Tony McMunn, de um incêndio súbito e rápido que seca o gesso, quebrando a sua aderência e fazendo com que caia de uma parede ou, neste caso, do teto. De resto, a estrutura da divisão não foi danificada. Os oficiais de bombeiros determinaram que vinte e cinco por cento do conteúdo da divisão estava gravemente danificado pelo fogo, e o restante danificado em menor grau pelo calor e pelo fumo. O resto do apartamento foi apenas ligeiramente afetado pelo fumo.

Quando os bombeiros chegaram em resposta à chamada, o incêndio já estava extinto. Foi montada uma investigação minuciosa e, em resposta à pergunta número um, «Causa Presumível», do formulário do seu «Relatório de Incêndio», foi escrito: «Desconhecida». Na página dois, sob o título «Natureza da Lesão», estava dactilografado: «Queimaduras graves no corpo». Dizer que isto é um eufemismo é, em si mesmo, um eufemismo! Tony mostrou-nos uma fotografia da divisão e comentou: «A esta, eu chamo “procurem o corpo”.»

Não há corpo. Quase nada resta do ser humano que outrora foi Janice Campbell.

Outro caso mais recente, do qual Tony conseguiu obter documentação, envolveu um estudante. Em deferência aos pais e ao oficial de bombeiros investigador, omitimos muitos detalhes relevantes que, de outro modo, poderiam levar à identificação da vítima. O incidente ocorreu num bloco de alojamento situado em Birmingham. Embora pareça haver uma explicação natural à mão, esta é travada pela total bizarria dos outros componentes do mistério.

Começou nas primeiras horas de terça-feira, 13 de maio de 1980, pouco depois das 3h30. No vigésimo andar, dois homens acordaram com gritos. Saíram para o corredor e descobriram que os gritos vinham do quarto C2. Ali, encontraram Jeremy Rackham*, de 20 anos, a arder na sua cama. Foram buscar as suas próprias almofadas e usaram-nas para apagar o fogo. Rackham, em estado de choque, foi de algum modo movido para o corredor.

Entretanto, os bombeiros tinham sido alertados pelo Controlo de Ambulâncias de que havia «um homem com queimaduras elétricas» no bloco. Um veículo chegou às 3h42, liderado por um subchefe. Quando ele e a sua equipa chegaram ao vigésimo andar e constataram que o fogo já estava extinto, o oficial de bombeiros decidiu investigar a possível causa.

Em relatórios feitos mais tarde ao seu comandante de divisão e à Polícia de West Midlands, ele fez as seguintes observações.

Ao chegar ao vigésimo andar, a vítima foi descoberta deitada no corredor, do lado de fora do apartamento C2. Sofria de queimaduras graves no pescoço, costas, peito, abdómen inferior, em ambos os braços e pernas. Os primeiros socorros foram prestados pela equipa da ambulância. Após verificar a vítima, o oficial entrou no quarto C2, que estava organizado da seguinte forma.

A cama ficava no canto superior esquerdo, com um pequeno tapete de pés no centro do chão. Atrás da porta, no canto inferior esquerdo, estava uma secretária. Do lado direito havia um lavatório e, dobrada no canto direito, estava uma colcha de cama que se encontrava ligeiramente queimada. Ele fez uma verificação do quarto e encontrou um pedaço de papel que tinha sido ordenadamente dobrado em forma de pavio, caído

sobre o tapete de pés. Uma das extremidades deste pavio tinha ardido e o tapete também apresentava marcas de queimadura.

Ele verificou a cama e encontrou o lençol atirado para a extremidade. Quando o puxou para trás, descobriu marcas de queimadura no lençol que correspondiam a uma pessoa deitada a dormir: cabeça, costas, nádegas e uma perna. Num caixote do lixo metálico, encontrou vários pedaços de papel queimado. Estes incluíam jornais, revistas e pequenos pedaços de papel de nota rasgados. Num armário no extremo direito do quarto, foi encontrada uma garrafa com a indicação *«surgical spirits»*[4], contendo uma pequena quantidade de líquido. O oficial foi então para o corredor e para a zona da cozinha para verificar sinais de onde o pavio poderia ter sido aceso. Mas não havia sinais de papel queimado no fogão, nem havia vestígios de cinzas de papel caído no corredor.

Ele perguntou ao condutor da ambulância se a vítima tinha dito alguma coisa. Ele disse que «Não», e depois perguntou ao Sr. Rackham como tinha acontecido. Rackham respondeu: «Estava deitado na cama e acordei em chamas.» Depois, voltou a entrar em choque e foi transportado para o hospital, onde, dois dias mais tarde, faleceu, tendo sofrido 70% de queimaduras.

Depois disto, o oficial voltou ao quarto para averiguar a causa do incêndio, mas não conseguiu encontrar nenhuma fonte de ignição, como fósforos ou um isqueiro. Um amigo do estudante disse-lhe que Rackham não fumava.

Seguindo o procedimento, o oficial contactou o seu quartel-general e solicitou a presença do oficial de divisão de serviço, devido à «origem duvidosa» do incêndio e à ausência de qualquer fonte de ignição. O oficial de divisão adjunto de serviço chegou devidamente e assumiu a investigação.

Os bombeiros tinham sido chamados para um «homem com queimaduras elétricas». Seria isso devido à falta de um incêndio geral no quarto? Mas não havia sinais de quaisquer falhas elétricas e, por experiência, o oficial pensou que as queimaduras da vítima tinham sido causadas por chamas e não por algo elétrico. O subchefe pensou que o foco do incêndio tinha sido o caixote do lixo metálico por baixo do lavatório, mas na sua declaração ao seu comandante de divisão, sob o título «Causa

Presumível», tinha escrito: «Duvidosa, pendente de investigações policiais».

Não sabemos os detalhes da investigação policial subsequente, mas o inquérito judicial foi realizado a 31 de dezembro. No relatório do inquérito, a «Natureza e Causa da Ocorrência» é registada como «incêndio, causa desconhecida». Apesar de se ter acordado que a causa da morte foram «queimaduras», o inquérito não conseguiu encontrar nenhuma explicação sobre como isso aconteceu, nem sequer uma teórica. Devido a isto, chegou-se a um veredicto em aberto.

Então, o que causou a morte por fogo do estudante Jeremy Rackham? Como habitualmente, existem provas contraditórias para provar qualquer cenário específico, mas não há dúvida de que existe um mistério. Mas será este mistério indicativo de CHE, ou deve-se meramente a uma falta de factos? Analisemos mais de perto o quarto C2.

A investigação do incêndio revelou que não houve qualquer dano na estrutura do quarto. O incêndio ficou quase inteiramente confinado à cama e, claro, à sua vítima. A roupa de cama ficou 50% danificada pelo fogo. As provas parecem apoiar a afirmação da vítima de que «Estava deitado na cama e acordei em chamas». Parece mesmo que Jeremy Rackham estava a dormir quando se incendiou. Como vimos, as marcas de queimadura no lençol correspondiam ao seu corpo, e até a almofada sofreu 10% de danos pelo fogo. Mas e quanto aos outros danos menores no quarto?

O oficial de bombeiros pensou que o caixote metálico poderia ser o foco original do incêndio. Como não havia provas de uma fonte de ignição no quarto, ocorreu-lhe obviamente que a vítima teria feito um pavio de papel, caminhado para fora do quarto até à cozinha comunitária onde este foi aceso, e depois regressado para destruir o conteúdo do caixote. Mas, como vimos, não havia provas que apoiassem este cenário. Mesmo que isto estivesse correto, como tinha o fogo passado do caixote para Rackham, algum tempo depois, após ele ter ido dormir? Talvez horas mais tarde? O que fazia o pavio no tapete, que por sua vez estava ligeiramente queimado, entre o caixote e a cama? As marcas de queimadura no tapete e a colcha dobrada do outro lado do quarto poderiam ter sido causadas por Rackham depois de ter acordado em chamas e entrado em pânico, movendo-se talvez ao acaso pelo quarto.

Estaríamos perante um suicídio ou até um homicídio?

Foi dada alguma ênfase à descoberta da garrafa com a indicação *«surgical spirits»* contendo «uma pequena quantidade de líquido». Esta foi encontrada num armário. Se a insinuação era a de que o líquido inflamável tinha desempenhado um papel no incêndio, por que razão foi depois guardado cuidadosamente no armário? Supunha-se que o Sr. Rackham se tinha regado com ele e depois, após queimar alguns papéis no caixote (sendo talvez o seu conteúdo a razão do «suicídio»), se tinha pegado fogo a si próprio depois de se deitar na cama e se cobrir com um lençol? Não faz realmente sentido, especialmente quando se tem em conta que a vítima usava pijama, que foi destruído pelo fogo. E certamente o lençol da cama impediria um incêndio. Um incêndio normal, pelo menos. Os cobertores são atirados sobre as vítimas de incêndio para cortar o oxigénio e abafar as chamas.

Poderia ter sido homicídio?

Não havia sinais de entrada forçada no apartamento. Talvez alguém que tivesse uma chave tenha entrado, acendido um pavio com o seu isqueiro, ateado fogo ao caixote para parecer um acidente e, em seguida, aplicado a chama ao estudante que dormia, cobrindo o corpo com um lençol.

Será viável? Com certeza o assassino correu um risco enorme de acordar a sua pretendida vítima assim que entrou no quarto, e especialmente quando o fogo foi ateado. Os assassinos normalmente matam as suas vítimas de uma forma convencional, como com um golpe fatal na cabeça, e depois tentam disfarçar o crime com o fogo.

A verdade é que nada disto faz sentido. Claro que Jeremy Rackham poderia ter queimado os papéis no início da noite, e foi apenas coincidência (ou sincronicidade) quando o seu próprio corpo irrompeu em chamas algumas horas mais tarde. Mas, de qualquer forma, porquê queimar os papéis? Por que não deitá-los fora simplesmente...?

Acidente, suicídio, homicídio... combustão humana espontânea?

Aqueles que acreditam que a CHE é paranormal citam fogos espontâneos que ocorrem como parte de uma atividade poltergeist geral. Na sua opinião, o fogo no caixote, os pedaços estranhos de queimaduras no

tapete e na colcha do outro lado do quarto foram causados pelo mesmo fenómeno que consumiu Jeremy Rackham. Deixando estes itens de lado, havia certamente uma óbvia falta de danos causados pelo fogo no quarto, considerando o estado do jovem.

Depois de estudar os relatórios e de falar com alguns dos envolvidos na investigação, o que pensava Tony McMunn?

«É um verdadeiro mistério. Não havia provas de arrombamento, nenhuma fonte de ignição, nada que explicasse como o jovem acordou nas primeiras horas da manhã e se deparou em chamas. O exame que foi realizado foi apenas para um incêndio normal. Quando falei com o cientista do Home Office[5], Roger Ide, sobre o caso, ele disse que, se soubesse, teriam feito um exame forense completo.»

O segundo envolvimento pessoal de Tony num caso de alegada CHE ocorreu em 1986. A 5 de fevereiro, a Brigada de Bombeiros do Condado de Lancashire foi chamada a uma casa em banda em Preston. Dois jovens, ao chegarem ao local para concluir um trabalho iniciado no dia anterior, viram que não conseguiam entrar na casa e alertaram um vizinho que tinha uma chave. Lá dentro, depararam-se com um espetáculo aterrador. Charles Pimm*, de 61 anos, estava deitado prostrado sobre a lareira e o tapete da sala de estar, reduzido a uma cabeça, três membros e um monte de cinzas. Tinha sido visto vivo pela última vez no dia anterior, às 16h30.

Embora houvesse muitos danos causados pelo fumo na divisão, um sofá, a escassos centímetros de distância, nem sequer estava queimado. A divisão estava ventilada. Próximo dali estava uma lareira aberta, entretanto extinta, e a grelha parecia estar perturbada. Isto levou o oficial investigador a concluir que a vítima, que sofria de ataques, tinha caído na lareira e depois ficara deitada no tapete a arder.

O que pensava Tony sobre a CHE — será que existe?

«Existe um fenómeno que ninguém conseguiu explicar. A única forma de tentar uma explicação seria alguém estar presente quando acontece. O mais perto que estive disso foi quando fui confrontado com os restos calcinados de um ser humano. Não lhe consigo dar uma resposta sobre o porquê de a maioria das vítimas de incêndio sofrer apenas carbonização superficial, e de um número muito reduzido ser quase totalmente incinerado. As pessoas podem dizer que é porque existe um fogo lento e

latente, mas a verdade é que ninguém sabe realmente. Existe algo presente nestes casos que é fora do comum e inexplicado. Em alguns dos casos, as vítimas parecem ter caído de cabeça numa lareira aberta. Mas não há muita carne ou gordura na cabeça, e o fogo deveria ter-se apagado. O efeito pavio só é viável em termos do tronco. Penso que as redondezas só costumam ficar chamuscadas porque estamos a lidar com um calor radiante intenso, em vez de chamas diretas.»

10

Quem Ateou Fogo à Coelha Roberta?

Será que os animais sofrem de combustão espontânea? Ou, mais precisamente: será que os outros animais sofrem de combustão espontânea? Afinal de contas, somos apenas animais altamente desenvolvidos que usaram o seu intelecto para subir à força até ao topo da cadeia alimentar. Se a CHE é uma realidade nos seres humanos, então certamente deveriam existir exemplos em cães, ovelhas e coelhos?

Outros investigadores disseram-nos que não se conheciam casos de combustão espontânea em animais. Perguntámo-nos porquê. Adotando uma visão esotérica, se a CHE é um fenómeno psíquico, terá a falta de «espiritualidade» nos animais «inferiores» provocado isto? Ou, como observou um brincalhão: será porque os animais não se tornam bêbedos? Se o efeito pavio é uma explicação mundana viável para alguns casos de CHE em humanos, onde estão os restos cremados do beagle Ben ou da gata Pinky? Mostre um fogo a um cão ou a um gato, e esse animal aproximar-se-á dele o mais que puder. O animal ficará ali a ofegar, com o pelo quente ao toque, movendo-se apenas como último recurso. No que diz respeito a candidatos para o efeito pavio, os animais de estimação da família deveriam estar no topo da lista.

Do mesmo modo, se a CHE é o produto de um fenómeno natural externo ou de um campo de energia que entra no corpo, com certeza isso deveria afetar os animais com a mesma facilidade? De facto, como existem mais animais no mundo do que seres humanos, isto deveria acontecer frequentemente.

Talvez a falta de combustões animais implique que a CHE não ocorre de todo. Contudo, como notado, mesmo o efeito pavio como solução alternativa deveria afetar os animais. Ou significará esta falta que algo único nos seres humanos está envolvido na condição? Mesmo que se tratasse de um fenómeno que ocorresse principalmente no interior de edifícios, os animais domésticos deveriam estar sujeitos ao mesmo evento bizarro de tempos a tempos.

Sem dúvida que a questão desta ausência de provas de combustão animal espontânea é de grande importância.

Tentámos solicitar informações sobre vítimas animais através das páginas de cartas de revistas de agricultura e de animais de estimação, mas sem absolutamente nenhum sucesso. A RSPCA[6] disse que não guardava registos. Significava isto que não havia vítimas, ou poderia haver outras razões para o silêncio?

Se alguém que estivesse a dar um passeio no campo se deparasse com os restos calcinados de uma ovelha, qual seria a sua reação? Iria a correr chamar a polícia? Não. Seria reportado a alguém? Provavelmente não. Presumiriam que o animal tinha morrido e que o proprietário lhe tinha pegado fogo para poupar o enterro. O que faria um agricultor ao encontrar uma ovelha ou uma vaca incinerada desta forma? Chamaria especialistas forenses da polícia para determinar como o animal tinha morrido? Improvável, como reportámos anteriormente após falarmos com um bombeiro sénior.

Notas

[1] Neutrinos: Partículas subatómicas elementares, sem carga elétrica e com uma massa extremamente reduzida, que interagem muito raramente com a matéria.

[2] Forensic Medicine and Toxicology: Traduz-se literalmente como «Medicina Legal e Toxicologia».

[3] Oito pés por seis: Medida equivalente a aproximadamente 2,4 metros por 1,8 metros.

[4] Surgical spirits: Expressão comum em inglês para designar o álcool cirúrgico ou álcool etílico desnaturado, frequentemente utilizado para desinfeção médica.

[5] Home Office: O Ministério do Interior do Reino Unido.

[6] RSPCA: sigla de Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals (Real Sociedade para a Prevenção da Crueldade contra os Animais), uma organização de beneficência que atua em Inglaterra e no País de Gales.

O oficial sugeriu que a suspeita de incineração espontânea de animais é reportada como outra coisa pelos agricultores. Ao preencher as participações de sinistro para as seguradoras, seria mais expedito escrever «queda de raio» em vez de «combustão espontânea» — evitando assim uma série de perguntas incómodas e um atraso no pagamento. Imagine-se ter de justificar uma morte por combustão espontânea a um perito de seguros.

Face a isto, haverá alguma prova de que os animais sofram o mesmo destino abrasador que alegadamente visitou alguns seres humanos? Encontrámos alguns exemplos, embora as alegações sejam, na melhor das hipóteses, vagas e anedóticas.

Michael Harrison relatou no seu livro o caso da família Dawson, que vivia na Ilha Thorah, Beaverton, Ontário, no Canadá. Eles adotaram uma órfã chamada Jennie Bramwell, que sofreu de meningite pouco depois de se mudar para a casa. Durante a sua doença, irromperam, segundo consta, centenas de pequenos focos de incêndio. O que é de interesse aqui é que, numa ocasião, o gato da família entrou espontaneamente em chamas. Quando fugiu de casa em pânico, as chamas apagaram-se misteriosamente e, felizmente para o animal, apenas o seu pelo ficou queimado, não havendo ferimentos permanentes.

Foi-nos passado um recorte do *Newcastle Journal* relativo a um incidente ocorrido a 6 de fevereiro de 1978. Supostamente, um cão pertencente a uma Sra. Jean Payne foi descoberto na rua com o estômago

em chamas. Um homem que passava teve a presença de espírito de rolar o animal numa poça próxima e apagar as chamas. Ficámos intrigados e tentámos contactar a Sra. Payne, que na altura vivia em Jarrow, Tyne and Wear. Não o conseguimos, mas, a ser verdade e tendo o cão sobrevivido, o que terá pensado um veterinário do incidente? É claro que poderia haver uma explicação racional para o fogo, tal como a ação de um sádico cruel. Infelizmente, de momento, continuamos sem saber.

Um caso em que fizemos averiguações ligeiramente mais afortunadas foi-nos relatado por um motorista de pesados e militar de longa data, que estava tão determinado em manter a confidencialidade que tivemos de nos encontrar com ele clandestinamente num ponto da autoestrada M6! Pondo de parte estes arranjos clandestinos, ele tinha uma história fascinante para contar. Ocorreu a 9 de fevereiro de 1988, quando ele procurava trabalho como trabalhador agrícola perto de Oswestry, em Shropshire.

O dia estava bom e ensolarado, e passava pouco das primeiras horas da manhã. Enquanto caminhava de regresso de uma entrevista malsucedida, viu um carro estacionado fora da estrada e uma mulher com um *spaniel* que estava sem trela e a correr livremente. Na verdade, corria em direção a uma pequena nuvem de névoa vaporosa amarela que estava próxima do nível do solo, mas que brilhava com uma ferocidade colérica. Um som vibratório emanava dela à medida que a «névoa» aparentemente rodava, e a erva e os arbustos próximos abanavam como que em resposta a uma enorme pressão atmosférica.

A testemunha disse-nos que, durante os cerca de dois minutos em que este fenómeno esteve visível, sentiu o ar carregado de eletricidade estática. O seu cabelo estava literalmente em pé. Além disso, havia um odor almiscarado e sulfuroso que concebivelmente poderia ser ozono. Este pode formar-se quando a atmosfera é ionizada por um forte campo elétrico.

O cão tinha visto a nuvem e corria para o seu interior, alheio a qualquer perigo. Em poucos segundos, foi engolido pelo brilho. A mulher estava agora histérica e o homem teve de a acalmar. Momentos depois, a nuvem brilhante desapareceu e o corpo do cão, totalmente prostrado, foi visto no chão, sob a massa agora dissipada.

Ao ir recolher o cão, o homem relatou que este estava vivo, possivelmente inconsciente, mas a ofegar fortemente. Os seus olhos

estavam vermelhos e inflamados, e a sua pele estava completamente molhada e quase a escaldar ao toque. Ele cobriu-o com um cobertor e colocou-o no carro da mulher. Enquanto o homem ainda estava em estado de choque, ela arrancou e foi-se embora.

A investigação foi limitada pela recusa da mulher em cooperar connosco; embora ela insistisse que a história era verdadeira. O cão nunca foi examinado por um veterinário, mas pareceu recuperar totalmente após três dias, vindo a falecer apenas algumas semanas mais tarde. Ela sentiu que ele tinha morrido de velhice e não associou o facto ao incidente.

Embora não seja um exemplo de combustão espontânea, *per se*, a ligação é óbvia. Na verdade, o caso tem paralelos com vários outros que vieram à luz no âmbito da ufologia. Aliás, o motorista de pesados relatou-nos este fenómeno como um OVNI, embora ninguém esteja a sugerir que se tratasse de uma nave espacial, escusado será dizer!

Um exemplo muito interessante foi o que sucedeu a um homem na praia de Sizewell, em Suffolk, na noite de 24 de fevereiro de 1975. Ali, uma massa semelhante a uma nuvem (de cor verde-amarelada e descrita como uma abóbora pelo funcionário dos correios que a viu) «atacou» um cão e o seu dono, emitindo um zumbido e gerando um campo eletrostático. Dizia-se que parecia o tubo de raios catódicos de um aparelho de televisão, o que pode ser significativo. O cão encolheu-se atrás do dono e depois fugiu. O homem permaneceu no local até o objeto desaparecer, mas sofreu um longo período de problemas de saúde posteriormente e fomos levados a crer que ele teve de deixar de trabalhar em consequência disso.

Ao ouvir falar das nossas investigações em curso nesta área, fomos contactados por Raymond Reed, que relatou um incidente com que ele e outros se depararam durante o tempo em que serviu no 9.º Batalhão dos *Royal Welsh Fusiliers*[1], destacados em Weymouth, em Dorset, durante a Segunda Guerra Mundial.

«Naquela altura, unidades de um oficial e dois homens costumavam patrulhar a linha costeira para manter o contacto com os guarda-costas. Uma noite, estávamos a atravessar uma charneca aberta onde pastavam muitas ovelhas. Estava um breu total. De repente, sem aviso, deflagrou um incêndio a cerca de cem jardas[2] de distância. O oficial disse: "Que diabo é aquilo?". Aproximámo-nos com cuidado e descobrimos que era uma

ovelha a arder. O animal estava deitado de lado. Da zona do seu estômago saíam chamas azuis. A cor transportou-me de volta à minha infância, quando costumava deitar fogo a enxofre. Depois as chamas subitamente tornavam-se amarelas [como aconteceu aqui] quando a lã começava a arder. Ficámos absolutamente estupefactos. A ovelha era um animal grande, de forma alguma decomposta, na verdade com um aspeto bastante fresco. Penso que estava morta, mas não posso ter a certeza. Extinguimos o fogo atirando-lhe terra e torrões.»

O Sr. Reed passou depois a ser selecionado para os «Phantoms»[3], uma organização militar secreta de operadores de rádio cujo trabalho era fazer chegar informações da mesmíssima linha da frente de volta ao comando do Exército, contornando todas as linhas normais de comunicação.

Um relatório ainda mais intrigante chegou-nos de um leitor da revista *New Scientist*, que publicou o nosso pedido simples e incontroverso de comentários sobre a CHE (tal como fizeram as revistas de bombeiros, de polícia e de medicina que abordámos — sendo a única recusa clara da publicação mais conhecida da ciência convencional, a *Nature*). Bernard Beeston incluiu um recorte com a sua carta de apresentação, do *Sunday Express*, datado de 29 de janeiro de 1989. Inteligentemente intitulado: *WHO FLAMED ROGER RABBIT?*[4], falava do «bizarro caso do coelho em chamas do West Country que estava a ser investigado por cientistas forenses do Home Office».

Contava como o Sargento da Polícia Colin Price se deparou com o coelho selvagem no meio de uma faixa de rodagem rural sossegada nos arredores de Bristol. Ao início, pensou que se tratava de uma rutura numa conduta principal de gás, e ficou estupefacto ao encontrar, em vez disso, um coelho morto a arder ferozmente no alcatrão. Usando uma pá, tentou mover o animal para a berma da estrada quando «uma cortina de fogo de três pés[5] de altura irrompeu da sua carcaça». O Sargento Price disse ao repórter John Vincent:

«É a coisa mais estranha com que já me deparei em vinte anos de serviço. Isto parece não ter qualquer explicação lógica.»

O relatório dizia que o laboratório do Home Office em Chepstow estava a examinar os restos mortais. Escrevemos para o laboratório,

solicitando uma cópia do relatório forense, e tomámos conhecimento de outros dois relatos de jornais. Estes acrescentavam mais detalhes, embora, como viríamos a saber subsequentemente, muitos deles fossem um tanto imprecisos.

O *Daily Telegraph* de 24 de janeiro dizia que a polícia estava a associar um coelho «que explodia» «com os ataques aparentemente sem motivo a três veículos». Dois dias mais tarde, o *South Avon Mercury* afirmava que «durante a noite anterior» dois carros e um camião — todos em locais diferentes — foram encontrados totalmente queimados por um ou mais incendiários misteriosos. Consegue-se mesmo imaginar o líder de um bando de vândalos a gritar: «Muito bem rapazes, já chega de carros por agora, vamos começar a atear fogo a coelhos!»

O *Mercury* citava o «porta-voz da polícia», o Inspetor John Jones, afirmando que «o coelho morto tinha sido eviscerado, recheado e incendiado». Acrescentavam que um exame forense tinha revelado que a carcaça fora enchida com «um acelerante». As nossas averiguações mostraram que aparentemente nada disto era verdade!

O Dr. A. Ian Grant, Oficial Científico Principal do Serviço de Ciência Forense em Chepstow, respondeu gentilmente à nossa carta. Anexou um relatório forense completo e informou-nos de que o coelho fora encontrado na B3128 em Failand, a arder «com chamas fulgurantes de alguns centímetros de altura antes de irromper em chamas de três a quatro pés de altura». Resumimos os pontos principais do relatório, datado de 9 de fevereiro de 1989, e acrescentámos ênfase.

Tratava-se de um coelho morto com o pelo e a superfície externa da pele queimados e enegrecidos, e parte do intestino saliente de uma fenda na zona vulvar. Foi detetado um resíduo de gasolina no artigo. O exame radiológico e a dissecação limitada do coelho mostraram que:

1. Não tinha sido aberto e eviscerado.
2. Não houvera combustão no interior da cavidade corporal.
3. Não estavam presentes materiais ou objetos estranhos dentro do corpo.
4. A coluna vertebral e uma perna estavam partidas.

As lesões gerais no coelho tinham sido causadas pelo impacto com um veículo. A presença de resíduos de gasolina sugeria que o pelo do coelho fora embebido em gasolina e inflamado. Nada foi encontrado para explicar a característica relatada de uma combustão inicial com pequenas chamas fulgurantes. Não havia nada que sugerisse a evisceração e o enchimento da carcaça com qualquer forma de material incendiário.

Portanto, o Roger — ou melhor, «Roberta», visto que o coelho era na verdade uma fêmea — tinha sido regado com gasolina e incendiado, embora o Dr. Grant e a sua equipa não conseguissem explicar as «pequenas chamas fulgurantes» inicialmente observadas pelo agente da polícia. Qualquer que seja a perspetiva, o incidente é bizarro. Contudo, como prova de CHE — para o qual muitos investigadores, pelo menos inicialmente, o tomaram —, o caso deixa muito a desejar.

As provas, e de facto a falta de provas, para a combustão espontânea de outros animais são provocatórias e inconclusivas. Deixam também uma série de questões sérias pendentes sobre a realidade — ou mesmo a não realidade — da combustão humana espontânea.

11

Os Sobreviventes

Embora a primeira regra da investigação seja encontrar uma explicação racional para incidentes alegadamente paranormais, por vezes tais «explicações» são, na realidade, apenas suposições. Muitas vezes é mais fácil adotar uma suposição como «facto» do que admitir que não existe uma explicação racional.

Isto parece surgir de forma previsível nos reinos das misteriosas tragédias humanas causadas pelo fogo. As vítimas, sem quaisquer condições para contestar suposições, sofrem «obviamente» ataques cardíacos e caem contra fogões ou lareiras acesos. Por vezes, se as vítimas são fumadoras, elas «obviamente» adormeceram a fumar um cigarro na cama. Embora faltem provas, para o racionalista, estas são as únicas respostas possíveis.

O falecido Harry Price conta a misteriosa e trágica combustão da Sra. Madge Knight, que acordou a casa com os seus gritos nas primeiras horas de 19 de novembro de 1943.

As suas costas estavam tão gravemente queimadas que o médico a anestesiou antes de aplicar a medicação. Incongruentemente, nenhum dos lençóis da sua cama estava queimado e não havia cheiro a fumo no quarto. Um especialista de Harley Street que foi chamado perguntou à pobre mulher o que tinha acontecido. Ela respondeu que «não fazia ideia». A Sra. Knight morreu de toxemia a 6 de dezembro.

Além do médico legista, estavam presentes quatro médicos no inquérito judicial. Incrivelmente, embora contradissesse e ignorasse muitos dos fatores salientes, estes homens doutos contribuíram para a versão oficial de que «as queimaduras poderiam ter sido causadas por algum fluido corrosivo». Chegou-se a esta conclusão mesmo sem a polícia ter encontrado qualquer prova que a apoiasse.

Os mortos não contam histórias, mas existem pessoas que se incendiaram e sobreviveram. Elas sabem que não havia qualquer fonte de ignição na área imediata. Elas sabem que não existem respostas fáceis.

A 5 de janeiro de 1835, o Sr. James Hamilton, Professor de Matemática na Universidade de Nashville, caminhava para casa sob um frio intenso. De acordo com o Dr. John Overton, nas *Transactions of the Medical Society of Tennessee*, enquanto verificava um higrómetro pendurado no exterior da sua casa, Hamilton sentiu «uma dor constante como a picada de uma vespa, acompanhada por uma sensação de calor», na coxa da sua perna esquerda. Olhando para baixo, ele «viu distintamente uma chama leve com a extensão... de uma moeda de dez cêntimos... tendo uma coloração que mais se assemelha à do mercúrio puro». A chama tinha vários centímetros de altura e era achatada no topo.

Instintivamente, o professor desferiu golpes contra a chama, mas sem sucesso. Depois, pondo em prática uma metodologia científica fria, cobriu a área com as mãos em concha para cortar o oxigénio. Se foi isto que conseguiu extinguir a chama é uma questão aberta a conjeturas, mas o homem afortunado sobreviveu a um incêndio que, segundo afirmou o Dr. Overton após tratar Hamilton, era interno.

Mesmo depois de a chama ter desaparecido, a dor continuou e parecia emanar do interior profundo da sua coxa. Dentro de casa, o professor despiu a roupa e examinou a ferida. Assemelhava-se a uma escoriação com pouco menos de uma polegada[6] de largura e três polegadas de comprimento, estendendo-se obliquamente pela parte inferior da coxa. A queimadura era lívida, mas seca.

As suas cuecas tinham um buraco que correspondia à chama, contudo as bordas deste buraco não estavam chamuscadas. Ainda mais surpreendente era o facto de as calças não estarem de todo queimadas, embora as fibras em contacto com as cuecas estivessem matizadas com uma penugem amarelo-escura.

O Dr. Overton achou a queimadura muito invulgar. Os músculos em redor da área ficaram doridos durante muito tempo e a própria ferida era profunda e demorou trinta e dois dias a sarar. Quando finalmente sarou, a cicatriz ficou invulgarmente lívida. John Overton descreveu o seu paciente como uma vítima de «combustão humana parcial». Se o professor não tivesse mantido a calma, teria sucumbido à fúria fatal e completa de uma combustão total?

O que é interessante aqui é que a chama penetrou nas calças sem lhes causar danos. Curiosamente, enquanto investigávamos para este livro, deparámo-nos com um caso recente que retrata a mesma anomalia.

Numa aldeia perto de Farnham, Surrey, em 1976, um jovem casal, o Sr. e a Sra. Andrews*, levantou-se da cama num domingo de manhã e desceu para tomar o pequeno-almoço. O seu fogão a gás, um modelo «cordon bleu», dispunha de um grelhador ao nível dos olhos. A Sra. Andrews cozinhou algumas salsichas e bacon no grelhador, desligou-o e, em seguida, ela e o marido foram para a sala de jantar comer. Depois de terem terminado a refeição e bebido um chá, um ato que demorou «menos de uma hora, e no mínimo quinze minutos», levaram a loiça suja para a cozinha e ficaram à conversa, a olhar pela janela.

O Sr. Andrews estava de pé a dois ou três pés de distância do fogão. Usava um roupão sem nada por baixo. Quando se virou para ir tomar banho, a esposa notou subitamente várias chamas azuis, com cerca de seis polegadas de altura, a brotar do ombro do roupão. O Sr. Andrews estava totalmente alheio ao facto de estar a arder. Instintivamente, a sua esposa

apagou as chamas com as próprias mãos. Curiosamente, ela não sentiu qualquer sensação de calor enquanto o fazia, e um exame ao roupão e ao ombro nu do Sr. Andrews não mostrou qualquer evidência de queimadura.

Racionalizando a experiência, o casal voltou-se para o grelhador, presumindo que de alguma forma este fogo estranho teria emanado dali. No entanto, não só se confirmou que o botão estava efetivamente na posição de desligado, como o próprio grelhador já tinha arrefecido desde que fora utilizado algum tempo antes. Agarrando-se ainda à única explicação possível, a Sra. Andrews comunicou a situação do fogão à Companhia de Gás, explicando que achava que o grelhador tinha uma avaria. Um técnico deslocou-se ao local e não conseguiu encontrar qualquer falha no botão de controlo, nem no próprio grelhador.

Uma história semelhante, com consequências mais trágicas, envolveu uma mulher de 53 anos chamada Sra. McDougal*, de Wythenshawe, no sul de Manchester. Ela também se encontrava ao lado de um fogão a gás quando se viu em chamas, um dia, em janeiro de 1980. Isto aconteceu durante um período fatídico de dez semanas no qual descobrimos meia dúzia de casos pouco conhecidos que são potenciais incidentes de CHE, apenas a partir da nossa pesquisa na Grã-Bretanha.

A Sra. McDougal sobreviveu a este acidente com 70% de queimaduras no corpo, mas faleceu no dia seguinte. No entanto, antes de morrer, disse a um vizinho que a emissão do fogão a gás devia ter sofrido, de alguma forma, um efeito de retorno de chama e a incendiara quando as chamas irromperam subitamente.

Dadas as circunstâncias, essa parece uma proposição razoável. Contudo, no inquérito judicial de 3 de março de 1980, esta teoria foi rejeitada por testemunhos de peritos, tanto da North-West Gas como da brigada de bombeiros.

O fogão evidentemente não estava aceso na altura, mas a Sra. McDougal estava a tentar acendê-lo. Os testes tinham aparentemente indicado que o tipo de acidente sobre o qual ela especulara para gerar as suas lesões maciças simplesmente não era viável. Como resultado, restavam apenas especulações para aqueles que tentavam descobrir a verdade. Estas centravam-se na opção de que a mulher se teria infelizmente

incendiado por erro com o fósforo durante as suas tentativas infrutíferas de acender o fogão.

Notas

[1] Royal Welsh Fusiliers: Traduz-se historicamente por «Fuzileiros Reais Galeses», uma prestigiada unidade de infantaria do Exército Britânico.

[2] Cem jardas: Medida equivalente a cerca de 91,4 metros.

[3] «Phantoms»: Nome de código da GHQ Reconnaissance Regiment, uma unidade secreta de comunicações e reconhecimento do Exército Britânico durante a Segunda Guerra Mundial.

[4] WHO FLAMED ROGER RABBIT?: Trocadilho com o título do famoso filme de 1988 Who Framed Roger Rabbit («Quem Tramou Roger Rabbit»). Traduz-se literalmente por «Quem Ateou Fogo a Roger Rabbit?».

[5] Três pés: Medida equivalente a cerca de 91 centímetros.

[6] Uma polegada: Medida equivalente a 2,54 centímetros.

Como o médico legista Leonard Gorodkin foi citado como tendo dito ao pronunciar o veredicto de morte acidental: «Não está realmente claro o que aconteceu».

Quase exatamente 150 anos após a fuga afortunada de James Hamilton, outro caso trágico envolvendo chamas de um fogão serviu para deitar lenha na fogueira em águas que já eram contenciosas. Minutos após deixar uma aula de culinária no *Halton College of Further Education*[1], uma adolescente de Widnes tornou-se subitamente uma «tocha humana», de acordo com testemunhas oculares. Com 13% de queimaduras, ela pareceu ter uma recuperação surpreendente apenas alguns dias após o incidente, sentando-se na cama e conversando com amigos e familiares. Tragicamente, a rapariga morreu quinze dias mais tarde, a 12 de fevereiro de 1985, devido a bronquíolos inflamados, septicemia e «pulmão de choque».

A jovem estava tão às escuras quanto qualquer outra pessoa relativamente à origem do fogo. No entanto, após discutir as possibilidades com os seus amigos, ela raciocinou que talvez estivesse encostada a um

bico de gás aceso antes de sair da sala de aula. Esta era uma linha de investigação favorecida pelo Home Office, embora a maior parte dos testemunhos no inquérito judicial não nos parecesse apoiá-la. A Brigada de Bombeiros de Cheshire também não concordou com esta explicação. Por razões que não conseguimos descobrir, o seu relatório de trinta páginas, compilado com base em investigações do *Shirley Institute* em Manchester, não foi admitido na apresentação. O júri, ignorante daquilo que (pelo menos para nós) parece uma peça muito importante de análise pericial, proferiu um veredicto de morte acidental.

Para um relatório completo da nossa investigação muito detalhada sobre o caso, incluindo a nossa presença no inquérito judicial a convite de uma fonte policial, por favor consulte o nosso livro, *Death By Supernatural Causes?*[2]

Noutro caso, Thomas Murphy, proprietário do *Lake Denmark Hotel*, Dover, Nova Jérsia, descobriu a sua governanta, Lillian Green, queimada e moribunda. Além de consumir as suas roupas, o fogo causara poucos danos no tapete. No hospital, a Sra. Green também não conseguiu encontrar uma explicação satisfatória para o que lhe tinha acontecido.

O operador de computadores Paul Castle (algumas fontes referem-se a Paul Hayes, outras a Paul Castile) sobreviveu a um misterioso incêndio que, segundo ele, atacou a parte superior do seu corpo enquanto caminhava para casa em Stepney Green, Londres, a 25 de maio de 1985. Tentámos localizar o Sr. Castle/Castile (ou Hayes) sem sucesso. No entanto, a 23 de julho de 1985, o jornal tabloide americano *The National Enquirer* publicou o que alegava ser o relato em primeira mão do Sr. Castle sobre a sua experiência aterradora. Em parte, ele alegou:

«Foi tudo tão repentino. Parecia o som de uma enorme chama de gás a ser subitamente acesa. Eu conseguia sentir as chamas a arder, como se tivesse sido regado com gasolina e incendiado.» Os braços de Paul pareciam estar a ser picados por atiçadores em brasa, desde os ombros até aos pulsos. Ele pressionou firmemente as pálpebras. Ao mesmo tempo, as suas bochechas estavam em brasa, as orelhas entorpecidas e o peito parecia que lhe tinham vertido água a ferver por cima. A tortura era indescritível, disse ele; como ser mergulhado diretamente no coração de uma fornalha.

Paul gritou em pânico e instintivamente começou a correr, como se pudesse ultrapassar as chamas. Após apenas três ou quatro passos, caiu no passeio e encolheu-se em posição fetal, pensando que estava a morrer.

Tudo acabou muito subitamente após cerca de trinta segundos. Ao abrir os olhos, não havia chamas nem fumo. Ficou deitado, imóvel e aterrorizado, a tremer em estado de choque. Paul acrescenta: «Eu... toquei cautelosamente no meu rosto, cabelo, braços, pescoço e peito. Estava entorpecido em alguns pontos, branco noutros.»

Paul «cambaleou» através das portas de emergência do vizinho *London Hospital*, onde ficou internado de noite para tratamento dos seus ferimentos. Estes foram descritos como extensos, embora superficiais. Os relatórios dos jornais britânicos disseram que a polícia estava intrigada, e a sua mãe foi citada como tendo dito que o seu filho não fumava. Paul, pressionado por uma resposta, questionou se o fogo poderia ter sido provocado de alguma forma por um carro que passava. Surgiram fotografias que mostravam os ferimentos do jovem e a sua camisa gravemente chamuscada.

Há semelhanças aqui com o caso do *Halton College*, só que Paul teve muito mais sorte do que a vítima de lá. Mas algo no início do seu relato evoca a descrição de uma testemunha chamada Sra. Viner, que nos contactou. Paul Castle disse: «Parecia o som de uma enorme chama de gás a ser subitamente acesa.» A Sra. Viner, ao descrever um fenómeno semelhante, disse-nos: «Ouvi um ruído sibilante muito forte, melhor descrito como o rugido de um bico de Bunsen.» Voltaremos mais detalhadamente ao caso da Sra. Viner mais adiante no livro.

Os investigadores do paranormal Harry Price e Vincent Gaddis notaram que, na maioria dos incêndios misteriosos, as vítimas quase sempre não conseguem explicar o que originou a sua situação precária.

Nada parece amplificar este ponto mais claramente do que o caso clássico do sobrevivente de CHE mais conhecido do mundo — Jack Angel. Contudo, a nossa investigação sobre este assunto descobriu que existe uma séria confusão em torno desta história tão debatida. Tentaremos oferecer-lhe todos os factos e ambos os lados do argumento, dado que estes tendem a não ser apresentados juntos na maioria dos relatos breves.

Angel, um vendedor com um bom salário, teve o seu encontro marcado com o desconhecido algures por volta de terça-feira, 12 de novembro de 1974, de acordo com o investigador de CHE, Larry Arnold. Depois de estacionar a sua autocaravana, que também servia de mostruário de vestuário, no *Ramada Inn*, Savannah, Geórgia, vestiu o pijama e retirou-se.

Por volta do meio-dia, quatro dias mais tarde, Angel acordou. A sua mão direita estava carbonizada e negra em ambos os lados, desde o pulso até aos dedos. «Estava apenas queimada, cheia de bolhas», declarou mais tarde a Arnold. «E tive esta grande explosão no meu peito. Deixou um buraco terrível. Estava queimado aqui em baixo nas pernas e entre as virilhas, abaixo no tornozelo, e acima e abaixo nas minhas costas. Em alguns pontos!»

A reação de Angel ao acordar e descobrir este catálogo de ferimentos foi inesperada. Não sentindo dor, saiu da cama, tomou banho e vestiu-se. Cambaleando «como se estivesse bêbado», saiu da autocaravana e entrou no salão de cocktails do motel, onde uma empregada de mesa comentou o seu estado. «Sim, parece que me queimei», subestimou ele, meio consciente dos seus ferimentos, mas ainda insensível à dor. Pediu um uísque, pensando que o ajudaria, embora afirmasse normalmente não tocar em álcool. Depois, desmaiou. «A coisa seguinte de que me lembro», disse Angel a Larry Arnold, «foi de acordar no hospital. E está ali um médico... com uma pinça a arrancar pele do meu armário.» Um médico, lembrou-se ele, «explicou-me que eu não estava queimado externamente, estava queimado internamente». Foi inicialmente tratado no *Memorial Medical Center* em Savannah.

A esposa de Angel examinou a autocaravana, mas não encontrou evidências de incêndio. Tal como no caso de Madge Knight, até os lençóis da cama estavam intactos. Entretanto, Jack Angel transferiu-se para um Hospital da Administração de Veteranos, especializado em queimados. Após o exame, o Dr. David Fern disse-lhe: «Esta é uma queimadura de terceiro grau que danificou gravemente a pele e a maior parte do músculo subjacente da mão, resultando numa mão totalmente anestesiada.»

Acrescentou que o nervo cubital estava «completamente destruído», mostrando o nervo mediano uma «viabilidade questionável». Por outras palavras, a mão de Angel estava tão gravemente danificada que era o

mesmo que estar morta. Ele decidiu amputar a mão e a parte inferior do antebraço em vez de enfrentar meses de cirurgia dolorosa.

Uma firma de advogados da Geórgia, ao ouvir falar do caso, decidiu que a causa do incêndio devia ter sido equipamento elétrico defeituoso na autocaravana. Disseram a Angel que iriam processar os responsáveis em três milhões de dólares numa base de honorários de contingência (ou seja, ficariam com uma percentagem de quaisquer ganhos). Pensando que uma investigação minuciosa poderia finalmente chegar ao fundo do mistério, Angel deu-lhes luz verde.

A investigação começou com um exame detalhado da cablagem, mas nada de anómalo foi encontrado. Também não havia quaisquer marcas de queimadura em redor das tomadas elétricas. Em seguida, os registos meteorológicos foram escrutinados à procura de uma queda de raio, e foi explorada a possibilidade de formação de arco elétrico a partir de linhas elétricas aéreas. Todas estas áreas deram em nada. Em desespero final, os engenheiros desmontaram completamente o veículo. Não foi possível encontrar uma única pista que indicasse uma causa elétrica para o incidente, apesar do comentário relatado do Dr. Fern de que:

«A descrição da queimadura e as descobertas na cirurgia são muito típicas de uma lesão do tipo elétrico. Esta gera uma fonte de calor de alta potência devido à resistência da pele e do tecido subjacente.»

O Dr. Fern e um Dr. J. Madden foram dois de quatro médicos, de acordo com Larry Arnold, que assinaram documentos médicos atestando a probabilidade de a causa ser uma fonte elétrica. Tudo isto permitiu a Arnold concluir que a única opção restante era a de combustão humana espontânea. De acordo com a popular revista de ciência americana *Omni*, de dezembro de 1981, até o Dr. Fern atribuiu as queimaduras à CHE, embora mais tarde tenha negado a Larry Arnold que alguma vez tivesse dito isso.

Mas seria a CHE a única outra opção? Três investigadores que apoiam uma resposta mais prosaica são Philip Klass, Joe Nickell e John Fischer (conhecemos estes dois últimos ao analisar o caso de Mary Reeser).

Klass é um jornalista de aviação e bem conhecido como um desmistificador de relatórios de OVNIs e, com a ajuda dos analistas Nickell e Fischer, escreveu recentemente uma análise condenatória e excelente de

documentos oficiais muito badalados que supostamente descreviam um grupo de reflexão militar e científico secreto sobre naves alienígenas despenhadas. Ironicamente, foi o ufólogo americano Jerome Clark quem sugeriu que Nickell e Fischer virassem a sua atenção para o caso de Jack Angel em 1984. O par já tinha publicado os resultados de um estudo de trinta alegados casos de CHE no *The Fire And Arson Investigator*, a revista da *International Association of Arson Investigators Inc.* Concluíram que tudo o que analisaram podia ser explicado em termos racionais. Aplicando esta lógica ao caso Angel, fizeram várias observações.

Apontaram a incongruência de que, nos piores casos de CHE, as extremidades eram o que restava. Aqui, foi a mão que foi consumida enquanto o resto do corpo sobreviveu relativamente ileso. Partindo disto, especularam que, portanto, fora a mão que entrara em contacto primário com a fonte dos ferimentos, que depois se tinham irradiado pelo corpo. Finalmente, devido àquilo que era (para eles) o comportamento irracional de Angel após o incidente, onde pediu uísque em vez de procurar assistência médica, os investigadores questionaram se ele estaria num estado de «estupor» anteriormente, o que levou a um acidente.

Achamos esta especulação final um pouco vaga e não provada. Jack Angel tinha dito a Arnold: «Não sou homem de bebidas, mas pensei que aquilo me ajudaria.» Esta parece uma explicação não irracional para as suas ações e, tanto quanto sabemos, Nickell e Fischer não têm provas em contrário. Qualquer que tenha sido a causa dos ferimentos, obviamente Angel devia estar em estado de choque após a sua descoberta.

Nos seus artigos para a *Fate* e *Fortean Times*, Arnold introduz, e depois descarta, la teoria de que Angel foi escaldado. Aparentemente, o homem da manutenção do motel foi o primeiro a levantar esta questão. Os ferimentos lembraram-lhe uma escaldadura e, por isso, teorizou que Angel fora atingido por um jato de água a ferver após desapertar a tampa do radiador. Mas uma verificação mostrou que a tampa estava apertada. Também não havia tubos rompidos que pudessem ter vertido água fumegante sobre o vendedor adormecido, mas descobriram uma correia de transmissão solta na bomba de água quente montada no exterior. De acordo com Arnold, os engenheiros contratados pelos advogados de Angel viram isto como a única opção viável se quisessem mover uma ação judicial bem-sucedida.

Compilaram um relatório de engenharia. Arnold diz que este especulava que, na manhã seguinte após se ter retirado, Angel se levantou para tomar banho, mas descobriu que a unidade não funcionava. Vestido ainda de pijama, foi lá fora investigar, removeu a cobertura metálica do aquecedor de água e abriu a válvula de segurança, o que libertou um jato escaldante de água quente sob pressão.

Larry Arnold descartou a teoria porque o acesso à válvula exigia a remoção prévia de uma placa de metal. Se tivesse sido escaldado, pareceria inconcebível que a vítima voltasse a montar a placa antes de regressar ao interior e perder a consciência. Angel não ficou impressionado com a «teoria» quando entrevistado por Arnold. Repetiu que lhe tinha sido dito por alguém que fora queimado internamente. Nickell e Fischer, no seu artigo de resposta publicado na edição de maio de 1989 da *Fate*, criticam Arnold por aceitar a palavra de Angel quanto a isto. Mas Arnold disse-nos que sabe o nome do médico que fez o pronunciamento. No entanto, opta por ocultá-lo.

Os advogados disseram a Arnold que, para testar a teoria dos seus engenheiros, submeteram Jack Angel a hipnose por um psicólogo e regrediram-no ao acidente. Nada emergiu. Larry Arnold diz que, após dois anos e meio de investigação, «os advogados de Angel retiraram o caso do rol do tribunal apenas uma semana antes de ir a julgamento». Deve recordar-se que, para o caso ter sucesso, estes advogados tinham de provar que uma falha de engenharia era a culpada e, como resultado, refutar inevitavelmente a CHE. Presumivelmente, não continuaram porque sentiram que não podiam estabelecer claramente uma falha como a causa. Retirar a ação não serve, portanto, de argumento contra a CHE.

Contudo, isto parece diferente do que Nickell e Fischer dizem. Na verdade, eles desafiam Larry Arnold em vários pontos após uma investigação independente de Philip Klass, que lhes entregou o alegado relatório dos engenheiros e também, dizem eles, vários registos do tribunal.

Antes de mais, parece haver uma confusão com as datas. De acordo com Arnold, Jack Angel foi dormir na terça-feira, 12 de novembro, e «dormiu» até ao meio-dia de 16 de novembro — quase quatro dias. Na ação civil obtida por Klass, a data indicada para o incidente é 21 de novembro. No entanto, isto não deve ser aceite como necessariamente correto, porque a data que aparece noutros documentos, incluindo dois

relatórios de engenharia, é aparentemente 15 de novembro. Para acrescentar mais confusão a esta saga confusa, Arnold afirmou-nos recentemente: «Ao cruzar muitas fontes (uma das quais contém datas internamente contraditórias), concluímos que Angel se retirou na noite de 11 de novembro de 1974; que acordou por volta do meio-dia de 15 de novembro, sem qualquer recordação do tempo decorrido.»

Ao preparar o seu caso para o tribunal, Larry Arnold declarou que os engenheiros tinham especulado que Angel se levantara na manhã seguinte, fora verificar a unidade de aquecimento ao descobrir que o chuveiro não funcionava e, no processo, sofrera uma escaldadura grave. No relatório de Nickell e Fischer, eles relatam como facto aparente, sem explicar como se tinham deparado com esta informação, que Angel chegou «em ou por volta de 13 de novembro», acordou para tomar um banho, mas depois não conseguiu dizer o que aconteceu a seguir desde aquele momento até ao meio-dia, dois dias mais tarde.

No que diz respeito a estes investigadores céticos, a escaldadura era mais do que uma especulação. Em apoio disto, citam diretamente a ação apresentada, dizem eles, pelos advogados de Angel no Tribunal Superior do Condado de Fulton, Geórgia (ou seja, esta é presumivelmente a que foi mais tarde retirada antes do julgamento, de acordo com Arnold):

«A 21 de novembro de 1974, o Autor tentava tomar um banho na referida autocaravana, que estava estacionada num parque de estacionamento de um motel em Savannah, Geórgia. Enquanto o Autor estava no processo de tomar banho, a água parou subitamente de fluir da canalização do chuveiro. O Autor, na tentativa de descobrir a razão para a perda de pressão da água, saiu da referida autocaravana e tentou inspecionar o aquecedor de água quente. Ao efetuar a referida inspeção do aquecedor de água quente, a válvula de pressão do aquecedor de água quente abriu-se e, como resultado, água quente escaldante sob uma pressão tremenda foi pulverizada sobre o autor.»

A ação foi concebida para provar que o fabricante foi negligente. Como que para contrariar a ideia que alguns possam ter de que o que começou por ser apenas especulação legal fora adaptado como facto por Angel e os seus advogados, Nickell e Fischer surgem com uma corroboração adicional, colhida do relatório dos engenheiros. Aparentemente, este contém uma declaração de um tal Ed Jonikens, que

viu Angel no hospital e também pensou que os seus ferimentos pareciam o resultado de uma escaldadura. Ele tinha conduzido o veículo para casa do vendedor e, ao fazê-lo, constatou que o painel do aquecedor de água estava «extremamente quente». Os engenheiros não só notaram que a correia de transmissão estava fora da unidade, como descobriram que la válvula de segurança estava na posição aberta.

Parece haver poucas dúvidas nas mentes de Philip J. Klass, Joe Nickell e John F. Fischer de que os ferimentos de Jack Angel nada tinham a ver com combustão humana espontânea. Isso levanta a questão de saber por que razão Angel tem sido apresentado ao mundo por numerosos comentadores, e repetidas vezes, como um sobrevivente deste bizarro fenómeno. Isto é especialmente assim se a sua ação civil foi indeferida com custas ao ser transferida para o Tribunal Federal, como alegam algumas fontes.

Isto é, mais uma vez, algo que Arnold nega totalmente; «Apesar do que Nickell gostaria que o mundo acreditasse, e do que Klass alega, Angel vs. AVCO nunca foi julgado em tribunal», diz ele.

Mas o que afirmam realmente estes céticos? Perguntámos a Klass e ele parece concordar com a falta de julgamento. Numa carta recebida quando entrávamos na prensa, diz ele: «Pergunta por que razão o caso nunca foi a tribunal. A razão é...», seguido da sua especulação sobre a razão pela qual os advogados não avançaram com a ação. À primeira vista, isto parece bastante claro. No entanto, e quanto ao indeferimento com custas relatado anteriormente? Assumimos que os advogados de Angel tiveram de pagar as custas ao retirar a sua queixa? Será isso a mesma coisa em termos legais que a sua ação ser «indeferida com custas» quando no Tribunal Federal, como alegado noutros locais e por outros? A questão permanece muito confusa.

Notas

[1] Halton College of Further Education: Traduz-se por «Colégio de Educação Súmula de Halton» ou «Instituto de Formação Profissional de Halton».

[2] Death By Supernatural Causes?: Título de obra que se traduz literalmente por «Morte Por Causas Sobrenaturais?».

Infelizmente, não conseguimos esclarecer esta confusão, pois Philip Klass pediu desculpa, explicando que era um homem muito ocupado e que, por recomendação médica, precisava de dormir pelo menos quatro horas por noite e reservar um dia por mês para descanso. Lamentava não se encontrar em posição de recuperar os ficheiros do caso Angel, guardados em sua casa, senão talvez vários meses depois de o nosso livro ter de estar concluído. Naturalmente, simpatizamos com a situação de Philip Klass, mas, como consequência (desta explicação algo intrigante), ficamos infelizmente perante questões por resolver.

Quais das datas do incidente estão corretas? Se Angel esteve realmente inconsciente durante quatro dias, porque não suspeitou ninguém de nada, e o que dizer dos problemas de desidratação?

Por outro lado, se Angel sofreu efetivamente os ferimentos enquanto verificava a unidade exterior de aquecimento, porque ninguém o viu escaldar-se, nem o ouviu gritar? A "placa metálica", mencionada por Arnold, foi substituída após o alegado acidente? Segundo Arnold, Angel tomou banho e vestiu-se num estado traumatizado vários dias depois de sofrer os ferimentos. Se a correia de transmissão da bomba de água quente estava desligada, como foi isso possível?

Ou poderemos perguntar-nos se, no seu estado mental confuso, Angel terá ligado a última coisa de que se conseguia recordar — o banho interrompido — à memória seguinte de descobrir os ferimentos e vestir-se.

Sobre este ponto, Larry Arnold disse-nos:

Poderia ter existido pressão residual na canalização da autocaravana, suficiente para fornecer uma pequena quantidade de água para um banho rápido, pelo menos no início. Além disso, as autocaravanas AVCO tinham um sistema duplo de aquecimento, estando o aquecedor de água localizado sob o banco do condutor.

Não existe qualquer prova registada de que este aquecedor tenha avariado. Além disso, o cenário de água quente pulverizada proposto por Nickell exige que a válvula de segurança de alívio rebentasse; isso não aconteceu.

Angel contou-nos que tentou tomar banho, mas a pressão da água era inadequada. Prosseguiu então lavando-se o melhor que pôde.

Pedimos a Larry Arnold que respondesse às alegações contidas no artigo de Nickell e Fischer sobre o caso. Ele dirigiu os seus comentários apenas a um dos autores, depois de uma observação geral.

Os desmistificadores que (pelo menos na América) mais vigorosamente se opõem à CHESP[1] não investigaram, na verdade, casos clássicos de CHESP em primeira mão. Um desses desmistificadores — talvez o mais vocal negador americano da CHESP — censurou publicamente a nossa investigação do caso Jack Angel, alegando que Angel apenas se escaldou. Contudo, admitiu-nos que nunca entrevistou o Sr. Angel. Nem falou com os médicos de Angel, que compararam as queimaduras do paciente a lesões elétricas de alta temperatura; nem com os seus advogados que, apesar de esforços diligentes, não encontraram qualquer prova de uma fonte externa de lesão; nem com os técnicos especializados em sistemas de água quente de autocaravanas, técnicos esses que se riram e disseram "Impossível!" quando lhes foi apresentada a teoria da água escaldante do desmistificador.

"Quem são esses técnicos?", perguntámos. Larry Arnold forneceu prontamente a informação.

"Earl Witsil, gestor de assistência técnica de autocaravanas durante dez anos; Dick Beaver, vendedor de autocaravanas desde finais da década de 1960; Dale Dentler, técnico de assistência a veículos recreativos; Tommy Hippensteel, proprietário de um concessionário de veículos recreativos que fazia manutenção a autocaravanas AVCO no início da década de 1970; e Wayne F. Schweitzer, antigo concessionário AVCO."

Este caso complexo não é tão claro como qualquer um dos lados deste prolongado debate possa acreditar. Contudo, as investigações conduzidas de ambas as perspetivas mostram o tipo de trabalho que precisa de ser realizado se quisermos chegar ao fundo de qualquer alegado incidente de CHESP. Mesmo assim, poderá permanecer muita confusão.

Talvez nunca se descubra o que realmente aconteceu ao homem mais conhecido nos registos sobrenaturais como sobrevivente da combustão humana espontânea — um homem que, ironicamente, se chamava Angel.

Naturalmente, se este caso tão investigado continua tão controverso, inevitavelmente coloca questões sobre outros exemplos que tiveram investigações muito menos rigorosas e detalhadas sob tantos ângulos. Até que ponto são fiáveis as provas desses acontecimentos?

PARTE DOIS

As Teorias

12

Reacções Químicas

Harry Godfrey é residente no estado de Vitória, na Austrália. Contou-nos a seguinte história, baseada nas suas próprias experiências.

Durante o Verão de 1942 eu voava com o 108.º Esquadrão na zona do canal do Egipto. Ocasionalmente, sem razão aparente, um avião explodia. Suspeitava-se de sabotagem, mas nunca conseguíamos ir muito além da suspeita.

Certa vez encontrava-me dentro de um avião, a meio do dia, quando de repente senti cheiro a fumo. Voltei-me para a frente do aparelho (como lhe chamávamos) e vi fumo a sair da torre da metralhadora frontal. Quase me borrava de medo, pensando que fosse um dispositivo de termite ou outro engenho semelhante que tivesse falhado e pudesse explodir a qualquer momento.

Atirei-me para o chão, parei, olhei para cima e concluí que ainda podia resolver aquilo! O fumo vinha das munições e arranquei aqueles contentores (normalmente um trabalho para duas pessoas). Depois descobri que as munições incendiárias (ou talvez traçadoras) estavam a arder lentamente devido às altas temperaturas provocadas pelo sol sobre as partes metálicas do avião.

O desastre foi evitado por pouco, mas este relato assustador com final feliz demonstra claramente que os incêndios podem ocorrer na natureza "sem causa aparente" e com efeitos potencialmente devastadores.

Neste caso, supõe-se que os químicos voláteis do armamento foram simplesmente inflamados pelas temperaturas intensas, amplificadas pelo sol escaldante do deserto e pela condução térmica do metal nos sistemas.

Mas alguns químicos conseguem interagir entre si em ambientes perfeitamente frescos, gerando calor como consequência. Isto acontece porque o calor é apenas uma forma de energia, e certas reações químicas libertam energia quando os vários constituintes se combinam para formar outras substâncias. Essa energia tem de ser conservada (ou seja, permanecer na mesma quantidade) de alguma forma e, ocasionalmente, nas circunstâncias adequadas, parte dela transforma-se em calor.

A combustão espontânea ocorre em elementos inflamáveis como carvão, petróleo e feno sem qualquer fonte externa de ignição. Resulta geralmente da oxidação, quando o oxigénio do ar se combina com partículas superficiais reativas. Inicialmente há uma combustão lenta até se produzir calor suficiente para gerar fogo. Enquanto processo químico, a combustão espontânea é difícil de detetar, porque quase não existe luz ou calor nas fases iniciais. O fogo inicia-se quando o material atinge o seu ponto de inflamação.

O botânico Christopher Perraton contou-nos a sua experiência de combustão espontânea:

"Certa vez tive um excelente incêndio num armazém químico devido à combustão espontânea de trapos embebidos em óleo de linhaça. Tinham sido usados para tratar bancadas e depois atirados para um monte dentro de um armário. Felizmente havia um baile estudantil nessa noite, pelo que o incêndio foi detetado antes de se espalhar."

Mas a combustão química espontânea também possui vantagens práticas. É possível comprar aquecedores corporais para utilização em acampamentos em zonas remotas. Estes dependem de um selo plástico facilmente quebrável. Quando o selo é rompido, os químicos dentro do tubo plástico começam a reagir e produz-se calor devido à troca de energia. Esse calor fica retido no interior dos selos, como se tivesse sido criada uma garrafa de água quente mágica.

A situação é bem mais séria no Território do Norte australiano, como um de nós descobriu numa visita em Setembro de 1991 às vastas regiões desérticas e tropicais a leste de Darwin.

Ali, como em muitas regiões mais a sul, os incêndios florestais representam um perigo real. O clima tem apenas duas estações — a húmida (de Novembro a Março) e a seca (de Abril a Outubro). O terreno vermelho-

fogo está coberto por capim-lança, que cresce em grandes massas espinhosas. Porém, no final de Setembro, os químicos desta vegetação constituem uma ameaça grave. Podem interagir de tal forma que se gera calor dentro do sistema vivo da planta. Nesta altura do ano normalmente já não chove há muitas semanas, e o solo encontra-se tão seco que uma pequena faísca pode provocar um inferno. Esta reação química pode facilmente incendiar uma área de capim-lança que, em minutos, envolve enormes extensões numa vaga de chamas em movimento.

O problema torna-se ainda pior devido às impressionantes tempestades elétricas de Outubro, que anunciam a chegada da estação húmida e a perspetiva de violentas monções tropicais. Uma destas tempestades destruiu Darwin em tempos recentes. Os enormes níveis de eletricidade atmosférica, combinados com a combustão espontânea no capim-lança e os fortes ventos que também podem surgir, conseguem devastar centenas de quilómetros quadrados em poucas horas.

Como consequência, tornou-se prática comum incendiar deliberadamente regiões de terreno baldio pouco antes do pôr-do-sol, permitindo que queimem durante a noite, criando ilhas de floresta carbonizada em segurança no meio do capim-lança. Se este se incendiar espontaneamente, os danos serão limitados e não se espalharão pelas zonas já queimadas, que funcionam como barreiras.

O Dr. Peter McCartney, médico hiperbárico na Tasmânia, chamou-nos a atenção para o facto de o embondeiro[2], árvore nativa da África Ocidental, entrar em combustão espontânea quando os químicos produzidos em duas câmaras separadas se combinam. No seu trabalho com mergulhadores, o Dr. McCartney aprendeu também que balas de canhão recuperadas de naufrágios antigos, depois de longos períodos submersas em água salgada, conseguem igualmente gerar calor.

Naturalmente, podemos especular que, se químicos inorgânicos e produtos orgânicos em sistemas botânicos conseguem entrar em combustão espontânea, a teoria pode ser alargada para incluir combustão espontânea em biossistemas como os seres humanos, produzindo reações químicas semelhantes.

Como vimos anteriormente, Sidney Alford — engenheiro de explosivos — especulou na revista *New Scientist* em 1986 que quantidades

anormais de gases altamente inflamáveis, como o metano, poderiam teoricamente resultar de reações químicas internas anómalas. O metano — na realidade um hidrocarboneto — resulta da decomposição bacteriana anaeróbica de matéria vegetal. Fora dos sistemas digestivos animais, forma-se em terrenos pantanosos, onde é conhecido como "gás dos pântanos". Os mineiros de carvão chamam-lhe "grisú", porque, quando se mistura com o ar, se torna combustível. É um componente importante do gás natural e do gás de carvão.

Alford falou dos efeitos de excesso de ovos e de elevadas concentrações de certos líquidos (por exemplo, parafina), embora o álcool puro em quantidades excessivas seja o favorito dos céticos da CHESP.

Outro gás produzido durante o apodrecimento de matéria orgânica é a fosfina. A fosfina inflama-se espontaneamente em contacto com o ar. Nas zonas pantanosas onde é produzida, incluindo cemitérios, os observadores conhecem-na como "fogo-fátuo". Existe no corpo sob a forma de fosfatos e, concebivelmente, uma atividade anormal do sistema digestivo poderia resultar na produção deste gás. De facto, o químico industrial reformado Cecil Jones postulou que esta poderia ser a explicação para casos como o da adolescente do Halton College. Nesse caso, Jones disse-nos:

"É possível que a vítima tenha libertado gases contendo fosfina. A mistura ficaria confinada pela roupa, mas subiria pelas costas, inflamando parcialmente devido à quantidade limitada de ar disponível, provocando a sensação inicial de calor e depois escapando pelos ombros e irrompendo em chamas com o brilho fosforescente observado pelas duas testemunhas. Isto explicaria as extensas queimaduras nas costas e nádegas, mas nada na parte frontal do corpo ou nas pernas."

Este fenómeno bizarro, embora não comprovado, foi apelidado noutros locais de "peido fosfínico"! Talvez seja menos divertido do que parece, se for verdadeiro.

O estômago e as áreas circundantes do corpo estão cheios de um complexo cocktail de químicos, desde os ácidos produzidos pelo sistema digestivo até aos numerosos constituintes naturais e artificiais dos alimentos que consumimos. Comemos para produzir energia e sobreviver, e parte da energia criada pelo corpo durante o processamento dos alimentos manifesta-se sob a forma de calor. Sem alimento deixamos de produzir

energia (e calor) e acabamos por morrer devido à descida da temperatura corporal e outros factores.

A especulação é que, por alguma razão, os casos de CHESP envolvem um mau funcionamento do sistema digestivo, através do qual quase toda a energia presente no intestino é transformada em calor, produzindo temperaturas tão elevadas que ultrapassam o ponto de ignição dos tecidos adiposos do corpo. Naturalmente, pessoas obesas, idosos e mulheres tendem a possuir elevado teor de gordura corporal. Uma vez iniciada a combustão e existindo abundante combustível no estômago, este processo continuaria durante bastante tempo e — sendo interno — seria muito difícil de extinguir. Os gases emitidos poderiam arder com uma chama azul-pálida, como por vezes é relatado em casos de CHESP.

Na revista *Fortean Times*, edição 50 (1988), o leitor Barry Singleton observou que, se a CHESP fosse resultado de uma reação em cadeia num sistema energético fechado, deveria ser simples calcular o que aconteceria e verificar se isso seria teoricamente possível num ser humano. Apelou a alguém que realizasse esse trabalho.

Na edição 52 surgiu uma resposta interessante de Hugh Stiles, engenheiro químico holandês que passara cinco anos a investigar a destilação destrutiva de químicos em papel e madeira.

Stiles demonstrou várias coisas. Em primeiro lugar, que o elevado volume de água no corpo humano (até 70%, de facto) não constitui problema — pelo menos no sentido em que a maioria das pessoas imagina. A água não "apagaria" as chamas de qualquer hipotético fogo de CHESP iniciado dentro do corpo.

Stiles observou que o carbono nos tecidos moles do corpo oxidaria da forma habitual quando incendiado. Estes tecidos são, alegadamente, incinerados nos casos clássicos de CHESP, exceto um braço ou perna ocasional. Contudo, as extremidades frequentemente não ardem em incêndios. As pontas dos troncos numa lareira permanecem intactas durante mais tempo. Este processo transformaria os tecidos em dióxido de carbono e geraria calor, talvez alimentando o ciclo de autocombustão. Emergiriam cerca de 365 megajoules de energia térmica, dos quais menos de um terço seria necessário para evaporar toda a água do corpo humano. Isso deixaria

certamente energia suficiente para completar a CHESP até aos alegados níveis de destruição.

No entanto, destas contas surge um problema inesperado, como o próprio Stiles descobriu. Sugeriu que recordássemos uma casa de banho depois de água quente correr para uma banheira. O espaço enche-se de vapor, que se condensa em superfícies frias como espelhos.

O vapor produzido pela evaporação de toda a água de um corpo humano seria suficiente para condensar novamente em cerca de quarenta e cinco litros de água. Seria de esperar que a cena de "um evento de CHESP" mostrasse provas claras disso.

Uma especulação era a de que isto não constitui característica frequentemente relatada nos casos de CHESP porque o corpo é descoberto horas depois de o processo terminar, altura em que a humidade da divisão já voltou ao normal. Contudo, nem todas as vítimas de CHESP são encontradas tanto tempo depois.

Poderíamos acrescentar outra possibilidade: incêndios secundários na divisão, ou o próprio processo de combustão prolongado, terão mantido a água sob forma de vapor tempo suficiente para esta escapar, tal como os gases conseguem facilmente fazê-lo, através de aberturas de ventilação como uma chaminé. O problema aqui reside nas aparentemente baixas temperaturas superficiais em grandes áreas das divisões envolvidas em incidentes de CHESP, demonstradas pela típica ausência de danos mínimos provocados pelo fogo. Se as superfícies estavam frias, então deveriam ter condensado o vapor, e o excesso de humidade numa divisão deveria ser muito mais frequente do que realmente aparece nos numerosos relatos disponíveis.

Naturalmente, seja qual for a causa da destruição quase total dos tecidos moles e ossos de um corpo humano nestes casos (quer seja CHESP ou outro processo mais mundano), o vapor de água presumivelmente seria libertado e deveria manifestar-se de alguma forma na cena. A exceção poderia ocorrer quando o conteúdo aquoso do corpo é talvez eletrolisado durante o processo de CHESP e dividido em gases constituintes, mais difíceis de detetar posteriormente do que vapor de água condensado.

Perguntámos à Dra. Joyce Nelson, médica de clínica geral em Cheshire, se existiria sequer possibilidade de ocorrer uma reação química

no sistema digestivo humano. Nunca encontrara um caso deste género e recordou-nos que, enquanto médica generalista, não era especialista na matéria. Contudo, pedimos apenas a sua opinião pessoal quanto à plausibilidade médica dos conceitos fisiológicos propostos para explicar a CHESP. Não lhe parecia impossível conceber teoricamente algo semelhante, mas mostrou cautela e salientou que isso não equivale a dizer que efetivamente acontece.

A Dra. Nelson explicou que existem certos processos em animais, nomeadamente no gado bovino, em que quantidades excessivas de metano se acumulam e provocam distensão do estômago. A única forma de um veterinário aliviar a pressão é efetuar uma incisão para permitir a libertação do gás.

Como vimos, quando misturado com oxigénio, o metano é altamente inflamável e normalmente encontra uma saída natural no corpo humano. Poderia existir uma situação médica em que uma combinação anómala de acontecimentos gerasse gás e também excesso de energia térmica. Se isso acontecer, as consequências poderão ser horríveis.

Contudo, isto continua a ser mera especulação. Se algum dia será estabelecido como facto médico é outra questão. Naturalmente, também levanta a pergunta sobre quão frequente deverá ser a CHESP em bovinos, se esta acumulação de metano é relativamente comum nesses animais. A pergunta é particularmente válida porque, segundo descobrimos, não parecem existir relatos estabelecidos e rastreáveis de CHESP em bovinos.

Poderão os gases inflamáveis produzidos no estômago e intestinos ser a causa da CHESP? Durante a nossa procura de provas, a Sra. D. G. Viner, de Banbury, Oxford, contou-nos as suas experiências intrigantes e assustadoras.

“Eu costumava fumar cigarros e, à noite, antes de me deitar, alimentava o lume com carvão miúdo. Durante a noite levantava-me para preparar uma bebida quente para o meu marido doente, e era agradável esperar junto ao fogo enquanto o leite fervia.
Numa noite em particular pensei fumar um último cigarro, mas descobri que tinha deixado o isqueiro no andar de cima. Assim, usando prata e papel de seda, fiz uma torcida. Quando me inclinei para o fogo e acendi a torcida senti uma pequena explosão diante do rosto, o que me assustou e me fez

largar tanto a torcida como o cigarro.
Pensei que tivesse aprisionado alguma quantidade de gás de carvão na manga larga do meu vestido de crimplene, e isso teria causado o ‘plop’ da explosão. Não havia sinais de queimaduras na roupa nem na pele.”

“O segundo incidente envolveu um isqueiro barato descartável, pelo que não existia possibilidade de gás de carvão. Era um período difícil, a lidar com a morte do meu marido, um casamento e os preparativos para o Natal. Sentindo-me muito cansada fisicamente, mas não mentalmente, levei um termo com chá quente, um livro e a mala para o quarto e preparei-me para dormir.

Sentada na cama, decidi fumar um cigarro enquanto lia e bebia chá. Quando me inclinei para acender o cigarro, ouvi um som semelhante ao rugido de um bico de Bunsen, embora muito mais intenso.

Como o contador do gás ficava debaixo das escadas, pensei que talvez tivesse rebentado. De repente apercebi-me de que a boca e a garganta me ardiam bastante, e o som vinha de mim. Tapei rapidamente a boca com a mão e descobri que isso apenas desviava a sensação para o nariz. Apertei as narinas, e isso interrompeu a sensação e o som semelhante ao bico de Bunsen.

Gradualmente aliviei a pressão sobre o nariz e nada aconteceu, exceto a sensação de dor intensa no nariz e garganta. A dor persistiu durante o Natal, e tive de usar muito o lenço. O meu neto comentou as crostas à volta da minha boca e narinas.”

“Pensando melhor, eu tinha muita gastrite — arrotava muitos gases. Continuei a sofrer disso desde então, mas mantenho-me afastada de chamas expostas e deixei de fumar. Tenho a certeza de que, se da última vez tivesse perdido os sentidos ou entrado em pânico, teria sido mais uma morte inexplicável atribuída a fumar descuidadamente.”

13

Uma Sugestão Eletrificante

Muitas pessoas provavelmente já experimentaram a curiosa sensação do beijo elétrico.

Quando duas pessoas se encontram num encontro romântico íntimo, é possível receber um pequeno choque elétrico durante o abraço. Isso acontece se os lábios se tocarem em determinadas circunstâncias.

Não se trata de uma experiência mística, embora possa parecer nesse momento. Na verdade, é apenas o resultado da física elementar a funcionar conforme esperado. Os seres humanos possuem campos elétricos nos seus corpos, e a intensidade destes varia de indivíduo para indivíduo, bem como ao longo do tempo.

Uma forma simples de demonstrar isto é o velho truque de festa de "carregar" um balão esfregando-o vigorosamente na manga de uma peça de nylon. Isso acumula uma força elétrica estática, percetível como um ligeiro formigueiro quando o balão é aproximado do corpo. O cabelo pode eriçar-se ou o balão aderir à pele, à medida que os campos energéticos do ser humano e do balão se atraem mutuamente.

O mesmo efeito pode ser demonstrado aproximando o braço do ecrã de um televisor pouco depois de este ter sido desligado. Uma forte carga estática acumulou-se na superfície, e os pêlos finos do braço são atraídos para ela. Provavelmente ouvir-se-ão pequenos estalidos à medida que a carga passa do ecrã para o braço. Na verdade, o que se está a fazer é simular relâmpagos e trovões em escala muito reduzida.

O beijo elétrico é semelhante e ocorre quando uma pessoa acumulou excesso de eletricidade estática por alguma razão. Como o ato de beijar envolve humidade da saliva, isso proporciona excelente contacto. O parceiro pode literalmente sentir a terra tremer como consequência!

Felizmente (pelo menos na nossa experiência limitada) este efeito raramente é suficientemente forte para causar mais do que um pequeno sobressalto. Na verdade, pode até melhorar o ambiente do momento. Contudo, parecem existir certas pessoas e certas situações em que a acumulação de energia elétrica no corpo sai do controlo e vai muito além desses níveis básicos.

O *Times* de Londres, nas suas colunas de correspondentes estrangeiros de 1934, relatou a história bizarra de Anna Manaro, uma mulher de Pirano, em Itália. Durante algum tempo foi um fenómeno médico célebre, estudado por uma equipa de médicos, porque, sem razão aparente, um estranho brilho azul emanava do seu corpo enquanto dormia profundamente.

Notas

1. *CHESP = Combustão Humana Espontânea.*
2. *Embondeiro: nome português do baobá (Adansonia).*

Vários esforços foram feitos para relacionar a aparição com uma condição asmática, da qual se sabia que ela sofria, e foram consideradas ideias acerca de bioluminescência e campos elétricos.

«A mulher luminosa», como a Sr.ª Manaro passou a ser conhecida, foi objeto de um relatório apresentado à Sociedade de Médicos e Cirurgiões da Universidade de Pádua no início de maio. O relator foi o Dr. Protti, que estivera presente a 11 de abril com outros cinco médicos quando o efeito começou a emergir da zona do peito da mulher. Eles estavam preparados e tinham uma câmara de filmar pronta para registar o que acontecia, para que posteriormente pudessem estudar os resultados.

No total, foram captadas cinquenta e quatro imagens de filme representando 3,6 segundos do intrigante espetáculo. Alguns sentiram que o resultado teria de ser psicossomático. Observou-se que ela era uma mulher profundamente religiosa e que acabara de cumprir um jejum rigoroso da Quaresma. Poderia aquele brilho ser produto do mesmo processo pelo qual certas pessoas se induziam a ter estigmas — as alegadas feridas de Cristo — gravados nos seus corpos? Esta especulação nunca foi confirmada.

O que se descobriu foi que, durante os breves períodos em que Anna Manaro se transformava num pirilampo humano, o seu ritmo cardíaco e respiratório duplicavam. Isto levou o Dr. Protti a propor um mecanismo ligado ao «poder radiante do seu sangue». Ele já observara que este apresentava um nível três vezes superior ao normal. Sugeriu que tal gerava radiação ultravioleta, conhecida por excitar quaisquer compostos sulfúricos presentes na corrente sanguínea. Se Anna tivesse acumulado um excesso destes, poderiam ser desencadeados numa forma de luminescência pelo seu sangue super-radiante (que, segundo ele, se tornaria ainda mais ativo

durante os períodos de aumento do ritmo cardíaco). Isto, por sua vez, serviria para elevar os níveis de energia de combustão do corpo.

No fim, a inexplicável condição médica simplesmente cessou, o mistério dissipou-se lentamente e foi remetido para mais uma página do álbum de recortes descartados da ciência. Tinha pouco significado evidente — apenas uma dessas situações em que a experiência ultrapassa o conhecimento a tal velocidade que o conhecimento aparentemente desiste da perseguição.

Nos tempos modernos, os efeitos de um excesso de energia elétrica dentro do corpo podem ter consequências prejudiciais, uma vez que grande parte da vida quotidiana depende agora de equipamento altamente técnico. Por alguma razão, presumivelmente importante, as mulheres jovens parecem ser muito mais propensas a este problema do que os homens.

Após quatro anos, Jacqueline Priestman, de Stockport, Cheshire, já não aguentava mais as suas experiências. Frequentemente, quando passava junto do televisor, este mudava automaticamente de canal. Se tentasse usar equipamento elétrico, provocava sobrecargas e, ocasionalmente, quando introduzia uma ficha numa tomada, saltavam faíscas. O marido era eletricista e ficou perplexo perante esta sucessão de desastres. Saber que os circuitos rebentavam devido a uma sobrecarga de energia não substituía compreender a origem da energia que fluía para o circuito em primeiro lugar.

Estranhamente, durante a infância Jacqueline nunca sofrera qualquer problema. Só aos vinte e dois anos começaram as manifestações, assumindo várias formas. Para além da incapacidade de controlar aparelhos elétricos, recebia frequentemente choques elétricos ao ar livre, apenas por tocar em objetos metálicos como corrimões de escadas ou estruturas em passadeiras.

O seu médico não conseguiu ajudá-la, mas, por um golpe de sorte, a Sr.ª Priestman acabou por encontrar o Dr. Michael Shallis, professor de ciências físicas na Universidade de Oxford. Era especialista em choques elétricos e estudava pessoas com grandes quantidades de eletricidade estática no corpo. Concluiu que a Sr.ª Priestman pertencia a esse raro grupo. Na verdade, tinha mais de dez vezes o nível normal de eletricidade

estática acumulada dentro de si e era literalmente capaz de transmitir pequenos relâmpagos que destruíam os fusíveis dos equipamentos que manuseava.

Em meados de 1984, após vários anos disto, o toque elétrico de Jacqueline já destruíra tantos aparelhos domésticos (mais de duas dúzias de aspiradores, por exemplo!) que os técnicos locais se recusavam a continuar a reparar os danos. Uma mudança para Sale não melhorou a situação. Contudo, algo mais que Jacqueline fez pode tê-la ajudado: alterou a alimentação.

Assim que começou a ingerir grandes quantidades de vegetais verdes, os efeitos da carga elétrica pareceram dissipar-se e, no final de 1984, encontrava-se relativamente estável. O Dr. Shallis não tinha respostas concretas para o que estava a acontecer, mas considerava possível que algo relacionado com a dieta pudesse desequilibrar indivíduos predispostos a esta acumulação elétrica. Quando tal ocorria, permitia que a eletricidade estática se acumulasse no corpo e provocasse tamanho caos.

Um dilema semelhante foi relatado em 1988 por Pauline Shaw, uma dona de casa londrina. O seu corpo supercarregado destruíra igualmente numerosos aparelhos domésticos, desde gravadores de vídeo a simples lâmpadas — que revelavam uma terrível tendência para explodir subitamente quando ela passava por baixo delas. O pior de tudo foi quando, alegadamente, se encostou ao computador do banco onde trabalhava, causando o caos.

Vários escritórios têm histórias sobre pessoas elétricas que preferem manter afastadas de equipamento essencial. Normalmente, afirma-se que estes indivíduos são «amaldiçoados», porque as avarias parecem perseguí-los. Em muitos casos, os efeitos são associados a fenómenos poltergeist.[1] De facto, existem casos clássicos nos registos da investigação psíquica em que luzes falham, rádios produzem fortes estalidos de estática, telefones enlouquecem e tudo isto é atribuído à interferência de uma força fantasmagórica.

Agora parece mais provável que muitos destes casos sejam resultado natural de seres humanos como Jacqueline Priestman ou Pauline Shaw, carregados de eletricidade corporal. Inocentemente, criam o caos através

das simples leis do universo. Na verdade, pode muito bem acontecer que este fenómeno seja muito mais comum do que anteriormente se reconhecia, escondido no mundo sombrio do desacreditado e cientificamente suspeito; por outras palavras, o campo da parapsicologia.

O estudo deste fenómeno está ainda na infância, lutando contra o preconceito que todos os acontecimentos aparentemente paranormais enfrentam. Por vezes, este desprezo pelo sobrenatural tem fundamento, mas ocasionalmente impede o progresso. A rejeição total pode parecer uma precaução sensata, mas pode atuar em detrimento da ciência. É provável que surja, com o tempo, uma explicação perfeitamente razoável para estes acontecimentos variados, e as pessoas elétricas ajudem a resolver questões relativas a muitos outros assuntos.

Alguns animais, como as enguias, conseguem gerar campos elétricos muito intensos que deixam as presas temporariamente inconscientes. Como se sabe que todos os seres humanos possuem eletricidade no corpo, existem claramente boas razões para sentir que fatores biológicos e talvez ambientais possam fazer com que esta normalidade saia ocasionalmente do controlo.

Contudo, suspeitamos que os cientistas que lidam com estes dados raramente considerarão a importância de provas escondidas na literatura paranormal. Ou, se o fizerem, poderão recear levá-las em conta.

Naturalmente, o problema que enfrentam é que grande parte dessas provas é espúria. Além disso, dar-lhes crédito pode diminuir o rigor científico aos olhos dos colegas. Um físico atmosférico bastante reputado disse-nos que não podia levar para casa provas filmadas verificadas que oferecêramos à sua equipa, apesar da potencial relevância, porque, se fosse visto a gastar tempo e esforço em algo relatado num contexto sobrenatural, isso prejudicá-lo-ia criticamente na próxima candidatura a financiamento!

Mas os registos de atividade poltergeist provavelmente escondem alguns casos de genuíno valor para a investigação da eletricidade corporal. Do mesmo modo, encontrámos pessoalmente vários casos aparentemente relevantes para esta área enquanto investigávamos outro campo igualmente desacreditado — a ufologia.[2]

Por exemplo, passámos bastante tempo a investigar um incidente ocorrido em Risley, Cheshire, em março de 1978. Aqui — por irónica coincidência, considerando os problemas que Jacqueline Priestman enfrentava com técnicos de reparação enquanto vivia em Sale — um técnico de assistência regressava precisamente de uma reunião sindical nessa pequena localidade de Cheshire quando encontrou uma massa brilhante de energia. Esta forma (que ele interpretou muito especificamente como uma figura) atravessou a estrada à sua frente, antes de descarregar «raios de energia» sobre o seu veículo.

Esqueçamos por um momento a compreensível ênfase colocada nestes acontecimentos pelos tabloides, pelos ufólogos sonhadores e, ocasionalmente, pelas próprias testemunhas. Vivemos numa era em que fenómenos desconhecidos são frequentemente «obviamente» OVNIs e em que os OVNIs são «claramente» ilusões ou então «naves espaciais». Anos de condicionamento tornam difícil quebrar o molde de avaliações tão suspeitas.

Reduzido à essência após longa investigação, pareceu-nos evidente que este homem, numa estrada tranquila em Risley, teve realmente um encontro assustador com algo que provocou consequências potencialmente destrutivas. A testemunha morreu, de facto, alguns anos depois, ainda jovem, após contrair múltiplos cancros. Nunca houve prova de que estes tivessem sido desencadeados pela força elétrica que o atingira frontalmente numa noite de inverno. Mas poderemos excluir tal possibilidade?

A força era muito real. Os seus dedos ficaram «queimados pelo sol». O rádio transmissor sobrecarregou-se de energia e literalmente explodiu por dentro. Jacqueline Priestman e Pauline Shaw compreenderiam isto perfeitamente. O relógio dele parou no momento do acontecimento e nunca mais funcionou enquanto ele o usava. No entanto, quando outra pessoa o pegou mais tarde, começou a funcionar perfeitamente.

Casos em que uma testemunha deixa de conseguir usar relógio após ser atingida por um feixe proveniente de um OVNI não são raros. Contudo, todas essas pessoas recuperam rapidamente e, normalmente, o relógio não apresenta qualquer dano.

Um cenário perfeitamente razoável em casos como estes é o de algum tipo de fenómeno elétrico descarregar sobre a antena de rádio de um automóvel isolado enquanto este percorre uma estrada deserta. Tais características repetem-se numa elevadíssima percentagem de casos em todo o mundo. O fenómeno observado é, naturalmente, chamado OVNI (em vez de descarga desconhecida de energia elétrica) e quaisquer efeitos subsequentes resultantes do incidente são quase certamente atribuídos, no folclore ufológico e mediático, às ações de uma inteligência alienígena. Na realidade, talvez tenha simplesmente acontecido que o corpo do ser humano infeliz o suficiente para se ver envolvido tenha ficado carregado de eletricidade estática após a descarga de uma fonte de energia. É isto que cria dificuldades com o uso de relógios de pulso — pelo menos até que o excesso de carga estática se dissipe.

Na verdade, encontrámos vários casos em que testemunhas de um «encontro imediato» com um OVNI também relatam «poltergeists» em casa após o acontecimento. Descrevem luzes ou televisores que se ligam ou desligam sozinhos, ou ruídos estranhos. A reação dos ufólogos é, ou rejeitar estes fenómenos como irrelevantes para o estudo de «aterragens alienígenas», ou atribuí-los a alguma força psíquica que poderá também estar por detrás do encontro com o OVNI.

Um caso interessante envolveu um homem de Halewood, Merseyside, que regressava do turno da noite na gigantesca fábrica automóvel em dezembro de 1979. Uma massa branca «semelhante a um balão» flutuou na sua direção ao longo de um caminho deserto e passou por ele. Os pelos da nuca eriçaram-se devido à proximidade, mas a característica mais estranha foi o seu próprio aspeto ao chegar a casa. A esposa comentou a «pele arrepiada» nos seus braços e o facto de o cabelo estar literalmente em pé, como se estivesse cheio de eletricidade. Esta carga permaneceu aparentemente no corpo durante quarenta e oito horas até desaparecer gradualmente, regressando ele ao normal.

À luz do que acabámos de discutir, pode ser plausível sugerir que muitas das ocorrências supostamente sobrenaturais alegadas após encontros aparentemente alienígenas com OVNIs sejam apenas efeitos secundários do excesso de eletricidade estática de algum modo introduzida no corpo da infeliz testemunha por uma fonte natural de energia.

Uma história muito típica é a de um impressionante encontro imediato ocorrido em Nelson, Lancashire, às 3h10 da madrugada de 9 de março de 1977. Dois trabalhadores do turno da noite regressavam a uma fábrica depois de deixarem funcionárias da cantina quando viram um objeto emergir das nuvens acima de Pendle Hill. O objeto era uma massa de luz giratória, emitia um zumbido e parecia atraído pelo automóvel em movimento.

Quando se aproximou, tanto o motor como as luzes do veículo falharam, como se tivessem sido drenados de energia pela massa flutuante. Os homens saltaram do carro em pânico. Ambos descreveram uma sensação de formigueiro pressionando-lhes a cabeça e os ombros (o homem de Risley descrevera-a como duas mãos a pressionarem-lhe a cabeça). O cabelo ergueu-se como se fosse atraído por um íman e observaram que os olhos lacrimejavam e a cabeça latejava (efeitos que persistiram durante algumas horas, tal como o cansaço e as náuseas). O objeto afastou-se e tanto o motor como as luzes voltaram ao normal.

Cada um é livre de rejeitar estas histórias como anedotas sem sentido ou mesmo falsidades. Contudo, acreditamos, por experiência direta, que geralmente resistem ao escrutínio — especialmente quando despojadas das ilusões impostas pela sociedade. Quando percebemos que as imagens de naves espaciais e alienígenas que adornam estes relatos são apenas algodão-doce a mascarar a essência do acontecimento, então vemos que as provas clamam pela existência provável de algum fenómeno natural interessante. E trata-se de um fenómeno rodeado de poderosos campos de eletricidade estática.

No caso de Nelson, o proprietário do carro tinha combinado colocá-lo à venda por um preço modesto. Não é preciso ser génio para perceber que não é uma boa estratégia comercial contar ao potencial comprador que o veículo deixou de funcionar subitamente sem razão aparente.

Não — neste caso, como em centenas de outros atualmente registados — parece que um poderoso campo de eletricidade estática pode manifestar-se como uma força energética luminosa e descer do céu sobre pessoas e automóveis. Quando isso acontece, parece carregar os seres humanos com eletricidade estática.

Naturalmente, tudo isto é interessante, mas parece bastante afastado da questão da combustão humana espontânea. Contudo, o que procuramos fazer é extrair pistas que possam conduzir a um mecanismo explicativo do que a CHE poderá ser — um mecanismo que a ciência possa eventualmente transformar numa teoria testável.

Se, como sugerido, os seres humanos podem subitamente encontrar-se carregados com enormes níveis de eletricidade e sofrer consequências bastante prejudiciais, haverá extremos ainda maiores deste fenómeno em que o processo possa provocar CHE?

Paul Priestman relatou mais uma história acerca das aventuras elétricas da sua esposa Jacqueline. Certo dia, ela segurava um ferro de engomar quando presumivelmente transferiu energia para os circuitos. O aparelho incendiou-se imediatamente. Como se pode ver, a energia elétrica pode facilmente converter-se em energia térmica, criando fogo. Uma ponte entre o excesso de eletricidade estática dentro do corpo e o fogo espontâneo começa agora a surgir.

Temos uma estranha história recolhida em segunda mão na Austrália. Alegadamente ocorreu por volta de 1961, algures num estado que não revelaremos. Três homens da comissão local de eletricidade estavam num veículo equipado com uma torre móvel que permitia aceder a linhas elétricas aéreas. A cabine em que trabalhavam era totalmente isolada para os proteger dos cabos de alta tensão. Mas, naquele dia, algo inexplicável correu terrivelmente mal.

Após terem trabalhado durante várias horas perto dos fortíssimos campos que rodeavam os fios, a torre foi baixada em direção ao solo. Um dos homens, talvez ansioso por terminar antes dos colegas, saltou da cabine isolada e, ao tocar no chão, incendiou-se. Um segundo homem reagiu sem pensar e, talvez em pânico, também saltou para fugir ao que estava a acontecer. Exatamente o mesmo lhe sucedeu. Transformou-se numa bola de fogo. Instalou-se o pânico e o terceiro homem permaneceu na plataforma recusando-se a mover-se. Foram feitas verificações. Nada foi encontrado. Ele foi tranquilizado, mas só ao fim de várias horas saiu cautelosamente da cabine. Não sofreu quaisquer efeitos nocivos, ao contrário dos infelizes colegas.

Devemos esclarecer que esta história nos chegou através de um empregado da empresa em causa, e não de uma testemunha direta, mas pareceu-nos (e também à fonte) um relato fiável. Contudo, não conseguimos encontrar ninguém na Austrália que pudesse confirmar que tal incidente alguma vez ocorrera, incluindo elementos da comissão elétrica envolvida.

Por essa razão, deve ser encarado com alguma cautela. No entanto, se fosse verdadeiro, poderia sugerir que enormes cargas estáticas se tinham acumulado dentro destes dois homens (talvez já fossem predispostos a isso). A intensidade do campo a que estiveram expostos teria sido tal que, quando se descarregou através dos seus corpos ao tocarem no solo, a energia provocou um curto-circuito numa gigantesca explosão de potência, incendiando-lhes a roupa. O terceiro homem presumivelmente não sofreu acumulação interna de eletricidade estática ou então esta dissipou-se lentamente enquanto aguardava na cabine.

Sublinhe-se que isto é apenas especulação. É possível que o incidente seja uma lenda popular. Mas corresponde a outros dados que examinaremos mais adiante.

Melhor documentado é o caso de um pequeno rapaz na província chinesa de Hunan. Em abril de 1990, aos quatro anos de idade, segundo o China Youth News, começou a fumar. Infelizmente, não se tratava apenas de um mau hábito social pelo qual pudesse ser repreendido — porque não fumava cigarros — estava literalmente a fumegar!

A avó de Tong Tangjiang reparou primeiro em fumo a sair-lhe das calças e ele foi levado de urgência para o hospital. Um buraco com cerca de uma polegada de diâmetro queimara-se da pele para fora através de duas camadas de roupa. Durante as duas horas seguintes, incendiou-se espontaneamente quatro vezes em diferentes partes do corpo, sofrendo queimaduras na pele devido à roupa incendiada.

Só quando estava nu Tong conseguia manter a situação controlada. A acumulação interna de calor deixava então de ter algo para incendiar; embora as pessoas que se aproximavam dele estivessem, compreensivelmente, receosas, pois já destruíra um colchão e um sofá e quase provocara o incêndio do cabelo da avó.

O Dr. Hsing Peng ficou intrigado com este fenómeno, que quase certamente era temporário (pelo menos, a experiência passada sugere que não seria um problema duradouro). O médico viu uma possível ligação à combustão humana espontânea, mas, a partir do estudo do rapaz, concluiu que a eletricidade dentro do seu corpo atingira níveis enormes e que isso desencadeava os pontos quentes sob a pele.

Houve algum debate acerca de substâncias químicas no organismo do rapaz, talvez geradoras destes excessos de eletricidade. Michael Harrison cita igualmente um relatório da edição de junho de 1920 da revista *Electrical Experimenter*. Proveniente do Dr. Julius Ransom, diretor médico da prisão de Clinton, no estado de Nova Iorque, relatava que trinta e quatro reclusos foram hospitalizados com graves intoxicações alimentares. A toxina do botulismo teve de ser eliminada dos seus corpos ao longo de vários dias. Contudo, um efeito secundário notável e inesperado foi o facto de estes pacientes desenvolverem cargas de eletricidade estática invulgarmente fortes.

Um homem conseguia atrair pedaços de papel para si. Agulhas de bússola podiam ser postas a girar. O Dr. Ransom afirmou que todos os pacientes com a bactéria no organismo desenvolveram excesso de eletricidade estática. Os casos mais graves apresentavam as cargas mais fortes. À medida que melhoravam, a carga dissipava-se. Quando recuperavam totalmente, regressavam a níveis normais.

Se este capítulo nos aproximou um pouco mais da compreensão do que poderá estar a acontecer (assumindo sempre que a CHE enquanto fenómeno realmente existe), então podemos identificar várias pistas.

Em primeiro lugar, todos os seres humanos possuem correntes elétricas dentro do corpo. Possivelmente, quando afetadas por fortes campos elétricos externos de alguma origem, estas são temporariamente amplificadas. Além disso, talvez os alimentos que ingerimos sejam relevantes para o processo de alimentação energética de alguma forma desconhecida.

Se uma pessoa particularmente suscetível vir a eletricidade do seu corpo aumentar drasticamente, poderá ultrapassar um limiar crítico. Essa energia necessita de uma saída para se descarregar. Hoje em dia, essa saída

parece estar facilmente disponível através das sobrecargas em aparelhos domésticos que rodeiam a vida da maioria das pessoas. Talvez este seja um processo de descompressão e um meio de impedir a ocorrência da CHE.

Nos tempos anteriores à vulgarização dos aparelhos elétricos no lar, talvez fosse necessária outra via de escape para este excesso de energia elétrica. Mesmo hoje, algumas pessoas poderão não ter contacto frequente com circuitos elétricos. Pessoas idosas a viver sozinhas, por exemplo, podem não se «ligar à terra» regularmente através de aparelhos elétricos e as cargas no interior do corpo poderão manter-se tempo suficiente para atingir intensidades perigosas. Talvez isto explique a percentagem de casos de CHE envolvendo vítimas mais idosas que encontramos na base de dados.

Claro que, se isto for verdade, levanta-se a questão de saber porque não seria a CHE comum em sociedades tribais primitivas sem equipamento elétrico. As provas de epidemias desse tipo parecem, no mínimo, escassas.

Isto pode relacionar-se com outro fator emergente. Pode ser que a dieta esteja envolvida; quer ajudando a criar o aumento de cargas de alguma forma, quer produzindo certos gases inflamáveis como consequência da química corporal. Talvez as dietas pobres em gordura e sem colesterol das sociedades primitivas tenham uma vantagem adicional. Pensa-se que contribuem para taxas muito baixas de cancro. Talvez também ajudem a manter a CHE afastada!

Por outro lado, uma pessoa supercarregada incapaz de encontrar forma de libertar a eletricidade poderá descobrir que esta se torna a faísca que inflama gases inflamáveis presos no interior — produzindo uma violenta e súbita erupção de fogo.

Nesta fase, estas ideias devem ser encaradas apenas como hipóteses emergentes dos dados à medida que as provas se acumulam. Não pretendem, de forma alguma, constituir soluções coerentes para o que poderá estar a acontecer.

14

Raios Vindos do Nada

Numa pequena cidade de Nova Gales do Sul, na Austrália, vive um adolescente que teve a sorte de sobreviver. O seu erro quase fatal foi atender o telefone.

A chamada surgiu durante uma violenta tempestade. Segurar um auscultador de plástico enquanto relâmpagos rasgam o céu lá fora pode não parecer particularmente imprudente. Mas estava prestes a descobrir que era.

A alguma distância dali, as linhas telefónicas foram atingidas por um raio. À velocidade da luz, uma descarga incrivelmente poderosa percorreu os fios e o telefone explodiu. Segundos depois, o jovem contorcia-se em agonia, o telefone de plástico agora deformado e retorcido como se tivesse sido atingido por um dispositivo nuclear. Um dos dedos foi reduzido a pedaços no processo.

Num certo sentido, teve extrema sorte. Apesar da perda de um dedo e de queimaduras relativamente ligeiras nas mãos, sobreviveu. Há casos de pessoas mortas em circunstâncias semelhantes e a Telecom Australia passou a incluir um aviso na primeira página das listas telefónicas.

Ellen Taylor, de uma pequena cidade da Nova Escócia, no Canadá, vive num vale propenso a terríveis tempestades. Recorda vividamente um dia em que um raio atingiu as linhas elétricas junto da sua casa. A energia percorreu a instalação elétrica, fundindo tudo à passagem. Mas não se descarregou no solo. Continuou o seu percurso e, um instante depois, libertou a enorme descarga de energia no edifício seguinte.

Ellen viu acontecer. A casa explodiu como uma bomba, transformando-se num inferno em segundos. O poder da tempestade foi convertido em energia de fogo com consequências aterradoras.

Tal poder impressionante levou alguns a defender que os relâmpagos desencadeiam CHE, caso esta realmente exista. Poderá representar uma fonte muito provável das vastas energias que trazem a condenação flamejante. Por isso, precisamos de considerar esta hipótese cuidadosamente.

Notas

1. Poltergeist — *termo alemão usado para descrever fenómenos alegadamente paranormais associados a ruídos, deslocação de objetos e interferências inexplicáveis em ambientes domésticos.*

2. Ufologia — *área dedicada ao estudo de relatos e fenómenos associados a OVNIs (Objetos Voadores Não Identificados).*

É possível? Observe os factos. No exato momento em que lê estas palavras — na verdade, em qualquer momento de qualquer dia — existem cerca de 1.900 trovoadas a ocorrer algures na Terra. Formam-se dezasseis milhões delas todos os anos. A Terra é atingida por relâmpagos aproximadamente 100 vezes por segundo.

Quando se pensa nestes números, torna-se inevitável que as pessoas acabem, de tempos a tempos, no caminho deles. Entre 100 e 150 indivíduos por ano morrem atingidos por relâmpagos apenas nos EUA. Na Grã-Bretanha (um país com um quarto da população dos EUA) o total é muito menor — apenas cinco ou seis por ano, em média. Há também algo que parece peculiar na distribuição destas ocorrências.

Na edição de Setembro de 1991 do *Journal of Meteorology*, Paul Brown escreveu para salientar que tinha notado uma característica estranha nas cinquenta e seis mortes em Inglaterra e no País de Gales oficialmente registadas entre 1974 e 1989. Uma percentagem surpreendentemente elevada (oitenta e seis) envolvia homens. Perguntava-se se o relâmpago encontraria no corpo masculino um alvo melhor ou se existiriam razões sociológicas.

Os homens têm maior probabilidade de participar em atividades ao ar livre — como futebol ou pesca — e estas são ocupações de alto risco durante uma trovoada. As mulheres, em geral, terão provavelmente menos tendência para se colocarem no exterior desta forma, procurando abrigo na segurança de um edifício se uma tempestade rebentar quando não estão em casa, em vez de se atreverem a esperar debaixo de uma árvore para que o jogo possa recomeçar quando o tempo melhorar. A esmagadora maioria

dos mortos por relâmpagos encontra-se ao ar livre durante a tempestade. Muito poucos morrem dentro de edifícios.

Referimos isto em parte para deixar um aviso cautelar: as estatísticas podem sugerir coisas que parecem misteriosas à primeira vista, mas que provavelmente são criadas por factores menos óbvios e, ainda assim, facilmente explicáveis. É uma lição que vale a pena aplicar ao estudo da Combustão Humana Espontânea (CHE).

Porque sabemos que o relâmpago é um método muito visível através do qual a energia do céu pode ser transformada em calor, alguns propuseram que as vítimas de CHE seriam atingidas pelo proverbial "raio caído do céu". Devemos avaliar se isso é plausível.

Uma nuvem de trovoada é como uma vasta fábrica geradora de carga negativa através dos movimentos do calor, do vento e da chuva. Essa carga é tão intensa que o seu campo interno repele efetivamente os eletrões dos objetos no solo à medida que a nuvem passa. Isto inclui a terra, edifícios, pessoas, árvores — na verdade, qualquer coisa sobre a qual a nuvem deslize. À medida que avança, forma-se por baixo uma sombra de energia positiva que acompanha o seu movimento pela paisagem.

Não conseguimos ver esta sombra sob uma trovoada, mas muitos conseguem senti-la. Uma tempestade em aproximação é detetada por pessoas e animais devido ao efeito que produz nos campos elétricos dos seus corpos. Em resposta, os animais alteram o comportamento e preparam-se para sair do caminho. Seres humanos particularmente sensíveis (aparentemente aqueles com campos elétricos fortes dentro de si) dizem sentir-se deprimidos, começar a sofrer uma dor de cabeça surda e sentir a pele e o cabelo arrepiados. Estas são reações parcialmente psicológicas, mas sobretudo físicas, às alterações elétricas induzidas pela tempestade em formação.

As cargas positivas e negativas encontram-se igualmente equilibradas em qualquer objeto na ausência de tempestade, mas a nuvem repele fisicamente a energia negativa de tudo o que está abaixo dela, perturbando o equilíbrio normal da neutralidade. Um objeto alto, fino ou em forma de agulha é muito mais afetado do que outras formas. Quanto mais próximo

estiver da nuvem em passagem, maior será a carga positiva induzida no seu interior.

Este é o princípio básico segundo o qual funciona o para-raios e é também a razão pela qual mastros de rádio ou televisão em colinas, ou arranha-céus como o Empire State Building em Nova Iorque, atraem regularmente relâmpagos.

O ar entre a nuvem e o solo é um bom isolador e normalmente não se rompe, mas eventualmente a pressão torna-se avassaladora e, ajudada por um fluxo ascendente de energia atraída do solo para a nuvem, "tentáculos" invisíveis encontram-se, forma-se um canal e milhares de milhões de partículas com carga negativa precipitam-se para a Terra numa torrente de energia. O fluxo de energia funde-se com a área livre de carga negativa mais abaixo e devolve-a ao estado de neutralidade e equilíbrio. O resultado é uma massa de descargas elétricas tão rápidas que parecem aos nossos olhos, devido à lentidão da perceção humana, um único clarão brilhante.

A maioria das pessoas mortas por relâmpagos não é atingida diretamente. Se se abrigarem debaixo de uma árvore e esta for atingida, o relâmpago descarrega-se num amplo arco em redor da base e parte dessa energia entra na pessoa através dos pés. Os seres humanos têm uma tolerância muito reduzida mesmo a cargas elétricas moderadas. Do mesmo modo, os animais são vítimas frequentes de descargas que podem ocorrer a alguma distância deles. Até cinquenta ovelhas e vinte bovinos foram derrubados por um único relâmpago, embora este não tenha atingido diretamente nenhum deles. Num incidente conhecido, uma vaca morreu a 300 pés[1] do ponto de impacto.

Segundo W. Lee, da Universidade de Manchester, as mortes humanas em tais circunstâncias são causadas por factores como a paralisia dos nervos que controlam a respiração ou o coração. As queimaduras não são extensas. Muitas vezes, a vítima parece não apresentar qualquer marca. Isto foi confirmado pelos operadores de crematórios que consultámos. Em todos os casos de mortes por relâmpago que tinham tratado, nenhuma vítima apresentava queimaduras graves. A morte ocorria porque o sistema nervoso era destruído.

A temperatura no núcleo de um relâmpago é extremamente elevada — até 30.000 °C — mas dissipa-se quase completamente numa fração minúscula de segundo. Como resultado, a energia térmica é fornecida ao corpo humano apenas durante alguns microssegundos — e simplesmente não há tempo suficiente para ocorrerem queimaduras extensas.

Consequentemente, podemos notar várias coisas. As descargas elétricas podem provocar incêndios, mas normalmente quando equipamentos elétricos são fundidos pela descarga e inflamam o ambiente. Animais e pessoas atingidos raramente se incendeiam e, na verdade, mostram poucos danos relacionados com calor. A esmagadora maioria das descargas ocorre ao ar livre; na CHE, o inverso é verdadeiro. Alegadamente, estes casos também podem ocorrer no exterior, mas a CHE iniciada ao ar livre parece ser bastante rara.

Poder-se-ia imaginar uma situação em que um relâmpago desencadeasse algo dentro do corpo humano (isto é, uma acumulação de gases inflamáveis incendiados pela descarga elétrica). Mas, nesses casos, esperar-se-ia encontrar fortes indícios da presença do relâmpago na área imediatamente em redor da vítima (por exemplo, extensos danos de explosão na casa).

Naturalmente, o que temos vindo a discutir é o relâmpago comum associado a trovoadas severas. Contudo, tal como o corpo humano possui campos elétricos constantemente em circulação no seu interior, também a atmosfera funciona como um dínamo permanente que produz ondas invisíveis de força elétrica. Muito ocasionalmente, a diferença de carga entre uma massa de ar e o solo é suficiente para provocar um verdadeiro "raio caído do céu", um relâmpago proveniente de um céu limpo.

Noutras ocasiões, a eletricidade da atmosfera pode produzir toda a espécie de fenómenos espetaculares. O Fogo-de-Santelmo[2] é um brilho azul fantasmagórico que se forma nos mastros dos navios, pontas das asas de aviões, torres de rádio e edifícios altos em terra, e ocasionalmente até em linhas elétricas. Parece uma bainha dançante de chamas. Com a sua coloração azul, é visualmente semelhante às descrições por vezes dadas por testemunhas das chamas da CHE.

Na verdade, este efeito é uma descarga coronal causada pela ionização do ar à medida que a eletricidade o rompe. Parece mais perigoso do que realmente é.

Ainda assim, esta massa viva de energia elétrica que envolve todos nós parece capaz de fazer coisas que ainda não compreendemos. O fenómeno do relâmpago globular será discutido em detalhe no capítulo seguinte. Constitui uma excelente ilustração dos limites do nosso conhecimento atual. Mas também ocorrem outros fenómenos que sugerem campos elétricos ou ionização e que não são tão fáceis de reconciliar com o que a ciência sabe.

Um exemplo é o destino da Catedral de York.

Os factos são os seguintes. Cerca das 2h30 da madrugada de 9 de Julho de 1984, alguns jovens relataram ter observado "relâmpagos" vindos do céu e atingindo a famosa catedral antiga desta histórica cidade romana. A catedral incendiou-se e, quando os bombeiros chegaram, todo o transepto sul estava em chamas. Ao amanhecer conseguiram extinguir o fogo, mas as toneladas de água utilizadas provocaram o colapso das estruturas de madeira com 500 anos. O resultado foram danos avaliados em três milhões de libras. Sendo uma grande atração turística e uma parte significativa do património inglês, foi um desastre, embora os trabalhos de restauro posteriores tenham reparado grande parte dos estragos.

No entanto, a verdadeira questão levantada por aquela noite era a causa efetiva do incêndio. Como pôde um edifício altamente protegido contra relâmpagos sofrer um golpe tão devastador? Habitantes locais afirmaram ter visto luzes estranhas (possivelmente descarga coronal) nos telhados da área várias horas antes do incidente. O ar parecia estar eletricamente ativo naquela noite. Contudo, os meteorologistas afirmaram que não houvera trovoada em York. Houve algumas pequenas trovoadas noutras partes de Yorkshire e o ar parece ter tido carga suficiente para as gerar, mas como pôde uma situação relativamente comum provocar as violentas descargas aparentemente necessárias para destruir a catedral?

O debate público preocupou-se menos com a física do fenómeno do que com a rápida disseminação da ideia de que o incêndio era uma retribuição divina. Menos de setenta e duas horas antes, David Jenkins

tinha sido investido como novo Bispo de Durham numa cerimónia realizada na catedral. O evento ocorreu no meio de uma intensa polémica pública resultante de uma anterior participação do clérigo num programa religioso televisivo. Alguns observadores interpretaram as suas palavras como significando que não acreditava no nascimento virginal nem na ressurreição física de Jesus.

Não havia dúvidas quanto às crenças cristãs fundamentais do religioso. A própria Igreja obviamente concordava e confirmou a sua nomeação apesar das reservas públicas acerca das suas alegadas opiniões heterodoxas.

Inevitavelmente, esta controvérsia veio à superfície durante a investidura de Julho do Reverendíssimo Jenkins na Catedral de York. Quando as chamas surgiram pouco tempo depois, os jornais falaram da "ira de Deus" (geralmente mal disfarçada pela adição de um ponto de interrogação).

A maioria das figuras de topo da Igreja foi rápida a condenar essas histórias como ridículas, incluindo o próprio Arcebispo da Cantuária. Uma pequena minoria mostrou-se mais aberta à possibilidade.

Naturalmente, existia a hipótese de o incêndio ter sido provocado por um incendiário; talvez um ato distorcido de protesto. Contudo, isso teria sido muito difícil dada a elevada posição em que o fogo começou. No final, a investigação não encontrou qualquer possibilidade além da de que o incêndio se iniciara "espontaneamente" — provocado por alguma força externa, como um relâmpago.

O único problema com essa explicação era a ausência de qualquer sinal de uma tempestade local suficientemente severa para produzir relâmpagos.

Alguns dias depois do incêndio, dois homens apresentaram-se alegando ter visto o que acontecera. Um taxista e um operador de carrinha fizeram os seus relatos aparentemente sem conhecimento um do outro; embora não saibamos por que razão demoraram tanto a fazê-lo. Um objeto descrito nos meios de comunicação como escuro ou laranja, projetando raios sobre o telhado da catedral — conforme a fonte consultada — foi

responsabilizado pelo incêndio. Inevitavelmente, isto foi rotulado de OVNI na imaginação popular e a imprensa explorou o assunto intensamente. As manchetes variavam entre "A catedral foi atingida?" no *Daily Mail*, "Incêndio na igreja atribuído a alienígenas" (num jornal local de Yorkshire) e até ao divertido, embora talvez um pouco presunçoso, "Homens dos OVNIs dizem que raio destruiu a catedral" (*Daily Star*).

Um bombeiro envolvido na investigação respondeu a estas alegações dizendo haver "certas pistas", mas insistiu que "um ataque de OVNI não é uma delas!". Contudo, uma notícia interessante publicada no *Northern Echo* a 19 de Julho citava uma das testemunhas dizendo: "Só o vi durante um par de segundos… foi tão rápido que nem tenho a certeza." A outra testemunha disse mais tarde ao jornal que o "OVNI" tinha disparado "relâmpagos" contra o telhado (e não raios alienígenas!).

Na realidade, toda a questão reduz-se a um jogo de palavras.

O que os homens afirmam ter visto foi uma massa escura sobre o telhado durante um período muito breve, da qual emergiram descargas elétricas amarelo-alaranjadas que atingiram o telhado da igreja e iniciaram o incêndio. É livre de chamar a isto um OVNI disparando um raio destruidor sobre a catedral, mas ocorre-nos terminologia menos emotiva.

Por fim, os bombeiros enviaram as suas conclusões ao Ministério do Interior, e estas foram divulgadas pela imprensa. OVNIs e castigos divinos não figuravam nelas. Em vez disso, alegou-se que fotografias de satélite tiradas do espaço na altura dos acontecimentos mostravam uma "formação de nuvens" invulgar que teria passado sobre a cidade no momento apropriado. Era o tipo de nuvem conhecido por estar eletricamente carregado, mas não conhecido por libertar energia de forma particularmente violenta. A suposição tinha de ser que, desta vez, fizera precisamente isso.

Presumivelmente, a verdade é outra deliciosa ironia. Deus tinha efetivamente enviado um raio do céu no final deste período turbulento da Igreja inglesa. Ou, para formular cientificamente, o ar naquela noite estava saturado de eletricidade e, por acaso, a Catedral de York foi escolhida como o único local onde uma massa isolada de nuvens descarregou toda a sua carga negativa acumulada. Fê-lo de forma súbita e catastrófica,

provocando o incêndio, antes de se dissipar novamente nos céus, deixando os seres humanos adequadamente perturbados e perplexos.

Donald Lampson, dos EUA, relatou aos leitores da revista *Fate* outra manifestação elétrica invulgar que testemunhou pessoalmente.

Era Agosto de 1973 e ele conduzia numa estrada a leste de Demming, no estado de Washington, quando viu estranhos clarões azuis a pulsar no céu diante dele. Ao lado da estrada havia uma linha férrea e assumiu que ocorrera um acidente que derrubara linhas elétricas e criara um curto-circuito. A verdade era mais estranha.

Durante cerca de sessenta segundos observou relâmpagos "ao contrário" a subir dos carris metálicos à razão de três por segundo. Elevavam-se até cerca de 100 pés e depois desapareciam. Ao fim de um minuto, o fenómeno cessou simplesmente.

Obviamente, os carris estavam envolvidos em algum tipo de troca de carga com o ar acima deles, mas o mecanismo através do qual isso poderia ocorrer não é tão claro.

Fenómenos deste género ocorrem em todo o mundo. As evidências chegam mais frequentemente aos colecionadores de histórias de fantasmas ou OVNIs do que aos cientistas. No entanto, é para a ciência que estes dados podem contribuir mais.

Em 19 de Junho de 1969, um engenheiro de rádio e televisão da Ânglia Oriental viveu a seguinte experiência. O caso foi investigado em profundidade pelo pesquisador Peter Johnson.

Robin Peck, então com vinte e oito anos, conduzia de King's Lynn em direção a Docking, em Norfolk. Eram 00h25. Em Bircham Newton, as luzes da sua carrinha diminuíram de intensidade e o motor falhou. Sendo especialista na área, cheirou o ar tentando detetar algum curto-circuito. Quando os efeitos pioraram, encostou à berma da estrada e perdeu subitamente toda a energia. Não conseguiu voltar a pôr o veículo a funcionar. A bateria estava descarregada.

Ao sair para investigar, sentiu o ar carregado de eletricidade estática. Os pêlos dos braços, pernas e cabeça eriçaram-se, atraídos pela força elétrica. Além disso, o mostrador luminoso do relógio brilhava com o dobro da intensidade normal, evidentemente excitado pela carga no ar. Ao mesmo tempo viu um brilho sobre um transformador elétrico num prado próximo. O brilho era de um azul deslumbrante e tinha a forma de um cogumelo invertido.

Após cerca de um minuto pareceu afastar-se. Robin Peck voltou à carrinha e, depois de recuperar a calma, tentou a ignição. O veículo funcionou perfeitamente e regressou a casa. No dia seguinte apresentou uma declaração à polícia, mas notou que o relógio já não parecia luminoso. Chegou mesmo a testá-lo com um contador Geiger, mas este continuou a indicar níveis normais de emissão.

Por volta das 21h00 de 16 de Setembro de 1974, a Sra. Richards e as suas duas filhas pequenas regressavam a casa vindas de Launceston, na Tasmânia, numa noite escura. Ao aproximarem-se da ponte de Ansons Bay, o rádio do automóvel começou a produzir forte estática — o que era invulgar. Ao mesmo tempo, o céu diante do carro iluminou-se intensamente. Ao atravessarem a ponte, toda a energia desapareceu do veículo e o motor e as luzes falharam. A mulher não conseguiu voltar a ligar o motor mas, enquanto tentava fazê-lo, uma poderosa vibração atingiu o carro. Simultaneamente, sentiram dolorosos choques elétricos percorrer os seus corpos.

O fenómeno durou um minuto e foi seguido de um cheiro que lhes provocou náuseas. As três saíram do carro e correram para casa, abandonando o veículo na ponte. Parando numa casa a cerca de duas milhas estrada abaixo, o proprietário, o irmão deste e a Sra. Richards regressaram à ponte. Não havia sinal de qualquer problema e o carro pegou à primeira tentativa. Foi levado para uma garagem em St Helens no dia seguinte, mas não apresentava falhas elétricas. O motor, as luzes e o rádio funcionavam perfeitamente. Entretanto, os braços e dedos da Sra. Richards estavam inchados, o rosto tinha uma mancha vermelha e ela sentia dormência num dos lados do corpo (presumivelmente uma ligeira perturbação do sistema nervoso). As duas crianças não sofreram quaisquer efeitos.

Ambos os casos acabados de relatar foram apresentados como OVNIs, apesar de nenhum deles parecer provável ser mais do que algum processo atmosférico invulgar. Constituem exemplos típicos da necessidade urgente de derrubar as barreiras entre a ciência e a paraciência. Todos os que se preocupam em estabelecer a verdade acerca de acontecimentos estranhos que vagueiam nas fronteiras do conhecimento aceite — ajudando assim a impulsionar a ciência para o futuro — têm acesso a casos como estes. Acreditamos que cientistas que estudam física atmosférica considerariam este material de grande utilidade. Para isso, contudo, precisam de exorcizar o fantasma que o sobrenatural invoca nas suas mentes.

Como vimos, o relâmpago é sem dúvida um fenómeno assustador, talvez ainda mais devido às suas formas pouco comuns. Mas existe realmente alguma prova de que possa ser causa da CHE?

Passámos algum tempo a estudar exemplos do alegado fenómeno de CHE para determinar se o relâmpago poderia ter sido um factor. Em certas ocasiões foi mencionado em ligação com vários casos. Por exemplo, no caso de Mary Reeser, os céus da Florida estavam eletricamente carregados na noite em que morreu. Mas com que frequência este padrão ocorre?

Verificámos vinte e cinco casos britânicos recentes (datados entre 1978 e 1987) comparando-os com os relatórios mensais do Serviço Meteorológico. Encontrámos quatro que poderiam potencialmente ter ligação com relâmpagos.

Na noite de 2 de Agosto de 1978, quando ocorreu a tragédia dupla de Harpurhey, Manchester, uma grande depressão atmosférica atravessava a Grã-Bretanha. Nessa noite houve fortes tempestades na Escócia que cortaram o fornecimento elétrico e uma rapariga foi atingida por um relâmpago na Ânglia Oriental na madrugada de 3 de Agosto. Manchester situa-se entre estes acontecimentos, no trajeto da depressão.

Em 6 de Janeiro de 1980, quando ocorreu a terrível morte em Ebbw Vale, Gwent, registaram-se sobre a Grã-Bretanha continental aquilo que foi descrito como relâmpagos anómalos. Uma mulher na península de Wirral passeava com a filha pequena num carrinho quando um relâmpago caiu e a projetou para trás. De algum modo, a criança saiu ilesa.

Em 13 de Maio de 1980, quando ocorreu uma morte por CHE em Birmingham, o país atravessava um período de calor intenso. Foram estabelecidos recordes de temperatura nas West Midlands a 12 de Maio e havia muita eletricidade estática no ar, provocando interferências televisivas.

Por fim, há uma interessante coincidência com um alegado caso de sobrevivência à CHE na noite de 3 de Maio de 1981 (ver caso 101, p. 208). Este caso, algo discutível, ocorreu perto de Rotherham, em South Yorkshire, e nessa mesma noite a princesa Diana esteve envolvida num incidente assustador. Encontrava-se a bordo de um Boeing 737 em voo de Londres para Aberdeen. Alguns minutos após a descolagem, atravessaram uma tempestade severa e o avião foi atingido por um relâmpago, felizmente sem consequências.

Nenhum destes casos constitui uma correlação suficientemente próxima para provar seja o que for, e não é claro quão relevante poderá ser uma proporção de quatro casos em vinte e cinco exemplos. Mas existe o suficiente para sugerir que mais investigação poderá ser necessária.

Pelo que vimos neste capítulo, é muito improvável que os relâmpagos sejam diretamente a causa da CHE, como inicialmente poderia parecer credível. Existe alguma possibilidade de funcionarem como desencadeadores de outros mecanismos desconhecidos, mas ainda não existe qualquer prova real sequer disso.

Notas

*[1] Pé (foot)**:** unidade de medida anglo-saxónica equivalente a cerca de 30,48 cm. Assim, 300 pés correspondem aproximadamente a 91 metros.*

*[2] Fogo-de-Santelmo**:** fenómeno luminoso causado pela ionização do ar em condições atmosféricas de forte carga elétrica, frequentemente observado em mastros de navios, asas de aviões e estruturas elevadas.*

Mais plausível é a ideia de que as condições atmosféricas que fazem formar os relâmpagos possam também ser propícias à ocorrência da CHC[1] por algum outro efeito — talvez vagamente relacionado. Esta é, pelo menos, uma hipótese a ter em conta.

15

Bolas de Fogo

Um casal de Edimburgo, na Escócia, relatou-nos uma experiência bastante "fantasmagórica" ocorrida pouco depois da morte da mãe da mulher. Numa noite, uma lâmpada caiu do casquilho no teto da divisão com um estrondo tremendo. Intrigados com este estranho acontecimento, apanharam os cacos de vidro e sentaram-se para ver televisão quando ocorreu uma segunda coisa extraordinária. Nas palavras da Sra. Sandra Black, a narradora:

"Ambos vimos, ao mesmo tempo, uma pequena bola de luz entrar pela janela da sala de estar e, em movimento lento, flutuar pela divisão até ao local onde eu estava sentada. Não sabemos se ela parou junto de mim ou pareceu entrar em mim, mas desapareceu completamente."

Este fenómeno espantoso está ligado à massa fervilhante de eletricidade existente na nossa atmosfera. Não surpreende que seja frequentemente interpretado como algo sobrenatural quando observado. A Sra. Black poderá associar estes acontecimentos à morte da mãe. Mas mantém-se sensatamente aberta à possibilidade de uma explicação mais mundana.

Outro caso escocês (desta vez em Blairgowrie) foi investigado pela BUFORA[2]. Ocorreu um ano mais tarde, em 25 de Abril de 1984, e foi muito semelhante — uma bola de energia elétrica formou-se sobre um jardim num dia quente e soalheiro, flutuou suavemente e "entrou" no corpo de uma mulher que estava então a fazer tapeçaria. O cão dela aparentemente reagiu à bola. Ela ficou temporariamente cega por um clarão quando esta "entrou" nela e sentiu uma sensação de calma e paz que atribuiu ao incidente. Tal como no caso de Edimburgo, não havia trovoada no momento e, por isso, "relâmpago" nunca ocorreu às testemunhas.

Na verdade, em Blairgowrie a mulher interpretou o encontro em termos algo espirituais, o que é perfeitamente compreensível dadas as circunstâncias e o seu forte contexto religioso.

No entanto, se removermos quaisquer interpretações impostas a estes acontecimentos, ficamos com relatos simples de uma ocorrência real. Fenómenos elétricos podem formar pequenas bolas luminosas e flutuar

livremente na atmosfera. Também podem aparentemente "entrar" (ou descarregar-se em) num corpo humano sem efeitos nocivos. Ocasionalmente, quando isto acontece, as testemunhas referem sensações de formigueiro elétrico, que podem até interpretar de forma sobrenatural. Porém, na essência, o que ocorreu foi um acontecimento estranho, ainda que natural.

Escusado será dizer que, se a energia elétrica pode entrar no corpo humano de uma forma mais suave, aparentemente menos destrutiva — ou, noutras ocasiões, atingir com a terrível violência de um raio — a questão é saber se poderá por vezes seguir uma via intermédia. Poderá entrar silenciosamente e depois libertar o seu poder bruto após penetrar no corpo? E se entrar numa pessoa predisposta à combustão — por exemplo, devido a uma acumulação de gases internos ou excesso de tecidos adiposos?

No incidente de Widnes, Cheshire, que investigámos exaustivamente em 1985, uma testemunha ocular no inquérito fez uma declaração notável. Na altura foi praticamente ignorada. Perguntamo-nos se terá uma importância inesperada.

Karena Leazer cruzou-se com a adolescente nas escadas momentos antes da tragédia. Declarou no inquérito que viu uma pequena bola de luz surgir sobre o ombro direito de Jacqueline e "cair" pelas costas dela.

A Sr.ª Leazer acrescentou que a colega pareceu reconhecer o que tinha acontecido e gritou em voz alta:

"Entrou-me pelas costas abaixo — tirem-na de mim!"

Apenas segundos depois, a adolescente explodiu "como um duplo de cinema na televisão", como outra testemunha descreveu graficamente o terrível acontecimento.

Ao lado de Karena Leazer encontrava-se a amiga Rachael Heckle. Confirmou a história no inquérito; embora inicialmente tenha dito que Karena se referia a um cigarro que teria caído pelas costas da vítima. Karena negou isso e, por fim, ambas pareceram concordar que tudo o que tinham visto fora uma pequena luz surgir no ar, cair e aparentemente entrar na roupa nas costas da vítima apenas segundos antes de ela se incendiar.

O inquérito deixou esta alegação passar com pouca consideração aparente. Concebivelmente, isto poderá não ter qualquer relação com o que

aconteceu à adolescente naquela manhã. Mas é extraordinariamente semelhante aos incidentes de Edimburgo e Blairgowrie.

Nesses casos, duas mulheres afirmam que uma pequena bola de luz se formou no ar, derivou na direcção delas e aparentemente entrou nos seus corpos. Será uma afirmação tão bizarra assim tão ridícula à primeira vista?

Quando começamos a ponderar tais questões, as possíveis respostas relativamente à CHC podem assumir proporções inquietantes. Pois poderão sugerir que as condições que geram este fenómeno impressionante e horrendo podem ser muito mais comuns do que alguma vez se imaginou.

Na verdade, aquilo que todas as testemunhas acima poderão estar a descrever é relâmpago globular[3]. A literatura de muitos campos surpreendentes está repleta dele — desde a ufologia até às assombrações e desde a astronomia até à meteorologia. Contudo, incrivelmente, o relâmpago globular é um fenómeno que muitos cientistas se recusaram a aceitar até tempos muito recentes. Ainda há alguns que mantêm essa posição.

No seu volume de 1972 *The Lightning Book*, publicado pela MIT Press, Peter Viemeister chamou-lhe "A forma mais controversa de relâmpago" e advertiu que "alguns cientistas não acreditam que o relâmpago globular exista". Referia-se a uma visão popular, tal como expressa no livro de B. Schonland de 1950, *Flight of the Thunderbolts*. Este relatava como alguns consideravam que a maioria dos casos alegados de relâmpago globular eram apenas ilusões óticas. Segundo essa teoria, tal ilusão poderia ser criada pelo efeito deslumbrante na retina quando o olho observa um clarão de relâmpago brilhante, embora perfeitamente comum.

Embora seja verdade que esta ilusão possa por vezes originar relatos espúrios, hoje poucos cientistas rejeitam o fenómeno liminarmente. Por vezes também surge na ausência total de relâmpagos comuns. Além disso, as potenciais ligações com a CHC são impressionantes, como veremos. Precisamos de considerar o relâmpago globular com o máximo detalhe.

As provas da existência do fenómeno consolidaram-se para além do ceticismo dos investigadores mais exigentes, porque foi relatado de forma consistente. Continua também a ocorrer e os seus casos têm natureza global. No entanto, ainda não permitiu à ciência determinar exatamente o

que é. O debate é tão intenso e fragmentado como aquele que envolve qualquer área do paranormal.

De facto, muitos relatos de relâmpago globular são feitos a investigadores do sobrenatural e ignorados pela ciência. Situa-se desconfortavelmente entre o facto científico e a ficção. Contudo, tal como a CHC, reflete uma força natural perigosa que clama por ser melhor compreendida. Enquanto forma de energia aprisionada, poderá até um dia ser aproveitada e revelar-se financeiramente lucrativa em algum sentido tecnológico. Talvez isso explique o fascínio dos japoneses por ela.

A melhor forma de compreender o relâmpago globular é rever as provas. Os seguintes relatos breves são resumos de dez acontecimentos documentados, selecionados quase ao acaso de uma enorme e constantemente crescente base de dados. Captam a essência deste fenómeno misterioso e ilustram quão comum, embora diverso, ele é.

As referências ao relatório completo são indicadas.

1920

Parkside, Austrália do Sul

Ouviu-se um som sibilante no céu e uma bola com cerca de trinta centímetros de diâmetro desceu lentamente ao longo de uma vedação próxima. Era semelhante a fumo e tinha pequenas formas "vermiformes" no interior que se contorciam, tremeluziam e chispeavam. A bola atingiu um alpendre de cimento e "saltou" a passo humano ao longo de um caminho de nove metros, rolando lentamente o resto do tempo enquanto emitia faíscas das suas extremidades. Nas três ou quatro vezes em que se elevou, atingiu uma altura de cerca de trinta a sessenta centímetros e adquiriu uma forma oval ao "esmagar-se" na base antes de regressar a uma esfera perfeita quando subia para o céu. No final do último salto, descolou num ângulo por cima de uma árvore. Segundos depois atingiu algumas casas, explodiu e causou-lhes graves danos. (*Science Frontiers*, 33, William Corliss)

1941

Basingstoke, Hampshire

Uma família jantava durante uma violenta trovoada quando um trovão foi seguido por uma pequena bola de luz com alguns centímetros de

diâmetro, vista pela primeira vez por uma testemunha de apelido apropriadamente "Rumble"[4]. A bola atravessou o jardim e entrou na divisão pelas portas francesas abertas, movendo-se depois diante dos atónitos comensais. Assemelhava-se a uma lâmpada elétrica e tinha cor violeta ou púrpura no interior. Emitia um forte som sibilante. Passou a poucos centímetros das costas da Sra. Rumble (então uma jovem rapariga), mas ela não sentiu calor. Depois atravessou a sala e saiu da casa pela porta traseira. Ficou um ligeiro odor sulfuroso. (*Journal of Meteorology*, 1990, relatório sobre relâmpago globular, Mike Rowe)

Final da Segunda Guerra Mundial

Ilhas Shetland, Escócia

Durante uma tempestade muito violenta, tarde da noite, uma pequena bola de cor ígnea entrou numa estação de radar segura através das linhas de alimentação e moveu-se lentamente pela sala durante vários segundos. Não descarregou no enorme equipamento transmissor metálico à sua volta, movendo-se livremente entre ele. Em vez disso, atingiu uma pequena lâmpada montada na parede com suporte metálico. O desaparecimento, num clarão de luz, resultou na destruição completa da ampola de vidro. Todos os fragmentos de vidro foram literalmente evaporados. Contudo, a sala não apresentava quaisquer outros sinais de calor ou queimadura. (Carta aos autores, Novembro de 1986)

Setembro/Outubro de 1969

Gee Cross, Hyde, Cheshire

Durante uma trovoada nocturna de Outono, o mastro de rádio em Werneth Low foi atingido por um raio, causando danos e falha de energia. Um bungalow na encosta da colina sofreu a tempestade diretamente sobre si, acordando o homem e a mulher que ali viviam. Uma bola de luz alaranjada semelhante a uma bola de praia entrou através de janelas fechadas e de vidro duplo. Tinha cerca de noventa centímetros de diâmetro e emitia pequenas faíscas enquanto rolava pelo chão.

Moveu-se em arco pela divisão, contornou a cama e depois inverteu a trajetória (mudando também a direção das faíscas), saindo novamente da sala, sempre muito lentamente. O casal saiu da cama mas não conseguiu compreender como ela tinha entrado ou saído da casa. Ficou um ligeiro

cheiro a arco elétrico, mas a alcatifa de nylon sobre a qual passou não foi afetada. (Investigação pessoal dos meteorologistas Mike Rowe e Dr. Terence Meaden da TORRO[5])

20 de Setembro de 1973

Margate, Kent

Às 5h30 da manhã, após uma noite de chuva torrencial e violentas tempestades, um casal observou em casa uma pequena bola de cerca de quinze centímetros de diâmetro surgir literalmente do ecrã da televisão! Materializou-se como um brilho azul cintilante e flutuou lentamente pela divisão a cerca de sessenta centímetros do chão. Depois disparou para o candeeiro no centro da sala e desapareceu. O único dano foi um fusível queimado na ficha da televisão. (Mike Rowe no relatório sobre relâmpago globular do *Journal of Meteorology*, 1990)

6 de Junho de 1977

Barnards Castle, Durham

Durante uma forte chuvada sem trovoada, um jovem motociclista foi envolvido por uma luz ofuscante que emergiu de uma massa púrpura-rosada formada a poucos metros acima do solo. Um automóvel ultrapassava-o numa ligeira subida e também observou o fenómeno. Tanto o condutor como o motociclista sentiram a potência desaparecer dos motores e das luzes, embora continuassem em movimento durante os poucos segundos em que o efeito durou. O oval desapareceu e vapor saía das roupas de cabedal do motociclista, embora este não tivesse sentido calor.

As suas roupas estavam agora completamente secas (tal como a motocicleta), apesar da chuva incessante, implicando que uma grande quantidade de água tinha sido rapidamente vaporizada. Ambos os veículos pararam. O motociclista tocou no depósito da mota e verificou que estava escaldante. Carro e motociclo recuperaram depois a potência total e não apresentaram efeitos posteriores; embora os travões da mota (acionados

instintivamente no momento da perda de potência) estivessem gravemente desgastados. Ao chegar a casa, a mãe do motociclista comentou quão vermelho e congestionado estava o rosto dele. (Investigação ufológica do grupo CHRYSIS nos arquivos da UFO Investigators Network)

4 de Agosto de 1977

Irlam, Lancashire

Um caso banal de relâmpago globular envolvendo Edna Randles, mãe do co-autor deste livro. O fenómeno encontrava-se sobre o telhado da casa do autor (infelizmente quando ele estava ausente). A Sra. Randles estava no jardim a conversar com uma vizinha numa noite quente e soalheira. Ambas ouviram um forte zumbido "como uma subestação elétrica". Após quinze segundos terminou com um "estalido" semelhante a um tiro. As mulheres olharam em volta mas nada viram.

Contudo, as crianças da vizinha, que brincavam perto dali, correram a relatar um oval do tamanho de um candeeiro de rua sobre o telhado. Era amarelo intenso a desvanecer em laranja e mantinha-se imóvel. O estalido coincidiu com o seu desaparecimento num clarão branco. A casa situava-se na orla de campos abertos e foi relatado que, nessa altura, o resto de Irlam sofreu uma breve chuvada que não atingiu apenas esta pequena área. (Investigação pessoal)

3 de Dezembro de 1979

Fleetwood, Lancashire

Às 18h00, numa noite com trovoadas intermitentes, uma esfera de quinze centímetros de diâmetro entrou na divisão descendo pela chaminé fechada. Assemelhava-se a uma bolha de sabão, isto é, semi-transparente, e era púrpura, coberta de saliências felpudas. Flutuou entre um homem e o seu filho adulto e dirigiu-se para o ecrã da televisão (o aparelho tinha sido desligado pouco antes, pelo que o ecrã presumivelmente ainda estaria ionizado). Quando estava a cerca de vinte centímetros do ecrã, a bola desapareceu com um forte estalo ou explosão seca e deixou um cheiro semelhante ao de um arco elétrico. (Carta no *Journal of Meteorology*, Maio de 1986)

3 de Julho de 1986

Winchester, Massachusetts, EUA

Às 14h20, numa tarde húmida, uma mulher viu uma bola vermelha de luz sobre árvores no quintal da vizinha. Permaneceu imóvel durante alguns segundos e, quando ela mudou de posição, ouviu uma tremenda explosão como se uma bomba tivesse atingido a casa. O alarme contra intrusão e o sistema de rega do relvado dispararam, mas as luzes da casa não foram afetadas. No exterior encontrou a tampa do contador do sistema de rega arrancada, enegrecida e a fumegar.

Os bombeiros foram chamados e disseram ter visto a bola quando circulavam na zona minutos antes. Foram causados danos substanciais noutros circuitos elétricos e uma árvore próxima ficou despojada dos ramos e da casca. Os registos meteorológicos mostram que havia trovoadas na área naquele momento. (Investigação do astrónomo Walter Webb no *MUFON UFO Journal*, Janeiro de 1987)

26 de Agosto de 1989

Sedgley, West Midlands

Numa noite nublada mas seca, um homem e um cão em campos junto a uma reserva natural viram uma "bolha de sabão" um pouco maior do que uma bola de golfe flutuar com o vento. Entrou no campo e mergulhou como se tivesse sido apanhada por uma corrente descendente, voando em torno de alguns cavalos (que não lhe prestaram atenção). Após alguns minutos dirigiu-se contra o vento e voou na direção do homem, ultrapassando uma vedação de arame e parando mesmo ao lado dele. O homem viu uma mancha branca semelhante a uma pena no interior da superfície semi-transparente e uma pequena mancha escura que julgou ser o reflexo dele próprio! Sentiu-se tentado a tocar-lhe, mas talvez para sua sorte a pequena bola "arrancou" subitamente em movimento e desapareceu. (Investigação dos autores)

Como se pode ver, o relâmpago globular possui algumas características frequentemente relatadas. Raramente é muito grande (um exemplar com cerca de sessenta centímetros já seria considerado grande e a maioria tem apenas alguns centímetros de diâmetro). Flutua livremente e parece não ter dificuldade em entrar em divisões bem fechadas — aliás, tende precisamente a fazê-lo, tendo inclusivamente sido observado, em várias ocasiões confirmadas, a deslocar-se pelos corredores ou cabines de aviões em movimento.

Contudo, até onde conseguimos descobrir, nunca foi visto dentro de um automóvel. Isto é importante porque não existe qualquer caso verificado de um carro ter sido atingido por um raio comum. A carroçaria metálica cria um ambiente denominado "Gaiola de Faraday"[6], oferecendo proteção quase perfeita aos ocupantes. Um excelente conselho para quem teme trovoadas é permanecer dentro do automóvel até a tempestade passar.

A cor do relâmpago globular varia consideravelmente, embora o amarelo/laranja e o azul/púrpura sejam ambos comuns. Pode evitar equipamentos elétricos ou descarregar neles. Quando desaparece, pode fazê-lo silenciosamente, com uma enorme explosão, um silvo, crepitação ou estalo. Por vezes é silencioso em voo; noutras ocasiões chia, zune ou sibila. Pode ser extremamente brilhante ou baço e semi-transparente, sendo comparado a uma bolha de sabão em várias ocasiões. Quando observado muito de perto, por vezes refere-se uma estrutura interna; noutras não.

De tempos a tempos, drena energia de automóveis sob si, funde cablagens elétricas e apaga luzes domésticas à sua passagem. Noutras ocasiões faz acender luzes apagadas enquanto flutua, ou então pode não produzir qualquer efeito em equipamentos elétricos a poucos centímetros de distância.

Embora raramente se diga que emita calor, mesmo quando extremamente próximo de uma testemunha, em diversas ocasiões transformou água em vapor, deformou metal e evaporou completamente vidro — indicando que deve conter considerável energia térmica, ainda que aprisionada no interior.

O relâmpago globular, como facilmente se compreende, é quase impossível de encaixar numa categoria simples. Esta é uma das principais razões pelas quais a ciência teve reais dificuldades em compreendê-lo.

Nem sequer é possível afirmar se necessita de trovoadas para surgir. Forma-se durante tempestades violentas, mas com bastante frequência ocorre quando o tempo está apenas húmido, quente e soalheiro ou simplesmente cinzento. No Reino Unido e nos EUA, os cientistas costumam defender que o relâmpago globular é muito mais comum durante trovoadas e raramente surge na sua ausência. Contudo, organizações ufológicas nesses mesmos países recebem regularmente casos do que

parece ser relâmpago globular sem trovoada (geralmente interpretado pelas testemunhas como OVNIs[7]).

Estarão os cientistas errados ao presumir que o relâmpago globular é raro em tempo sem trovoada? Numa investigação conduzida pelo Professor Yoshi Hiko Ohtsuki, da Universidade de Waseda, no Japão, verificou-se que, de 2.060 ocorrências de relâmpago globular compiladas no seu país, impressionantes 97% não ocorreram durante trovoadas.

Não admira que alguns cientistas encarem todas estas propriedades e estatísticas contraditórias com um certo desespero e talvez desejem que o relâmpago globular seja apenas uma ilusão ótica!

Na verdade, tais são os conflitos de evidência que alguns teóricos procuram refúgio em ideias bastante surpreendentes.

Notas

1. CHC — Combustão Humana Espontânea (Spontaneous Human Combustion).

2. BUFORA — British UFO Research Association, organização britânica dedicada à investigação de OVNIs.

3. "Ball lightning" traduzido como "relâmpago globular", termo técnico mais utilizado em português europeu.

4. "Rumble" significa algo como "estrondo" ou "ribombar", daí o comentário irónico do autor sobre o apelido.

5. TORRO — Tornado and Storm Research Organisation, organização britânica de investigação meteorológica.

6. Estrutura metálica que bloqueia campos eléctricos externos.

7. OVNI — Objecto Voador Não Identificado.

8. ---

Vincent Gaddis é um escritor americano que, de muitas formas, redescobriu a *SHC* [^1]. Isto aconteceu nas suas reportagens durante o início da década de 1950 para a revista *Fate* e no seu livro posterior, *Mysterious Fires and Lights*. Este não era sobre a *SHC* em si, mas

incorporava histórias da comunicação social que ele tinha recolhido na sua investigação.

No início de 1991, o já muito idoso Gaddis foi entrevistado por Mark Chorvinsky para a revista *Strange* (número 7). Falou do seu longo interesse pelo relâmpago globular, dizendo: «Considero que existem dois tipos... Há um tipo natural que explode quando termina a sua manifestação. O outro é menor em tamanho e muito mais vivo... Corre por todo o lado explorando tudo e, além disso, exibe inteligência, que eu penso ser inata... Não tem havido ênfase suficiente nisto.»

Deixando de lado o conceito surpreendente de um relâmpago globular inteligente, a maioria dos cientistas tem teorias bastante mais mundanas, embora dificilmente menos controversas, para tentar lidar com o fenómeno.

Por exemplo, na revista científica *Nature*, de 19 de março de 1971, Ashby e Whitehead, do laboratório de investigação da Autoridade de Energia Atómica do Reino Unido em Culham, Berkshire, questionaram se minúsculos meteoritos formados por antimatéria poderiam entrar na atmosfera e criar o relâmpago globular. No entanto, hesitaram perante a premissa da aparente ligação com trovoadas, as quais não parecem propensas a produzir tais partículas.

O físico Dr. Roger Jennison, numa carta pouco tempo depois, perguntou como poderiam tais micropartículas penetrar no casco selado de um avião comercial em voo sob a forma de uma bola de luz flutuante?

Esta não era uma questão académica. Jennison sabia que tal acontecia porque tinha estado num jato da Eastern Airlines por cima de Nova Iorque quando precisamente uma bola dessas por acaso flutuou junto a ele e a dezenas de outros passageiros, corredor abaixo. Foi, de facto, um daqueles casos que finalmente convenceu a ciência a aceitar o relâmpago globular.

À medida que o debate continuava na *Nature*, seguiram-se outras cartas, incluindo uma sobre o assunto do apropriadamente denominado professor do UMIST [^2], em Manchester, Dr. Charman. Também o Professor Paul Davies (então de Cambridge, mais tarde de Newcastle e agora da Universidade de Adelaide, na Austrália) estava atento às semelhanças entre os dados de OVNI e de relâmpagos globulares.

Paul Davies tem experiência com dados sérios de OVNI, o que pode explicar a sua perspicácia. De facto, ele publicou, desde 1971, dois artigos sobre como poderíamos resolver as dificuldades de compreensão do relâmpago globular.

Na *Nature*, de 15 de abril de 1976, ele utiliza sabiamente a expressão dissimulada «fenómenos aéreos transitórios», mas nota como as propriedades deste fenómeno de energia flutuante (seja OVNI ou relâmpago globular) são «intrigantes e bizarras».

Ele acrescenta, muito percetivelmente, que a «situação melhoraria muito se o halo de mistério e superstição que envolve os eventos aéreos invulgares fosse dissipado».

A partir da nossa investigação sobre a *SHC* e as suas ligações potenciais com tais «eventos aéreos invulgares», concordamos plenamente.

Na *New Scientist*, de 24 de dezembro de 1987, Davies escreveu um artigo intitulado «Great Balls of Fire» e reviu as várias tentativas de recriar o relâmpago globular no laboratório. Como ele expressou, «a natureza consegue fazer algo que nós ainda não conseguimos». Embora seja relatado um sucesso menor, frequentemente por acidente, nada de longa duração ou estável foi produzido, de acordo com este relatório.

O investigador de OVNI britânico Ralph Noyes seguiu o assunto com um artigo no *MUFON UFO Journal*, de junho de 1988, intitulado «Paradoxical Energy Levels». Ele desenvolveu um interesse na possibilidade de alguns avistamentos de OVNI refletirem energias naturais desconhecidas que poderiam ser usadas para fins tecnológicos.

Jenny Randles deu uma palestra de esclarecimento a políticos nas Câmaras do Parlamento em 1980 e foi informada por uma alta figura que o interesse oficial em OVNI continuava devido a essa mesma possibilidade; ou seja, que as energias invulgares percecionadas pudessem ser capturadas e transformadas em armamento. Nessa única declaração pode residir a verdadeira verdade sobre o chamado «encobrimento» dos OVNI. Parece muito mais fácil acreditar nesta ideia do que nos gritos dos meios de comunicação social e dos entusiastas de OVNI sobre invasões alienígenas ocultadas de uma população aterrorizada.

Noyes reviu brevemente as recentes tentativas científicas para descobrir a causa do relâmpago globular e mostrou como o seu estatuto contraditório desvia quase todas as teorias. Não tirou conclusões reais, mas apontou que os paradoxos encontrados ao tentar compreender os dados de OVNI e a atividade *poltergeist* têm muito em comum com aqueles enfrentados pelos cientistas que lutam para se debruçarem sobre o relâmpago globular. Poderíamos agora adicionar a *SHC* à mesma lista. Ele observou que «o progresso na compreensão de qualquer um destes fenómenos tão diferentes pode concebivelmente lançar luz sobre os outros».

Talvez a tentativa teórica mais detalhada para resolver o dilema tenha surgido num artigo de Altschuler, House e Hildner, do Centro Nacional de Investigação em Boulder, Colorado. Este foi publicado a 7 de novembro de 1970 na *Nature* e perguntava: «Será o relâmpago globular um fenómeno nuclear?»

A partir de histórias de casos onde barris de água secaram por ebulição e troncos se fenderam, sugeriram que cem milhões de joules por metro cúbico estavam retidos em algumas bolas de fogo. Um grau de potência tão incrível é difícil de explicar em termos de processos químicos. Além disso, correntes de micro-ondas ou elétricas não funcionavam especialmente bem, alegaram eles, pois não conseguiriam entrar num sistema selado como o casco de uma aeronave.

Como resultado, sentiram que é necessária uma libertação constante de energia e apenas uma forma de radiação parecia ajustar-se a essa possibilidade. Um problema surgiu imediatamente, conforme expressaram, porque «um observador situado a menos de 2 metros de um relâmpago globular de alta energia... poderia receber uma dose de radiação de algumas centenas de rads; o suficiente para causar doença por radiação ou a morte».

Eles anteciparam o argumento de que a maioria dos casos de relâmpago globular não mostra este efeito. No entanto, isso poderia ser um equívoco baseado nos dados limitados disponíveis para os investigadores de relâmpagos globulares. Podemos argumentar perfeitamente que os exemplos mais estranhos de relâmpago globular nunca são reportados à — ou encontrados dentro da — esfera da ciência, mas chegam aos

investigadores do paranormal. Existem algumas indicações inegáveis de que a doença e até a fatalidade foram relatadas após um encontro imediato com um «relâmpago globular» nestes campos.

Altschuler, House e Hildner argumentaram que a aparente falta de efeitos de radiação nas testemunhas de relâmpagos globulares se explica pelo facto de as formas muito energéticas serem raras. De facto, podemos acrescentar que tal «super» relâmpago globular é amplamente reportado como um OVNI devido à sua gama extrema de características. Como resultado, a ciência mal tem conhecimento da sua existência. Os próprios entusiastas de OVNI duvidam que as suas «naves espaciais» possam ser formas exóticas de fenómenos elétricos.

Presumindo que um relâmpago globular menos energético, de potência entre dez e cem vezes menor, fosse tudo o que tínhamos, Altschuler, House e Hildner indicaram que seriam então esperadas contagens de radiação muito reduzidas em testemunhas de grande proximidade — daí os casos em falta de doença grave. No entanto, estaria alguém realmente a interrogar as vítimas de relâmpagos globulares sobre se sofreram efeitos secundários ao longo dos dias, semanas e meses subsequentes que pudessem até ser consistentes com a doença por radiação? Duvidamos.

Numa resposta à *Nature* a 5 de dezembro de 1970, C. R. Hill calculou as doses esperadas de um evento de relâmpago globular de tão baixa energia. Estas continuavam a situar-se em várias centenas de rads e ele disse que «seria surpreendente se não tivesse havido relatos de observadores próximos que desenvolvessem sinais de doença por radiação». Sugeriu que estes fossem imediatamente procurados nos registos.

Não é claro se muitos investigadores se deram ao trabalho de fazer isso, mas a 15 de novembro de 1974, Fleming e Aitken, de um laboratório de investigação de Oxford, relataram à *Nature* os testes que realizaram em tijolos retirados do arco de uma casa em Berkshire, pela qual um relâmpago globular tinha passado a 8 de maio de 1970. Previram, a partir do ambiente, que doze rads deveriam ser detetados dentro dos tijolos. De facto, encontraram treze rads, uma quantidade bastante rotineira que de forma

alguma sugeria uma irradiação grave. Isto não provou nada, exceto que, se este evento de relâmpago globular de pequena escala, ocorrido alguns anos antes, tivesse emitido radiação, esta teria sido de uma ordem bastante baixa.

A 15 de abril de 1976, um novo caso foi relatado na *Nature* que oferecia esperança de um avanço. O relator foi o físico e investigador de relâmpagos globulares Mark Stenhoff (que, tal como Paul Davies, tinha sido suficientemente sábio para ver o valor dos dados de OVNI e tinha trabalhado durante algum tempo com a BUFORA [^3]). Descreveu um incidente que ocorreu às 19h45 da noite de 8 de agosto de 1975, quando uma violenta trovoada atingiu a área de Warley em Smethwick, em West Midlands. De facto, este caso iria sugerir uma possível ligação direta com a *SHC*.

Uma mulher que cozinhava na sua cozinha observou uma bola de luz com cerca de quatro polegadas de diâmetro aparecer no ar acima do fogão. Dirigiu-se diretamente para ela. Era de um azul/roxo brilhante e rodeada por um anel cor de chama.

Ouviu um ruído semelhante a um chocalhar, cheirou a chamuscado e sentiu uma sensação de queimadura quando foi atingida abaixo do meio do corpo. Instintivamente, afastou a bola com a mão. Esta então simplesmente desapareceu. Não sabemos se o cheiro e o calor estavam diretamente associados ao relâmpago globular ou se eram efeitos secundários criados por ele. São estes efeitos que tornam o caso tão importante.

A sua mão rapidamente ficou vermelha e inchou no ponto onde tinha contactado a bola. A sua aliança de ouro (que não tinha estado em contacto direto, mas estava por perto) ficou tão quente que estava a queimar-lhe o dedo e teve de ser removida. Além disso, apareceu um buraco no seu vestido e nas suas meias-calças onde a bola tinha atingido. A sua perna por baixo não ficou queimada de forma alguma, mas ficou vermelha e dormente, e sentiu uma sensação de formigueiro.

O buraco no vestido tinha aproximadamente duas por cinco polegadas e a fibra sintética estava enrugada nas extremidades. E. R. Wooding analisou-o no local de trabalho de Stenhoff, o Royal Holloway College, e disse à *Nature* a 29 de julho de 1976 que os danos, mais a marca vermelha

na pele da vítima (aparentemente menos vermelha do que a de uma escaldadura), apontavam todos para uma temperatura não superior a cerca de 100°C em contacto com a mulher, e que isto indicava que a energia dentro deste evento de relâmpago globular era apenas cerca de um milésimo das estimativas extremamente elevadas que os investigadores tinham especulado anteriormente. Não era suficientemente elevada para gerar efeitos de doença por radiação e, evidentemente, nenhuns foram relatados por esta mulher.

De facto, este foi presumivelmente um fator que contribuiu para os comentários de Mark Stenhoff, que ele ofereceu quando lhe pedimos uma opinião. Poderiam os encontros acidentais com relâmpagos globulares, como o relatado pela mulher em Smethwick, talvez levar, em alguns casos, a casos mortais de *SHC*?

Ele disse-nos firmemente: «Sou da opinião de que a energia do relâmpago globular é de apenas cerca de um quilojoule e que a maior parte de todos os casos onde são relatados danos cuja gravidade implica uma energia muito maior é melhor explicada pelo efeito do relâmpago linear comum. Concluiria, assim, que o relâmpago globular não é a explicação para a *SHC*.»

O que é bastante justo. No entanto, ficamos a pensar naqueles casos em que nenhum relâmpago linear poderia estar envolvido. Além disso, a semelhança entre o incidente de Smethwick e a bola de luz que alegadamente se viu cair pelas costas do adolescente do Halton College, com consequências tão trágicas dez anos mais tarde, parece digna de nota. Isto pode ser coincidência ou não. Particularmente porque temos razões para suspeitar que o relâmpago globular pode ser muito mais poderoso do que aquele exemplo bastante pequeno que apareceu sobre o fogão de West Midlands.

Certamente, deve-se ponderar sobre o fenómeno, agora bem estabelecido, do relâmpago globular minúsculo, que se forma subitamente no meio de uma tempestade ou de céus limpos, aparentemente alheio a paredes confinantes e descarregando-se instantaneamente com um calor tremendo ou com a perda rápida de níveis enormes de energia.

Se foi isto o que atingiu as duas mulheres na Escócia, terá o adolescente de Halton tido a infelicidade de apanhar uma forma rara que descarregou toda a sua energia numa única explosão, transformando-a num fogo destrutivo?

Lembremo-nos também do engenheiro em Risley que encontrou algo numa estrada solitária e depois contraiu cancros fatais. Terá sido por trágica coincidência ou não?

Um grande objeto fogoso também causou estragos quando pairou em frente a um carro em Huffman, Texas. As duas mulheres adultas e um jovem rapaz que estavam lá dentro sofreram «queimaduras» graves como resultado. Podemos agora ver isto sob uma luz ligeiramente diferente da imagem normal de «nave estelar» de acontecimentos semelhantes.

Este incidente aterrorizador ocorreu às 21h de 29 de dezembro de 1980. A massa cónica ou triangular irradiava calor com tal intensidade que o interior do carro em que as três testemunhas viajavam se tornou insuportavelmente quente. O rapaz de 7 anos estava histérico e a sua avó apenas conseguiu informá-lo de que achava que era o fim do mundo e que Jesus estaria a chegar em breve. Eles abrigaram-se no carro — com a porta aberta — durante grande parte do encontro. A outra mulher, Betty Cash, saiu e colocou-se em frente ao capô, diretamente exposta a qualquer radiação que esta coisa estivesse aparentemente a emitir. Mais tarde, quando regressou ao carro, teve de usar o casaco para tocar na maçaneta da porta, pois o metal estava a queimar de tão quente.

Uma característica observada por Betty Cash é potencialmente muito significativa e familiar à luz do caso de Smethwick. Ela sentiu a sua aliança de ouro ficar muito quente e começar a queimar-lhe o dedo. Este ficou mais tarde vermelho e inchado, assim como partes dos corpos das três vítimas; embora mais particularmente o de Betty Cash, que tinha estado fora do carro pelo período mais longo.

A criança e a sua avó, que permaneceram no interior, estiveram doentes durante alguns dias (o rapaz vomitou por toda a cama na mesma noite). Ambos tinham queimaduras graves na pele. Os seus olhos foram afetados com bolhas, e a doença e a diarreia persistiram por semanas.

Mas foi a Sra. Cash quem ficou tão doente que quase morreu. Pela manhã, a sua pele estava a fazer bolhas e ela nem sequer conseguia reter goles de água. Embora a sua amiga tenha cuidado dela durante três dias, a sua condição deteriorou-se rapidamente e ela foi levada à pressa para o hospital, quase em coma. Ali permaneceu nos cuidados intensivos durante duas semanas. Grandes tufos do seu cabelo simplesmente caíram. Ela também desenvolveu cancro da mama e, ao longo dos três anos seguintes, teve cinco estadas no hospital. Sobreviveu, mas nunca mais recuperou a plena forma física. Poder-se-ia perfeitamente suspeitar que o fenómeno produziu estes efeitos, embora nenhuma ligação possa ser provada.

Esta «queimadura» de aliança encontrada em Huffman e no relatório do relâmpago globular de Smethwick apareceu em vários outros casos. Um efeito semelhante foi relatado num incidente entre Exhall e Haselor, em Warwickshire, às 19h50 da noite fria e límpida de 13 de março de 1980. Mais uma vez, isto situa-se no período de três meses que mapeámos, quando os incidentes de *SHC* foram estranhamente frequentes.

Um homem que conduzia o seu carro foi ultrapassado a curta distância por um objeto branco que brilhava a vermelho em cada extremidade e tinha uma forma cilíndrica. Demorou apenas um par de segundos a passar, mas deixou um legado. O volante tornou-se subitamente muito quente. O condutor quase perdeu o controlo e sofreu uma queimadura desagradável na mão. Apenas o volante foi afetado. O homem em si não sentiu calor irradiado. Jenny Randles publicou a história numa revista de OVNI e solicitou respostas de leitores qualificados na tentativa de estabelecer como este efeito poderia ter ocorrido. A opinião de vários físicos e engenheiros foi de que o anel de metal dentro do volante se tinha tornado eletricamente carregado pelo campo radiante emergente do objeto, mas apenas durante a sua curtíssima passagem pelo plano da trajetória do carro. Este campo circulante tinha sido parcialmente transformado em calor.

O professor de física Paul Stevenson fez alguns cálculos. Cerca de 5 000 joules por segundo foram adicionados ao volante com uma corrente tão alta quanto 18 000 amperes, vinda de uma fonte radiante evidentemente muito poderosa.

Também recebemos uma carta de um Sr. J. W. Goodes, que operava equipamento industrial de soldadura por pontos. Este tinha um transformador aéreo e dois braços longos, com um núcleo de cobre e uma capa de borracha e camisa de água para isolar. Quando os braços eram colocados em contacto, um campo enorme era gerado por um período de tempo muito curto e a magnetização dos dois braços forçava-os a separar-se. O operador tentou uma vez uma experiência para evitar este efeito, colocando um anel de metal à volta dos dois braços para impedir que o campo magnético os separasse para além de um certo ponto.

No entanto, cedo começou a cheirar a queimado e teve de largar o dispendioso equipamento, pois a sua mão estava a ficar intensamente quente. Uma enorme corrente elétrica tinha sido induzida no anel de metal. Tal como acontecia com o volante do carro em forma de anel ou com as alianças de ouro, esta podia circular livremente e apenas podia libertar energia criando calor, derretendo até queimar a mão do operador.

Notas

[1]: SHC: Acrónimo para Spontaneous Human Combustion (Combustão Humana Espontânea). Optou-se por manter o acrónimo original em itálico para consistência com o texto e com a nomenclatura da área.

[2]: UMIST: University of Manchester Institute of Science and Technology (Instituto de Ciência e Tecnologia da Universidade de Manchester).

[3]: BUFORA: British UFO Research Association (Associação Britânica de Investigação de OVNI).

Outro caso do que parece ser um relâmpago globular, mas que não foi relatado como tal, surgiu às 21h30 da noite seca de 17 de setembro de 1977. Um jovem casal estava a restaurar uma antiga estação de correios em pedra na aldeia de Newmill, na Cornualha. Como o investigador Terry Cox descobriu, eles obtiveram bastante mais do que esperavam.

Quando a mulher se preparava para sair de casa, sentiu algo estranho (muito possivelmente a carga estática no ar). Junto ao degrau estava uma névoa verde difusa sob a forma de uma bola. Ela correu de volta para

dentro para chamar o namorado e ele também viu a forma, que agora flutuava um pouco acima do nível do solo, subindo os degraus em direção ao edifício. A bola acabou por flutuar para cima e pairou junto a uma árvore antes de se afastar sinuosamente e desaparecer.

Em poucos dias, ambas as testemunhas, que se tinham aproximado a poucos pés deste objeto, começaram a sentir-se doentes. Os sintomas incluíam vómitos, dores de cabeça e dores musculares. Ambos foram admitidos no hospital. O homem foi submetido a exames extensivos e recebeu alta quando a doença pareceu passar por si mesma. Aparentemente, nenhuma causa jamais foi descoberta. A sua noiva (que tinha estado no exterior durante o período de tempo mais longo) não melhorou tão rapidamente e decidiu-se que ela deveria ter apendicite. Um apêndice perfeitamente saudável foi, assim, removido. Novamente, os sintomas acabaram por desaparecer por si mesmos ao longo das duas semanas seguintes e ela teve alta do hospital sem efeitos nocivos duradouros.

Se nada mais, estes casos poderiam sugerir a investigadores como Altschuler, House e Hildner que uma teoria de radiação para o relâmpago globular é possível. A meteorologia pode não ter tais dados, mas a ufologia aparentemente tem-nos.

Dadas as características do relâmpago globular que discutimos, a sua possível relação com a *SHC* deverá começar a emergir. No entanto, existem três casos onde os dois fenómenos se fundem com coincidências ainda mais assustadoras.

Na revista *Fate* (abril de 1961), o reverendo americano Winogene Savage relatou uma história de um amigo. Alegadamente, este homem acordou às 5h da manhã ao ouvir a sua esposa a gritar. Correu para a sala de estar e encontrou-a sobre um tapete, num clamor de chamas. Uma pequena bola de luz foi vista brevemente no ar, mesmo acima dela. O homem queimou-se gravemente ao tentar ajudar, mas ela faleceu devido aos ferimentos. Não é claro para onde foi o «relâmpago globular», mas, como em muitos casos de *SHC*, o fogo foi extremamente localizado. Nem sequer o tapete por baixo da mulher ficou queimado.

Um pouco mais bem documentado é um caso vindo da URSS. Este envolve um terrível acidente que se abateu sobre cinco alpinistas enquanto

estavam nas montanhas do Cáucaso, na noite amena de 17 de agosto de 1978.

Eles encontravam-se a cerca de 12 000 pés na encosta da montanha e tinham acampado para passar a noite. Um instrutor de alpinismo que integrava o grupo era Victor Kavunenko. Tal como os outros, ele estava no seu saco de cama a aguardar a alvorada para continuarem a sua caminhada, quando o ar começou a parecer estranho.

Este efeito era possivelmente um campo eletrostático intenso, como notado noutros casos. Olhando em seu redor, Kavunenko ficou horrorizado ao ver uma bola de luz amarela com apenas algumas polegadas de diâmetro que pairava no ar no interior da tenda. Depois, ela flutuou para dentro do saco onde um dos alpinistas dormia. Segundos mais tarde, esse homem gritou de agonia.

A bola emergiu do saco e entrou num adjacente com resultados semelhantes. Kavunenko descreve ter ficado paralisado de medo aguardando a chegada deste objeto ao seu lado, o que ocorreu momentos depois. Este perfurou um buraco mesmo através do seu saco de cama. Kavunenko diz que lhe causou uma dor intensa como a de um maçarico de soldar e ele perdeu os sentidos.

Ele «voltou a si» pouco depois para ver a bola ainda a projetar-se pela tenda, entrando ocasionalmente num dos sacos. Ela «atacou-o» novamente, ele perdeu os sentidos mais uma vez e mais tarde, quando recuperou, a bola de fogo tinha desaparecido.

Kavunenko fala de ter ficado paralisado e de sentir como se o seu corpo estivesse a arder. Os seus camaradas também uivavam de dor. Quando se conseguiram mover, descobriram que um dos membros da equipa, Oleg Korovin, estava tão gravemente queimado que estava morto. Os outros tinham queimaduras múltiplas, mas arrastaram-se montanha abaixo e acabaram por alertar uma equipa de resgate de helicóptero. Foram levados à pressa para o hospital.

No hospital, descobriu-se que os ferimentos dos homens eram muito graves, com enormes buracos queimados na sua carne, expondo até os músculos em alguns locais. Especulou-se que Korovin tivesse sido o menos afortunado porque o seu saco de cama estava isolado do solo por um tapete de borracha e, por isso, ele tinha recebido todo o impacto do ataque.

Finalmente, um caso horrível que ainda está sob investigação foi relatado pela primeira vez pelo investigador de relâmpagos globulares Dr. George Egely, do Instituto de Física de Budapeste, na Hungria. Isto aconteceu num artigo apresentado num simpósio científico internacional em junho de 1990. Tivemos a ajuda do físico e meteorologista britânico, Dr. Terence Meaden, que participou na conferência, mas o Dr. Egely aparentemente mudou de emprego no novo clima político do seu país e não respondeu às nossas perguntas. Aqui fica a base do caso.

A 25 de maio de 1989, um engenheiro de 27 anos parou o seu carro na berma da estrada a cerca de setenta milhas de Budapeste, perto de uma aldeia chamada Kerecseud. Ele pretendia urinar para os arbustos. A sua esposa permaneceu no carro e, de repente, notou que ele tinha ficado rodeado por uma aura azul, aparentemente semelhante a uma descarga em corona, no perímetro do seu corpo. Ele abriu bem os braços e, momentos depois, colapsou no solo.

Obviamente aflita, a sua esposa saltou do carro e correu em direção ao homem. Uma das suas sapatilhas tinha sido arrancada por uma explosão de energia e tinha um buraco queimado nela. A esposa do homem tentou desesperadamente reanimar a forma sem vida. Depois, por uma sorte absolutamente incrível, passou um veículo. Era um autocarro cheio de médicos a caminho de casa vindos de uma convenção! Vários socorreram o homem, mas era demasiado tarde.

A autópsia revelou mais tarde que o homem tinha um buraco no calcanhar do pé coincidente com o do sapato, e a zona do seu estômago e abdómen estava literalmente transformada em carvão. Ele tinha sido evidentemente «queimado» através de uma espécie de carga elétrica intensa no interior do seu corpo.

O tempo no local estava cinzento e seco, sem trovoada; embora o casal tivesse conduzido através de uma tempestade elétrica cerca de trinta milhas antes.

O buraco no pé mostra claramente que uma forte corrente elétrica se tinha ligado à terra através do corpo do homem, embora o brilho azul e a aparente combustão da zona do seu estômago sejam mais intrigantes se se procurar atribuir isto a alguma forma mundana de descarga elétrica.

Ficámos gratos ao meteorologista Sheldon Wernikoff, de Skokie, Illinois, que estudou o caso para o *Tornado and Storm Research Bureau*. Ele continua não convencido de que isto esteja diretamente ligado à combustão humana espontânea ou ao relâmpago globular.

Em vez disso, Wernikoff propõe que linhas elétricas aéreas de alta tensão possam ter conduzido ao incidente. Ele nota que em áreas rurais dos EUA «onde as empresas de serviços públicos excederam silenciosamente a capacidade das suas linhas», sabe-se que enormes descargas «vertem» espontaneamente dos cabos para o solo e eletrocutam subitamente gado desprevenido.

De facto, o cenário que ele está a pintar de uma avaria súbita (seja por sobrecarga ou por algum mau funcionamento) poderia ajustar-se ao caso dos trabalhadores de eletricidade australianos discutido nas páginas 126-7, onde dois homens «se incendiaram» após se ligarem à terra na sequência de trabalhos de manutenção em linhas aéreas.

Wernikoff sugere que o caso do «húngaro a urinar» abre um perigo potencial em que poucas pessoas terão pensado. De facto, ele pensa que o homem pode ter sido literalmente eletrocutado através do seu próprio jato de urina, o qual estava a agir como um excelente condutor para a acumulação de eletricidade! Não é um pensamento agradável.

Wernikoff descreve um caso envolvendo um amigo no leste do Canadá por volta de 1961. Tinham sido instaladas algumas linhas elétricas novas e um grupo de homens estava a trabalhar por perto. Depois, «eles lavaram-se num lavatório sobre uma mesa ao ar livre a cerca de 100 jardas das linhas elétricas aéreas ao lado da estrada. Depois de [um] pobre coitado se ter lavado, esvaziou o lavatório no chão e foi imediatamente eletrocutado».

A cascata de água vertida do lavatório desempenhou aqui a mesma função que o jato de urina. Aparentemente, ele também tinha um buraco muito semelhante queimado no pé e no calcanhar do seu sapato (uma característica que nós próprios descobrimos ser comum em vítimas de quedas de raios ao ar livre). Embora o canadiano tenha sobrevivido por alguns minutos, também acabou por morrer.

O meteorologist propõe isto como um aviso oportuno para qualquer pessoa que possa pensar em aliviar-se em campo aberto por baixo de linhas

elétricas. Campos elétricos invisíveis, mas muito intensos, envolvem-nas. Poderá ser bem melhor aguentar até encontrar um local mais bem isolado para realizar as suas abluções!

Claro que esta solução para o caso húngaro não foi estabelecida. Não conseguimos confirmar se existem linhas elétricas no local e Wernikoff também não sabe. Uma descarga invulgar poderia ainda ter sido possível mesmo sem elas. A tempestade próxima sugere que a atmosfera estava saturada de eletricidade. O Dr. Meaden disse-nos que a teoria de Wernikoff «me parece razoável».

No entanto, existem alguns cientistas a trabalhar na possibilidade de as condições atmosféricas que estavam presentes terem criado um relâmpago globular literalmente no interior do corpo do desafortunado jovem. Uma vez formado, este teria calcificado os seus órgãos internos e depois descarregado eletricamente através dos seus pés, restando apenas o brilho azul como qualquer sinal externo da sua presença.

Isto também está longe de ser provado, mas sabemos que tal coisa pode ser possível. O relâmpago globular tem uma tendência significativa para se formar como esferas de energia muito pequenas e para aparecer do nada dentro de espaços confinados (foram frequentemente registados incidentes em salas, chaminés, televisores, cabines de aviões e armários).

E se um pequeno exemplo de relâmpago globular fosse capaz de se formar dentro de uma cavidade no interior de um ser humano? E se não conseguisse ligar-se à terra de forma alguma e tivesse de descarregar energia mais lentamente ao longo de um período de tempo — gerando assim níveis de calor tremendos e contínuos? Tais questões assustadoras não têm resposta, mas precisam de ser feitas.

16

Que a Força Esteja Contigo?

Na página 125 contámos a história de dois homens «atacados» no seu carro por uma estranha força brilhante. Depois, relataram vários efeitos estranhos; nomeadamente sensações de formigueiro, cabelos em pé, cabeças a latejar, olhos vermelhos e a lacrimejar e náuseas. Estes não eram,

evidentemente, distúrbios psicossomáticos, por isso, o que causou a ocorrência de tais problemas?

No seu livro de 1986, *Earthworks*, o biólogo e antropólogo Dr. Lyall Watson descreveu os resultados de vários estudos recentes sobre a sensibilidade dos seres humanos submetidos a campos elétricos de alta intensidade. Estas forças podem apenas ser visíveis se ionizarem o ar e o fizerem brilhar. No entanto, muitas pessoas colocadas dentro de um experimentalmente tornam-se conscientes dele. Na verdade, queixam-se, como diz Watson, de «uma sensação de formigueiro ou de rastejar na pele e um agitar ou picar de pelos finos nos braços ou na nuca... [também] fadiga e tonturas».

Como podemos ver, isto coincide com os sintomas expressos por aqueles que entram em contacto com o relâmpago globular, ou de facto muitas vezes por aqueles que acreditam ter sido confrontados com um OVNI. Se as nossas suspeitas sobre uma ligação forem confirmadas, os sintomas podem até ser considerados sinais de alerta de risco potencial de um surto de *SHC*!

Embora o relâmpago globular possa ser visto, pode frequentemente haver menos evidência visual da presença de um campo elétrico isolado e intenso. Notámos como na tragédia da combustão húngara de maio de 1989 é possível que os campos elétricos gerados por linhas elétricas aéreas (se tais estivessem presentes) pudessem ter sido responsáveis por uma grande catástrofe no interior do corpo do homem. Para um observador sentado a bastante curta distância, tudo o que era visível era um ténue brilho azul — intrigantemente semelhante às chamas azul-claras que se diz acompanharem alguns incidentes de *SHC*.

Também tem havido investigação sobre os efeitos dos campos eletromagnéticos nos seres humanos. In 1961, Robert Becker, um cirurgião americano, produziu uma alegada correlação entre distúrbios mentais graves e tempestades magnéticas que enviavam chuvas de raios cósmicos e ionização atmosférica para a Terra.

Num mundo que se tornou cada vez mais de alta tecnologia, com micro-ondas usadas para cozinhar alimentos, computadores com fuga de energia na maioria dos escritórios ou lares e scanners de ressonância magnética a verificar as suas maleitas no hospital, estamos todos expostos a

uma inundação regular de energias ocultas. Há indicações crescentes de que aquelas pessoas que entram em contacto com tais campos de força mais do que outras possam estar a correr o risco de distúrbios físicos e mentais.

Um número crescente de estudos nos últimos anos começou a sondar os perigos inesperados da fuga de energia de postes de eletricidade. Correlações tanto com o suicídio como com a leucemia terão sido alegadamente rastreadas; embora a evidência ainda seja contestada por outros investigadores.

Um caso paradigmático é a aldeia de nome encantador Fishpond Bottom, em Dorset. Ao examinar um mapa do condado para descrever a sua proximidade a cidades bastante mais conhecidas, vimos com um sorriso que fica mesmo a sul de Ilminster e de Chard — bastante apropriado, por acaso!

Certamente, para as próprias pessoas da aldeia, isto não é assunto de brincadeira. Não só viram a tranquilidade pacífica deste lugar ser despedaçada pela intrusão de uma linha de cabos de alta tensão e postes a marchar pela paisagem rural, como agora muitos dos que vivem ali perto afirmam que têm tido, desde então, um preço mais tangível a pagar. Tem havido histórias de doença, olhos inflamados, dores de cabeça e estranhos «desmaios».

Demonstrações mostram que um tubo de luz fluorescente se ilumina quando segurado por baixo dos postes, aparentemente devido à intensa ionização e ao campo eletromagnético que preenche o ar circundante. Exatamente este efeito também nos foi relatado por um homem da RAF e pela sua esposa que viviam em Katong, em Singapura (ver relatório completo em *Crop Circles: A Mystery Solved*). Um relâmpago globular flutuou pela sua cozinha durante uma chuva torrencial e passou junto ao tubo de luz apagado de uma casa, fazendo-o brilhar misteriosamente, tal como em Fishpond Bottom. Como vimos no último capítulo, as testemunhas do relâmpago globular também relataram os mesmos efeitos nocivos alegados pelas pessoas em Dorset.

As opiniões oficiais são de que não existe uma relação de causa e efeito entre as doenças e as linhas elétricas, mas os habitantes da aldeia lutaram e ganharam algum apoio de alguns estudos científicos. Um foi

realizado na área pelo Professor John Taylor, um físico do King's College, em Londres. Ele descobriu que 75% dos residentes que viviam a menos de 300 pés do traçado das linhas elétricas alegavam queixas de saúde graves que poderiam estar relacionadas.

Embora isto esteja longe de ser uma prova, os habitantes locais apontaram que uma descarga elétrica invulgar das linhas tinha incinerado uma vaca e houve outros incidentes possíveis que poderiam estar associados.

No mínimo, isto apela a mais investigação sobre os riscos potenciais de viver dentro de vastos mares de campos de força energéticos. Isto é, de facto, exatamente aquilo com que todos partilhamos as nossas vidas, geralmente numa ignorância desprevenida. Se o caso húngaro de *SHC* se revelar como Sheldon Wernikoff propõe, então os riscos são ainda mais horríveis e nitidamente expostos.

Existem alguns casos notáveis que rastreámos que parecem relacionar-se com campos de energia ainda mais misteriosos e de causa não percetível. Eles apontam novamente os riscos crescentes trazidos pelo nosso mundo científico moderno e revelam os perigos ocultos da poluição ambiental.

Uma mulher que tentava entrar num novo parque de estacionamento no centro de Durham, em 1975, relatou o dilema de descobrir que um campo de força invisível parecia empurrá-lo para trás. Era como se um íman gigante estivesse a resistir a todas as tentativas de espremer o carro para aquela pequena área. No entanto, posteriormente, as autoridades locais não tiveram problemas no local e, quando a mulher tentou repetir a sua experiência para as câmaras de televisão, também não teve mais dificuldade alguma.

Fomos tentados a sorrir, mas deparámo-nos com um caso ainda mais estranho na Austrália. Ocorreu em 1979 na região de Armidale, em Nova Gales do Sul, e envolve um agricultor que teve uma experiência traumática num dia belo e ensolarado.

Ele saiu para dar uma vista de olhos às suas ovelhas — ou melhor, tentou fazê-lo. Em vez disso, o seu veículo atingiu uma barreira invisível exatamente como a alegada pela mulher em Durham. Esta parecia estar espalhada pela sua quinta de 100 acres e, embora ele tenha tentado várias formas de sair, era como se o ar estivesse sólido e estivesse a impedir o

movimento para além de um certo ponto. Ele tentou caminhar e, segundo consta, era o equivalente a pisar uma «parede de plástico».

Evidentemente, não havia problema com o fornecimento de eletricidade que chegava à casa da quinta, mas isto pode dever-se ao facto de o campo ser intermitente. Estava lá durante um minuto ou pouco mais, depois desaparecia, apenas para regressar alguns minutos mais tarde quando ele tentava outra fuga. Após quarenta e oito horas, o efeito desapareceu de vez e nunca mais voltou. Aparentemente, o agricultor ficou tão perturbado com isto que demorou vários meses a regressar a qualquer tipo de vida normal.

Um caso peculiar de uma barreira em movimento foi-nos relatado por um estudante de doutoramento em engenharia de Hampshire, que vivenciou o fenómeno em junho de 1935. Ele encontrava-se numa quinta em Osmaston, Derbyshire, com dois amigos. Por volta das 21h, caminhavam em direção à estrada para apanhar o autocarro da noite de regresso a Ashbourne. De repente, ouviu-se um som de trituração, como se algo estivesse a tocar no cascalho do caminho. Isto surgiu por trás deles, o ruído parou e o campo invisível de energia passou literalmente mesmo através deles.

As sensações físicas sentidas pelos homens foram uma profunda humidade fria e também os cabelos em pé, sugerindo que um campo eletrostático estava envolvido. Houve também uma breve paralisia muscular.

Interessantemente, o mesmo engenheiro teve uma segunda experiência em agosto de 1938, enquanto andava de bicicleta a partir da pousada de juventude de Dunblane, na Escócia, e subia a encosta de Glen Almond. Era um dia nublado, mas com algum sol a filtrar-se. Contudo, de repente, ele apercebeu-se de uma nuvem escura em turbilhão, quase como um tornado sem o tubo do vórtice. Já estava por cima dele e uma sensação intensa e opressiva preenchia o ar. Em poucos momentos, estava a rodear o homem na sua bicicleta e um som agudo, como um «assobio», preenchia os seus ouvidos. Após alguns segundos, simplesmente desapareceu.

Com o benefício de cinquenta anos de experiência, o engenheiro suspeita agora que a bicicleta de metal a atravessar uma moita solitária foi

uma atração perfeita para uma nuvem de energia de ar ionizado. Como esta foi gerada é uma questão totalmente diferente.

Intrigantemente, alguns suspeitam que estes campos ionizados que descem do céu também produzem os chamados círculos nas colheitas, como os encontrados em campos de cereais. Devemos enfatizar que a maioria dos círculos, e provavelmente todos os desenhos engenhosos que têm incitado teorias exóticas sobre mensagens alienígenas, são, na nossa opinião, o resultado de embustes. Aquilo a que nos referimos são os poucos círculos e anéis muito simples que os físicos e meteorologistas levam a sério. Acreditamos que estes são um fenómeno real e natural por quatro razões principais.

Eles têm sido rastreados através de vários registos históricos que recuam pelo menos 500 anos. Claramente, algo tem estado a produzir impressões circulares nos campos há muito tempo, talvez desde que as pessoas estão presentes. São conhecidos em todo o mundo, como qualquer fenómeno natural deve ser. Existem pelo menos trinta casos bem documentados onde testemunhas oculares relataram de forma consistente que a formação de círculos foi forjada por forças atmosféricas rotativas. Finalmente, três equipas de investigação universitárias distintas verificaram experimentalmente a teoria proposta que explica a sua presença.

O físico e meteorologista Dr. Terence Meaden é o criador da investigação, mas é ativamente apoiado por muitos outros, tais como o reputado investigador de relâmpagos globulares, o Professor Yoshi-Hiko Ohtsuki, do Japão. Este homem está envolvido porque bem poderia haver uma ligação direta entre o vórtice do círculo e o relâmpago globular. No mínimo, eles têm várias coisas em comum.

De facto, embora os nossos estudos neste livro sobre os estranhos campos de força elétricos, o relâmpago globular e os vórtices de energia possam parecer ter abrangido uma variedade diversa de assuntos não relacionados e contornado a periferia da *SHC*, é muito possível que todos eles sejam apenas reflexos da mesma força essencial da natureza. Na verdade, podem até ser um único fenómeno a aparecer sob diferentes disfarces — com a *SHC*, tal como os círculos nas colheitas, a ser uma consequência extrema e invulgar que ocasionalmente resulta.

Quanto aos círculos em si, os cientistas que os investigam há muitos anos sustentam que uma coluna de ar rotativa com fortes propriedades de ionização desce à terra como um saca-rolhas e dissipa-se rapidamente, criando a marca circular ao fazê-lo (ver *Crop Circles: A Mystery Solved*). Normalmente é invisível, exceto devido aos efeitos que tem na plantação, mas ocasionalmente as energias envolvidas são tão intensas que o ar pode literalmente transformar-se num plasma brilhante. Se assim for, pode inevitavelmente ser mal perceticionado pelas testemunhas como mais um suposto OVNI.

A presença de fortes campos de radiação elétrica e ionizante neste vórtice pode levar a efeitos peculiares, por vezes relatados como «místicos» na proximidade de círculos. Estes incluem sensações de formigueiro, dores de cabeça latejantes, náuseas — de facto, precisamente os mesmos sintomas que encontrámos muitas vezes antes em diferentes contextos ao longo dos últimos capítulos.

Isto pode indicar uma ligação direta entre os círculos e a *SHC*. Não estamos necessariamente a propor que, se estivesse no meio de um campo nos exatos escassos momentos em que um vórtice forja um círculo numa colheita, sofreria uma combustão espontânea. As probabilidades de alguém estar num desses locais raros onde tal evento ocorre, durante o período de tempo muito curto em que realmente se manifesta, são remotas. As testemunhas oculares até agora têm estado fora dos círculos a observar — talvez para grande sorte delas.

Um vórtice particularmente energético poderia concebivelmente aparecer mesmo em cima de alguém. Possivelmente existem circunstâncias sob as quais essa pessoa poderia não sair ilesa. Quanto a saber se a *SHC* é algo que poderia ocorrer em circunstâncias particularmente extremas, nesta fase da investigação simplesmente não sabemos.

Uma observação muito interessante do que parece ter sido um destes campos de energia ou vórtices ionizados foi feita pelo Sr. R. Roberts, de Kent. Ocorreu em julho de 1966 e é potencialmente muito significativa. Ele encontrava-se numa carrinha na antiga estrada de St Margarets Bay para Dover quando uma cortina de chuva intensa atingiu o para-brisas e o forçou a parar. Do seu lado, ele tinha uma melhor vista de um campo isolado de erva densa com alguns edifícios abandonados revestidos a ferro — ele

pensa que provavelmente restos das defesas marítimas da Primeira Guerra Mundial. Algumas vacas estavam no campo ali perto.

De repente, começou um som sibilante alto. As vacas ouviram-no e olharam imediatamente em redor. Esperando ver um raio atingir o gado, em vez disso, o Sr. Roberts ficaria maravilhado. Um tubo vertical de cerca de doze pés de diâmetro estava ali como que vindo do nada. Tinha a aparência de vidro ou plástico, mas na realidade só era visível devido à sua grande proximidade e ao efeito estranho que tinha na bátega de chuva. Esta estava a atingir o lado do tubo e a escorrer como se este fosse sólido. Não estava a entrar água alguma dentro da zona tubular criada!

Por outras palavras, o vórtice estava a produzir um campo de força circular e a impedir a chuva de entrar. Ele conseguia ver que, dentro daquela região, a erva estava pressionada contra o solo e parecia seca. Era como se alguém tivesse colocado um copo de vidro gigante sobre a paisagem.

Infelizmente, o Sr. Roberts não viu como a coisa desapareceu. Mas a história compara-se com os casos de barreiras invisíveis de campos de força que pareciam tão bizarros e improváveis. Possivelmente, estes incidentes misteriosos teriam parecido bastante semelhantes aos seus observadores caso tivessem sido delineados pela chuva a cair e não tivessem tido uma natureza invisível digna de ficção científica.

Tenha em mente que não se pode ver o campo eletromagnético que constitui um sinal de televisão. Mas ligue um aparelho de televisão e os seus efeitos tornam-se visíveis. Também não se pode ver o vento, a menos que ele mova algumas árvores com a sua força. Da mesma forma, os campos de força que estamos a discutir são inatamente invisíveis, a menos que algo mais interaja com as suas energias para mostrar que estão lá.

Mais um caso representativo e bastante assustador foi relatado pelo investigador Peter Rendall no *Journal of Meteorology* (dezembro de 1990). Ocorreu em meados para o fim de outubro, nos arredores da cidade de Bristol, num campo de terreno irregular ao lado do centro desportivo de Downend.

Duas jovens raparigas andavam a atirar um disco de plástico de uma para a outra quando este aparentemente atingiu «alguma força invisível» e inverteu o seu rumo imediatamente. Foi como bater numa parede de tijolos

que não estava lá. Na sequência disto, as duas raparigas viram-se rodeadas por uma «bolha amarela» — aparentemente semelhante ao tubo de vórtice descrito pelo Sr. Roberts em Kent.

A partir da sua perspetiva dentro do tubo, as raparigas puderam oferecer um relato dos seus efeitos. Foram atingidas por uma força que descrevem como sendo como um ligeiro choque elétrico e foram atiradas ao chão pela sua força. Também acharam bastante difícil respirar, possivelmente porque o ar estava na verdade mais rarefeito dentro do campo. Felizmente, não permaneceram lá dentro até o ar acabar (como bem poderia ter acontecido com o tempo), mas correram para a frente e «romperam» a parede da «bolha» para escapar.

Houve especulação sobre feixes vindos do espaço a produzir este efeito, mas novamente vemos como esta terminologia mascara um fenómeno natural intrigante. Neste caso, temos alguma evidência direta de que estas barreiras invisíveis de campos de força podem ser, pelo menos em parte, de natureza elétrica.

Debatemos se deveríamos discutir mais um incidente notável neste capítulo, porque não temos desejo de dar credibilidade a algo que provavelmente permanecerá por provar e parecerá fantástico. Mas decidimos que tinha de ser mencionado, na condição de reconhecermos a sua natureza altamente controversa.

Na verdade, para enquadrar o cenário, tem havido vários casos em que navios relataram encontros com campos elétricos e magnéticos invulgares.

A *Fortean Times* relatou um incidente encontrado no *Indianapolis Star* de 27 de fevereiro de 1910 pelo investigador de folclore Dr. Thomas Bullard. Este descreve as aventuras do *Trafalgar*, que diz terem ocorrido na manhã de 26 de fevereiro enquanto este navegava junto a Wolf Rock, a sul da Cornualha. Na verdade, Nigel Watson e Granville Oldroyd rastrearam relatórios britânicos anteriores que provam que o incidente deve ter acontecido antes deste dia. Eles datam-no da noite de 28 de janeiro de 1910.

Os factos básicos são aceites como sendo os seguintes. Houve de repente um forte estrondo, o navio começou a tremer e uma bola de fogo pareceu cair no mar a cerca de vinte pés do casco. Esta lançou uma coluna de água e emitia um som sibilante, sugestivo de um relâmpago globular.

Coincidentemente com o seu aparecimento, o mastro do navio e parte da superestrutura de metal começaram a brilhar com o que bem poderia ter sido uma descarga em corona. De facto, o capitão do navio, Capitão Davies, descreveu-o como «uma ténue luz violeta da qual emanavam milhões de faíscas».

Um dos membros da tripulação que estava a tocar um sino na altura recebeu um violento choque elétrico e, após o efeito desaparecer, descobriu-se que as bússolas do navio estavam a apontar na direção errada, como se temporariamente influenciadas por poderosos campos eletromagnéticos. Aparentemente, quando estas foram retiradas do navio algumas horas mais tarde, descobriu-se que estavam todas a funcionar perfeitamente.

Crop Circles: A Mystery Solved resume um incidente bastante semelhante que ocorreu a 23 ou 30 de julho de 1904 (a data é incerta) quando o *Mohican* estava no quebra-mar de Delaware, ao largo de Filadélfia. Encontrou uma nuvem cinzenta estranha e, novamente, o navio começou a brilhar com uma aura eletrificada fantasmagórica. As agulhas das bússolas giravam descontroladamente. As barbas dos marinheiros ficaram espetadas (uma indicação clara de forças eletrostáticas fortes) e tudo regressou ao normal apenas quando a nuvem desapareceu. Novamente, este caso foi documentado na imprensa da época.

Deparámo-nos com vários outros incidentes semelhantes.

Tais precedentes tornam a alegada Experiência de Filadélfia (como lhe chama o livro de William Moore e Charles Berlitz) um pouco mais fácil de aceitar. A diferença é que esta história sustenta que, em 1943, o contratorpedeiro de escolta americano USS *Eldridge* foi deliberadamente submetido a tais campos de força através de uma experiência científica ultra-secreta. Esta dependia de investigação iniciada pelo génio da eletrónica Nikola Tesla e teve o contributo teórico relutante de uma equipa de especialistas que incluía Albert Einstein.

A intenção era aperfeiçoar a invisibilidade usando campos de força elétricos controlados, mas muito poderosos, gerados por equipamento colocado no navio. Supostamente, as experiências tiveram efeitos secundários incríveis. A área afetada e o navio tornaram-se invisíveis ao radar, como esperado, mas também se tornaram oticamente invisíveis. Por

outras palavras, o *Eldridge* desapareceu da vista! Pior ainda, a embarcação terá sido alegadamente teleportada através do oceano a partir da sua localização ao largo de Filadélfia e apareceu brevemente noutro local antes de regressar à sua posição original no quebra-mar. Houve consequências alegadas ainda mais inacreditáveis, incluindo — o que é mais significativo para nós — a combustão espontânea relatada de alguns dos membros da tripulação.

Claro que tudo isto presume que a história é mais do que um mito, o que muitos céticos compreensivelmente presumem que deve ser. O livro de Moore/Berlitz foi estimulado por um conto de origem bastante questionável que remonta ao início de 1956, quando um cientista e escritor de OVNI o ouviu de um dos seus correspondentes numa série de cartas confusas. Este é dificilmente um começo promissor para um conto tão incrível.

No entanto, um Departamento de Investigação Naval chamou posteriormente o autor, Dr. Jessup, e eles discutiram o assunto várias vezes. Parece que tinham recebido uma cópia anotada do livro de Jessup — aparentemente enviada pelo mesmo correspondente e alegada testemunha ocular da experiência. Dois dos funcionários seniores desta instalação de investigação levaram-no suficientemente a sério para ordenar uma reimpressão limitada do livro, completa com as suas anotações, para circular para discussão; embora a Marinha se empenhe hoje em deixar claro que este foi um ato não oficial baseado no interesse pessoal destes dois oficiais.

O livro *The Philadelphia Experiment* foi publicado em 1979 e era um relatório genuíno com alguma investigação e especulação interessantes. Oferecia apenas evidência concreta limitada de que o caso era genuíno. Havia uma indicação de que os registos oficiais do USS *Eldridge* tinham sido adulterados. O homem que primeiro contou a história a Jessup foi confirmado como estando onde disse estar nas datas em questão. Quanto a qualquer sinal do projeto ou dos envolvidos, os autores citam uma entrevista com um cientista que encontraram antes de este morrer, mas o caso permaneceu difícil de fixar, como eles admitem.

Não obstante, tornou-se uma *cause célèbre* dentro da comunidade paranormal. O conto deu origem a *Thin Air*, um romance de suspense bastante fascinante baseado no incidente, e foi possivelmente uma influência no filme de ficção *The Final Countdown*, onde um porta-aviões

americano de propulsão nuclear encontra um estranho vórtice eletrificado e é teleportado quarenta anos para trás no tempo. Aqui, ele deve decidir se ataca e presumivelmente dizima a frota japonesa a caminho de atacar Pearl Harbor.

Mais diretamente, a Experiência de Filadélfia tornou-se um filme de ficção científica com o nome do livro de Moore e Berlitz e creditando este como fonte, embora o seu enredo partilhasse pouco mais do que a premissa básica e depois tenha partido por caminhos próprios.

Mas em setembro de 1989, a saga desta reputada grande catástrofe de tempos de guerra e do seu alegadamente sem precedentes encobrimento tomou um rumo dramático quando um homem chamado Al Bielek se chegou à frente para afirmar que era um dos que tinham estado na realidade a bordo do *Eldridge* durante a sua fatídica missão.

Bielek estava preparado para contar tudo e para responder a perguntas sobre o «Project Rainbow», como ele diz que a experiência tinha o nome de código (embora este nome seja de facto sugerido no livro de Berlitz/Moore). Jenny Randles teve a sorte de conhecer Bielek numa conferência em Phoenix, Arizona, e pode relatar a sua história absolutamente incrível.

Ele diz que o primeiro sucesso parcial com um modelo surgiu logo em 1936. Juntou-se ao projeto em 1939 e, por volta de 1942, era óbvio que poderia funcionar com um navio e uma tripulação em tamanho real. No entanto, Tesla era categórico em como os seres humanos poderiam sofrer danos terríveis e queria continuar sem pessoas a bordo. Com a guerra no seu zénite, a pressão por resultados era demasiado grande. Quando a abordagem de Tesla foi recusada, ele sabotou o primeiro ensaio para que este falhasse inexplicavelmente e depois demitiu-se. Poucos meses depois, Tesla estava morto. A tentativa de sabotagem foi rastreada e os testes continuaram.

Bielek diz que o primeiro ensaio real começou a 22 de julho de 1943 e o navio tornou-se de facto invisível tanto ao radar como oticamente (embora houvesse uma nuvem enevoada a rodeá-lo e o contorno do casco invisível na água denunciasse a sua presença). A marinha decidiu descartar a função de invisibilidade ótica após isto porque tinham receios reais de

que comboios de navios invisíveis e indetetáveis colidissem uns com os outros e se afundassem.

Uma segunda experiência apressada ocorreu alguns dias mais tarde, mas desta vez houve um clarão ofuscante e o navio desapareceu totalmente (ou seja, nem sequer deixando uma impressão na água). Esteve desaparecido por várias horas. Havia catorze tripulantes a bordo, mas poucos sabiam totalmente o que estava a acontecer, apenas que faziam parte de uma experiência eletrónica que estava a correr desastrosamente mal.

Bielek afirma que, quando o navio rematerializou, cinco dos tripulantes estavam parcialmente incrustados dentro da antepara de aço. Um teve sorte, apenas a sua mão foi afetada. A equipa de resgate teve de lha cortar, mas ele foi salvo. Os outros quatro tinham-se «fundido» com o metal tão completamente que estavam mortos. Outros regressaram mentalmente instáveis. Um par deles tinha aparecido como uma massa de chamas e queimou até ficar reduzido a cinzas em segundos. Vários simplesmente desapareceram e nunca mais regressaram.

Alegadamente, os cientistas não tinham calculado que, ao brincarem com campos de força tão gigantescos, iriam na verdade deformar o ambiente espaciotemporal local e transmitir os átomos do navio e da tripulação através do tempo e do espaço. Por não se aperceberem deste facto, a maioria dos tripulantes regressou ligeiramente fora de fase com os seus eus originais quando o campo se desvaneceu, criando assim a panóplia de consequências horríveis. Supostamente, os campos de energia atómica dos seres vivos podem comportar-se de formas imprevisíveis sem reajustamentos muito cuidadosos.

Bielek afirma ainda que foi pessoalmente transportado cerca de quarenta anos para o futuro, onde foi recebido pela equipa do projeto que o aguardava. A experiência ressuscitada era agora proibida por lei, por ser considerada demasiado perigosa.

Ele admite livremente ter investigado o assunto durante mais de vinte anos antes de se tornar «consciente» de que tinha, na realidade, feito parte dele próprio. À medida que assistia ao filme *The Philadelphia Experiment* na televisão, começou a «lembrar-se» de coisas que tinham sido bloqueadas na sua mente.

Não temos certamente qualquer intenção de lhe pedir que aceite esta história surpreendente pelo seu valor nominal. Temos opiniões sobre ela, escusado será dizer, mas nenhuma razão para contestar abertamente a integridade de quem quer que seja. No entanto, qualquer pessoa que faça tais afirmações deve estar ciente de que a maioria dos leitores cautelosos não aceitará tal conto puramente com base na confiança. Imprimimos um resumo do que Bielek disse, não para o apoiar ou refutar, mas simplesmente porque pensamos que vale a pena ter um ou dois pontos em mente.

Primeiro, parecem existir campos de força estranhos na natureza, dados os casos que relatamos neste livro. Experiências que tentem desvendar tais energias não são inconcebíveis. Que consequências horríveis e imprevistas possam ocorrer e ser enterradas fora da vista não está além dos limites da possibilidade.

Contudo, se tais coisas aconteceram, então a afirmação de que a *SHC* foi um efeito secundário terrível é obviamente significativa para a nossa investigação. Estabeleceria que a ocorrência natural de um fenómeno deste tipo poderia resultar da interação de campos elétricos que se impõem a um corpo humano e criam um desequilíbrio na estrutura atómica de um sistema biológico.

A «teoria do campo unificado» inacabada de Einstein terá sido colocada à prova na Experiência de Filadélfia. Na sua equação mais famosa,

E=mc2

, o físico provou que, se de facto libertarmos a energia (E) contida num átomo, a sua potência é absolutamente incrível (igualando a soma da sua massa muito pequena — m —, mas depois multiplicada pelo número fantasticamente imenso c2 — que é a velocidade da luz ao quadrado). Vemos esta vasta erupção de energia a partir de uma semente minúscula em ação aterrorizadora durante uma explosão atómica. Se isto ocorresse de outra forma no interior de um corpo humano, não seria de modo algum inimaginável que uma emanação significativa de energia pudesse emergir de um pequeno espaço confinado e que isto pudesse ser suficiente para precipitar níveis enormes de calor abrasador e contínuo — por outras palavras, a *SHC*.

Tudo isto é pura especulação e tornamos isso muito claro, mais uma vez. Como acontece com a maioria dos leitores, sem dúvida, apenas podemos suspender o julgamento em relação às afirmações. No entanto, existe uma «coincidência» bastante intrigante que deve ser mencionada.

A lenda da Experiência de Filadélfia envolve um navio num ponto desconhecido ao largo da costa desta cidade e algures no quebra-mar de Delaware. Estaria supostamente envolto por talvez o campo de força elétrico mais poderoso alguma vez gerado artificialmente. De acordo com Bielek (ligeiramente diferente do livro de Moore/Berlitz), isto ocorreu pela primeira vez a 22 de julho de 1943 e novamente menos de três semanas depois. Como resultado, o USS *Eldridge* foi coberto por uma nuvem de energia enevoada e houve uma potência eletrostática intensa presente. Um dos efeitos secundários foi projetar o navio e a sua nuvem de energia através do espaço-tempo cerca de quarenta anos para o futuro.

Não temos forma de saber se isto aconteceu, mas suponhamos que sim. Será o tempo uma rua de dois sentidos? Deverá haver uma reação igual e oposta, como acontece com a maioria das forças físicas conhecidas pela ciência? Se avançarmos quarenta anos, não poderá parte do campo ter sido enviada quarenta anos para trás?

Dizemos isto apenas porque, como viu antes, o SS *Mohican* encontrou uma nuvem enevoada estranha com uma potência elétrica incrível que apareceu do nada acima da sua posição ao largo da costa de Filadélfia, no quebra-mar de Delaware. Isto aconteceu a 23 ou 30 de julho de 1904 — o que é praticamente trinta e nove anos passados dia por dia antes de a alegada Experiência de Filadélfia ter tido lugar, no que parece ser mais ou menos o mesmo ponto no Oceano Atlântico.

A história do *Mohican* está bem documentada e existe nos registos jornalísticos de 1904, como foi claramente estabelecido. Estranhamente, ninguém que discuta a Experiência de Filadélfia associou (tanto quanto sabemos) estes dois eventos, e o incidente de 1904 não fazia parte da lenda original ou da história mais recente de Al Bielek. Claro que pode acontecer que, se a experiência foi inventada por alguém na década de 1950, essa pessoa se tenha baseado nestas reportagens de imprensa reais e relativamente obscuras sobre o SS *Mohican*. Mas é estranho que a ligação com esta curiosidade marinha nunca tenha sido trazida a lume se assim foi.

Além disso, Michael Shoemaker notou algo mais no seu estudo detalhado dos relatos de imprensa de 1904. Na primeira publicação da sua investigação, que parece ser o seu artigo de 1987 na *Fortean Times*, ele disse que houve «alguma atividade extraordinária de trovoadas durante o período» (ou seja, no final de julho/início de agosto de 1904).

De facto, a área em redor de Filadélfia e Delaware foi atingida por várias tempestades elétricas terríveis, causando morte e destruição num período de apenas alguns dias por altura da viragem do mês. Thomas Bullard também nota que houve um tornado invulgar, vários incidentes de relâmpagos globulares e pelo menos uma descarga elétrica invulgar de natureza mais peculiar no mesmo local durante este período. Evidentemente, a atmosfera em redor de Filadélfia e Delaware era uma massa fervilhante de campos de energia neste momento bastante apropriado do ano.

Talvez isto não signifique nada além de uma coincidência. No entanto, se houver alguma substância na suposta Experiência de Filadélfia, este dilúvio de energia elétrica incrível na mesma área onde ela ocorreu e precisamente trinta e nove anos antes de os testes principais terem lugar assume um novo significado.

De que forma se relaciona tudo isto com o fenómeno da *SHC*? Obviamente, não estamos a sugerir que as pessoas estejam a ser fritas por inúmeras experiências ultra-secretas. No entanto, há quem pense que campos de força poderosos, naturais do próprio ambiente da Terra, podem, sob condições invulgares, reproduzir um efeito «Filadélfia» muito localizado. Estas forças naturais podem até ser aquilo que a experiência estava a tentar recriar.

O investigador britânico Paul Devereux é uma autoridade reconhecida no controverso tema das «leys» (linhas de energia que se diz cruzarem a Terra e que podem gerar fenómenos estranhos em pontos de interseção). Devereux utiliza o termo «earthlights» (luzes terrestres) para descrever as formas luminosas que flutuam sobre certas regiões geologicamente ativas do mundo, e tem estado a trabalhar com vários cientistas para isolar os fatores desencadeadores dos campos elétricos e magnéticos.

Em livros como *Earthlights* e *Earth Memory*, ele defende também que as civilizações antigas poderiam estar mais «em sintonia» com esta energia

natural e talvez tenham mesmo construído monumentos como Avebury ou Stonehenge para demarcar as linhas de poder. Interessantemente, em *Goddess of the Stones*, o Dr. Terence Meaden sugere praticamente o mesmo para os seus vórtices de plasma ionizado intimamente relacionados.

O investigador americano de *SHC* Larry Arnold tem um conceito paralelo de «fire laynes» (linhas de fogo) que percorrem a Terra. Continuamos a não nos deixar convencer pelo conceito, simplesmente porque linhas entre localizações de incidentes de *SHC* traçadas em mapas são fáceis de desenhar se nos esforçarmos o suficiente. Os investigadores de linhas ley descobriram que é simples traçar linhas entre alguns pontos que pareciam significativos ao início, mas que são mera coincidência. Também vimos quão difícil é decidir quais os casos que são realmente de *SHC* (se é que algum é). Como resultado, algumas das linhas de fogo de Arnold podem ser o resultado de cálculos bem-intencionados, embora duvidosos.

Tem havido uma ligação bastante forte reivindicada por alguns investigadores de OVNI entre linhas de falha magnética sob a superfície da Terra e pontos fulcrais de atividade de OVNI. O Dr. Michael Persinger, um especialista canadiano na interação entre campos eletromagnéticos e o cérebro humano, estendeu isto ainda mais para analisar todos os fenómenos invulgares (incluindo surtos de *poltergeist*, aparições misteriosas, etc.).

Um estudo informático massivo de 6 000 eventos convenceu-o a ele e à sua colega Gyslaine Lafreniere de que estavam no caminho certo e publicaram os seus resultados num livro de 1977 chamado *Space-Time Transients and Unusual Events*. Persinger continuou a investigação e forneceu dados concretos impressionantes que apoiam as ideias de Devereux. O cientista correlaciona efeitos elétricos luminosos na atmosfera com a atividade sísmica abaixo da Terra, a qual ele sugere que coloca os campos de força em movimento.

Outras investigações, como a de Livingston Gerhart, tentaram mostrar uma relação direta entre surtos de *SHC* e o aumento de perturbações magnéticas na atmosfera. Embora a ideia seja de interesse, acreditamos que existem ainda muito poucos casos sólidos de *SHC* inequívoca para que quaisquer conclusões significativas sejam tiradas a partir de números tão reduzidos.

Quando estávamos a testar os vinte e cinco alegados eventos de *SHC* britânicos no período de 1978-87 para comparação com a atividade de relâmpagos relatada pelo Instituto de Meteorologia, também analisámos os seus dados para a radiação solar. Não houve correspondência entre níveis aumentados e a suposta *SHC*. Mesmo que tivesse havido uma, os valores seriam insignificantes com tão poucos elementos de dados.

Deve notar-se que Persinger sugere que pode haver uma relação quase simbiótica entre perturbações eletromagnéticas na atmosfera (por exemplo, conforme geradas por tempestades de radiação solar ou máximos de manchas solares) e a atividade sísmica subterrânea. «Ondas de choque cósmicas» podem resultar em movimentos da terra.

Um homem que levou isto a um extremo é Andrew Davie, bacharel em ciências e membro da FGS [^4], de Alloa, na Escócia. Em 1991, foi convidado para ser diretor do Instituto Internacional de Geo-Reologia, cargo que parece complementar uma consultoria chamada *Geo-Rheological Surveys Co Ltd.*, operada a partir da sua casa durante vários anos. Davie disse-nos que desenvolveu o que designa por um «método simples — embora bastante invulgar — de quantificar e prever fenómenos geofísicos naturais». Ele inclui nesta lista todo o tipo de fogos espontâneos, incluindo a *SHC*. Por outras palavras, ele acredita que pode prever matematicamente a sua ocorrência.

Davie disse à revista *Fire*, em junho de 1984, que estava a tentar interessar os oficiais de brigadas a frequentar cursos para aprenderem «sobre as técnicas preditivas e analíticas» que ele concebeu. Tanto quanto sabemos, estes cursos ainda não estão estabelecidos. No entanto, ele alegou uma série de sucessos.

Por exemplo, Davie afirma ter calculado antecipadamente que às 15h14 de 18 de maio de 1970 havia o perigo de começar algum tipo de fogo espontâneo na área de Coatbridge, na Escócia. Às 15h30 desse mesmo dia, a brigada local foi chamada a Marnoch Drive, Glenboig, para investigar um cheiro a fumo numa sala.

Notas

[4]: FGS: Fellow of the Geological Society (Membro da Sociedade Geológica [de Londres]).

A investigação revelou uma visão estranha num armário. Uns calções de banho molhados tinham sido atirados para dentro do armário alguns dias antes, depois de um rapaz ter regressado da piscina local. Por acaso, os calções caíram sobre um saco de açúcar e seguiu-se uma combustão química espontânea, presumivelmente devido ao cloro das piscinas. O pacote ficou chamuscado e os calções fundiram-se com o saco. Felizmente, o fogo já estava extinto quando os bombeiros chegaram.

Temos dificuldade em compreender como Davie poderia ter previsto o que era claramente um acontecimento aleatório — uma combinação de circunstâncias fortuitas. Contudo, ele afirma ter fornecido aos serviços de incêndio informações antecipadas sobre vários «períodos de perigo», conforme indicado pelos seus cálculos, e citou outros casos em que alegadamente ocorreram incêndios espontâneos. Mas o relatório oficial sobre o incêndio de Glenboig não fazia qualquer referência às suas previsões.

Os detalhes exatos de como Davie efectua os seus cálculos não foram revelados, apesar dos nossos pedidos. Naturalmente, ele poderá simplesmente estar relutante em partilhar os seus segredos com estranhos. Contudo, Davie disse-nos que utiliza métodos simples que «qualquer rapaz de 9 anos com uma calculadora de bolso pode executar em poucos minutos».

Apresentou um artigo em que descreve como alegadamente previu a explosão nuclear no reator de Chernobyl, na União Soviética, em 26 de Abril de 1986. Afirma ter identificado aquele local como um ponto de perigo cerca de dois anos antes do acontecimento. O incêndio ocorreu porque os funcionários se envolveram em atividades arriscadas numa altura em que a localização geográfica atingia o máximo do seu potencial de perigo previsto. Isto parece-nos uma proposta semelhante à alegação cientificamente contestada dos «biorritmos», que podem ser traçados antecipadamente e supostamente isolam períodos de risco na vida física ou emocional de uma pessoa. Mas, sem mais detalhes, é difícil ter a certeza.

Davie indica que baseia os seus cálculos em padrões de atividade sísmica. Parece considerar os sismos como o factor desencadeador que coloca ondulações de energia em movimento. Em essência, Davie afirma

que campos de energia anómalos são gerados pela interação de forças naturais e podem alterar a estrutura atómica tanto da matéria orgânica como da inorgânica.

Estas forças causam perturbações nos campos eletromagnéticos inerentes a todas as coisas e podem gerar várias catástrofes súbitas como resultado.

Ele afirma possuir uma taxa de precisão de 97% na previsão de que algum grande desastre ocorrerá dentro de uma zona prevista num momento precisamente definido (espantosamente — afirma conseguir fazê-lo com precisão até ao segundo!).

Obviamente, o verdadeiro teste desta teoria seria demonstrar que ele consegue ser específico antes de um caso de CHS[1]. Pedimos-lhe que fornecesse alguns cálculos antecipados sobre outras áreas de perigo, indicando posições, datas e horas, mesmo que não pudesse explicar-nos como obtinha esses valores. Infelizmente, não recebemos quaisquer previsões.

Antes de terminarmos a redação deste livro, telefonámos para perguntar por que razão o Sr. Davie não sustentara as suas alegações. Pareceu muito sincero ao lamentar que dependesse de outros e, como afirmou, «os poderes instituídos não querem que isto seja divulgado antes de estarem preparados».

Em vez disso, o Sr. Davie ofereceu-nos detalhes sobre um possível incidente de CHS datado do ano 500 a.C., durante o tempo da denominação governante «Hoh-He». Se compreendemos corretamente a história de Davie, esta provém de uma tradução que ele e outros fizeram de alguns hieróglifos semelhantes ao japonês, registados em 1988 por um médium egípcio enquanto este se encontrava numa espécie de transe.

Agradecemos ao Sr. Davie pelo material, mas decidimos que seria inadequado incluir detalhes obtidos desta forma como parte do nosso catálogo de casos de CHS compilado para este livro.

17

O Fogo Kundalini

Na nossa procura de respostas para a misteriosa combustão de seres humanos, dirigimos a nossa atenção em muitas direções, desde o simples ao complexo e do mundano ao esotérico. O fogo Kundalini enquadra-se sem dúvida nesta última categoria, mas deve ser considerado se quisermos examinar todas as soluções sinceras que foram propostas.

Segundo a tradição tântrica do hinduísmo, existe um reservatório inexplorado de energia no corpo «astral», conhecido como «Kundalini». É representado como uma serpente enrolada situada na base da coluna etérica. Para a maioria de nós, a «serpente» permanece adormecida durante toda a vida, mas esta energia pode ser despertada através da prática do Yoga Kundalini, com consequências dramáticas e por vezes assustadoras.

Diz-se que o corpo astral, onde reside a energia Kundalini, encaixa perfeitamente no nosso corpo físico. No yoga, existem sete grandes pontos de junção onde os corpos físico e astral se encontram, chamados «chakras» ou «rodas». Estes situam-se alegadamente na base da coluna, na raiz dos órgãos genitais, na região do umbigo, no coração no centro do peito, na base da garganta, entre as sobrancelhas — por vezes referido como o «terceiro olho» — e no topo da cabeça. É através dos chakras que a energia Kundalini, uma vez libertada, alegadamente flui.

O Yoga Kundalini existe há entre três e quatro mil anos. Os praticantes procuraram libertar esta energia por razões muito válidas. Estima-se que apenas uma pequena percentagem do potencial do nosso cérebro seja realmente utilizada. Isso significa, em teoria, que existe uma vasta fonte de talento mental e criativo adormecida em todos nós. Kundalini é a energia que permitirá libertar esse génio latente.

O método correto para despertar a Kundalini é extremamente complexo e pode exigir muitos anos de meditação. Também nos foi dito que é perigoso do ponto de vista fisiológico e psicológico. Os estudantes são advertidos a praticar o despertar apenas sob a orientação de um professor competente.

A prática inclui certos exercícios físicos sistemáticos, técnicas de concentração, visualização e respiração rítmica controlada. Contudo, não parece existir um caminho definitivo para a libertação da Kundalini. Quando essa libertação ocorre, os efeitos são descritos como simultaneamente fisiológicos e psíquicos.

Os iogues descreveram um tremor do corpo antes da libertação da Kundalini e uma explosão de calor. Durante a ascensão da Kundalini ao longo da «Vara de Brahma» — análoga à coluna vertebral — ouvem-se vários sons internos, descritos como semelhantes a uma cascata, ao tilintar de sinos, a flautas e ao zumbido de abelhas. Enquanto o iogue visualiza formas geométricas, chamas e outras figuras, a cabeça sente vertigens e a boca enche-se de saliva. Surgem visões, o corpo perde o controlo e a energia sobe através dos chakras. O escritor Ajit Mookerjee descreve a libertação da Kundalini como: «A mais poderosa corrente térmica do corpo.»

Uma definição livre de «Kundalini» é «a serpente ígnea interior», segundo a autoridade hindu Benjamin Walker. Ele afirma que um dos primeiros sintomas do despertar é uma sensação de calor no «Muladhara» — o chakra localizado na base da coluna vertebral. A temperatura passa de morna a quente, seguida de uma sensação de calor ardente em todo o corpo. O estudante Brian Van de Horst descreveu o seu próprio despertar:

«Subitamente senti alguma atividade na base da minha coluna. Uma sensação de energia vibrante e ondulante começou a subir pelas minhas costas. Senti como se todos os feixes nervosos da minha coluna tivessem começado a disparar. Conseguia sentir vórtices de eletricidade em torno de lugares descritos como chakras.»

Outro estudante, D.R. Butler, descreve o seu encontro inicial com a Kundalini:

«Subitamente, ondas de energia — como cargas elétricas — percorreram a minha coluna. Gradualmente evoluíram para uma corrente constante de energia quente fluindo da ponta da minha coluna até ao topo da minha cabeça.»

Os iogues alertam que é nesta fase que o «fogo-serpente» deve ser cuidadosamente dirigido, ou poderá tornar-se uma «força destrutiva». Sob a orientação de um mestre, o praticante consegue controlar a energia através dos vários pontos dos chakras para atingir um estado transcendente de existência. Mas se a Kundalini não for controlada, quais serão as consequências?

Como já referimos, a maioria dos estudantes necessita de praticar durante vários anos antes de conseguir libertar a energia Kundalini.

Contudo, descobriu-se que alguns necessitam apenas de algumas semanas. Mais importante ainda, acredita-se que esta energia pode ser libertada espontaneamente em pessoas sem qualquer conhecimento de Yoga Kundalini. Mesmo para aqueles que possuem conhecimentos, as coisas podem correr dramaticamente mal.

Isto tornou-se dolorosamente claro para Gopi Krishna quando a Kundalini despertou espontaneamente nele sem o benefício de um guru. Aconteceu enquanto meditava e envolveu muito sofrimento. Numa ocasião, enquanto estava deitado na cama, a serpente Kundalini agitou-se.

«O calor aumentava a cada instante, causando uma dor tão insuportável que eu me contorcia e torcia enquanto correntes de suor frio escorriam pelo meu rosto e membros. Mas o calor continuava a aumentar e em breve parecia que inúmeros alfinetes em brasa percorriam o meu corpo, queimando e chamuscando órgãos e tecidos como faúlhas voadoras. Todo o delicado sistema estava a arder, a definhar completamente sob a rajada ígnea que corria pelo seu interior.»

Será este «calor» uma elevação real e dramática da temperatura ou apenas um fenómeno psicológico, talvez uma reação psicossomática?

Até hoje, houve pouco estudo objetivo da Kundalini, embora alguns testes clínicos tenham sido realizados, principalmente pelo cientista Itzhak Bentov. Ele propôs que estados alterados de consciência poderiam ser provocados pelos efeitos de frequências vibratórias na fisiologia. Os meditadores de yoga compreendem isto. Contudo, o que aqui é significativo é que Bentov propõe que a energia Kundalini possa ser libertada em qualquer pessoa por estímulos ambientais. Cita vibração mecânica/sonora e ondas eletromagnéticas como possíveis desencadeadores.

Ele conjectura que os efeitos foram mal interpretados pelo meio médico. Longe de serem psicológicos, estão ligados a alterações reais no «ritmo corporal» e no «campo biomagnético». Bentov afirma ter observado estas mudanças em indivíduos em meditação ligados a um balistocardiograma, afetando o seu campo magnético cerebral. Explica:

«Este campo magnético — irradiado pela cabeça como uma antena — interage com os campos elétricos e magnéticos já existentes no ambiente. Podemos considerar a cabeça simultaneamente como uma antena emissora

e recetora, sintonizada numa das várias frequências ressonantes do cérebro.»

Bentov sugere que a Kundalini poderá ser um desenvolvimento do sistema nervoso. Poderá uma interação com campos eletromagnéticos exteriores dar origem à sensação de grande calor que poderia, concebivelmente, resultar em combustão humana espontânea?

O Dr. Lee Sannella, autor de *The Kundalini Experience*, relata um incidente envolvendo uma paciente que parece indicar isso.

«Um dia, ela perdeu a consciência enquanto meditava, com as mãos sobre a mesa. Despertou e encontrou marcas de queimadura na mesa correspondentes às impressões das suas mãos. Podemos encarar estes casos como exemplos de como energia psicossomática reprimida pode ser exteriorizada, uma vez que o calor é uma das manifestações regulares de uma Kundalini ativa.»

Durante a nossa investigação, uma Sra. Barton, de Manjimup, na Austrália Ocidental, contactou-nos e perguntamo-nos se a sua condição poderá ser atribuída a uma libertação inconsciente de energia Kundalini.

«O meu marido diz sempre que conhecer-me o convence da realidade da combustão humana espontânea. Se estou relaxada e a dormir, o meu corpo por vezes sobreaquece sem que eu me aperceba disso.

Por exemplo, posso estar enroscada numa poltrona com uma manta sobre mim ou na cama.

Em várias ocasiões, quando adormeci na cama e o meu marido se juntou mais tarde a mim, encontrou a minha pele insuportavelmente quente. Ao acordar, sentia-me perfeitamente confortável até me mexer. Então começava subitamente a sentir muito calor e afastava os cobertores.

Por vezes acordei durante a noite sentindo-me perfeitamente confortável — nada quente, nem sequer aconchegada. Mas assim que faço um movimento, de repente, instantaneamente, fico insuportavelmente quente.»

A Sra. Barton pergunta-se o que lhe aconteceria se não acordasse para afastar os cobertores. Como várias vítimas de CHS parecem ser dominadas pelo fenómeno enquanto se encontram num estado relaxado — talvez

meditativo — até mesmo durante o sono, deveremos considerar a hipótese Kundalini juntamente com todas as outras?

Mas a Kundalini pode manifestar-se fora do estado meditativo. Segundo Ajit Mookerjee, a música e a dança também podem despertar esta energia potencialmente perigosa. Isto recorda-nos uma possível ligação com as vítimas de incêndio Phyllis Newcombe e Maybelle Andrews.

Phyllis, de 22 anos, era uma dançarina entusiasta. Em 27 de Agosto de 1938, dançava no Shire Hall, em Chelmsford, Essex. Ao sair da pista de dança com o seu noivo, Henry McAusland, o vestido transformou-se numa massa de chamas em poucos segundos. Foi levada para o gabinete do gerente à espera de uma ambulância, mas esta demorou mais de meia hora a chegar. A pobre rapariga morreu devido aos horríveis ferimentos.

O vestido era inspirado numa antiga crinolina, pelo que o médico legista especulou que um cigarro aceso teria roçado nele, incendiando-o. Contudo, o pai dela demonstrou durante o inquérito que não era possível um cigarro ter incendiado o vestido. Era necessária uma chama direta.

Cerca de vinte anos depois, ocorreu uma tragédia quase idêntica, desta vez numa grande sala pública no Soho, em Londres. Maybelle Andrews, de 19 anos, dançava com o amigo Billy Clifford. Subitamente, as costas, o peito e os ombros dela explodiram em chamas, incendiando-lhe o cabelo. Billy e outros homens tentaram apagar as chamas, mas ela morreu a caminho do hospital. Mais tarde comentou:

«Não vi ninguém a fumar na pista de dança. Não havia velas nas mesas e não vi o vestido dela incendiar-se devido a nada. Sei que parece incrível, mas pareceu-me que as chamas explodiram para fora, como se tivessem origem dentro do corpo dela.»

Se a CHS resulta de uma fonte de energia inspirada psiquicamente, é necessário considerar incidentes de poltergeist e como isso se poderá relacionar. Entre uma infinidade de atividades, objetos são lançados pela sala, gavetas esvaziam-se misteriosamente para o chão e objetos desaparecem e reaparecem. Segundo testemunhas, isto pode durar alguns dias ou muitos meses. Os investigadores descobriram que o fenómeno normalmente se centra numa pessoa. O biólogo e autor Dr. Lyall Watson falou-nos de cerca de cem casos de poltergeist que investigou pessoalmente em todo o mundo. Nenhum país é imune.

A teoria popular é que as ansiedades reprimidas de determinado indivíduo são exteriorizadas por uma «energia» interna sob a forma de movimentos violentos e travessos de objetos inanimados. É por isso que, normalmente — embora nem sempre — adolescentes em plena puberdade estão no centro da atividade poltergeist.

Uma característica de alguns casos envolve o surgimento de incêndios espontâneos.

Os casos remontam a muitos anos atrás. Em 1889, a casa da família Daggy sofreu uma vaga destes misteriosos incêndios. Foi feita uma declaração baseada no testemunho de dezassete testemunhas, que dizia:

«Ocorreram incêndios espontâneos em toda a casa, chegando a verificar-se oito num único dia, seis dentro da casa e dois no exterior; as cortinas das janelas arderam, isto em plena luz do dia enquanto a família e os vizinhos estavam na casa.»

Os detalhes completos são apresentados no livro *Ghosts and Poltergeists*, de Herbert Thurston, publicado em 1953.

Seis anos depois, o *New York Herald* noticiou os «muitos incêndios» que assolaram a casa de Adam Colwell, em Brooklyn, nos dias 4 e 5 de Janeiro de 1895. O último incêndio reduziu o edifício a cinzas.

A enteada de Colwell, Rhoda, de 16 anos, estava no centro de todos os incêndios, mas as testemunhas demonstraram que ela não os poderia ter iniciado. Agentes da polícia testemunharam os estranhos incêndios que consumiram mobília, uma cama e papel de parede — juntamente com outra atividade poltergeist que incluía quadros a cair das paredes, o tombar de um pesado fogão apagado e um candeeiro pesado observado a cair do gancho.

Rhoda estava a ser interrogada quando alguns dos incidentes ocorreram. O chefe dos bombeiros e o capitão Rhoads, da polícia, admitiram não ter explicação. Contudo, no dia seguinte ao incêndio da casa, as autoridades afirmaram que a rapariga estava por detrás de todos os incidentes.

Um Sr. Hope afirmou que Rhoda trabalhara anteriormente para ele como criada doméstica e que, enquanto esteve ao seu serviço, também tinham ocorrido incêndios na casa.

Decidiu-se que Rhoda utilizara a sua boa aparência para distrair bombeiros e polícias enquanto recorria a truques. A adolescente foi submetida a intensa pressão policial para confessar até que, finalmente, «confessou».

Um exemplo moderno de incêndios espontâneos ligados a uma jovem acabou por resultar num julgamento em Itália, em 12 de Dezembro de 1983.

Envolvia uma ama escocesa chamada Carol Compton, que trabalhava em três casas diferentes. Fenómenos do tipo poltergeist seguiam Carol para todo o lado e, no total, ocorreram cinco incêndios nas várias residências. O pior causou danos no valor de cinco mil libras e outro quase provocou ferimentos graves ou mesmo a morte de uma criança pequena.

Carol era o único factor comum evidente que ligava todos os incêndios. Foi presa sob acusação de fogo posto e tentativa de homicídio, aguardando meses até ao julgamento. Quando este ocorreu, alguns sectores da comunicação social apelidaram-na de bruxa e colocaram-na numa jaula no tribunal. Negou ter provocado qualquer incêndio e, de facto, nunca foi apanhada a fazê-lo, mas para muitas pessoas havia coincidências a mais.

As provas científicas pareciam indicar que os incêndios não eram naturais. Em tribunal, o Professor Vitolo, da Universidade de Pisa, declarou:

«Em todos os meus quarenta e cinco anos deste tipo de investigação nunca vi incêndios assim. Foram criados por uma fonte intensa de calor, mas não por uma chama nua.»

Não foram encontrados fósforos usados nem havia vestígios de substâncias inflamáveis. Os incêndios ardiam segundo um padrão que não podia ser reproduzido em experiências científicas. O Dr. Keith Borer, especialista britânico em medicina forense, realizou os seus próprios testes. Era cético em relação à hipótese paranormal, mas admitiu sentir-se perplexo.

O julgamento durou cinco dias. No final, a acusação de tentativa de homicídio foi retirada, mas Carol foi considerada culpada de fogo posto, embora nunca tenha sido apresentada qualquer prova em tribunal e ela

continuasse a protestar a sua inocência. Carol foi libertada imediatamente devido ao tempo já passado na prisão.

Casos como este poderão sugerir que uma energia ígnea pode talvez formar-se dentro do corpo humano sem que a pessoa tenha consciência do que está a acontecer. Ocasionalmente poderão resultar consequências destrutivas. Mas poderá o fogo também arder internamente em vez de encontrar saída para o exterior?

Será que uma «energia» inexplorada, a que os hindus chamam Kundalini, reside dentro de todos nós? Se assim for, poderá esta energia irromper ocasionalmente num calor ardente capaz de incinerar tudo, até mesmo ossos, reduzindo-os a cinza?

Conclusões

18

Padrões de Fogo

E assim chegamos aqui. O capítulo final; que poderá pôr termo a este livro, mas que, temos a certeza, não será a palavra final sobre a combustão humana espontânea. O debate continua e esperamos que os novos casos, especulações e opiniões especializadas que apresentámos incentivem finalmente o início de uma investigação científica objetiva e sem precedentes.

Na verdade, nenhuma das explicações mundanas foi provada.

Naturalmente, se aceitarmos que existimos num universo ordeiro e harmonioso, elas fazem sentido. Em alguns casos poderão revelar-se corretas e o espectro da CHS desaparecerá como um fantasma. No fim de contas, talvez isso seja verdade para todo o fenómeno: que tenha sido, na prática, uma ilusão derivada de uma multiplicidade de diferentes situações trágicas de morte. Mas nenhuma das experiências apressadas que testemunhámos até hoje foi muito longe na demonstração disso.

Poderá ser que a resposta esteja algures nas fronteiras da física, em fenómenos pouco compreendidos como o relâmpago globular, campos de força eletromagnéticos ou energia eletrostática. Ou poderá residir, como sugere Larry Arnold, numa partícula subatómica a que chama «pirotrão», que vaporiza um ser humano através de uma reação interna em cadeia subatómica? Para aqueles que acreditam que existimos num universo desordenado — em que nem tudo é conhecido e previsível como um tubo de rebuçados Smarties[2] — as teorias mais esotéricas, como fenómenos poltergeist e desejos de morte através da mente sobre a matéria, tornam-se possibilidades reais. Naturalmente, tais soluções exóticas poderão não se aplicar. A necessidade delas poderá ser uma ilusão criada por provas que, por vezes, enganam.

Não estamos a afirmar qual a teoria que preferimos, porque, na verdade, nesta fase não sabemos. A resposta poderá ser qualquer uma delas — ou nenhuma. Poderá tratar-se de uma combinação ou convergência de vários acontecimentos que conduzem à destruição quase total de um ser humano vivo.

O nosso trabalho ao longo de muitos anos no controverso campo da ufologia ensinou-nos uma lição fundamental. Não existe uma única resposta para aquilo que um OVNI possa ser. «OVNI» é um termo abrangente para uma variedade de fenómenos diversos, alguns mundanos, como estrelas brilhantes, luzes de aterragem de aeronaves e efeitos atmosféricos. Outros talvez sejam puramente psicológicos, em que pessoas em estado de privação sensorial são «desencadeadas» por uma luz banal para experimentarem algo exótico. Outros relatos indicam pelo menos a possibilidade de que alguns encontros possam efetivamente ser «alienígenas» — no sentido mais amplo possível.

Poderá o termo CHS revelar-se igualmente uma designação abrangente para vários tipos de mortes misteriosas por fogo, a maioria das quais possui explicações normais, mas que, agrupadas com qualquer incidente «genuíno», apenas obscurecem o caminho para uma verdadeira compreensão?

Durante as nossas investigações surgiram vários padrões. Ocasionalmente, os médicos legistas mostraram-se prestáveis (normalmente após grande perseverança da nossa parte). O caso de Harpurhey levou-nos numa incrível montanha-russa burocrática quando —

se os factos tivessem sido fornecidos desde cedo — muitas questões poderiam ter sido resolvidas. No fim, o médico legista de Manchester, Leonard Gorodkin, concordou em responder a todas as nossas perguntas, pelo que lhe ficámos gratos.

Mas a maioria não cooperou, em maior ou menor grau. Talvez as razões para isso sejam proteger os familiares da atenção mediática ou apenas a crença de que a morte é um assunto privado. Talvez, por vezes, existam factores mais sinistros em jogo. Alguns médicos legistas poderão realmente sentir medo das implicações sugeridas pela mera possibilidade da combustão humana espontânea.

Sabemos de um médico legista que recusou provas num inquérito que poderiam ter lançado dúvidas sobre uma determinada teoria «racional».

Outros também dificultaram as nossas investigações ao recusarem divulgar até mesmo as informações mais inocentes que, na altura do incidente, eram do conhecimento comum. Um médico legista parece ter-nos fornecido repetidamente informações falsas.

Tudo começou quando um cavalheiro nos enviou um recorte de jornal com o título: «SOCORRISTAS DESCOBRIRAM QUE HOMEM ERA UMA BOLA HUMANA DE FOGO». Contava que três homens tinham visto fumo a sair da casa de um reformado. Arrombaram a porta e encontraram um homem idoso no corredor, com a parte superior do corpo em chamas. Um deles arrastou-o para fora e apagou as chamas. Morreu devido aos ferimentos dez horas depois. Havia dúvidas quanto à causa do incêndio.

O recorte estava datado de Fevereiro de 1989, por isso contactámos primeiro a jornalista que escrevera a história. Ela encaminhou-nos para o gabinete do médico legista local. Pareciam prestáveis e disseram que procurariam o processo, mas nunca o fizeram realmente. Entretanto, contactámos o quartel-general dos bombeiros locais e explicámos que estávamos a escrever um livro sobre mortes inexplicáveis por fogo e queríamos saber quais tinham sido as suas conclusões sobre aquele caso específico.

O oficial disse estar disposto a procurar o processo e que nos telefonaria vinte minutos depois. Cumpriu a promessa.

«Tenho o nosso relatório à minha frente», informou-nos, «mas acabaram de me dizer que não posso revelar nenhum dos seus conteúdos.»

Explicámos que precisávamos de saber se valia a pena prosseguir com o caso. Afinal, as informações que ele nos ocultava tinham sido — ou seriam — apresentadas no inquérito, onde qualquer jornalista poderia ouvi-las e tomar notas. Ele recusou-se a dizer-nos fosse o que fosse.

De volta ao gabinete do médico legista, aconselharam-nos a apresentar o pedido ao gabinete distrital do médico legista, que possuía processos sobre todas as mortes da área. Fizemo-lo e acabámos por receber um telefonema do médico legista distrital.

Disse-nos que recebera o nosso pedido de «provas do inquérito», mas infelizmente o inquérito ainda não tinha sido realizado. Quando salientámos que já tinham passado dois anos e meio desde o incidente, respondeu que havia um atraso acumulado de casos ainda por apreciar e que aquele era um deles. Acrescentou que nos informaria quando houvesse uma data para podermos assistir.

Entretanto, conseguimos localizar um dos três homens que tinham tentado salvar o falecido. Conversámos e surgiu o tema do inquérito.

«Se o inquérito ainda não aconteceu», disse ele, «então o que foi aquilo a que assisti há mais de dois anos, onde tive de me levantar e prestar depoimento?»

Notas

1. CHS — abreviatura de Combustão Humana Espontânea (tradução de Spontaneous Human Combustion).

2. Smarties — marca britânica de pequenos chocolates coloridos. O autor usa a expressão como metáfora para algo ordenado e previsível.

Poderia isto ter sido uma audiência preliminar, um inquérito adiado enquanto o incidente era investigado mais aprofundadamente? A nossa testemunha tinha a certeza de que não. Voltámos a contactar o médico legista distrital. Desta vez, parecia irritado. «Olhe, já lhe disse que

o inquérito ainda não teve lugar! Tenho o processo à minha frente. Contém os resultados da nossa investigação oficial. Estas provas serão ouvidas no inquérito, quando este for marcado.» Repetiu novamente que nos informaria devidamente da data.

Perplexos, deixámos o assunto de lado por momentos, até que, uma semana depois, recebemos inesperadamente uma chamada do gabinete do médico legista distrital. Desta vez era uma mulher. Parecia embaraçada e muito apologética. «Lamento informar-vos que vos foi dada informação errada sobre o inquérito. Na realidade, teve lugar em 23 de Maio de 1989.[1]»

Quando perguntámos como tinha sido possível o médico legista distrital ter-nos induzido em erro ao afirmar que tinha toda a informação à mão, ela murmurou algo sobre «férias» e continuou: «Olhem, não vos podemos facultar as provas do inquérito, mas, se quiserem marcar uma visita ao gabinete, podem consultar o processo e tirar apontamentos. Isso serviria?»

Agradecemos-lhe e concordámos que era um bom compromisso; mais uma vez, pediu desculpa.

No gabinete, foi-nos entregue o processo para examinarmos sob vigilância de um funcionário. Ficámos a saber que John Dover*, de 75 anos, era um homem muito doente, sofrendo de congestão, angina, problemas circulatórios e de desidratação, bem como cancro da garganta. O bungalow era um de vários supervisionados por um encarregado. Segundo os depoimentos, Dover era um fumador descuidado.

O incêndio começou entre a 1h05 da tarde, quando a mulher das refeições ao domicílio saiu, e a 1h30, quando o fumo foi notado pela primeira vez. A vítima tinha pelo menos começado a comer a refeição, porque o seu «estômago continha uma grande quantidade de alimentos semi-digeridos». O foco do incêndio foi a poltrona onde John Dover estava sentado a comer. Deduziu-se que não houvera tempo suficiente para que um incêndio se desenvolvesse a partir de um cigarro mal apagado em combustão lenta, pelo que se concluiu que a causa teria sido um fósforo aceso. O inferno resultante foi suficientemente intenso para rebentar uma lâmpada do teto e destruir uma moldura de janela em plástico.

O que mais se destacava no relatório era o nome do médico legista que efetivamente presidira ao inquérito. Era o mesmo homem que, em duas ocasiões, nos tinha dito que o inquérito ainda não ocorrera.

Uma das perguntas que poderá colocar é: quantos casos de combustão humana espontânea ocorrem? Como vimos, um bombeiro veterano especulou que poderia haver até uma centena de casos anuais no Reino Unido que passam despercebidos como CHE.[2] Contactámos o Ministério do Interior britânico e conseguimos obter a publicação *Fire Statistics United Kingdom 1989*, que continha informação interessante sobre vítimas de incêndios.

Houve 901 mortes provocadas por incêndios em 1989. O relatório afirma: «Mais de metade das mortes resultantes de incêndios acidentais em habitações foram causadas por materiais de fumador ou fósforos.» Como demonstrámos, isto é algo assumido. Muitas vezes, os materiais de fumador foram apontados como prova circunstancial quando todas as outras hipóteses falharam. As taxas de mortalidade mais elevadas ocorreram entre menores de cinco anos e maiores de sessenta e cinco. Isto é interessante, pois quase não temos registo de vítimas infantis apresentando as características da alegada CHE. Será porque, tal como os animais, as crianças não se tornam alcoólicas nem, evidentemente, fumadoras? As taxas de mortalidade entre homens eram mais elevadas do que entre mulheres.

Nos incêndios acidentais em habitações e outros edifícios ocupados, as principais causas foram atribuídas a fogões, materiais de fumador, brincadeiras com fósforos e falhas elétricas. De 110 159 incêndios, 2 589 permaneceram «não especificados», o que significa que não existiam sequer provas circunstanciais para atribuir uma causa. Durante estes incêndios «não especificados», ocorreram noventa mortes e 466 feridos não mortais.

Significa isto que apenas a falta de factos impediu os investigadores de encontrarem explicações «racionais» ou mundanas, ou será antes um indício de que combustões espontâneas do tipo poltergeist e até a própria CHE podem realmente ocorrer? Certamente, o número de noventa

fatalidades não especificadas aproxima-se da sugestão do oficial dos bombeiros de que poderiam existir cem vítimas anuais de CHE.

Durante a nossa pesquisa em arquivos de jornais, encontrámos este pequeno mistério no *Manchester Evening News* de 1 de Fevereiro de 1954.

Peter Openshaw, de dezoito anos, acordou com fumo na casa da família, em Grimshaw Lane, Middleton Junction. Inicialmente pensou que alguém da família se tivesse levantado cedo para acender o lume, numa época anterior às zonas sem fumo, mas ao descer as escadas foi recebido por nuvens espessas de fumo. Os bombeiros foram chamados pelo pai e conseguiram confinar as chamas à loja de confeitaria da família. Acreditavam que o fogo começara perto de uma vitrina, diante de uma lareira.

O Sr. Openshaw declarou: «É um mistério como começou o incêndio. Ninguém tinha estado na loja desde que foi limpa no sábado à tarde.»

A lareira estava tapada com tábuas e não era usada desde 1939.

Roger Ide, do *Forensic Science Service*, comentou-nos: «É evidente que nem todos os incêndios, de qualquer tipo, podem ser "resolvidos". Quer o foco do incêndio seja uma peça de mobiliário ou um corpo humano, nem sempre é possível demonstrar conclusivamente que esteve envolvida uma determinada fonte de ignição.»

No final deste livro compilámos o primeiro catálogo de sempre com mais de uma centena de casos que podem ser atribuíveis à CHE. Somos muito cautelosos com estatísticas e, certamente, esta é uma amostra demasiado reduzida para permitir grandes certezas. Deve representar apenas uma pequena fração de um conjunto muito maior.

Ainda assim, Anne C. Arnold Silk, professora e investigadora dos efeitos das ondas geradas sismicamente conhecidas como energia piezoeléctrica, produzidas pelas tensões e deformações das rochas subterrâneas, prestou-nos auxílio. Como membro da Royal Society of Medicine, ofereceu-se para comparar os casos britânicos com mapas do *British Geological Survey*. Procurava verificar quantos deles tinham

ocorrido sobre falhas geológicas na crosta terrestre, onde movimentos sísmicos poderiam fazer manifestar energia de micro-ondas.

De quarenta e sete casos da nossa amostra, Anne concluiu que trinta e um tinham ocorrido sobre zonas de falha. O número poderia ter sido mais elevado se as localizações de alguns casos históricos fossem mais específicas. Contudo, esta percentagem — quase 75% — deve ser ponderada à luz da pequena amostra e do facto de muitas regiões da Grã-Bretanha serem altamente fraturadas geologicamente. Se se escolher uma área suficientemente vasta, quase qualquer lugar do Reino Unido estará próximo de uma falha tectónica. Ainda assim, a correlação é intrigante e talvez mereça investigação futura. Anne disse-nos:

Se o oxigénio for sujeito a determinados tipos de radiação, torna-se altamente inflamável. Os pulmões estão cheios de oxigénio. A energia de radiofrequência pode provocar a ignição de certos gases. Quando ocorre movimento sísmico em profundidade, são libertados gases naturais, bem como energia de radiofrequência e micro-ondas. Suponhamos que um relâmpago ou uma emissão de energia sísmica entra num corpo: poderia ionizar o gás nos pulmões e quaisquer gases no estômago. Este último fenómeno seria muito comum em idosos sedentários, condição típica de muitas vítimas de CHE. O resultado seria uma conflagração.

As ideias da Sra. Arnold Silk parecem ter apoio oficial. Numa publicação do Ministério da Defesa intitulada *Guide To The Practical Safety Aspects Of The Use Of Radio Frequency Energy*, discute-se a exposição humana a emissões de radiofrequência. Afirma-se depois: «A radiação RF pode dar origem à ignição de atmosferas inflamáveis... As normas destinadas a evitar estas ocorrências preocupam-se em garantir que a energia disponível seja inferior à necessária para causar ignição ou iniciação.»

Isto recorda algumas das especulações surgidas quando analisámos vários campos naturais de energia e os seus possíveis efeitos sobre o corpo humano. Será esta a resposta? Ou devemos procurá-la na vanguarda da bioquímica, como nos explicou o especialista Dennis Davies?

As reações bioquímicas nos nossos corpos são todas controladas por enzimas. O resultado é que, embora estejam envolvidas ligações químicas

de elevada energia, estas descarregam a sua energia numa série de etapas. Normalmente existe um ciclo em que compostos de menor energia são formados enquanto, simultaneamente, realizam trabalho para a célula, como, por exemplo, fazer contrair um músculo.

Vejamos a molécula mais energética encontrada na célula. Trata-se de uma substância química chamada ácido fosfoenolpirúvico (PEP, abreviadamente), que possui uma variação de energia livre de hidrólise de pouco menos de quinze mil calorias por molécula. Cada uma destas reações é mediada por uma enzima específica. O que acontece normalmente é que os compostos sobre os quais o PEP atua acumulam-se na célula.

Isto ativa um gene de controlo específico, que produz outro composto responsável por ativar toda a cadeia de genes que produzem enzimas, resultando na produção de PEP. Quando se forma quantidade suficiente para reduzir a concentração das moléculas a converter, outro gene de controlo desliga o sistema. Parece complicado, mas funciona há alguns milhares de milhões de anos.

Por mais maravilhoso que este processo seja, por vezes corre mal. Ocasionalmente, o sinal para desligar o sistema não chega ao destino. Se isso acontecer ao sinal que diz à célula para se dividir, ela continua a dividir-se e obtemos cancro. Mesmo então, as células defeituosas costumam ser destruídas pelo sistema imunitário. Só muito raramente uma célula cancerígena fica totalmente fora de controlo.

Provavelmente, algo semelhante acontece com as células produtoras de PEP. Normalmente isso não representa problema. Mas suponhamos que ocorre o raro caso em que o sinal «parar de produzir PEP e dividir-se» se perde ao mesmo tempo que o sinal «parar de produzir PEP».

O que se obteria então seria um cancro a produzir grandes quantidades da substância biológica mais energética conhecida.

Se isto fosse possível, poderíamos fazer certas previsões baseadas no nosso conhecimento do cancro.

Poderíamos dizer que a maioria das vítimas de CHE estaria no mesmo grupo etário da maioria das vítimas de cancro. Poderíamos também fazer

uma estimativa aproximada da frequência de ocorrência. A frequência, caso estes defeitos de «interruptor» ocorressem em todos os casos com igual probabilidade, seria aproximadamente o quadrado da frequência do aparecimento de cancro. Assim, se uma em cada dez mil pessoas desenvolve cancro diariamente, então uma em cada cem milhões sofreria CHE.

O primeiro passo seria a ocorrência de hidrólise espontânea. Isso conduziria à acidificação do sangue. Talvez a vítima se sentisse mal e desmaiasse. Assim que o processo começasse, a temperatura local aumentaria. Febre e morte ocorreriam provavelmente com rapidez. Chegaria então uma fase em que teria lugar combustão convencional, permitindo que o «efeito vela» assumisse o controlo.

Dennis deixou claro que este seu «brainstorming» era apenas uma ideia baseada em suposições, mas ainda assim um exercício interessante. Tal como muitas das possíveis vias para uma resposta que encontrámos ao longo deste livro. Todas merecem ser exploradas. Existe aqui matéria suficiente para manter cientistas de uma universidade inteira, de várias disciplinas, ocupados durante uma vida inteira; embora, infelizmente, muito poucos estejam atualmente conscientes de que a CHE possa sequer conceber-se como possível.

A nossa intenção foi apresentar os casos e as suas controvérsias da forma mais objetiva possível, debater os vários argumentos sob todas as perspetivas e resumir as teorias a favor e contra a existência de algo tão desconcertante como o alegado mistério da combustão humana espontânea.

Estas questões eram discutidas no século passado e hoje pouco mais avançámos. Se continuarmos a tratar este tema como mero material para histórias sensacionalistas ou disparates sobrenaturais sem realidade nem mérito, talvez ainda estejam a ser debatidas daqui a cem anos.

Esperamos que isso não aconteça, porque, se a CHE pode ocorrer, então representa uma importante questão à espera de resolução. Pode também abrir caminhos inesperados para avanços tecnológicos.

Quando Benjamin Franklin empinou um papagaio preso por um fio metálico no meio de uma tempestade violenta, estava a lidar com forças

perigosas e energias poderosas. Na época parecia apenas um assunto académico menor, mas levou à compreensão da eletricidade, que por sua vez originou uma revolução completa na vida de todas as pessoas da Terra.

Quase tudo o que fazemos hoje — desde ver televisão até salvar vidas através de massagem cardíaca — depende desse poder que serpenteia e dança pelo mundo desde o início dos tempos. Se a CHE realmente ocorre, então poderá ser desencadeada por forças tão misteriosas para nós quanto a eletricidade o era para Leonardo da Vinci. Contudo, tal como a eletricidade, é provavelmente uma energia natural — e não sobrenatural — latente entre nós. Se conseguirmos aprender a aproveitá-la, dominar a sua força bruta e talvez controlar a sua fúria, quem sabe que vantagens poderá trazer aos nossos filhos?

Referências

Resumos de Casos: Uma Base de Dados de CHE

Apresentamos abaixo incidentes de que temos registo e que exibem algumas das características associadas ao alegado fenómeno da combustão humana espontânea, ou preternatural.

Não pretendemos que esta lista seja exaustiva, nem garantimos que os detalhes sejam totalmente exatos ou que todos os casos resultem comprovadamente de CHE. Serve apenas como guia.

Os padrões criados por lacunas ou agrupamentos de incidentes podem não ter grande importância. Mas note-se o total de 1980 como exemplo de um possível período de atividade intensa. Recorde-se de que estes são apenas os incidentes relatados. Devem existir outros que nunca se tornaram públicos.

Observe-se igualmente como, em muitos relatos dos séculos XVIII e XIX, parecia necessário afirmar que a vítima era grande bebedora — mesmo quando isso não era verdade!

As nossas investigações convenceram-nos de que, embora a CHE seja uma ocorrência relativamente rara, os casos citados abaixo representam muito provavelmente apenas uma fracção de um total muito maior.

As letras entre parênteses referem-se às fontes, explicadas no final do catálogo.

Com a vossa ajuda gostaríamos que esta base de dados crescesse. Se algum leitor conhecer outros possíveis incidentes ou desejar relatar (mesmo sob total confidencialidade) acontecimentos que tenha testemunhado pessoalmente, escreva-nos para: 37 Heathbank Road, Stockport, Cheshire, England SK3 0UP.

1. 26 de Junho de 1613

Holnehurst, Christchurch, Dorset, Inglaterra

O carpinteiro John Hitchen foi deitar-se com a mulher e o filho após um duro dia de trabalho. Agnes Russell, mãe da Sra. Hitchen, que dormia numa cama separada, acordou com uma pancada terrível na face. Na altura ocorria uma tempestade elétrica. Chamou o resto da família em busca de ajuda. Não recebendo resposta, levantou-se e acordou a filha, que estava queimada num dos lados do corpo. O Sr. Hitchen e a criança estavam mortos ao lado dela. Arrastaram-no para a rua, mas o corpo continuava em combustão e tiveram de o abandonar. Continuou a arder durante três dias, embora exteriormente não houvesse sinais de fogo. Saía fumo do cadáver, que acabou reduzido a cinzas. (H.A.)

2. 1675 ou 1692

Paris, França

Uma mulher pobre, não identificada, foi misteriosamente consumida pelo fogo. Alegadamente grande consumidora de álcool, adormeceu sobre uma enxerga de palha e ardeu durante a noite. Apenas restaram a cabeça e os dedos. O incidente foi relatado pela primeira vez por Pierre-Aimé Lair. (H.A.)

3. 1717

Amesterdão, Holanda

John Henry Cohausen, num livro publicado nesse ano, relatou: «Um cavalheiro polaco, no tempo da rainha Bona Storza, tendo bebido duas

taças de uma bebida chamada aguardente, vomitou chamas e foi queimado por elas.» (H.A.)

4. 19 de Fevereiro de 1725

Reims, França

O aprendiz de cirurgião Claude-Nicolas Le Cat esteve envolvido num incidente de CHE numa estalagem. A esposa do estalajadeiro, Mme Millet, bêbeda e resmungona, foi descoberta pelo marido junto à lareira, incinerada, às duas da manhã. Nada mais no quarto fora atingido. Jean Millet foi preso por homicídio, pois acreditava-se que sentia atracção sexual por uma das criadas e queria livrar-se da esposa. Le Cat testemunhou em favor do estalajadeiro, num recurso perante um tribunal superior, e concluiu-se tratar-se de um caso de combustão humana. Contudo, a saúde e o negócio de Millet ficaram arruinados, e ele morreu pouco depois. (H.A.)

5. 1731

Cesena, Itália

A condessa Cornelia Bandi recolheu-se após sentir-se indisposta. Na manhã seguinte, a criada encontrou a mulher de 62 anos reduzida a cinzas, exceto parte da cabeça e ambas as pernas abaixo dos joelhos. O quarto permanecia notavelmente intacto, embora coberto por fuligem e gordura amarelada — provavelmente gordura corporal da vítima incinerada. (H.A.)

6. 9 de Abril de 1744

St Clement, Ipswich, Inglaterra

Grace Pett foi encontrada com o tronco convertido em cinzas. Objetos combustíveis próximos permaneceram intactos. As outras pessoas da casa só se aperceberam do incêndio na manhã seguinte e, contrariamente à maioria dos relatos, o inquérito declarou que ela não era bebedora habitual. Nos últimos anos veio a descobrir-se uma dimensão de feitiçaria associada ao caso. (H.A. & C.F.)

Notas

1. A referência numérica pertence ao original e remete para notas/fontes da obra.

2. CHE = Combustão Humana Espontânea (sigla portuguesa adoptada para SHC, Spontaneous Human Combustion*).*

---

7. 1749

França

Um padre francês chamado Boineau relatou o caso de uma mulher de 80 anos reduzida a um esqueleto carbonizado enquanto bebia aguardente. (H.A.)

8. 1749

França

Uma francesa, Madame de Boiseon, de oitenta anos, alegadamente grande consumidora de álcool, foi deixada pela criada sentada junto ao fogo. Pouco depois, a criada regressou e encontrou-a em chamas. Quando tentou apagar o fogo com a mão, as chamas aderiram-lhe à pele. A água apenas agravou o incêndio. Este não pôde ser extinto até a maior parte do corpo ter sido incinerada. (H.A.)

9. 2 de Março de 1773

Coventry, Inglaterra

Mary Clues (ou Chies), de 52 anos, residente em Gosford Street, apreciava bebidas alcoólicas e foi encontrada carbonizada por uma vizinha. Estivera doente durante algum tempo, sofrendo, entre outras coisas, de icterícia. O corpo foi em grande parte destruído, com os ossos calcinados; apenas sobreviveram o crânio, a coluna vertebral e as pernas. Foi encontrada entre a cama e a lareira, embora o colchão de penas estivesse intacto. Tinha anteriormente dito à vizinha que o diabo aparecera no quarto e regressaria para a levar. (H.A.)

10. Outubro de 1776

Fenile, Itália

O Dr. Battaglia relatou a incineração de um padre numa revista médica datada desse ano. Don Gio Maria Bertholi entrou em combustão poucos minutos depois de chegar à casa do cunhado. Várias testemunhas ouviram um grito e encontraram o padre no chão, rodeado por uma «chama ligeira». O homem sobreviveu durante quatro dias. Disse ao Dr. Battaglia que tudo o que recordava era um golpe semelhante ao de um bastão na mão direita e, ao mesmo tempo, ter visto uma chama azulada atacar-lhe a camisa. Mais uma vez, alguns objetos arderam enquanto outros permaneceram intactos. (H.A.)

11. Fevereiro de 1779

Aix, Provença, França

Mary Ann Jauffret, viúva de um sapateiro, morreu queimada no quarto. Alegadamente corpulenta e muito sensível ao frio, foi examinada por um cirurgião chamado Roccus, que encontrou uma massa de cinzas. Apenas parte do crânio, uma mão e um pé escaparam ao fogo que calcificara até os ossos. Havia um fogão aceso nas proximidades, mas outros objectos, como uma mesa de jantar, permaneceram intactos. (H.A.)

12. 10 de Dezembro de 1779

Paris, França

Nesta data, um casal de apelido Bias foi encontrado queimado em casa. O tronco de ambos parecia uma massa de carvão, exalando um odor desagradável. O esterno e os músculos do abdómen pareciam mais afetados do que o resto do corpo. A cabeça de uma das vítimas encontrava-se inchada e distendida. De todo o mobiliário do quarto, apenas uma cadeira e uma mesa sofreram danos. Os vizinhos declararam ter ouvido a mulher a trabalhar e a falar apenas duas horas antes da descoberta dos restos calcinados. (H.A.)

13. 1780 ou 1781

Caen, Normandia, França

O cirurgião M. Valentin contou a M. Fodéré que investigara o caso de uma mulher solteira de sessenta anos. Aparentemente apreciava «bebidas fortes e acariciar animais»! Apenas um crânio e dois pés restavam numa pilha de cinzas encontrada no chão do apartamento. Estes encontravam-se a alguma distância de um pequeno fogo aceso na lareira. Multidões acorreram à casa, da qual emanava um odor a gordura queimada. (H.A.)

14. 1788

Inglaterra

Uma criada esfregava o chão quando o patrão entrou no quarto. O homem gritou ao ver as costas da rapariga envolvidas em chamas, embora ela própria não tivesse consciência disso. Morreu antes que ele conseguisse extinguir o fogo. (H.A.)

15. Inícios do século XIX

Dublim, Irlanda

Não possuímos data exata para o caso seguinte, relatado por um Dr. Apjohn, professor de Química no Royal College of Surgeons in Ireland, exceto que ocorreu «entre a meia-noite e a uma da manhã de um sábado», no início do século XIX.

Anne Nelis, de 45 anos, esposa de um comerciante de vinho e cerveja preta de Dublim, discutiu com o marido após este regressar de uma festa. O casal estaria alegadamente embriagado. Anne permaneceu acordada enquanto o marido se deitou. A criada encontrou a Sra. Nelis numa poltrona, afastada da grelha da lareira. O tronco estava reduzido a cinzas, mas as extremidades superiores e inferiores sobreviveram. Embora o rosto estivesse chamuscado, o cabelo permanecia completamente intacto. Um odor penetrante e ofensivo persistiu no quarto durante vários dias, apesar de nada mais ter sido atingido. Não houve inquérito e todo o caso foi abafado. (H.A.)

16. Inícios da década de 1800

County Down, Irlanda do Norte

Este incidente também não possui data exata, mas foi investigado pelo Reverendo Ferguson, de Dublim, e transmitido ao Dr. Apjohn.

A vítima, uma mulher de sessenta anos, vivia com o irmão. Numa noite, foi deitar-se com a filha, estando ambas alegadamente embriagadas. Outros membros da família acordaram de madrugada devido a um odor desagradável a fumo. Invadiram o quarto e descobriram que o fumo saía da mulher mais velha, que ardia com um «fogo interno». Estava «negra como carvão» e, embora não houvesse chamas visíveis, era muito difícil extinguir a combustão.

De forma espantosa, a filha que partilhava a cama permaneceu intacta, assim como os lençóis e a própria cama. Não havia qualquer outro foco de fogo no quarto. (H.A.)

17. 16 de Março de 1802

Massachusetts, EUA

O corpo de uma mulher idosa «desapareceu» no espaço de hora e meia. Vários membros da família recolheram-se, enquanto a idosa ficou acordada para fechar a casa após o regresso do neto. O rapaz chegou e descobriu alguns restos mortais e fuligem gordurosa na lareira e no chão. Havia um cheiro invulgar, e o fogo na grelha era muito pequeno. (H.A.)

18

25 ou 26 de dezembro de 1804

Paris, França

M. Vigne relatou a combustão de uma mulher de 68 anos em Paris. (H1243)

19.

1809 — Limerick, Irlanda

Este caso foi registado nesse ano nas páginas da *Methodist Magazine*. O corpo de uma Sra. Peacock (ou Pocock) foi descoberto «a arder com um fogo tão vermelho como cobre» pelo responsável de um asilo. O corpo queimara o soalho e caíra no quarto de um homem alojado no piso inferior. Existiam apenas cinzas na lareira do quarto da vítima, e não havia velas. Os únicos danos provocados pelo fogo encontravam-se no pavimento através do qual o corpo queimara. Dizia-se que a Sra. Peacock «se entregava imoderadamente à bebida alcoólica». (H.A.)

20.

Cerca de 1809–1810 — Cavan, Irlanda

«Morreu por visitação divina» foi o veredicto do inquérito sobre a morte da Sra. Stout, de Coote Hill, casada duas vezes, que encontrou uma morte ardente aproximadamente na mesma época do caso acima. Deitou-se uma noite aparentemente de perfeita saúde, mas foi encontrada na manhã seguinte no chão, reduzida a cinzas, embora, aparentemente, a sua camisa de dormir tivesse sobrevivido. «Vapor» ainda saía da sua boca e narinas, mas, quando os restos mortais foram movidos, desfizeram-se imediatamente. Dizia-se que a Sra. Stout era «uma inveterada consumidora de bebidas espirituosas». (H.A.)

21.

1813 — Local desconhecido

Um cavalheiro idoso, alegadamente embriagado por uma tintura de valeriana e guáiaco, aparentemente caiu da cama, que se encontrava perto do fogo, e ardeu até se transformar em carvão sem danificar a cama nem os lençóis. (H.A.)

22.

Janeiro de 1822 — Itália

Este caso parece ser um exemplo de alguém à beira da combustão, mas que sobreviveu. Um agricultor de 26 anos foi acometido por uma febre intermitente ligada a uma irritação do estômago. Ao sétimo dia, sentiu um calor ardente na garganta, subindo do estômago, tão intenso quanto carvões em brasa. A sua respiração começou a fumegar, e o calor podia ser sentido a uma distância de até sessenta centímetros. A água fria pouco fazia para aliviar a sede, que foi seguida por um apetite voraz. Finalmente, sucessivas

imersões em banhos frios e a ingestão de água gelada parecem ter posto fim ao tormento. (H.A.)

23.

Janeiro de 1835 — Nashville, Texas, EUA

Nesta data, James Hamilton, Professor de Matemática na Universidade de Nashville, aparentemente sobreviveu à Combustão Humana Espontânea (CHE).

Ao regressar de um passeio, acendeu uma lareira e começou a obter o peso e a temperatura da atmosfera examinando um barómetro e um termómetro. Isso levou cerca de meia hora. Enquanto se encontrava no exterior a estudar o seu higrómetro, sentiu uma dor intensa na perna esquerda. Surgiu uma pequena chama, e ele envolveu-a com as mãos, cortando-lhe o oxigénio, após o que esta se extinguiu. O caso foi relatado pelo seu médico, Dr. Overton. (H.A.)

24.

Outubro de 1836 — Auney, Avalon, França

«Uma mulher muito corpulenta, de setenta e quatro anos, viciada em brandy», encontrou um destino ardente, segundo a *Medico-Chirurgical Review* dessa data. O presidente da câmara de Auney ordenou que a casa da mulher fosse arrombada quando os vizinhos deixaram de a ver durante algum tempo. Encontraram os seus restos parcialmente carbonizados perto da chaminé. Uma chama azul percorria um rasto de gordura que o presidente da câmara não conseguia apagar. Não existiam outros sinais de incêndio. Concluiu-se que, ao tentar reacender brasas na lareira soprando sobre elas, o fogo se propagara ao longo do sopro até ao corpo. (H.A.)

25.

13 de julho de 1847 — Darmstadt, Alemanha

Às onze horas da noite, o Conde de Gorlitz regressou a casa e encontrou o corpo gravemente carbonizado da esposa caído no quarto, próximo de alguns móveis queimados. Não foi encontrada qualquer prova de crime. O seu médico, Dr. Graff, concluiu que a mulher devia ter morrido por combustão espontânea, porque, se tivesse sido incendiada por uma vela, por exemplo, teria tido tempo para pedir ajuda ao criado, Stauff.

Um segundo médico mostrou-se inseguro, mas um terceiro concordou com o Dr. Graff.

O criado, conhecido por ser ladrão, chegou a ser acusado do homicídio da patroa, alegadamente incendiando o cadáver para encobrir o crime. Acabou por ser absolvido da acusação de homicídio quando se demonstrou a dificuldade de incendiar carne humana, embora, nessa altura, Graff já tivesse mudado de opinião relativamente à sua conclusão inicial de CHE. Mais tarde, Stauff fez uma confissão completa das suas atividades incendiárias, embora não seja claro em que circunstâncias essa «confissão» foi obtida. (H.A. e H.)

26.

1847 — EUA

Num artigo publicado na *Scientific American* desse ano, um Dr. Nott relata a sua experiência direta com CHE. Um homem de 25 anos, «bebedor habitual», foi visto por ele às 21 horas. Quando regressou duas horas depois, encontrou o homem «literalmente assado, da coroa da cabeça à planta dos pés». Foi descoberto numa ferraria pelo proprietário, de pé, no meio de uma chama prateada. Não havia fogo nas instalações e, segundo o médico, «também não existia qualquer possibilidade de o fogo ter sido comunicado por uma fonte externa. Tratava-se puramente de um caso de ignição espontânea». (H.A.)

27.

5 de fevereiro de 1851 — Paris, França

Um pintor de casas, enquanto bebia, apostou que conseguiria comer uma vela acesa. «Mal a colocou na boca, soltou um ligeiro grito, e viu-se uma chama azulada nos seus lábios… Em meia hora, a cabeça e a parte superior do peito estavam inteiramente carbonizadas. O fogo não cessou até ossos, pele e músculos terem sido todos consumidos, não restando mais do que um pequeno monte de cinzas.» (H.A.)

28.

Dezembro de 1851 — França

M. Devergie relatou em 1852 o destino de uma lavadeira chamada Marie Jeanne Antoinette Bally, de cinquenta anos. Regressara aos seus

aposentos em estado de embriaguez. Às oito horas da manhã seguinte, os seus restos foram descobertos juntamente com os da cadeira em que estivera sentada. Dos ombros para cima, incluindo o cabelo, não restava nada. As pernas também não estavam queimadas, mas o tronco encontrava-se gravemente carbonizado. Não havia fogo na lareira, mas existia nas proximidades um pote de barro cheio de carvões, usado pelos pobres para aquecer os pés. (H.A.)

29.

Julho de 1852 — Floresta de Darnaway, Inglaterra

John Anderson, com cerca de cinquenta anos, transportava madeira da floresta de Darnaway. Um rapaz que guardava gado, a cerca de quatrocentos metros de distância, viu-o descer da carroça, tropeçar e cair à beira da estrada. O rapaz encontrou o corpo em chamas e extinguiu o fogo com água. Alegadamente, o homem era alcoólico, e o seu cachimbo aceso foi encontrado debaixo do corpo. (N. e F.)

30.

1861 — Irlanda

O caso foi relatado nesse ano por George Lewes, citando Apjohn como fonte. Uma mulher de 60 anos, referida como «A.B.», recolheu-se à cama, embriagada, juntamente com a filha. Antes do amanhecer, os familiares foram alertados pelo fumo e descobriram o corpo da mulher a fumegar, «negro como carvão». (H.A.)

31.

1866 — Inglaterra

O cadáver de um inglês foi encontrado a arder no jazigo, treze meses após o enterro. Com cerca de trinta anos, morrera de febre tifoide. Na véspera do incêndio, notou-se um cheiro pestilento na igreja, proveniente de uma fenda no chão. O caixão tinha «rebentado», e matéria líquida escorria do corpo. Colocou-se serradura no caixão. Na manhã seguinte, o jazigo foi encontrado a arder «com uma chama azulada e um odor extremamente ofensivo». Suspeitou-se que um trabalhador tivesse descartado descuidadamente uma vela acesa após acender um cigarro. (N. e F.)

32.

1870 — França

Relatado nesse ano, uma «mulher alcoólica» foi encontrada incinerada duas horas após se recolher ao quarto. O marido encontrou a porta extremamente quente e o chão a fumegar. Embora os restos estivessem parcialmente sobre a lareira, não havia fogo na grelha. (N. e F.)

33.

1876 — Nova Iorque, EUA

O Reverendo Adams, de Stockcross, Newbury, Inglaterra, viajou para Nova Iorque e hospedou-se num hotel. Mais tarde, os seus restos carbonizados foram encontrados no quarto. (H.A.)

34.

24 de dezembro de 1885 — Ottawa, Illinois, EUA

Patrick Rooney, a esposa e o empregado John Larson estavam a beber whisky na cozinha. Larson foi deitar-se e, quando desceu na manhã seguinte, encontrou o Sr. Rooney morto no chão. Os restos da Sra. Rooney foram encontrados no solo, sob um buraco no pavimento da cozinha. Os restos incluíam duas vértebras carbonizadas, um pedaço de crânio, alguns ossos do pé e um monte de cinzas. Havia fuligem gordurosa por toda a casa, mas sem outros danos. Patrick morrera asfixiado pelo fumo. (H.A.)

35.

Outubro de 1885 — EUA

No *St Louis Medical and Surgical Journal* dessa data, um Dr. Middlekamp relatou o caso de um «alcoólico» de 66 anos que «disparou uma arma contra o próprio peito com uma vareta de limpeza». Este ato pareceu ter iniciado a combustão do corpo, derretendo a vareta e uma fivela metálica. Exceptuando as pernas, a cabeça e os braços, o corpo foi inteiramente consumido. (H.A.)

36.

19 de fevereiro de 1888 — Aberdeen, Escócia

O Dr. Booth foi chamado para examinar os restos carbonizados de um homem de 65 anos encontrado encostado à parede de pedra de um celeiro de feno, sustentado por vigas. O corpo era quase uma «carcaça carbonizada», contudo o feno, tanto solto como empilhado, situado nas proximidades, não se incendiara. O Dr. Booth afirmou ser evidente que não ocorrera qualquer luta antes da morte e que, quando o «corpo» foi removido, se desintegrou em cinzas. (H.A.)

37.

1889 — Irlanda

Na *Therapeutic Gazette* desse ano, um Dr. Clendenin descreve a incineração de «uma velha irlandesa viciada no consumo excessivo de whisky». Foi descoberta no dia seguinte, juntamente com os corpos asfixiados de dois idosos que também viviam na casa. As paredes interiores estavam cobertas de fuligem gordurosa e, sob um buraco queimado no chão da cozinha, descobriram-se, entre cinzas, «o crânio, as vértebras cervicais e metade das dorsais», quase reduzidos a carvão. Os pés foram encontrados dentro dos sapatos, um reduzido a cinzas e o outro quase. Os restos pesavam apenas doze libras. (H.A.)

38.

12 de maio de 1890 — Ayer, Massachusetts, EUA

Enquanto fazia uma visita profissional, o Dr. B.H. Hartwell chegou a um bosque, onde encontrou uma mulher que misteriosamente se incendiara. A roupa estava quase totalmente consumida e o corpo, elevado do chão pela rigidez dos músculos, ardia com chamas de trinta a quarenta centímetros de altura. O fogo foi extinto abafando-o com terra. Os ossos das pernas estavam parcialmente calcinados. Folhas secas nas proximidades, um chapéu de palha e o cabo de madeira de uma pá permaneceram intactos. (H.A.)

39.

5 de janeiro de 1899 — Sowerby Bridge, Halifax, Yorkshire, Inglaterra

A morte atingiu duas vezes a família Kirby, em dois locais diferentes, mas exatamente no mesmo momento. Duas irmãs alegadamente explodiram em chamas. As duas casas, visíveis uma da outra através do Vale de Calder, foram o cenário desta horrível tragédia. Em ambos os casos, o médico legista não conseguiu encontrar qualquer fonte de ignição e classificou as combustões simultâneas como uma «coincidência chocante». (A)

40.

16 de dezembro de 1904 — Rosehill, Falkirk, Escócia

A abastada Sra. Cochcrane foi encontrada sentada numa poltrona estofada, queimada para além do reconhecimento — contudo, as almofadas e os coxins da cadeira não tinham ardido. Não havia fogo no quarto. (C.F.)

41.

23 de dezembro de 1904 — Hull, Yorkshire, Inglaterra

A pensionista Sra. Clark, do Asilo Trinity, foi encontrada terrivelmente queimada, mas sobreviveu durante algum tempo. Não tinha explicação para os ferimentos, e a cama em que jazia nem sequer apresentava sinais de queimadura. (CAB)

42.

Janeiro de 1905 — Binbrook, Lincolnshire, Inglaterra

Ocorreram muitos acontecimentos estranhos na aldeia de Binbrook. Atividade poltergeist, incêndios misteriosos e, finalmente, talvez CHE. Na Quinta de Binbrook, um agricultor chamado White sofreu o estranho massacre das suas galinhas e sentiu uma pressão estranha em redor da casa. Numa ocasião, White entrou na cozinha e viu a criada a varrer o chão — com as costas em chamas. Ela não tinha consciência disso e não estava perto do fogão, que possuía uma proteção. White apagou as chamas com um saco, e a rapariga foi levada para o hospital, mas não conseguiu explicar o incêndio. (C.F.)

43.

26 de fevereiro de 1905 — Butlock's Heath, Southampton, Hampshire, Inglaterra

Nessa manhã, os vizinhos ouviram um estranho som de arranhar vindo da casa ocupada pelo Sr. e pela Sra. John Kiley. Os vizinhos arrombaram a porta e encontraram a casa em chamas. O Sr. Kiley estava no chão, queimado até à morte, e a esposa encontrava-se sentada numa cadeira próxima. Ambos estavam gravemente carbonizados, mas reconhecíveis. O casal era idoso. No inquérito concluiu-se que um candeeiro a óleo tombado causara o incêndio, embora as vítimas provavelmente tivessem ardido na noite anterior. Porque demorara tanto tempo o fogo a consumir a casa? (H)

44.

28 de fevereiro de 1905 — Blyth, Northumberland, Inglaterra

Barbara Bell, de 77 anos, foi descoberta pelos vizinhos, com o corpo gravemente carbonizado, sobre um sofá intacto pelo fogo. Especulou-se que tivesse caído para dentro da lareira. (H)

45.

1907 — Manner, Dinapore, Índia

Dois agentes da polícia encontraram o cadáver queimado de uma mulher na aldeia de Manner. Não existiam outros sinais de incêndio no quarto. Os homens transportaram o cadáver ainda fumegante, com a roupa intacta, até ao gabinete do magistrado distrital. (C.F.)

46.

1908 — Whitley Bay, Northumberland, Inglaterra

Numa noite, Margaret Dewar, professora reformada, regressou a casa e encontrou a irmã morta por queimaduras sobre uma cama intacta. A Sr.ª Dewar foi submetida a enorme pressão pelo médico legista, pelos vizinhos

e pela imprensa para alterar o testemunho. Considerava-se impossível que um corpo pudesse arder sobre uma cama sem danificar os lençóis, e, por isso, o médico legista disse-lhe que ela tinha de estar a mentir. Quando o inquérito foi reaberto, alterou a sua versão e afirmou que transportara a irmã ferida até à cama. (H)

47.

Dezembro de 1916 — Dover, Nova Jérsia, EUA

Miss Lillian C. Green, governanta de um hotel situado a sete milhas de Dover, foi encontrada gravemente queimada no piso inferior e morreu posteriormente. O chão sob o corpo apresentava queimaduras, mas nada mais no edifício fora afetado. Contudo, encontraram-se vestígios de fogo no segundo piso. (G)

48.

Verão de 1922 — Sydenham, Londres, Inglaterra

A viúva Euphemia Johnson, de 68 anos, regressou a casa após fazer compras e preparou chá. Levou a chávena fumegante até uma mesa junto a uma janela dupla. Mais tarde, foi encontrada caída da cadeira, com um monte de ossos calcinados dentro de roupas que nem sequer estavam queimadas. A cadeira apresentava apenas bolhas no verniz e a toalha de mesa impermeabilizada permanecia completamente intacta. (H)

49.

1929 — Antígua

Uma jovem nativa chamada Lily White sofreu ignições espontâneas das roupas em várias ocasiões enquanto caminhava pelas ruas. Em todas essas ocasiões, não sofreu qualquer queimadura. (H)

50.

22 de janeiro de 1930 — Kerhonkson, Nova Iorque, EUA

O corpo queimado da Sra. Nora Lake, de quarenta e dois anos, foi encontrado totalmente vestido sobre a cama. As roupas nem sequer estavam chamuscadas. Pensou-se que a vítima tivesse sido queimada para encobrir um roubo. (N. e F.)

51.

Janeiro de 1932 — Bladenboro, Carolina do Norte, EUA

A Sra. Williamson incendiou-se quando o vestido de algodão se inflamou, embora não estivesse próxima de qualquer fonte de ignição. O Sr. Charles Williamson e a filha arrancaram-lhe o vestido em chamas, sem que nem eles nem a vítima sofressem ferimentos. Existiram numerosas testemunhas de outros incêndios espontâneos ocorridos na casa nessa época. Os investigadores não conseguiram encontrar qualquer causa lógica para os acontecimentos. (H)

52.

29 de julho de 1938 — Norfolk, Inglaterra

A Sra. Mary Carepenter incendiou-se sem razão aparente enquanto passava férias num barco de recreio nos Norfolk Broads. «Foi envolvida em chamas e reduzida a um cadáver carbonizado.» (sic) (H)

53.

27 de agosto de 1938 — Chelmsford, Essex, Inglaterra

À meia-noite, Phyllis Newcombe, de 22 anos, deixava a pista de dança com o noivo, Henry McAusland, no Shire Hall, quando o vestido subitamente se inflamou. Henry tentou apagar as chamas e queimou as mãos. Em poucos minutos, a jovem morreu. O médico legista considerou que talvez um cigarro aceso tivesse provocado o incêndio, mas demonstrou-se que um cigarro não poderia incendiar o vestido. (H)

54.

4 de janeiro de 1939 — Londres, Inglaterra

O bebé Peter Seaton, de onze meses, foi deitado. Algum tempo depois, um visitante ouviu os gritos da criança e correu para o andar de cima. Quando Harold Huxstep entrou no quarto, foi como abrir «a porta de um forno». Uma massa de chamas disparou para fora e atirou-o para trás. O corpo da criança foi destruído, e os Bombeiros de Londres não conseguiram encontrar a causa do incêndio. (H)

55.

13 de janeiro de 1943 — Deer Island, Maine, EUA

Allen M. Small, de cinquenta e dois anos, foi encontrado em casa com o corpo queimado. O tapete sob o corpo estava chamuscado, mas não existiam outros sinais de incêndio. Na cozinha, as tampas do fogão permaneciam colocadas, e o cachimbo apagado de Small repousava numa prateleira. (G)

56.

6 de dezembro de 1943 — Chichester, Sussex, Inglaterra

A Sra. Madge Knight morreu no hospital de Chichester. Enquanto se encontrava deitada na cama em casa, algo desconhecido incendiara-lhe as costas. O médico teve de a anestesiar antes de tratar as queimaduras. Os lençóis não estavam queimados nem sequer chamuscados. (H)

57.

Dezembro de 1949 — Manchester, New Hampshire, EUA

A Sra. Ellen K. Coutres, de cinquenta e três anos, foi encontrada «morta devido a queimaduras», como se tivesse sido «uma tocha humana». A estrutura de madeira do edifício onde vivia não foi afectada. O fogo no fogão aparentemente extinguira-se havia bastante tempo. (N. e F.)

58.

3 de maio de 1951 — Wabash, Indiana, EUA

Um homem de 44 anos foi encontrado em chamas dentro do automóvel por um automobilista de passagem. Existiam danos mínimos no interior do veículo, embora o calor intenso tivesse derretido parte do metal. O homem foi levado para o hospital, mas morreu. (H)

59.

1 de julho de 1951 — St. Petersburg, Florida, EUA

A corpulenta Sra. Reeser, de 67 anos, foi encontrada reduzida a apenas alguns fragmentos ósseos e um chinelo num pé quase intacto. Existiam alguns danos menores causados pelo fogo nos arredores imediatos, mas pouco mais. Este tornou-se o caso mais célebre dentro da tradição da CHE. (A)

60.

18 de setembro de 1952 — Gretna, Louisiana, EUA

Um homem de 45 anos foi encontrado pelos bombeiros envolto numa massa de chamas, embora nada mais no quarto estivesse a arder. Levantou-se a hipótese de ter cortado as artérias e depois derramado gasolina sobre si próprio antes de lhe atear fogo, mas tal é problemático. Não foram encontrados gasolina nem recipiente no quarto. (G)

61.

1 de março de 1953 — Greenville, Carolina do Sul, EUA

Waymon Wood foi encontrado «negro e estaladiço» no banco dianteiro do carro fechado, estacionado junto à Route 291 Bypass. Embora pouco restasse de Wood, havia meio depósito de gasolina que não ardera. Apenas o pára-brisas fora afectado pelo calor, apresentando bolhas e deformações. (G)

62.

Maio de 1953 — Los Angeles, Califórnia, EUA

A Sra. Esther Dulin, de 30 anos, aparentemente adormeceu numa poltrona estofada. Tanto ela como a cadeira foram praticamente consumidas, queimando o chão e caindo para o quarto inferior. Nada mais no edifício foi afetado. (G)

63.

Dezembro de 1956 — Honolulu, Havai, EUA

Young Sik, homem de 78 anos totalmente incapacitado, foi encontrado sentado numa cadeira, envolto em chamas azuis, por um vizinho. Durante os quinze minutos que os bombeiros demoraram a chegar, a vítima e a cadeira reduziram-se a cinzas. Nada mais na divisão sofreu danos. (H.A.)

Tradução integral para português europeu (AO90)

64.

Maio de 1957
West Philadelphia, Pensilvânia, EUA

Os restos mortais de uma viúva foram encontrados de bruços na cave da sua casa de dois andares. Apenas o torso, queimado para além de qualquer reconhecimento, permanecia. As pernas tinham sido totalmente consumidas, restando apenas os pés ainda dentro dos sapatos. A senhora Anna Martin, de 65 anos, foi encontrada em frente de um forno a carvão que não estava aceso. Era mãe do bombeiro Samuel Martin. (G)

65.

29 de janeiro de 1958
Pimlico, Londres, Inglaterra

A senhora Edith Middleton sofria de doença de Parkinson e hipertensão arterial. Na data acima indicada, uma senhora Annie Law visitou-a e deixou-a sentada na cama. Entre as 17h e as 18h, a senhora Law reparou numa quantidade invulgar de faíscas e fumo a sair da chaminé. O corpo carbonizado da senhora Middleton foi encontrado parcialmente sobre a lareira, tendo também queimado as tábuas do soalho. Contudo, não existiam outros danos no quarto, e um inquérito concluiu que ela morrera de ataque cardíaco antes de ser incinerada. (A)

66.

Primavera de 1959
Rockford, Illinois, EUA

O bebé Ricky Pruitt, de 4 meses, foi encontrado misteriosamente queimado até à morte. As suas roupas não apresentavam marcas de queimadura, nem a roupa de cama do berço onde foi encontrado. (G)

67.

13 de dezembro de 1959
Michigan, EUA

Billy Peterson suicidou-se no seu automóvel utilizando uma mangueira ligada ao tubo de escape. Contudo, o que chamou a atenção de um automobilista que passava foi o fumo a sair da garagem de Billy. Um braço estava gravemente queimado, os órgãos genitais completamente carbonizados, e o nariz, a boca e as orelhas queimados — porém, a roupa nem sequer estava chamuscada, embora uma estatueta de plástico montada no tablier tivesse derretido devido ao intenso calor. (A)

68.

Outubro, finais da década de 1950
Soho, Londres, Inglaterra

Maybelle Andrews, de 19 anos, dançava com o namorado, Billy Clifford, quando chamas irromperam das costas, peito e ombros, incendiando-lhe o cabelo. Morreu a caminho do hospital. O namorado afirmou que não existiam chamas expostas e que o fogo parecia vir do interior da própria jovem. (H)

69.

28 de novembro de 1960
Condado de Pike, Kentucky, EUA

Cinco homens foram encontrados mortos por queimaduras ao longo de uma estrada rural, os seus corpos "carbonizados para além de qualquer reconhecimento". A porta dianteira direita do veículo estava aberta, e sangue foi encontrado nas proximidades. O automóvel tinha ultrapassado um pequeno talude. A hipótese de crime foi afastada quando as autópsias revelaram que os homens ainda respiravam quando o fogo os atingiu. (N. & F.)

70.

2 de fevereiro de 1964
Clapham, Londres, Inglaterra

Uma mulher de 72 anos foi encontrada quase totalmente incinerada num pequeno quarto, com alguns danos imediatos à sua volta, mas poucos para além disso. (M)

71.

Maio de 1964
Naphill, High Wycombe, Buckinghamshire, Inglaterra

Um rapaz de 13 anos foi encontrado morto na cozinha com queimaduras graves. A alcatifa estava danificada, mas não existia qualquer outro incêndio no quarto fechado. (C. & D.)

72.

Julho de 1964
Hampton Hill, Middlesex, Inglaterra

Um homem de 77 anos foi encontrado morto no canto da cave com queimaduras muito graves. Especulou-se que se teria regado com petróleo e incendiado. (C. & D.)

73.

Outubro de 1964
Dallas, Texas, EUA

Uma antiga atriz de 75 anos, senhora Olga Worth Stephens, foi vista por transeuntes a arder como uma tocha humana dentro do seu automóvel estacionado. Os investigadores dos bombeiros não encontraram qualquer causa para as graves queimaduras que mataram a mulher. (H)

74.

5 de dezembro de 1966
Coudersport, Pensilvânia, EUA

O médico reformado Dr. Bentley, de 92 anos, foi encontrado morto na casa de banho por um carteiro. O corpo estava quase destruído, exceto a parte inferior dos pés, que permanecia intacta. O assento da sanita próximo do corpo não apresentava danos. (L.A.)

75.

Setembro de 1967
Birmingham, West Midlands, Inglaterra

O corpo de um vagabundo de meia-idade foi encontrado num edifício abandonado ao amanhecer. Não existiam fornecimentos de gás nem eletricidade no local. O homem estava nas escadas e um bombeiro descobriu chamas ainda a emergirem "como um maçarico" de uma fenda no abdómen. A autópsia não conseguiu determinar a causa do fogo, mas concluiu que morreu por asfixia. Estava vivo quando a combustão começou e inalou os fumos. (M)

76.

7 de fevereiro de 1974
Oakland, Califórnia, EUA

Um homem idoso foi encontrado morto numa cadeira colocada diante de um fogão. A parte superior do corpo estava gravemente queimada, mas a metade inferior permanecia intacta. (F.T.)

77.

28 de março de 1974
Blacon, Chester, Cheshire, Inglaterra

Uma mulher de 35 anos foi encontrada morta no apartamento, ainda sentada num cadeirão. O incêndio era localizado. Não foi comunicada qualquer razão para a sua origem. (F.T.)

78.

26 de abril de 1974
São Francisco, Califórnia, EUA

Um homem de 80 anos encontrava-se sentado num sofá quando a esposa foi à garagem durante alguns minutos. Ao sentir cheiro a queimado, regressou e encontrou-o envolvido em chamas. Morreu sem conseguir explicar o sucedido. (F.T.)

79.

12 de novembro de 1974
Savannah, Geórgia, EUA

Jack Angel, vendedor de roupa na casa dos cinquenta anos, adormeceu na sua autocaravana e acordou vários dias depois. Sentia dores no peito e apresentava queimaduras graves numa mão, nas pernas, virilhas e, em menor grau, nas costas. Suspeitou-se de uma avaria elétrica, assim como de algum tipo de queimadura causada por aquecedor, mas nenhuma hipótese foi **provada. A mão teve de ser amputada. (L.A.)**

80.

20 de agosto de 1976
Bath, Avon, Inglaterra

Uma mulher de 23 anos foi encontrada gravemente queimada numa cave pelo pai, que acordara às 7h da manhã devido ao cheiro a incêndio.

Especulou-se que a camisa de noite se teria incendiado de algum modo. (F.T.)

81.

24 de dezembro de 1976
Mayfair, Londres, Inglaterra

Uma mulher de 84 anos foi encontrada queimada até à morte dentro da sua casa. Não se conhecem pormenores quanto à causa. (F.T.)

82.

29 de dezembro de 1976
Isleworth, Middlesex, Inglaterra

Uma mulher de 32 anos foi encontrada queimada na sala de estar, onde ocorrera um pequeno incêndio. Não foram detetados sinais de fumo ou fogo do exterior. (F.T.)

83.

1 de junho de 1978
Handsworth, Birmingham, West Midlands, Inglaterra

Uma mulher de 20 anos morreu devido aos gases libertados por um incêndio enquanto permanecia sentada num sofá em chamas. Não foi apresentada qualquer explicação para o incêndio localizado nem para o facto de aparentemente não ter tentado escapar. (F.T.)

84.

2 de agosto de 1978
Harpurhey, Manchester, Lancashire, Inglaterra

Um homem de 50 anos e uma mulher de 49 saíram de um apartamento no segundo andar descritos pelas testemunhas como bolas de fogo humanas, acabando por morrer devido aos ferimentos. Houve especulação acerca de autoignição, mas o inquérito terminou com veredicto inconclusivo. (A)

85.

20 de agosto de 1978
Biddeford, Maine, EUA

Uma mulher de 54 anos foi encontrada queimada até à morte no apartamento. Causa desconhecida. (F.T.)

86.

22 de agosto de 1978
West Cornforth, Durham, Inglaterra

Às 5h da manhã, uma mulher de 33 anos foi descoberta incinerada na cave pela filha de 6 anos. Pouco do quarto apresentava danos. Foi sugerida, mas nunca comprovada, a teoria de que, devido ao seu estado depressivo, tremores nervosos a teriam levado a derrubar acidentalmente um aquecedor elétrico e a incendiar-se. (A)

88.

25 de janeiro de 1979
Hutton-le-Hole, North Yorkshire, Inglaterra

Um carteiro encontrou uma mulher de 76 anos sentada numa cadeira junto à lareira. Restavam apenas as pernas e uma pilha de ossos. O homem foi alertado por um fumo espesso, embora não existisse fogo. Sugeriu-se que algo teria caído da grelha e a incendiado. (F.T.)

89.

13 de dezembro de 1979
Bodfish, Bakersfield, Califórnia, EUA

Um casal acordou na sua caravana após ter perdido quarenta e oito horas de memória. Estavam paralisados e apresentavam queimaduras graves na cabeça, calcanhares, cintura e ancas. Após alertarem os vizinhos, foram tratados no hospital. Algumas histórias ligaram o caso a OVNI. (L.A.)

90.

6 de janeiro de 1980
Blackwood, Ebbw Vale, Gwent, Sul do País de Gales

Um homem de 73 anos foi encontrado no chão junto à lareira, restando apenas as extremidades do corpo. Os danos no resto da divisão eram mínimos e os azulejos de plástico por baixo da alcatifa não tinham derretido. Pele vaporizada revestia o quarto. (A)

91.

Janeiro de 1980
Benchill, Manchester, Lancashire, Inglaterra

Enquanto tentava acender um fogão, uma mulher de 53 anos incendiou-se misteriosamente. Antes de morrer, questionou-se se o fogão teria produzido um retorno de chama, mas especialistas afirmaram que tal seria impossível. (A)

92.

Fevereiro de 1980
Newport, Gwent, Sul do País de Gales

Uma mulher de 71 anos foi encontrada quase incinerada dentro da sua casa. Houve especulação de que teria caído no fogo. (A)

93.

4 de março de 1980
Chorley, Lancashire, Inglaterra

Uma mulher idosa foi encontrada em casa, parcialmente sobre a lareira e parcialmente sobre a alcatifa. Havia fumo mas não fogo, contudo apenas as pernas abaixo dos joelhos não tinham sido reduzidas a cinzas. Especulou-se que teria morrido após cair no fogo enquanto urinava para uma tigela. (M)

94.

13 de maio de 1980
Birmingham, West Midlands, Inglaterra

Um estudante de 20 anos acordou na cama envolvido numa massa de chamas. Amigos extinguiram o fogo com almofadas. Existiam poucos danos nas imediações, mas ele sofreu queimaduras graves no pescoço, costas, peito, abdómen, braços e pernas. Não conseguiu explicar o incêndio e morreu pouco depois no hospital. (M)

95.

11 de junho de 1980
Todmorden, West Yorkshire, Inglaterra

Encontrado morto devido a ataque cardíaco, um homem de 56 anos apresentava queimaduras no corpo de origem desconhecida. Estava em cima de uma grande pilha de carvão, mas ninguém sabia como ali chegara. Tinha desaparecido cinco dias antes de outra localidade de Yorkshire, situada a vários quilómetros, enquanto realizava um recado em pleno dia. Foi registado veredicto inconclusivo. (A)

96.

19 de junho de 1980
Toronto, Ontário, Canadá

Uma mulher de 31 anos acordou às 2h30 da manhã com queimaduras graves na coxa e abdómen. Não existiam danos nas imediações e a camisa de noite permanecia intacta. Sobreviveu. (L.A.)

97.

4 de agosto de 1980
Singapura

Um distribuidor ajudou a extinguir as chamas de uma mãe de 30 anos e do seu filho de 6 anos, que encontrou em chamas, mas ambos morreram mais tarde. A mulher declarou que às 17h20 estava a ver televisão quando ouviu o filho gritar no quarto. Correu para lá e encontrou-o misteriosamente em fogo, presumivelmente incendiando-se também enquanto tentava salvá-lo. Veredicto inconclusivo. (F.T.)

98.

Novembro de 1980
Darlington, Durham, Inglaterra

Uma mulher de 19 anos incendiou-se na casa de banho de uma discoteca, mas sobreviveu apesar das extensas queimaduras que exigiram enxertos de pele. Testes ao vestido de algodão pareceram demonstrar que não era altamente inflamável, como se especulara. (F.T.)

99.

22 de novembro de 1980
Telford, Shropshire, Inglaterra

Um homem de meia-idade foi encontrado gravemente queimado dentro do automóvel, mas havia poucos danos no veículo. Foi sugerido suicídio, mas nunca comprovado. (Pole)

100.

4 de dezembro de 1980
Lockwood, Huddersfield, Yorkshire, Inglaterra

Além de um pequeno buraco num tapete, não existiam outros danos provocados por fogo na cozinha onde uma mulher de 78 anos foi encontrada morta com queimaduras graves nas pernas, mas poucos danos na roupa. (A)

101.

3 de maio de 1981
Wath on Dearne, Rotherham, Yorkshire, Inglaterra

Uma mãe de 37 anos incendiou-se enquanto riscava um fósforo. Sofreu queimaduras graves no corpo e na roupa, mas existiam poucos danos na divisão. Sobreviveu, e foram avançadas teorias segundo as quais a laca para o cabelo teria provocado a rápida propagação das chamas. (A)

102.

24 de dezembro de 1984
Newton Abbot, Devon, Inglaterra

Uma mulher de meia-idade sobreviveu com queimaduras graves após se incendiar sem razão aparente enquanto permanecia sentada na sala de

estar. O marido sofreu queimaduras graves ao tentar apagar as chamas com água. A casa quase não sofreu danos. (F.T.)

103.

28 de janeiro de 1985
Widnes, Cheshire, Inglaterra

As costas de uma rapariga de 17 anos incendiaram-se enquanto descia um lanço de escadas, alguns minutos após uma aula de culinária. Encontrava-se na companhia de vários outros estudantes. Dois estudantes afirmaram ter visto uma pequena bola de luz a descer-lhe pelas costas. Sobreviveu durante quinze dias, mas morreu no hospital. O inquérito concluiu que a roupa se incendiara lentamente após contacto com um fogão e se inflamou devido à corrente de ar proveniente da escadaria. (A)

104.

25 de maio de 1985
Stepney Green, Londres, Inglaterra

Enquanto caminhava pela rua, um jovem de 19 anos incendiou-se da cintura para cima. Declarou que sentira como se tivesse sido subitamente banhado em gasolina em chamas, mas não foram encontrados vestígios. Atirou-se ao chão e momentos depois as chamas extinguiram-se; em seguida conseguiu chegar cambaleando ao hospital. (A)

105.

5 de fevereiro de 1986
Preston, Lancashire, Inglaterra

Dois trabalhadores alertaram um vizinho e descobriram o corpo de um homem de 71 anos. Apenas a cabeça, parte dos ombros, a parte inferior das pernas e parte de um braço restavam junto à grelha da lareira, parcialmente dentro da lareira revolvida. Contudo, os danos causados pelo fogo na divisão eram mínimos e um sofá a poucos centímetros, com coberturas soltas, nem sequer estava chamuscado. O homem fora visto pela última vez às 16h30 e encontrado na manhã seguinte. O quarto estava bem ventilado. A investigação concluiu que o chamado “efeito pavio” teria ocorrido após o homem cair sobre a grelha. (M)

106.

27 de março de 1986
Condado de Essex, Nova Iorque, EUA

Um bombeiro reformado de 58 anos, magro e em boa forma física, morreu na cama durante um incêndio intenso e localizado que danificou a casa sobretudo devido ao fumo. Fósforos a poucos metros dos restos mortais nem sequer se incendiaram. Tudo o que restou foram alguns ossos e cerca de 14 quilos de cinzas. A hipótese de combustão humana espontânea foi considerada pelos investigadores, segundo algumas fontes. (A)

107.

3 de outubro de 1987
Shalbourne, Wiltshire, Inglaterra

Um homem de 86 anos incendiou-se diante da governanta enquanto estava sentado num sofá. Alegadamente, o fogo começou a sair-lhe do nariz e da boca, propagando-se depois ao abdómen. A polícia, segundo consta, não conseguiu encontrar sinais da causa da morte. O corpo e o sofá ficaram gravemente destruídos. (A)

108.

28 de dezembro de 1987
Folkestone, Kent, Inglaterra

Um homem de 44 anos foi descoberto na cozinha de um apartamento situado numa padaria às 10h30 da manhã. Tinha sido visto pela última vez na noite anterior. O homem encontrava-se muito gravemente queimado, exceto os pés, mas os materiais plásticos à volta da cozinha mal apresentavam danos e apenas existiam sinais mínimos de fogo na proximidade do corpo. Uma chaleira meio cheia de água encontrava-se sobre um bico de gás aceso, sugerindo que a morte não ocorrera muito antes da descoberta. O inquérito terminou com veredicto inconclusivo, indicando que a vítima apresentava um nível muito elevado de álcool no

sangue, mas estava viva quando a combustão começou, pois inalara os fumos das chamas. A causa médica da morte não pôde ser determinada devido ao estado do corpo. (A)

109.

8 de janeiro de 1988
Southampton, Hampshire, Inglaterra

Vizinhos sentiram cheiro a queimado e encontraram um homem idoso, com mais de 65 anos, dentro da sua casa. Restavam apenas as pernas e os pés, mas existiam poucos danos na divisão, exceto um buraco no chão por baixo do corpo. (A)

110.

20 de julho de 1988
Wheatley Hill, Durham, Inglaterra

Uma mulher de 71 anos incendiou-se enquanto estava no jardim, mas sobreviveu. O marido sofreu queimaduras graves ao tentar apagar as chamas. A causa era desconhecida segundo a polícia, embora especulações mediáticas sobre combustão humana espontânea tenham alegadamente indignado a família. (A)

111.

Setembro de 1990
Hurstpierpoint, Sussex, Inglaterra

Um homem de 34 anos foi encontrado morto no quarto com queimaduras graves nos braços, pernas e outras partes do corpo. Existia uma fogueira no jardim há cinco dias e especulou-se que tal estaria de algum modo relacionado. (A)

Fontes de informação primária

A = Investigações próprias dos autores
Croc = Maxwell Cade e Delphine Davis
F = Charles Fort
F.T. = Revista *Fortean Times*
G = Vincent Gaddis
H = Michael Harrison
H.A. = Arquivos históricos localizados e investigados
L.A. = Larry Arnold
M = Tony McMunn
N. & F. = Joe Nickell e John Fischer

Cade e Davis, *The Taming of the Thunderbolts* (Abelard-Schuman, 1968)

Os livros de Fort, originalmente publicados entre 1930 e 1931, encontram-se disponíveis separadamente ou em edição reunida.

Fortean Times, revista bimestral, subscrição disponível em 20 Patho, Frome BA11 1DX.

Gaddis, *Mysterious Fires and Lights*, Nova Iorque, 1967.

Harrison, *Fire from Heaven* (Sidgwick & Jackson, 1976).

Arnold publicou numerosos artigos, conforme referido nas revistas *Fate*, *Fortean Times* e *UFO Universe*.

Nickell e Fischer publicaram diversos relatórios na *Skeptical Inquirer* e noutras publicações, conforme referenciado.

Notas

1. O texto original apresenta uma enumeração de alegados casos de "combustão humana espontânea" (Spontaneous Human Combustion — SHC), sem validação científica consensual.

2. A tradução procurou manter integralmente o conteúdo, estrutura, datas, topónimos e observações do original.

3. Foram adotadas as normas do português europeu em conformidade com o Acordo Ortográfico de 1990.

4. Alguns termos técnicos ou ambíguos foram vertidos segundo o contexto mais provável: por exemplo, "wick effect" foi traduzido como "efeito pavio".

5. Certas abreviaturas bibliográficas foram preservadas exatamente como no original para garantir fidelidade documental.

6. ---